Bem longo e, às vezes, difícil foi o caminho percorrido. No entanto, havia um propósito e um compromisso que deveriam ser cumpridos.

E eu dizia a mim mesma: — Ande mais um pouco! Não está tão longe e você é capaz de alcançar o que pretende! Muita gente aguarda o seu livro.

E graças a Deus e às pessoas amigas que acreditaram em mim, pude realizar o que pretendia.

E aqui está o meu trabalho, modesto, porém feito com perseverança, sinceridade, seriedade e Amor.

Espero que este livro possa oferecer aos meus amigos leitores, boas horas de lazer e também muitas informações úteis.

E os conceiçãoenses irão saber qual a idéia que faz de sua terra natal, uma conterrânea que há mais de 30 anos está afastada do convívio de seu ambiente e do seu povo.

A todos, muito agradecida! Sinto-me feliz!

Adalgisa

Adalgisa de Alencar Chaves

CONCEIÇÃO DO PIANCÓ

DE ONTEM E DE HOJE

PARAÍBA - 1985

Patrícia e Saul
Obrigada por ter prestigiado este livro. Tudo de bom para você.
atenciosamente
Adalgisa de Alencar Chaves

B.Hte, 02-6-85

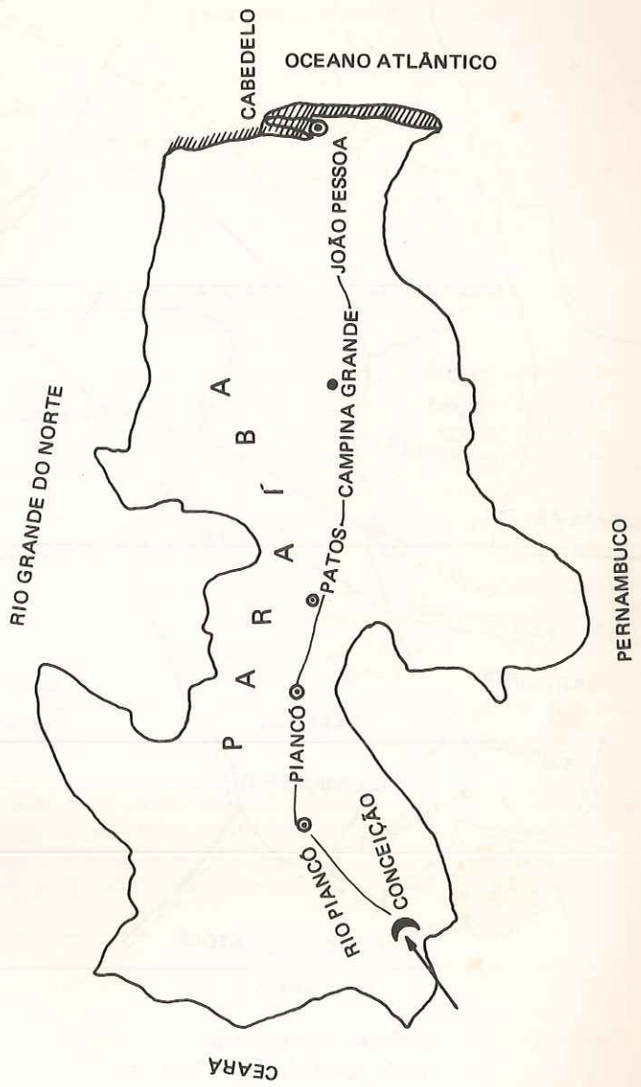
Pertence a Clésio
desde 31.01.08
em busca de
minhas raízes.

Impressão: FEBEM ARTES GRÁFICAS – Fone: 463-0888
Revisão: Suzana Barbi Resende (jornalista pela U.F.Católica de B.Hte.).
Composição – Arte – Diagramação – PÁGINA LTDA. Fone: 462-3360

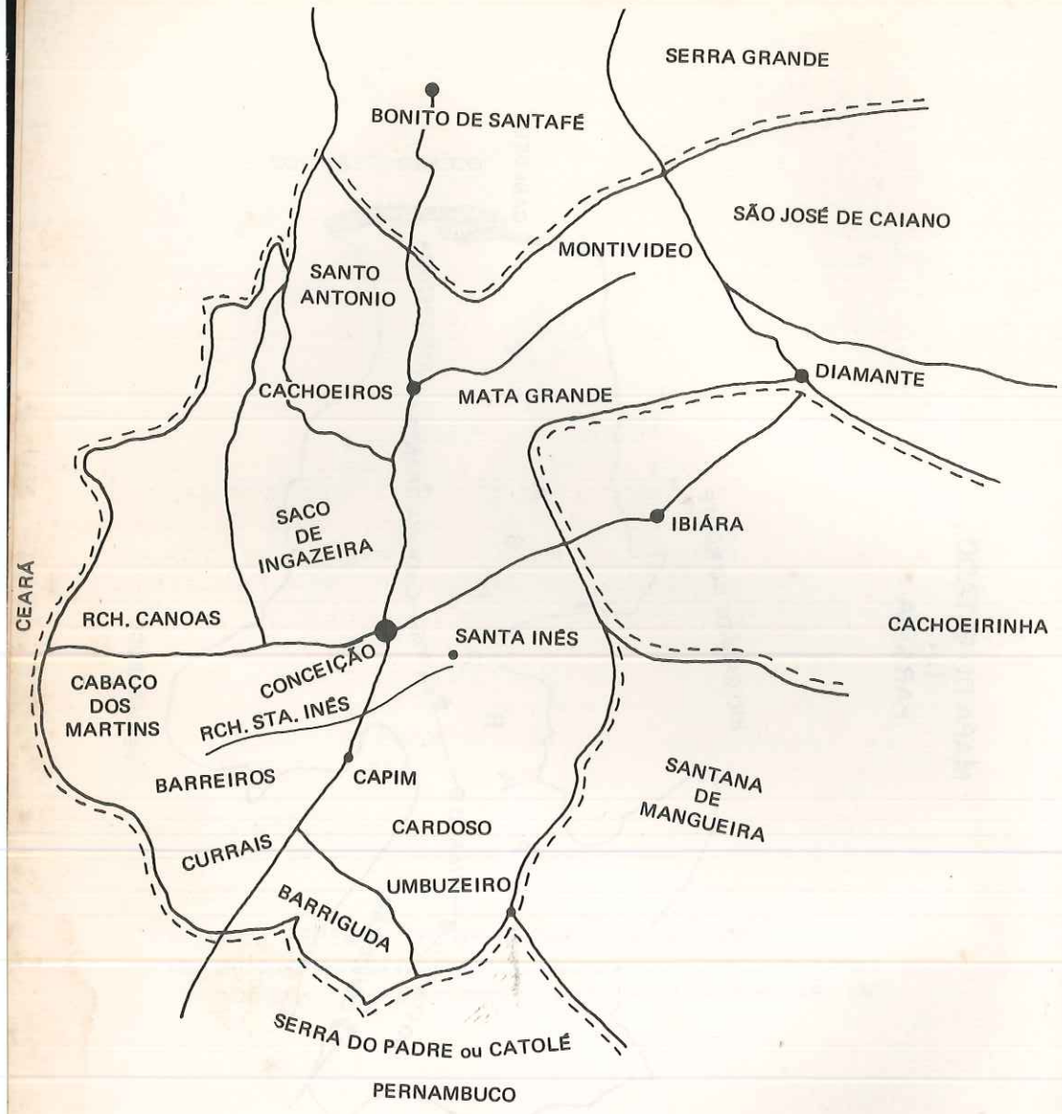
Adalgisa de Alencar Chaves
Rua Sagres, 511 – apto 401
Fone: 334-8818 – Prado – B. Hte.

PEÇA P/ REEMBOLSO POSTAL

MAPA DO ESTADO DA PARAÍBA



MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO – PB



ÁREA: 1.002 Km2
POPULAÇÃO: 25.000 hab.
LOCALIZAÇÃO: Micro Região – Sertão de Cajazeiras
ALTITUDE: 370 m acima do nível do mar
FUNDADOR DA CIDADE: João Rodrigues dos Santos
INÍCIO: Século XIX
CLIMATOLOGIA: 22º a 32º

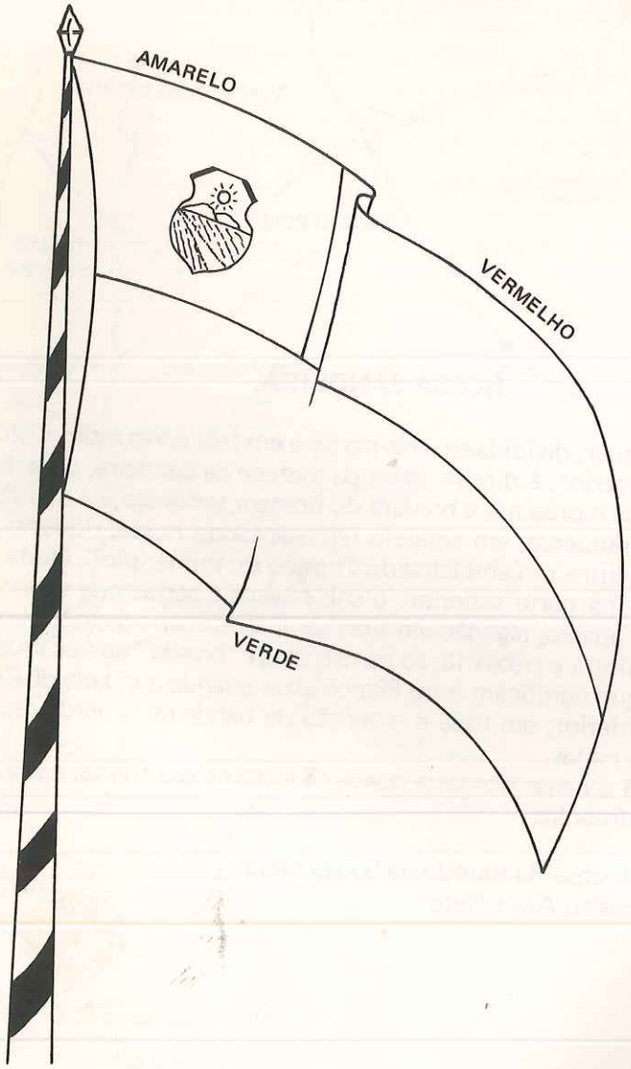
NOSSA BANDEIRA

É retangular, dividida em três partes e em três cores assim distribuídas: na parte superior, à direita, além da metade da bandeira, uma divisão em vermelho que representa a bravura do homem sertanejo; na divisão menor superior, à esquerda, em amarelo representando nossas riquezas naturais, tendo ao centro um emblema do "brasão do município". Neste "brasão" aparecem, na parte superior, o sol, nuvens e serras que simbolizam nossa natureza; abaixo, algodão em flor, cana de açúcar e gado simbolizando nossa agricultura e pecuária; ao centro desse "brasão" aparecem divisas pretas e azuis que significam o rio Piancó atravessando a cidade de Conceição; na parte inferior, em toda a extensão da bandeira, o verde representando as nossas matas.

Assim é a nossa bandeira conceiçãoense na sua forma, nas suas cores, divisões e símbolos.

Projeto do Prof. José Raimundo de Souza Neto
Governo: Wenceslau Alves Neto
Ano: 1980

NOSSA BANDEIRA



Bandeira do município de Conceição-Pb.
Projeto da bandeira: Prof. José Raimundo de Souza Neto.
Governo: Venceslau Alves Neto.
Ano: 1980
Verde: representa as matas do município.
Amarelo: as suas riquezas.
Vermelho: a bravura do homem sertanejo.

PRÓLOGO

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço ao meu Deus, a permissão que a mim foi dada para a realização do meu acalentado sonho: o de escrever um livro sobre minha terra e sua gente.

À minha mãe e tios que me ajudaram com os seus relatos sobre "Conceição de ontem". A todos os conterrâneos, parentes e amigos que, mesmo de longe, me incentivaram e colaboraram com informações sobre "Conceição de hoje", o que possibilitou a concretização do meu ideal.

Ao meu esposo, meu pai, meus filhos, irmãos. mestres, companheiros de infância e colegas de repartição.
(Fac. C. Econ. da UFPE e do Colégio Guararapes — Recife).

PREFÁCIO

A gente precisa usar um pouco de auto-crítica para não ser mal interpretada, recebendo censuras e julgamentos apressados, por falta, às vezes, de uma sincera explicação sobre o que se fez, porque se fez e como se fez. Por isso vamos colocar as coisas nos seus devidos lugares.

Quando decidi organizar este livro (velho sonho meu), estava na minha intenção coligir todas as necessárias informações nas fontes mais fidedignas, a fim de armar a árvore genealógica das famílias conceiçãoenses. Mas que fosse uma árvore genealógica bem estruturada, completa e facilmente entendida.

Desejava, também, relatar os feitos dos que mais se destacaram na luta pela sobrevivência e que nela muito fizeram pela terra natal. A força de vontade, a perseverança e a inteligência foram os fatores que sublimaram os esforços daqueles que neste livro mereceram um destaque especial.

Nossa genealogia teve também o objetivo de apresentar pessoas a parentes, no intuito de aproximá-los numa confraternização proveitosa e de satisfações recíprocas. Acreditamos que muita gente desconhece a extensão e a história dos seus familiares e, ainda, ignora que fulano, beltrano e sicrano são seus parentes e, às vezes, bem próximos.

Sou daquelas pessoas que consideram qualquer parentesco um elo importante no arcabouço do complexo familiar. Há nisso, aquele intento de unir um corpo que, como sói acontecer, se desagrega por força das circunstâncias. E nessa dispersão fica fragmentada ou mesmo destruída pelo desconhecimento e indiferença, uma das basilares instituições do Estado e da sociedade que é a Família.

Meus pedidos de informações, por cartas, a diversos conterrâneos, obtiveram boa receptividade e foram atendidos com presteza, embora não alcançassem unanimidade. Isso justifica, em parte, a omissão de alguns nomes de membros de determinadas famílias.

Além da genealogia, muitos outros assuntos de interesse geral foram focalizados. Dentre outras matérias, falamos de saúde, educação, política, administração, costumes, tipos populares, nossas origens, vultos da nossa história, agricultura, religião, secas, anedotário, etc.

Não coloquei neste livro nenhuma pretensão cultural ou literária, mas simplesmente determinação de retratar nossa Conceição de ontem e de hoje como a vi e a senti durante minha infância e adolescência, como também conforme o acervo de pesquisas por mim conseguido. Tentei uma panorâmica realista da antiga e atual Conceição. Se esse objetivo não foi alcançado na sua plenitude, mas se o meu esforço for reconhecido como uma honesta tentativa de servir à minha terra, só isso me deixará tranqüila e envaidecida. Conterrâneos mais capazes (e não são poucos!) talvez pretendam, futuramente, realizar obra desta natureza. E, naturalmente, com o brilho exigido pela inteligência e cultura próprias dos conceiçãoenses mais ilustres. Mas o meu livro haverá de servir, mesmo modestamente, como colaborador do trabalho que aí virá.

A Autora.

APRESENTAÇÃO, AUTO-CRÍTICA E ANÁLISE

Permitam-me apresentar-me: sou conceiçãoense, nascida no Engenho Calunga, que hoje pertence geograficamente ao município de Santana de Mangueira — Pb.

Filha de Antônio de Souza Mangueira e de Elisa de Alencar Mangueira. (ver a família Ramalho de Alencar).

Sentimentalista e saudosista, gosto das coisas do passado e sou admiradora também dos jovens de hoje com seu espírito de independência e amor à franqueza e à sinceridade.

Ainda era criança quando minha família mudou-se para a cidade, a fim de que eu e meus irmãos pudéssemos freqüentar a escola. Terminei o curso primário no Grupo Escolar José Leite e, em seguida, matriculada no Colégio das Damas da Instrução Cristã, em Campina Grande. Lá concluí o curso de guarda-livros.

Voltei à Conceição onde dei aulas particulares para exame de admissão. Ajudei no cartório, nos serviços de inscrição dos convocados pelas nossas Forças Armadas, empenhadas nos preparativos dos "Pracinhas" prestes a seguir com destino à Europa, isso, durante a Segunda Guerra Mundial, nos anos de 1944/45.

Após, transferí-me para Recife e ingressei, como funcionária, na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Pernambuco.

Casei-me com um rapaz de Minas Gerais e, já aposentada por tempo de serviço, mudei-me com a família para a terra natal do meu esposo, onde resido até hoje. Tenho dois filhos: Valdete, professora e bacharela, casada com Wagner José Penido e Fernando Filho, estudante.

Foi um sonho que acalentei durante anos, esse de escrever um livro sobre minha terra e minha gente. Tinha uma porção de idéias, porém de-

sorganizadas e faltas de uma série de elementos indispensáveis à concretização do meu sonho: a convivência com livros, autores, fontes de pesquisas, ambientes que me ajudassem, um pouco, a realizar o que pretendia e a coragem imprescindível para sobrepujar minhas deficiências. Também a luta diária pela sobrevivência de qualquer família numa metrópole que hoje atravessa uma séria crise de âmbito nacional, pouco tempo, disposição ou imaginação deixam a uma dona de casa que pretenda realizar trabalho dessa natureza.

Com muito ânimo e os parcos recursos culturais e literários reunidos e a uma distância de mais de três mil quilômetros de Conceição e seu povo, "ipso-facto" das fontes de pesquisas, mesmo assim através de cartas e às vezes, até de telegramas e telefonemas, foi na verdade com bastante esforço, perseverança e ainda, com o estímulo dos amigos de Conceição que decidi aceitar o desafio.

Coligindo os elementos de informação conseguidos e ajudada pela boa memória de minha mãe e reminiscências da minha infância e adolescência, resolvi "fazer as malas" e iniciar a caminhada de escrevinhadora para reencontrar minha terra e meu povo.

Foi uma tentativa de vôo que não atingiu às alturas pretendidas e na extensão do merecimento da nossa sofrida e heróica região, mas colimou um trabalho sério, na medida da minha capacidade de "caloura" entusiasta, que chega à sua cidade consciente das suas limitações, porém de alma aberta e muita alegria interior para, num canto humilde, depositar, como oferenda, sua obra que pretende ser de alguma utilidade aos seus conterrâneos, amigos e parentes.

Assim trago parte do muito que recebi da minha terra natal, da qual estou ausente há longos anos. É, no entanto, apenas uma ausência física. As asas da minha imaginação, movidas pelo amor e as saudades, sempre me transportaram para, num deslizar descuidado e feliz, às ruas, praças, casas e quintais do meu torrão, na convivência tão agradável e franca com todas as pessoas e coisas que amamos nesse pedaço de terra que é nosso.

É este livro um modesto esboço da minha querida Conceição e também parte de mim mesma.

A Autora.

QUERIDA E INESQUECÍVEL CONCEIÇÃO

"Todos cantam a sua terra
Também vou cantar a minha . . . ", já dizia o poeta.

O lugar onde nascemos, seja onde for, ocupa em nosso coração um espaço reservado e permanente, relicário sagrado, velado com o mais puro sentimento de amor filial, por mais distante que dele estejamos.

Conceição dos nossos avós, dos nossos pais, da nossa infância e adolescência!

Nossa querida amiga e inesquecível Conceição!

Bendita terra por tudo que nos mostrou, ensinou e nos deu de bom, belo e duradouro!

Onde através dos tempos aprendemos a caminhar, falar, sorrir, chorar e amar. A conviver em harmonia com os nossos semelhantes. A respeitar e amar os nossos pais, mestres e aos mais idosos. A admirar com prazer as belezas naturais da terra e agradecer e venerar o nosso Deus, dentro de uma filosofia religiosa tão pura e inocente! . . .

Época em que as pessoas simples eram ainda mais simples, cheias de admiração e respeito aos mais afortunados da sorte . . .

— Dá licença, compadre!

— A bênção, madrinha!

Sentia-se verdadeira alegria de viver, rindo fácil e descontraidamente, com motivos ou mesmo pelo puro e simples prazer de estar num ambiente acolhedor e amigo.

E hoje apesar de nos encontrarmos desligados fisicamente da nossa terra e da nossa gente — contingências da vida! — se nos inquirem de onde somos ou onde nascemos, nossa resposta sai espontânea e vaidosa:

— "De Conceição do Piancó, da Paraíba!"

ÍNDICE

	Págs
Prólogo	5-20

ASPECTO GERAL DO MUNICÍPIO
(Geográfico — Físico — Político — Demográfico, etc.)

Geografia Física e Demográfica

Aspecto Geral	23
Limites	23
População	23
Clima	23
Altitude	23
Hidrografia	23
Povoados e distritos do município	24
Orografia	24
Minerais	24
Nosologia e clima	25
AGRICULTURA	26
Nossos principais produtos	27
Nossa vegetação (flora)	27
PECUÁRIA	30
FAUNA (inclusive a ictiológica)	31
SAÚDE	35
Primeiro posto-médico de Conceição	37
Primeiro hospital e maternidade	38
Assistência à Infância	40
INSTRUÇÃO — Primeiras escolas	40
Outras lembranças escolares	42
Primeiro Grupo Escolar	43
Cadernetas "bons pontos" e "maus pontos"	46
Instrução na gestão de Walter Braga	46
Instrução durante a gestão do prefeito Wenceslau Alves Neto e outras informações	47
Instrução — Prefeito Francisco de Oliveira Braga	48
Nossas queridas mestras	49

SANEAMENTO 50
Cia. de Água e Esgotos da Paraíba — CAGEPA 51
Barragens 51
Instalação de hidrômetros 51
COMÉRCIO 52
Nosso comércio atual 55
Estabelecimentos de crédito 55
Cooperativas e sindicatos 56
Matadouro e açougues 57
INDÚSTRIA 58
Engenhos e Moagens 59
ESPORTES 60
ATIVIDADES FORENSES 61
Cartório 62
Coletoria Estadual — Serviços Fiscais 63
Coletoria Federal 63
Delegados de Polícia 64
Cadeia e Forum 65
MEIOS DE COMUNICAÇÃO 66
Rádio Difusora 66
Rádio Difusora Atual 67
Televisão 67
Imprensa 68
Ruas atuais 69
Ruas antigas 70
Funrural 70
Campo de Aviação e Correios e Telégrafos 71

FATOS HISTÓRICOS

Histórico 75
Uma só e grande família 76
Ibiára 76
Santana de Mangueira 77
Santana de Mangueira e suas origens 78
Conceição dos nossos pais e avós 79
Primeiros caminhos, povoamentos e meios de transporte 82
Administrações e política 84
Nossa igreja Matriz 89
Do Pe. Quincas ao Pe. José de Souza Neto 90
Demolição da antiga Matriz e sua reconstrução 90
Hino do Primeiro Centenário 92
Revolução de 1930 93
A Segunda Guerra Mundial 95

MATÉRIA ESPECIAL

As Secas 101

ANTOLOGIA

Os Alencar 109
Brasão dos Alencar 111
Os Ramalho 112
Cinema 113
Circos e Carrosséis 113
Monumento ao Padre Cícero 115
Monumento ao Padre Francisco Tavares Arcoverde 116
Juca Peixoto 116
João Onça 121
João Claudino (Cidadão conceiçãoense) 122
Joaquim Carrasco 123
Madrinha Bodota 123
Política e eleições (As mulheres na política conceiçãoense) 125
Guarda Nacional 129
Fac-símile de uma "carta-patente" 130
Os cangaceiros 131
Hino à Conceição 132
Nossa Banda de Música 135
Os sobrados do Capitão Maximiano 136

GENEALOGIA

Genealogia — ramo de Conceição 141
Alencar Figueiredo 142
Alves Valones e Alves da Silva 143
Arruda Alencar 144
Alves de Oliveira 145
Amâncio Ramalho 146
Benjamim 146
Camilo 147
Campos da Fonseca 147
Cassiano 148
Cirilo 148
Clarindo Mangueira (de Cachoeirinha — Santana de Mangueira) 149
Correia de Melo (Ramalho) — de Sta. Maria, hoje Ibiára) 150
Dos Anjos (nos limites de Itaporanga) 151
Fausto de Figueiredo 151
Ferreira Furtado 152

Ferreira Lima (de Santana de Mangueira) 153
Figueiredo — Furtado de Figueiredo / Limeira Lacerda 153
Furtado Correia (de Barbalha — CE) 154
Furtado Leite Ramalho 155
França Leite 155
Galdino de Oliveira (Gadelha) 156
Gomes de Sá 157
Holanda 157
Lacerda Sampaio 159
Lavor 160
Leite de Alencar 160
Leite Martildes 161
Leite Braga 161
Leite de Figueiredo 161
Leite Ramalho 162
Lopes de Souza 166
Lopes Loureiro 167
Mangueira de Figueiredo 167
Mangueira Nitão ou Souza Mangueira (Santana de Mangueira) .. 169
Moura Lima (de Ibiára) 169
Nunes de Moura (de Bonito de Sta. Fé) 170
Oliveira Braga 170
Pedonni 171
Peixoto de Alencar 171
Pereira de Moura (de Santana de Mangueira) 176
Pereira Diniz 177
Pereira Frade 177
Pereira Valões 179
Pessoa de Arruda (de Ibiára) 180
Pires Ferreira 180
Pires Rodrigues 181
Pinto Ramalho 181
Pinto Ramalho (de Ibiára) 186
Ramalho 187
Ramalho Brunet (ramo de Misericórdia, hoje Itaporanga) 190
Ramalho de Alencar 191
Ramalho de Figueiredo 196
Rangel 198
Ribeiro Lima (de Santana de Mangueira) 199
Rodrigues de Souza (de Cachoeirinha — Santana de Mangueira) . 199
Rodrigues de Sousa (de Ibiára) 200
Rodrigues Leite 200
Rodrigues Leite — Arruda Leite 200
Rodrigues Moura 201
Rodrigues Ramalho 203
Rodrigues Simão 205
Siqueira 206
Soares de Figueiredo 206
Soares Nuto 208
Souza Barros ou Souza Diniz 209
Souza Laranjeira ou Souza Diniz 210
Souza Leite 210
Souza Limeira ou Souza Diniz 213
Souza Mangueira (os mesmos Souza Diniz (de Santana de Mangueira) 214
Temóteo de Souza (de Bonito de Sta. Fé) 216
Xavier (de Riacho da Légua/sítio 217

Galeria dos filhos ilustres de Conceição 221

BIOGRAFIAS

Alfredo Gomes de Sá 225
Aracy Alencar Leite — Professora 225
Ascendino Leite de Figueiredo 226
Benedito Correia 226
Celestina Valones — Professora 227
Elba Ramalho — Artista 227
Eunice Moura — Professora 228
Francisco de Oliveira Braga 229
Hosana Bezerra Leite — Professora 230
Isaías Rodrigues de Souza 231
João Fausto 232
João Gadelha de Oliveira 232
José Leite de Figueiredo 234
José Sinval Gomes de Sá 235
Lindolfo Ramalho 235
Luiz Gomes Vieira (Padre) 235
Manoel Otaviano de Moura Lima (Padre) 237
Maria Dolores Ramalho Leite (Professora) 237
Maria Leite (Professora) 238
Maria Pereira Frade (Professora) 239
Nelson Lopes Ribeiro Lima 240
Nicolau Leite (Padre) 241
Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite (Dr.) 242
Nitão Mangueira 242
Pedro Soares Nuto 243

Roldão Mangueira de Figueiredo 244
Wilson Leite Braga (Dr.) 246

COSTUMES

Alimentação nordestina 250
As serenatas 251
Crendices e Assombrações 252
O vaqueiro nordestino 253
Os encontros da rua Nova 254
CULINÁRIA 256
Mês de maio 257
Festas juninas 258
Dezembro, mês de festas 260
Noite de Natal 261
Lapinha de Belém 262
Natal de hoje 262
Ano Novo 262
Carros de boi 263
Orações das rezadeiras 264
As engomadeiras 265
As parteiras 265
Nosso teatro de antigamente 267
A "sopa" 268
Brincadeiras de criança 269
As inocentes brincadeiras de salão 271
Carnaval 272
Repentistas 273
Necrópoles 275
Religiões 276
Dias santificados e suas festas 277
Movimento religioso nas vilas 279
A festa de São Sebastião deve continuar 279
As missões 280
As floristas 281

VARIEDADES 284
ENTRETENIMENTO ..... 316 a 343

ASPECTO GERAL DO MUNICÍPIO

(Geográfico — Físico — Político
Demográfico, etc.)

GEOGRAFIA FÍSICA E DEMOGRÁFICA
Aspecto Geral

O município de Conceição situa-se na zona fisiográfica do alto sertão da Paraíba.

Sua extensão territorial é de 1.002 km^2 e ocupa o nono (9º) lugar na área geográfica entre os municípios do Estado da Paraíba e dista 405 km da capital em linha reta no rumo OSO.

LIMITES

Limita-se ao norte, pelos municípios de Bonito de Santa Fé (40 km) e São José de Caiana (40 km); ao leste por Diamante (30 km), Ibiára (14 km), Santana de Mangueira, (28 km); ao Sul, Serra Talhada (36 km) e São José do Belmonte - PE (36 km) e ao Oeste, Maurity - CE (36 km).

POPULAÇÃO

O município tem uma população de 25.000 habitantes, sendo 9.138 na zona urbana e 15.862 na zona rural. A densidade demográfica é de mais ou menos 18,8 habitantes por km^2.

CLIMA

O clima é ameno/seco e as temperaturas externas variam entre 22º a 32º. Nas noites chuvosas chega a mínima de 18º e em pleno verão são bem ventiladas e agradáveis.

ALTITUDE

Sua altitude é de 370 m acima do nível do mar. Sua média pluviométrica é de 250 mm de chuvas nos meses de janeiro e maio. Nem sempre as chuvas chegam na época esperada; tem havido secas consecutivas com graves prejuízos para a lavoura, a pecuária, enfim, para toda a região do Vale do Piancó.

HIDROGRAFIA

Os rios que atravessam nosso município pertencem à bacia do rio Piancó. (O rio Piancó nasce na serra do Padre ou Catolé). São rios de pequena dimensão e temporários. Os rios de Serra Vermelha e o Grande pertencentes ao Piancó, banham a cidade de Conceição. O rio Piancó, seus afluentes e sub-afluentes, desaguam no açude de Coremas.

Há também os riachos de Santa Inez, Canoas, Cabaças e Frexeiras.

O município conta com inúmeros açudes, merecendo destaque o de "Serra Vermelha", dos Figueiredos, Lagoinha, Arraial, Mata Grande, Saquinho, Espinheiros, Caboclo e outros que abastecem por muito tempo aos criadores e à população em geral.

Na época das chuvas os rios enchem e ficam bem largos e fundos em alguns lugares. Quando se estreitam, em seu leito ficam grandes "poços" nas pedras, os quais são convidativos ao banho, como o poço "dos Rodrigues", por exemplo.

POVOADOS E DISTRITOS DO MUNICÍPIO

Além do distrito sede, Conceição conta com os seguintes distritos: Montevidéu e Cardoso e com os povoados de Santo Antônio, Capim, Umbuzeiro e Mata Grande.

OROGRAFIA

O município de Conceição é plano, porém em certos pontos surgem pequenas elevações.

É a última cidade da Paraíba, limitando-se ao oeste com o estado do Ceará e ao sul com o estado de Pernambuco. Recebe por isso, os ares benéficos das serras do Araripe (CE) e Baixa Verde (PE).

Nosso município conta com as serras do Pico, do Nogueira, Pintada, do Zabelê, Serra do Fabilício, Serra do Padre, Areial e outras.

MINERAIS

Há alguns anos comentava-se a descoberta de u'a mina de ouro em Santa Maria (hoje Ibiára). Ficou só nos comentários; se alguém explorou essa mina, ninguém soube.

No município encontra-se o arsênio, sem exploração.

Em alguns lugares encontra-se uma "argila mole", onde algumas mulheres habilidosas fabricam panelas, quartinhas (moringas), potes, jarras, jarros, etc. e vendem seus produtos nas feiras livres.

NOSOLOGIA E CLIMA

O município de Conceição, no início deste século, ainda era bastante carente das coisas mais indispensáveis à sobrevivência humana com algum conforto. Distante da capital, suas estradas eram ruins e quase intransitáveis. A sede do nosso município não conhecia saneamento de águas e esgotos, ruas calçadas e nem luz elétrica. Até o traçado das ruas não obedecia a um plano simétrico, que melhor aparência desse à cidade.

Não obstante ter um clima tropical e ventos com poeiras quentes, às vezes se apresentava saudável, principalmente à noite, com brisas frescas. Felizmente, nossa cidade contava com árvores frondosas como o juazeiro ao seu redor e outros tipos de árvores: coqueirais e palmeiras às margens dos seus rios. Como disse Lindolfo Ramalho no hino à Conceição: "As palmeiras tatalam nas tardes fagueiras".

A água não potável, colhida nos rios e nas cacimbas abertas nos seus leitos, na época das secas, era sempre portadora de diversos tipos de vermes. Estes provocavam índices elevados de doenças no aparelho gastrointestinal, responsáveis por grande número de vítimas fatais, principalmente entre crianças. Inúmeras dessas pequenas vítimas apresentavam desenterias, diarréias não especificadas, enterites, etc., que maiores cuidados exigiam da assistência pediátrica. Era, também, freqüente o tétano umbilical, pois muitos curativos feitos com fumo e ervas diversas, ao invés de curar o mal, agravava-o com infecções e daí o tétano. Sabemos que as principais causas de tudo isso eram: pobreza e ignorância e o contato com os "retirantes". Não havia assistência profilática e um médico raramente aparecia.

As mais sérias doenças eram trazidas pelos "retirantes", como a varíola, por exemplo. Em 1908, essa moléstia tornou-se epidêmica em Conceição. Boa parte da população foi apanhada de surpresa e tivemos perdas de vidas a lamentar. Das pessoas que escaparam da morte, algumas ficaram cegas. No tratamento usava-se a folha de bananeira que envolvia o doente até que as feridas secassem com o tratamento caseiro. O corpo do doente ficava coberto de chagas devido ao enorme número de bolhas que se interligavam e, mesmo quando a doença era vencida, ficava o convalescente com todo o corpo cicatrizado para o resto da vida. Era o que o povo chamava de bexiga, aquelas pústulas no rosto do varioloso. Embora havendo pessoas vacinadas, a varíola sempre atacava. A vacinação, como medida preventiva e em doses repetidas com intervalos de 5 a 7 anos, não acontecia. E a população, desassistida com a falta de orientação e assistência médica, sofria as duras conseqüências. A coqueluche, a meningite, a papeira e o sarampo, também eram freqüentes. Ainda hoje nos meios rurais aparecem esses tipos de doenças. A tuberculose era alarmante, mas com o sur-

gimento dos antibióticos, sua incidência é hoje quase nula. A sífilis e outras doenças venéreas estão hoje sob controle com o uso dos antibióticos. Os protozoários intestinais como, a ameba, schistosoma, etc., são freqüentes, apesar dos cuidados de higiene e orientação médico-sanitária.

De uns 20 anos para cá, diversas medidas importantes de caráter preventivo e profilático, foram tomadas pelos nossos governantes municipais e muitas vezes com a ajuda dos governos estadual e federal. Foi realizada a mais abrangente e eficiente vacinação em massa na nossa população rural e urbana.

Outras medidas como as obras realizadas na administração do prefeito Wenceslau Alves Neto, que, para melhor preservação da saúde da nossa comunidade, construiu galerias pluviais em diversas ruas da cidade e, ainda, o canal São Geraldo no bairro do mesmo nome. A finalidade desse canal não é somente receber as águas dos esgotos, mas, também, absorver toda a água poluída das "cheias".

O Ministério do Interior, através do Departamento Nacional de Obras e Saneamento — DNOS — em convênio com o governo do Estado, possibilitou a conclusão das obras do canal São Geraldo. Esse canal, em concreto armado, tem a extensão de 780 metros, largura de 2,40 metros e de altura 1,50 m, num custo de 30 milhões de cruzeiros. Ao longo do trecho foram construídos três pontilhões nas avenidas Epitácio Pessoa, João Pessoa e em uma rua projetada.

É indispensável assinalar a importância dessas obras que nossa cidade conquistou, através do esforço e do grande espírito público dos nossos governantes.

(Os dados relativos às obras foram extraídos do Diário de Pernambuco de 12/11/82 (Ministro Andreazza) e do jornal da sucursal da "A União" de Patos, comemorativo aos 101 anos de emancipação de Conceição).

AGRICULTURA

Os primeiros agricultores civilizados do nosso município vieram provavelmente pelo Ceará, Bahia e Pernambuco, entrando na Paraíba, seguindo o vale do Piancó. Devem ter encontrado as maiores dificuldades. Vinham desbravando as matas e permaneciam algum tempo às margens dos rios. Quando as chuvas lhes eram favoráveis, plantavam e aguardavam as colheitas, a fim de prosseguirem viagem. Naturalmente, eles só poderiam transportar gêneros de primeira necessidade e também animais. Assim foram espalhando a agricultura e a pecuária por todos os lados, até chegarem a nós.

A agricultura no município de Conceição, como em quase todo o interior nordestino, ainda é, na maioria das vezes, praticada de maneira muito primitiva, com as conhecidas "brocas" ou "queimadas". Nas propriedades mais próximas da cidade já se usam o arado e algumas máquinas agrícolas.

NOSSOS PRINCIPAIS PRODUTOS

O algodão, principal riqueza do município, após beneficiado pelas descaroçadeiras e outras máquinas apropriadas, é exportado para as cidades de Patos e Campina Grande, centros compradores do produto. Os seus caroços são exportados para o fabrico de óleo de cozinha e grande parte é usada como alimento do gado. A cana de açúcar também é um dos principais produtos do nosso município. Planta-se muito. Fabrica-se rapadura, aguardente, vinagre e mel. A palha que também é chamada de "soca de cana", e o bagaço servem para alimentar certos animais.

Os tipos de cana de açúcar são: a caiana, a melhor e mais doce e macia. É apreciada em forma de "roletes", para chupar. A cana P. O. J. e cana fita, são mais finas e duras. A cana cabocla mais grossa e suculenta. Dá ótima rapadura, alfinim, batida, garapa azeda, apreciada após às refeições. E o mel de dedo (grosso que enrola no dedo) acompanhado com queijo de coalho dá uma deliciosa sobremesa.

A mandioca é de grande valor nutritivo para o nosso sertanejo. Com ela se fabrica a farinha apreciada e consumida pela maior parte da população. A goma, para fazer tapioca, papa, sequilho, filhois, etc. Algumas pessoas apreciam a macaxeira, conhecida em outras regiões por "mandioca mansa". Plantada no município ou vinda de fora, tem bom consumo. Cultiva-se o fumo, porém não em grandes quantidades. Alguns agricultores plantam-no só para o consumo. Feijão, arroz e milho, são plantados regularmente, dando bom tempo. Atendem as necessidades do abastecimento da população e chegamos até a exportar esses cereais quando o inverno é mais pródigo.

NOSSA VEGETAÇÃO — (Flora)

Vamos começar pelas flores.

Nos jardins da nossa cidade há algumas espécies de flores, como por exemplo: bugarim, jasmim, rosa-amélia, dálias, margaridas, rosas vermelhas e brancas e uma trepadeira muito comum chamada por nós de "simpatia".

FRUTAS — a manga rosa e a manga espada, laranjas comum e Bahia, limão, goiaba, mamão, caju, côco, cajá, banana babona, anã e maçã, pitomba, macaúba, umbu, melancia, romã, pinha, etc.

MADEIRAS:

Cedro — madeira de lei, serve para o fabrico de móveis e outros artigos de fino acabamento.

Angico — para construção. Dizem que sua casca, além de medici-

nal é usada nos cortumes. Dá uma excelente lenha.

Pau-pereiro — usado nas construções e serve para cabo de enxadas.

Canafístula — boa lenha, sendo sua casca usada nos cortumes.

Mulungu — serve para cobrir casas, substituindo as telhas por um certo tempo.

Pau d'arco — boa madeira para construção.

Oiticica — de suas frutinhas faz-se óleo para máquinas.

Marmeleiro — com suas varas constroem-se cercados. Boa lenha.

Catingueira e Jurema — para finalidades diversas.

E a maravilhosa AROEIRA? Esta árvore ainda é encontrada em nosso município. Tem uma duração fantástica. Serve para vigas e postes, pois resiste ao sol, chuva e sereno. É usada em qualquer construção. Se precisar fazer "achas" para cercas, ela serve muito bem, rachando-se com facilidade. Da sua casca fabrica-se o famoso "elixir sanativo", usado prodigiosamente nas afecções cutâneas, arranhões, ferimentos, gargarejos, etc., fazendo uma cicatrização quase imediata.

Cactus — temos poucas espécies, porém das mais conhecidas temos: xique-xique, mandacaru, coroa de frade e palma. A palma é muito usada como alimento para o gado, principalmente na época das secas, pois mata a sede e alimenta.

Fibras — as mais conhecidas são macambira e caroá.

Cipós — existe em abundância a unha de gato. Há também o bambu e a taboca que servem para fazer gaiolas, balaios, cestas e ripas. Existem o capim-de-burro e o capim-de-planta e ambos alimentam o gado.

ERVAS MEDICINAIS E HORTALIÇAS

Desde os tempos mais remotos, o homem fabricou suas "meizinhas" (remédios) usando as plantas e cada uma com sua especialidade. Todos sabemos que a maioria dos medicamentos de laboratório é feita à base dos vegetais.

Vejamos os nomes de algumas plantas medicinais e suas respectivas utilidades:

JALAPA — purgativo.
ALFAVACA — (perfumada) serve para gripe, bronquite e como suadouro.
MARCELA OU MACELA — chá para barriga inchada.
MALVA BRANCA — faz-se um mel com suas folhas para a tosse dos fumantes.
TIPI — para reumatismo. Massagear com as folhas a parte dolorida.
MULUNGU — serve para coqueluche. Chá.
JUÁ — as raspas do seu tronco servem para lavar os cabelos e escovar os dentes. Fazendo um mel com as raspas serve para tosse.
MUÇAMBÊ — para tintura de roupas.
UMBURANA — indicado contra a tosse, o mel feito com suas cascas.

HIPECACONHA OU PECACONHA — chá das folhas serve para gripe e dor de barriga.
JURUBEBA — chá com as folhas e raiz juntos. Para estômago (cólicas) e rins. Da fruta faz-se um delicioso vinho.
ABACATEIRO — o chá das folhas é bom para os rins.
ENDRO — sabor de erva-doce, contra cólicas nas crianças e é calmante.
ALGODÃO — chá das folhas maduras, serve para fricção nas sarnas.
MANGERICÃO — chá das folhas é bom para gripe.
ERVA-CIDREIRA — chá das folhas é calmante.
CAPIM SANTO — para gripe e suadouro em forma de chá.
PIMENTA MALAGUETA — das folhas faz-se um chá ótimo para tonteira. A folha aplicada sobre o furúnculo puxa o carnicão.
MASTRUZ — as folhas machucadas aliviam a contusão quando aplicadas. Seu cheiro acalma os nervos. O sumo das folhas serve para bronquite e tosse.
ARRUDA — o chá das folhas é ótimo para cólicas e um "raminho" é usado para o "quebranto" . . .
MUCUNÃ — o miolo do seu caroço, feito em pó, é cicatrizante para ferimentos externos.
QUINA-QUINA — CABEÇA DE NÊGO E CABACINHO — também usados na medicina veterinária.

HORTALIÇAS

ALFACE — o chá das folhas e da raiz serve para calmante.
COENTRO — o chá das sementes serve para dor de barriga. Suas folhas para um bom tempero na culinária.
ALHO — serve para gripe e também como tempero.
CEBOLA BRANCA — o sumo da cebola branca (assada) serve para bronquite.

GÊNEROS ALIMENTÍCIOS

FEIJÃO — de corda, mulatinho, de arrancar e fava.
MILHO — amarelo e branco.
ARROZ — vermelho.
MANDIOCA — da brava se faz farinha.
MACACHEIRA — mandioca mansa, come-se cozida.
ABÓBORA — o gerimum de leite e o caboclo.
QUIABO — o comum.
ALFACE — uma só espécie.
COENTRO E CEBOLINHA — em grande quantidade.
PIMENTA MALAGUETA E DE CHEIRO — em quantidade. Para molhos.
BATATA DOCE, CEBOLA E ALHO — em abundância.

URUCU OU URUCUM — temos bastante. Serve para fazer colorau.
BELDROEGA — temos como alimento: refogado ou usado na salada, tanto alimenta como é bom para o fígado, bexiga e rins.
MAXIXE — temos em abundância na época chuvosa.

PECUÁRIA

Sabemos que o gado vacum entrou no Brasil entre 1530 e 1536, porém não sabemos precisar quando chegaram as primeiras cabeças em nosso município.

Li um livro de Piancó que relata que o casal Pedro Leite e Izabel Ferreira Leite veio da Bahia em 1775, trazendo algumas cabeças de gado vacum e fixando residência no vale do Piancó.

Temos o gado zebu que veio da Bahia, para cruzar com vacas inferiores, produzindo o gado para o corte.

Dada a escassez das chuvas e, por isso mesmo, dos pastos, nossa pecuária é pouco desenvolvida. Mesmo assim, em 1916 já se exportava gado vacum para Campina Grande.

No dia 23 de maio de 1916, seguiram alguns vaqueiros àquela cidade com 38 vacas, cinco novilhotas, 19 novilhotes, dois bois mansos e 12 bois de ano. Naquela época custava um garrote, 17.300 réis; um novilhote, 25 mil réis; uma novilhota, 30 mil réis; uma vaca, 57 mil réis.
Nos anos seguintes continuou a remessa de gado vacum para Campina Grande.

CAVALARES E MUARES

Desde as primeiras fazendas surgidas em nosso município já eram criados o burro, cavalo e jumento, para serem utilizados no transporte de cargas.

Mesmo com a chegada dos automóveis, há criadores que ainda hoje utilizam esses animais nas suas propriedades, para serviços diversos, jamais deixando de cuidar deles. Costumam amansá-los, ensinar-lhes o "baixo" e a montá-los. Os burros, quando bem ensinados, são bons para montaria e são mais resistentes do que o cavalo.

É o burro o resultado híbrido da égua com o jumento ou da jumenta com o cavalo. Esse quadrúpede solípede não reproduz, conforme é do conhecimento geral.

AS CORES DO CAVALO

Os cavalos têm a sua classificação conforme suas cores, por exemplo:

O PANGARÉ — é um cavalo vermelho-claro e existem muitos em nosso município.

O QUEIMADO — tem pelos brancos manchados de preto.

O RUÇO — tem pelos brancos ou pardacentos.

O CASTANHO — de pelos vermelhos.

E O LINDO ALAZÃO? — ele é vermelho dourado, escuro e brilhante ou cor de canela. É raro.

SUÍNOS

Em todos os sítios e fazendas do município há a criação de suínos. A maioria de raça inferior. Alguns criadores têm importado porcos de pura raça para cruzamento.

A carne, o toucinho e a banha de porco são muito apreciados pelos conceiçãoenses. Fazem lingüiça de primeira qualidade, geralmente para o consumo interno. Fabricam também um "chouriço doce" com sangue de porco e mel, bastante apreciado. Sua receita pode ser encontrada em outra parte deste livro.

A carne deste paquiderme é muito gostosa mas um pouco desaconselhada para regiões quentes.

Atualmente há em Conceição o "PRONASA", que cuida especialmente do rebanho animal, dando-lhe toda assistência.

OVINOS E CAPRINOS

Nossa região muito se presta, devido ao seu clima, à criação de ovelhas, bodes e outros mamíferos dessa família.

Esses animais se adaptam muito bem à nossa região seca, alimentando-se daquele tipo de vegetação rasteira, como também sentindo-se à vontade na temperatura e topografia nordestinas. Por isso, o grande rebanho existente, além de prolífero, apresenta ótimo aspecto e sadia e saborosa carne muito consumida pelo povo nordestino.

O leite da cabra representa excelente alimento, além de oferecer qualidades nutrientes especificamente medicinais para crianças e convalescentes.

O couro desses animais tem várias utilizações no fabrico de artefatos de utilidades diversas como: chinelos, cintos, sandálias, artigos para vaqueiros, adornos, etc.

FAUNA — (inclusive a ictiológica)

A fauna em nosso município é escassa e pouca variada. Mesmo nos sítios da faixa periférica da cidade os bichos do mato não são abundantes.

A onça vermelha, nossa velha conhecida, ainda aparece no meio das matas, como também o gato do mato, o saguí ou sõím, como é mais conhecido popularmente.

A raposa, essa predadora, às vezes anda vagando ou atravessando as estradas à noite e, ofuscada pelos faróis dos veículos, fica indecisa e quase sempre é atropelada e morta.

Dentre os mamíferos desdentados tínhamos (ou ainda temos?) o tamanduá, o tatu-de-rabo-mole e o tatu-peba. O gambá que fazia grandes estragos nos galinheiros, hoje está quase extinto e raras vezes ataca nossas penosas. Dizem que esse marsupial é facilmente morto à pauladas após embebedar-se com o sangue que suga de suas vítimas, ficando quase sem poder andar. Contam, ainda, que se come a carne do gambá após extirpar-se as glândulas de suas axilas que são as portadoras do horrível mau cheiro. Ratos, além dos domésticos (mus morvengicus), ratazanas (mus músculus), camundongos (mus rattus), temos os ratos silvestres, que causam grandes prejuízos aos celeiros e paióis. Um casal de ratos produz por ano 860 descendentes. Propagam diversas doenças como a peste bubônica, leptospirose, tifo exantemática (uma erupção na pele), triquinose, etc. Dentre esses nomes científicos dos ratos, estão os nomes vulgarmente conhecidos, que são: guabiru, rabo-de-couro, catita e outros. A preá e o mocó (cavídeos) são encontrados em nossas matas e suas carnes são apreciadas pelos caçadores. Também apreciam a carne do tatu-do-rabo-mole e o mesmo não acontece com a carne do tatu-peba (dasipodídeos), pois dizem que esse mamífero come carne humana nos cemitérios. Temos também o jacu (cracídeos) e o veado (cervídeos) de pequeno porte.

Ictiologia — Como nossos rios são periódicos, contamos com pequena variedade e quantidade de peixes e isso nos impede de maiores dissertações sobre nossa fauna ictiológica. Entretanto, devemos consignar que nas épocas das chuvas nossos rios e açudes nos oferecem a piaba, o curimatã, o piau, a traíra e as tilápias, muito apreciados principalmente pelos nossos mais fanáticos pescadores.

RÉPTEIS

Dos répteis aparece o cágado raramente encontrado nos rios. Temos a cobra de duas cabeças, muito temida mas não é tão venenosa. Há também a cobra de vidro. Dizem que ela se despedaça com uma pequena pancada.

Existem muitos calangos (microblepharus maximiliani) e as lagartixas (anisolepsis undulatus) são comuns.

OFÍDIOS

As cobras venenosas são abundantes em nosso município, infelizmente. Temos a cascavel, a mais perigosa. A jararaca (bothrops-jararaca) e a coral venenosa. Existem cobras não venenosas, por exemplo, a jibóia, muito rara; a salamanta em grande quantidade, como também em grande quantidade temos a papa-pinto, cobra cipó, a cobra verde (philodryas olferssi), a boi-peba (xenedon merrenü), a cobra preta (rhaclidelus brasili).

ANFÍBIOS

A cobra cega (siphonops).

BATRÁQUIOS

Temos com fartura. As rãs conhecidas rapa-cuias. As rãs se dividem em jias (maiores) e caçotes (menores) que servem para isca de pesca e de alimento para as cobras. Os sapos (anuros), são também abundantes, crescem muito, não têm veneno, mas às vezes são agressivos. Os cururus (bufo acqua) vivem à beira dos rios. Eles têm um veneno na pele (leite de sapo) que, para se defender dos inimigos, atiram o leite na boca do adversário, o qual tem morte instantânea.

MOLUSCOS

Somente as lesmas, esses animais da família dos Veronicelídeos, encontramos em nossos jardins bem tratados e úmidos. Nem os búzios, que servem de enfeite em muitos lares, não nos lembramos de tê-los visto em Conceição.

AVES

Infelizmente, não possui o nosso município, rios permanentes, grandes matas e florestas com bom número de árvores frondosas. Esse o "habitat" natural de aves e demais bichos que povoam esses ambientes.

Apesar de ser a nossa região constituída de caatingas secas e ásperas, podemos contar com boa variedade de aves domésticas como o peru, a galinha, o pato, a galinha d'angola mais conhecida como "guiné" ou "capote". Temos também a seriema (família cariamídeos) que foge com passadas longas e rápidas quando se sente perseguida ou pelo homem ou por alguma onça, seus inimigos naturais. Acontece que essa ave, embora consiga alçar vôo, não alcança boa altura devido seu corpo ser de peso e tamanho superiores à capacidade de sua força nas asas e, por isso, após fatigantes esforços, cai exausta e impotente para livrar-se do eventual inimigo. Seriema quer dizer: ema de crista.

Da família dos columbiformes temos uma variedade de pombos como a juriti, a rolinha, a "fogo pagou", a rolinha pedrês e a parda ou

"caldo-de-feijão", etc. Adultos e crianças gostam de sua carne. São raras as aves aquáticas, mas, às vezes, nos açudes vê-se marrecos, galinhas d'água e mergulhões.

Das aves de rapina temos o urubu comum e o urubu-rei (abutres da família dos Catartídeos) que se alimentam de carniça.

Dos gaviões (família dos Falconídeos) o mais conhecido é o carcará ou caracará, ave que se alimenta de pintos, pássaros e outras aves pequenas. Temos também a coruja, ave noturna de rapina (família dos Bulbonídeos) que, segundo crença popular, emite canto agourento.

Diversas espécies de pica-paus e beija-flores — os primeiros da família dos Picídeos e os segundos, da família dos Troquilídeos.

E os papagaios palradores, essas aves predadoras da família dos Psitacídeos? Aves comuns e muito queridas nos sítios e fazendas.

O nosso maracanã é da mesma família dos papagaios e também aprende a falar. Araras temos poucas. Algumas variedades de periquitos (família dos Conurídeos).

Finalmente citamos os canários de diversas espécies (fringídeos), sabiás (Turdídeos), sofrê e graúna (Icterídeos) e tantos outros pássaros canoros que nos deleitam com a ternura e suavidade dos seus cantos.

ARACNÍDEOS

Às vezes, infelizmente, somos surpreendidos pelas perigosas aranhas peludas que chamamos de caranguejeiras.

Existem ainda os carrapatos de bois, carrapatinhos e mais aracnídeos que se fixam à pele dos animais sugando-lhes o sangue. Há o piolho de cobra; a lacraia que não possui veneno mortal, mas deixa a sua vítima bem intoxicada.

INSETOS

Como em toda parte existem insetos nosso município não fugiu à regra e os temos numa incrível variedade. Desde as repugnantes moscas caseiras, piolhos de cabeça, percevejos de cama, até vários tipos de besouros, marimbondos, etc., os quais vão ser descritos abaixo:

A mosca, esse inseto que tanto mal nos traz, põe de 100/150 ovos que durante 12 a 15 dias darão origem a novas moscas. Na saliva e nas patas da mesma, encontram-se os micróbios da cólera, tuberculose, disenteria, etc. Depois desses terríveis insetos, vem o percevejo de cama; formigas de diversas espécies como a saúva que dá enorme prejuízo à lavoura. E os cupins? Estes neorópteros que se espalham por longas áreas de terras tornando-as quase estéreis. Também atacam as árvores, apodrecendo sua madeira e diminuindo a sua durabilidade. Possuidores de uma ação destruidora, causam danos pessoais e materiais. A barata, também perigosa, prolifera incrivelmente, pois uma só bota 30 ovos. Esses ovos se transformam em baratas adultas dentro de dois meses. Elas saem somente à noite. Foi cientificamente provado que a barata transmite doenças como ameba, cólera e a tuberculose.

A pulga como todo inseto nocivo, prolifera espantosamente e põe num período de 196 dias, 448 ovos. Vive 513 dias. Além de nos importunar com suas picadas, pode nos transmitir o germe da peste bubônica.

Há muitas espécies de besouros e marimbondos caseiros e também o marimbondo carniceiro que com suas picadas pode até matar um boi. Estes, felizmente, só se encontram nas matas, pois na cidade seria bem pior.

Em compensação temos a nossa abelhinha a trabalhar e a nos oferecer o seu medicinal, rico e saboroso mel. São as mandaçaias, uruçu e outros himenópteros da família das melipônidas, úteis à alimentação e saúde.

OS VERMES E ALGUNS MAMÍFEROS

É enorme a variedade de vermes, parasitos (helmintos).

Citaremos as ascaris, tênias (solitárias), lombricoides (lombrigas). O necator americanus, tricocéfalos, etc., que representam constante ameaça à saúde da nossa população, principalmente à menos assistida. Essa, em contato permanente com águas estagnadas em poços, em rios de águas poluídas, açudes, dejetos em quintais e matos, sempre acostumada a ficar com os pés descalços, descuidadosamente apanha muitos dos vermes citados.

Então o aparecimento de pessoas pálidas, crianças também pálidas e barrigudas e desanimadas, indica que são portadoras da giárdia ou ameba, schistosoma, tripanossomo e outros protozoários.

Em compensação temos as minhocas e as sanguessugas, tão necessárias à vida da terra que nos dá o sustento.

Para terminar esta pequena relação dos componentes da nossa fauna, vamos nos lembrar dos animais domésticos da nossa região.

Entre os mamíferos destacamos o cão, como amigo e companheiro do homem e alegria das crianças, principalmente o "vira-latas" (contamos com pequeno número de cães de raça em nosso meio); o gato doméstico, família dos Felídeos (felis catus), também de grande utilidade na defesa da nossa saúde, devorando os ratos portadores de moléstias terríveis como a peste bubônica, etc.

SAÚDE

Conceição não poderia fugir à regra geral. Como todas as pequenas cidades em formação teve de enfrentar enormes dificuldades para oferecer

à sua comunidade uma assistência médica e hospitalar à altura das necessidades de sua população.

Município desprovido (naquela época) de boas estradas, com precários meios de comunicação, seu povo muito lutou e sofreu. Tinha que batalhar para conseguir, quando necessário, qualquer assistência médico-cirúrgica, clínica ou odontológica. Tudo era muito difícil. Até os casos mais simples, como de pequenas infecções ou distúrbios fisiológicos provocados pela poluição das águas ou endemias parasitárias, eram atendidos pelo farmacêutico prático de Sta. Maria, o sr. Benedito Correia e pelo sr. Pedro Alves, em Conceição. Ambos eram bem entendidos nesses casos e também vendiam remédios paliativos. O sr. Pedro Alves possuía uma loja de armarinhos onde também vendia, entre outros, os seguintes remédios: analgésicos, anti-térmicos, pomadas diversas e os fortificantes do tipo Biotônico Fontoura, Óleo de Fígado de Bacalhau, Vanadiol e mais, Pílulas de Vida do Dr. Ross, Saúde da Mulher, Água Inglesa, etc.

Quando os casos eram mais complicados e exigiam uma assistência mais séria, procurava-se as cidades de Triunfo — PE ou Barbalha — CE (mais próximas de Conceição), para uma consulta a algum médico ou farmacêutico.

Em 1922, Conceição recebeu o seu primeiro farmacêutico provisionado e licenciado, o cidadão Alfredo Gomes de Sá. Esse competente profissional trouxe um grande alívio ao nosso município, quer dizer, à nossa população. Instalou uma farmácia com boa variedade de medicamentos e, quando solicitado, não tergiversava para atender qualquer pessoa, a qualquer hora do dia ou da noite. Para maior sorte de Conceição, o sr. Alfredo era casado com uma virtuosa criatura, dona Mariinha que assessorava o marido não só com a sua competência, como também com visitas aos doentes. Aos doentes pobres ou ricos ela oferecia os seus préstimos, muitas vezes dando aos mais necessitados pela pobreza, os próprios remédios, inteiramente grátis.

Alguns anos depois, Conceição recebeu o seu primeiro médico, o Dr. Antônio Ozório Ramalho.

Nessa época não haviam hospitais nem postos de saúde. As pequenas cirurgias ou aplicações de injeção, eram feitas na farmácia do sr. Alfredo Gomes.

Em 1925 o Dr. Antônio Ozório Ramalho, clinicava em Sta. Maria e em Conceição e era médico parteiro. Esse médico enfrentou muitas dificuldades. As parturientes, quando necessitavam dos seus cuidados, eram assistidas em suas próprias residências. Comparava-se, às vezes, a verdadeiro milagre, quando num parto difícil, o clínico, numa cidade que não contava com "bancos de sangue", anestesia geral, balão de oxigênio, etc., isto é, desprovida dos mais indispensáveis recursos médicos, conseguia salvar um "caso". Quantas criancinhas ficavam órfãs com a perda da genitora, quando o médico estava ausente ou mesmo presente surgia o problema de uma hemorragia interna!

A partir de 1930, contávamos também, quando solicitado, com o Dr. Pastor, ginecologista e com o Dr. Balduíno, da cidade de Misericórdia, que apesar de enfrentarem muitas dificuldades nas estradas sem conservação, solicitamente atendiam nossa comunidade.

Na ausência desses médicos, acontecia sempre o pior, apesar dos ingentes esforços das parteiras.

Quando o Dr. Leão Sampaio e o seu irmão Dr. Pio Sampaio retornaram à Barbalha já formados em medicina, ambos oculistas, o povo de Conceição passou a ir com freqüência àquela cidade para as suas "consultas de olhos".

Logo depois que a fama desses dois exímios manejadores da faca de "de Graefe" (1) foi se espalhando pelo Cariri e adjacências, inúmeros outros casos, que nada tinham com oftalmologia, eram entregues àqueles facultativos, principalmente ao Dr. Leão Sampaio que, dos irmãos, era o preferido. Essa exigência dos pacientes tinha de ser cumprida. O Dr. Leão Sampaio tornou-se um verdadeiro ídolo-salvador dos sertanejos daquelas paragens.

Em 1937 veio para Conceição o Dr. Zoé Borba, natural de Pernambuco. No período de 1938/39, nossa cidade sofreu a trágica epidemia de febre tifóide, quando da demolição da Igreja-Matriz. O Dr. Zoé Borba foi incansável no atendimento aos doentes. Muitas vidas conseguiu salvar, graças à sua competência e operosidade. Nesse mesmo ano de 1939, esse médico deixou Conceição.

Em 1940 esteve em nossa cidade, por uns tempos, o Dr. Antônio Melo Azedo, clínico-geral. Logo que ele foi embora, veio substituí-lo o Dr. João Leite, que até o ano de 1950 ainda clinicava em Conceição.

Veio em seguida o Dr. Odon Alves de Macedo, ginecologista, que muito trabalhou na assistência à comunidade conceiçãoense.

PRIMEIRO POSTO MÉDICO DE CONCEIÇÃO

Nosso primeiro posto médico funcionou no antigo chalé do Major Otoni Rangel, sob a direção do Dr. Odon Alves de Macedo. Depois esse posto médico transformou-se no "Sindicato Rural Patronal dos Agricultores".

O seu quadro de funcionários era assim constituído:
José Alves da Nóbrega — Atendente.

---

(1) Instrumento cirúrgico usado na remoção de cataratas.

Esmeraldina Leite (Dina) — Auxiliar de Serviços.
Damiana Belmiro — Atendente da Ala Feminina.
Dr. João Gambarra da Nóbrega — Dentista.

O Sindicato Rural Patronal dos Agricultores, mais conhecido por "ASSOCIAÇÃO", ainda hoje funciona no antigo chalé do Major Otoni Rangel, tendo os seus trabalhos dirigidos pelo sr. Severino Bezerra.

PRIMEIRO HOSPITAL E MATERNIDADE

No dia 25 de setembro de 1965, foi inaugurado o primeiro nosocômio de Conceição, com o nome de Hospital e Maternidade "Caçula Leite". Esse hospital contava com dois diretores que dividiam suas responsabilidades em dois setores.

Era diretor do hospital, o Dr. Raimundo Ferreira Furtado e diretor da maternidade o Dr. Odon Alves de Macedo. Estes dois esculápios eram os únicos no hospital. Lá atendiam diariamente como administradores, médicos e, inclusive, como "plantonistas".

Eis o quadro de funcionários na época:

Antônio Martildes Leite	— Secretário
Maria do Livramento Leite	— Chefe do Pessoal
Moacir Gomes de Oliveira	— Chefe do Almoxarifado
Abraão Miguel de Sousa	
João Soares da Costa	— Auxiliares de Serviço
e	
Raimunda Morena	
Antônio Rodrigues Ramalho	
Manoel Cabral de Lacerda	— Porteiros
Sebastião Bezerra Leite	
Artur Gregório Alves	— Motorista
João Luiz Neto	— Técnico de Raio X
Wolmir Souza	— Auxiliar de Laboratório
Dona Flora	— Cozinheira

Esse hospital contava com 36 leitos, sala de cirurgia, sala de parto, berçário, sala de emergência, posto de enfermagem, secretaria e diretoria.

Contava também com um posto dentário, cujos dentistas eram: Drs. Edson Wanderley Barlavento e José Rômulo Morone Frade.

Os aparelhamentos desse hospital foram doados pelo Funrural por iniciativa e intermédio do Dr. Wilson Leite Braga, nosso atual governador.

O atual diretor desse hospital é o Dr. José Carlos Leal Neto e o seu

vice-diretor é o Dr. Luiz Alberto Cândido dos Santos.

A construção desse nosocômio deu-se durante o governo do Dr. Pedro Moreno Gondim e do nosso prefeito que era o Dr. Walter Leite Braga.

Brevemente deverá ser construída a maternidade da Associação de Proteção aos Menores Abandonados, Amparo à Criança e Assistência à Maternidade N. Sra. de Fátima. Já temos o terreno que é vizinho ao Hospital Infantil.

Atualmente funciona na "Associação" um atendimento ambulatorial, atendimento médico, odontológico, exames laboratoriais, curativos, injeções, pequenas cirurgias, vacinação, etc.

Temos ainda um programa materno-infantil que faz a distribuição de alimentos às crianças e gestantes carentes.

O "Hospital Infantil Maria da Glória Gomes", também pertence à "Associação" e foi construído em terreno do Patrimônio da Paróquia e com verbas dos governos federal e estadual. Seu nome é uma homenagem póstuma à dona Mariinha, esposa do sr. Alfredo Gomes. É conveniado com o INAMPS e com a LBA.

Quadro de funcionários da Associação e do Hospital Infantil — em junho de 1982:

Dr. Antônio Martildes Leite	— Presidente
Sr. Severino Bezerra dos Santos	— Vice-Presidente
Maria de Lourdes Lima	— Tesoureira
Maria Nazaré Ramalho Oliveira	— Auxiliar de Serviço
José Ramalho de Souza Amâncio	— Motorista
Vanda Lúcia Alves	— Atendente
Francisca Vanilda Quintino Magalhães	— Atendente
Francisco Donizete Ferreira	— Atendente
Maria do Socorro Ferreira	— Atendente
Terezinha Avelino Bezerra	— Auxiliar de Serviços
Maria da Conceição Moreno Leite	— Auxiliar de Serviços
Maria Aparecida Ferreira Lima	— Auxiliar de Serviços
Francisca Nunes Lacerda	— Auxiliar de Serviços
Francisca da Silva Rodrigues	— Auxiliar de Serviços
Francisca Maria da Silva	— Auxiliar de Serviços
Espedito Cordeiro Lima	— Auxiliar de Serviços
Gisélia Felipe da Silva	— Auxiliar de Enfermagem
Maria das Graças de Abreu	— Auxiliar T. de Enfermagem
Joana Felipe da Silva	— Auxiliar T. de Enfermagem
Maria Dilma Lacerda dos Santos	— Auxiliar T. de Enfermagem
Mairda Maria de Abreu	— Auxiliar T. de Enfermagem
Maria Aparecida S. Frade	— Auxiliar T. de Enfermagem
Maria Vilany Pereira	— Agente Administrativo
Maria Luzinete Gomes	— Agente Administrativo

Maria de Fátima Lira Leite	— Agente Administrativo
Adailton Vitorino de Figueiredo	— Agente Administrativo Auxiliar
Maria Aparecida Ricarti Frade	— Auxiliar de Administração
José Lopes Ferreira	— Auxiliar de Administração
Zilvanzita Bezerra de Brito	— Enfermeira

Foi construído no ano de 1983, no governo do sr. Braga, um Posto de Saúde no povoado de Mata Grande.

Atualmente o município de Conceição é auto-suficiente também no setor de saúde e sua população, nesse campo, bem protegida tanto na cidade como na zona rural.

ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA

Até há pouco tempo, a assistência à infância, em Conceição, era problema exclusivo dos progenitores ou responsáveis pelas crianças. Tinham que cuidar de tudo, tivessem eles condições culturais, psicológicas e financeiras compatíveis com as necessidades mais elementares ou não.

Em todas as cidades desenvolvidas ou em desenvolvimento como a nossa, muitas mães para ajudarem nas despesas domésticas, são forçadas a trabalhar fora. Para isso deixam em casa seus filhos menores, sem a devida proteção e mal alimentados.

Nosso governo municipal, sensível a esse problema social, em convênio com instituições do Estado e da federação, conseguiu verbas para a criação de "creches". As creches foram bem elaboradas, com escolas e alimentação para a infância, hoje assistida.

Também foram criados Cursos Profissionalizantes gratuitos, para os adolescentes, em convênio com a L.B.A., FEBEMAR e S.E.N.A.I.

Há, também, um Hospital Infantil bem equipado, com bons pediatras e em pleno funcionamento.

A Assistência à Infância continua firme na administração do atual prefeito Francisco de Oliveira Braga, pois a FUNABEM atende a 660 crianças carentes de 314 famílias pobres. Mantém uma creche com 60 menores semi-internos, orientados por duas assistentes sociais, sob a direção da Dra. Vandira César de Souza. A L.B.A. continua mantendo uma creche, também com 60 crianças.

A Prefeitura mantém um médico e um dentista para atenderem as crianças carentes do município e também à população adulta mais necessitada.

INSTRUÇÃO

Primeiras escolas

Em épocas bem remotas, mestres particulares eram contratados

para alfabetizar, a domicílio, os filhos dos senhores de engenho, comerciantes e fazendeiros. Não existiam escolas públicas no interior do nosso País.

Segundo informações que obtivemos da família "Benjamim", o primeiro professor primário em Conceição foi o sr. João Benjamim de Maria. Ele veio de Brejo dos Santos — CE, fixando residência em Conceição em fins do século passado. Depois apareceram outros mestres, como a senhora Armênia Siqueira, com uma escolinha municipal, funcionando no sobrado do Capitão Maximiano, onde morou Nelson Ribeiro, Fica na rua que hoje tem o nome de rua Pe. Luiz.

Nos anos 30, já funcionava a escola particular de Celestina Valones (madrinha Celeste). O prédio dessa escola foi construído pelo sr. Pedro Alves. Era uma casa conjugada, onde a professora e sua família residiam. Muito espaçosa, salas amplas e um grande quintal.

Nessa época todas as crianças em idade escolar, freqüentavam, com assduidade, esse educandário. Umas preparando-se para os exames de admissão ao curso normal ou ginasial e outras ainda no pré-primário.

Eram alunas: Nely, Gentil, Cacilda, Rinaura, Juvenete, Geny, Aldenora, Letice, Eni e outras. Decorria o ano de 1932, mais ou menos.

Eu só freqüentei essa escola por alguns dias, pois havia chegado do sítio e era muito tola. Não sabendo "marchar" — um dos exercícios físicos na escola — minhas colegas mais antigas riam de mim e isso foi o bastante para eu me encabular e não ir mais à escola de madrinha Celeste.

Benilde Ramalho, 8 anos de idade, também não continuou porque não soube explicar à professora "de que se lembrava quando via o sol nascer". Era esse o tema desenvolvido oralmente na classe. Benilde ao invés de responder com uma frase bucólica ou romântica, respondeu, após insistência da professora e risinhos de mofa das colegas, com o despautério: "Eu me lembro de uma b . . . , de uma m . . . , e de um cagaião". É que Benilde, naturalmente, quando ia ou voltava da escola passava por trechos agrestes e neles via aqueles dejetos. Sua inusitada resposta deixou madrinha Celeste perplexa. Benilde ficou amedrontada e não voltou mais à essa escola.

A professora "madrinha Celeste" era inteligente e denodada. Alfabetizou centenas de crianças (ver sua biografia).

Já Walter Mangueira, quando no Grupo Escolar, aluno da professora Maria Frade, pretendeu ganhar um "santinho" que sua mestra oferecia a quem respondesse certo "o nome dos primeiros habitantes do Brasil encontrados por Pedro Álvares Cabral". Walter, avidamente, levantou o braço e se propôs a responder:

— "Eu sei, dona Maria Frade!"

— "Muito bem", disse a professora, "Walter sabe! Então fale para seus colegas ouvirem e venha buscar o "santinho".

E Walter prontamente: — "Adão e Eva".

Maria Frade riu, deu um "santinho" a ele, depois de haver explicado novamente a lição dos índios na descoberta do Brasil.

Esses foram fatos pitorescos que ficaram mais vivos na minha memória.

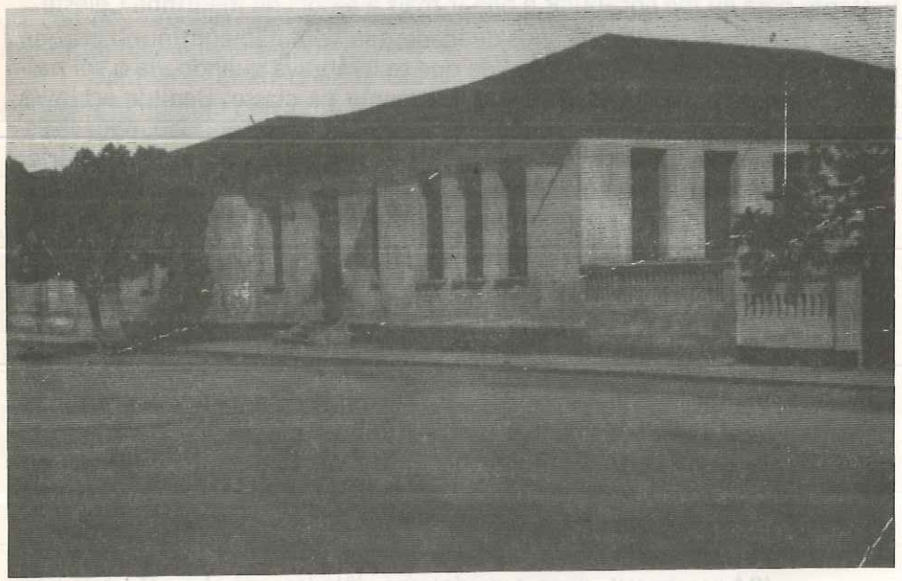
Outras lembranças escolares

Em 1933, estiveram em nossa casa, quando vinham da igreja, duas jovens elegantes e bonitas. Abraçaram minha mãe e minha avó (Elisa e Dalena).

Gostei logo delas e fiquei sabendo que eram nossas parentas e amigas, porém de parentesco eu pouco entendia. Henriqueta e Maria Leite, eram essas moças, recém-diplomadas pelo Colégio Imaculada Conceição, de Fortaleza — CE.

A professora Henriqueta exerceu o magistério na Escola Elementar, do sexo feminino, de Conceição, até o ano de 1933.

Tempos depois estava eu em meio a uma porção de crianças, minhas colegas de escola, mais ou menos da minha idade e sob a orientação da professora Maria Leite, em 1934, a qual substituía sua irmã Henriqueta Leite que se casou e foi morar em João Pessoa. Ficava essa escola junto a um sobrado do Capitão Maximiano, sita à rua Pe. Luiz.



1º Grupo Escolar de Conceição
— 1937 —

Nossa escola era muito alegre, a professora muito amiga, porém enérgica, competente e bastante interessada em nosso aproveitamento.

Recordo-me com saudades das minhas colegas e amigas. Eram elas: Bia Mangueira, Aurora, Lia, Delurdes e Dedice Pires, Emília, Hilda, Dulce, Francinete, Francy Fonseca, Edvanira, Sebastiana Xavier, Dalva Mangueira, Anázia Lopes, Rosa e outras.

Para as meninas mais estudiosas, havia como prêmio irem toda sexta-feira, após as aulas e o almoço, ao sítio da professora Maria Leite, saborear as melhores frutas, tomar banho no rio e brincar o resto da tarde.

Além dos exercícios didáticos haviam também aulas de trabalhos manuais, inclusive bordados à mão, principalmente.

Algumas vezes, na ausência de Maria Leite, a sala de aula ficava em polvorosa quando Ilza Cassiano ia buscar um sapo no rio para, com ele, nos fazer medo. Era um corre-corre danado, acompanhado de gritos nervosos e Ilza, por castigo, ficava, no mínimo, uma semana sem recreio e nós tínhamos de arrumar e limpar a escolinha inteira.

E assim passamos alguns anos, quando foi inaugurado o primeiro Grupo Escolar Estadual.

Primeiro Grupo Escolar

O nosso primeiro Grupo Escolar, com o nome de "Grupo Escolar José Leite", não foi solenemente inaugurado. Passou a funcionar em 1º de abril de 1937, conforme Decreto nº 795, assinado pelo então governador Argemiro de Figueiredo. Seu primeiro diretor foi o professor Rodolfo de Araújo Gondim, natural do Ceará.

Esse grupo era de construção moderna (para a época), localizado à rua Nova (hoje Solon de Lucena), bem equipado e nada lhe faltando para o desempenho eficiente das suas finalidades.

Em 1937, o corpo docente do nosso grupo escolar estava assim constituído:
Diretor — Rodolfo de Araújo Gondim.
Professoras: Maria Leite, Eunice Moura, Dolores Ramalho e Maria Frade. Turno da manhã. Ilza Gomes e Amália Cassiano lecionavam noutro turno.

Lembro-me que nesse ano, nossa turminha estava na terceira série primária, sendo nossa professora, Eunice Moura, que também lecionava na quarta série. Maria Leite dava aulas na quinta série e as primeiras e segundas séries "A" e "B" eram dirigidas pelas professoras Dolores Ramalho e Maria Frade.

Em 17 de janeiro de 1938, por portaria do senhor Interventor Federal, Argemiro Figueiredo, foi nomeada para exercer o cargo de Diretora de Segunda Categoria — padrão H — a professora Maria Leite. Durante esse ano de 1938, a professora Maria Leite lecionava o primeiro ano complementar. Eunice Moura, quinta série; Nely Ramalho, a quarta; Maria Frade,

a terceira; Dolores Ramalho a segunda, e as outras séries entregues às professoras novatas.

À proporção que surgiam mais alunos, novas professoras eram nomeadas, como Nilza Soares, Maria Leite (Báia), Letice Figueiredo, Eny Leite, Henriqueta Fausto, já sob a orientação da professora Joaninha Vieira. E ainda tivemos Odete Moura, Beatriz Camilo, Maria Soares, Toinha Soares, Terezinha Martildes (que é hoje a atual diretora) e muitas outras.

O grupo escolar era sede de concentração de todas as festas, reuniões, enfim, era de lá que partiam todos os movimentos sociais, religiosos, esportivos, cívicos, etc., com a orientação e colaboração imprescindíveis das professoras. Desde a primeira comunhão dos estudantes, às recepções nas chegadas de autoridades civis, militares e eclesiásticas. As festas escolares de fim de ano, com a entrega de boletins de aprovação, as festas cívicas (as mais entusiasmadas) como o "7 de Setembro" que era uma beleza! Bandeiras, bandeirolas, fitas, hinos, marchas, tambores e banda de música, animavam e distraiam o povo. Nas festas do ano de 1938, de comemoração à nossa independência, as professoras organizaram dois partidos para a disputa dos jogos esportivos. Os partidos eram representados pelos nomes dos rios Piranhas (cor amarela) e Piancó (verde).

A diretora Maria Leite, enfileirou todos os alunos, sem separar séries, dando a cada estudante o nome do seu partido, sem direito à escolha de qualquer facção. Ao primeiro aluno ela disse:
— "Você é do Piranhas"; ao segundo: "Você é do Piancó". E assim sucessivamente até o último aluno. Nessa altura todos sabiam qual o seu partido e a festa começava. A "comissão de festa" escolheu duas alunas para disputarem o título de "Rainha da Festa" — Francisca Figueiredo, candidata do Piancó e Delurdes Pires, representando o Piranhas. Para as eleições de ambas, foram vendidos votos e o dinheiro arrecadado ficou para a Caixa Escolar.

Quanto aos jogos eram duas modalidades: "bola americana" e "han-ball" que seriam disputados pelos dois partidos. A animação era geral, pois os parentes e amigos dos estudantes, inclusive os próprios pais, aceitaram o desafio e constituíram duas fortes torcidas. Somente as professoras ficaram neutras. Não se falava noutra coisa que não fosse Piranhas e Piancó. Para os ensaios ou treinos, Maria Leite ia com as atletas para o campo e o povo ia assistir e torcer. O time do Piranhas para a "bola americana" foi escalado assim: goleira, Nenilse; no centro, Dalva Mangueira; Anásia Lopes e Alice Cirilo nas laterais; Adalgisa Mangueira, Aurora Soares, Ilza Cassiano, Edvanira Lopes, Aracy Moura, como guardas. O Piancó alinhou-se assim: Henriqueta Fausto, Bia Mangueira, Bia Cordeiro, Siluzinha, Odete Moura, Francisca Figueiredo, Lindinalva, Ivonete e outras. Para mais animar a festa, o compositor Nelson Cassiano aproveitou a música de dois hinos (não de sua autoria), fazendo, porém, duas letras, cada qual para um partido. Eis a do Piranhas:

"Piranhas está na voga, ele é o vencedor;
Dalva Mangueira que joga com arte
a outra parte, amedrontou.
Tem jogo aprumado Anásia Lopes e Alice
Nossa vitória está alcançada, confiada à Nenilse".

Hino do Piancó:

"Piancó é bonzinho
Em tudo afinal
Na bola americana
Não há outro igual.
Henriqueta na guarda
Não corre perigo
Esse time apanhar
Só se for um castigo.
Siluzinha combina com Bia Cordeiro
Essa passa ligeiro a bola à Odete
que com toda "scratch" se agita a jogar
a bola vai parar às mãos de Ivonete.
Francisca Figueiredo que é a rainha
Olhe essa mocinha, joga regular,
Lindinalva combina com Bia Mangueira
Piancó é "madeira"
Quer ver, vá olhar . . . "

Hino oficial do Piranhas: música parodiada — Letra Profª Nely Ramalho

"Salve, oh Piranhas querido,
Rio bendito e adorado
As tuas margens já têm sido,
Belos cenários do passado . . .
As tuas águas benditas
Que percorrem terras mais
traduzem glórias infinitas
de combates imortais.

Estribilho

Recebe pois nosso afeto
Alegremente!
Que nas zonas virentes dos sertões,
Tu reinarás!
Triunfalmente . . .

Obs. O hino oficial do Piancó foi composto pelo Pe. Otaviano Moura. Não o conseguimos transcrever aqui.

Resultado: Piancó ganhou na "rainha" e no "hand-ball" e o Piranhas apresentou bons resultados em corridas nos "sacos", pau de sebo,

etc. e ganhou na "bola americana". Houve muita animação e tudo decorreu bem.

CADERNETAS DE BONS PONTOS E MAUS PONTOS

Essas cadernetas foram instituídas com a finalidade de estimular os alunos, para estudarem com mais vontade e perseverança. Eram como se fossem contas-correntes de débito e crédito. "Bons pontos" anotados com números azuis e "maus pontos" com números vermelhos. À medida que fazíamos os deveres certos, lições corretas e éramos disciplinados, a professora anotava em nossas cadernetas, todos os dias, determinado número de "bons pontos" e também "maus pontos" se chegássemos atrasados às aulas, déssemos erradas as lições, apresentássemos deveres incorretos, etc.

No final no ano letivo havia um grande leilão com prêmios oferecidos pelas professoras e pais de alunos. Os arremates eram feitos pelos alunos que tivessem saldo credor em suas cadernetas de conta-corrente, isto é, com "bons pontos" em número superior ao de "maus pontos". Era uma festa maravilhosa e todos se alegravam com a banda de música presente para maior animação.

Com muitas saudades daqueles encantadores tempos e com muita sinceridade no coração, quero consignar aqui minha humilde homenagem de aluna e eterna admiradora agradecida às nossas competentíssimas diretoras e mestras que tudo deram de si, para tornar os estudantes de Conceição, pessoas educadas, com boa formação moral e capazes de enfrentar o futuro com otimismo e de fronte erguida. Nossas mestras, antes de serem profissionais, eram, principalmente, diletantes por vocação e natureza.

Ainda hoje o nosso velho Grupo Escolar José Leite está bem conservado, acolhendo centenas de crianças, com uma equipe de professoras inteligentes e altruístas.

Instrução na gestão de Walter Braga

Prefeito, Dr. Walter Leite Braga — de 1964/68.

a) Construção do Grupo Escolar Manoel Martins, no sítio Cachoeira;
b) Construção do Grupo Escolar Otoni Rangel, no sítio Cabaças;
c) Construção do Grupo Escolar Celeste Valones, no sítio Saco da Ingazeira;
d) Construção de grupo escolar, no sítio Fabrício;
e) Construção do Parque Infantil Pedro Gondim;
f) Criação e aquisição de instrumentos musicais para a Banda de Música "Zeca Ramalho".

Instrução durante a gestão do Prefeito Wenceslau Alves Neto e outras informações

Atualmente, Conceição, no setor educacional está bem adiantada. O primeiro grau é bastante desenvolvido e bem distribuído. Existem 100 (cem) unidades escolares, sendo 97 na zona rural e três na zona urbana.

Na cidade há quatro escolas estaduais de primeiro grau e mais uma escola estadual de primeiro e segundo graus com dois cursos: científico e profissionalizante. Na zona rural há 13 escolas estaduais de primeiro grau.

CORPO DOCENTE: o corpo docente do 1º grau é constituído de 140 professores e está assim distribuído: 23 na zona urbana e 117 na zona rural. Desse total, 10 são habilitados com o curso pedagógico; 53 cursam o Logos II e 77 têm o primeiro grau incompleto, porém são pessoas competentes e aptas para o ensino.

Quanto ao corpo docente das escolas estaduais, consta seu quadro de 60 professores para a zona urbana e 27 para a zona rural, num total de 87 professores. Desses, 76 têm o curso pedagógico concluído e 11 ainda em conclusão.

O número de alunos matriculados na rede de ensino municipal e estadual, no primeiro grau é bastante expressivo. No ano de 1982, atingiu a cifra de 3.243 alunos, sendo 537 na zona urbana e 2.076 na zona rural.

Na rede de ensino estadual foram matriculados 1.828 alunos; no primário da primeira a quarta séries, 565 alunos; da quinta à oitava séries, 800 alunos; no científico, 290 e no curso normal, 173.

O estudo em Conceição sempre foi considerado algo muito importante na vida de qualquer pessoa. Os chefes de família têm verdadeira preocupação com o futuro dos seus filhos e, por isso, fazem todo esforço para que obtenham um título superior. É uma qualidade inata do conceiçãoense, essa de conduzir sua juventude para o caminho dos estudos como uma catequese, a fim de terem amor aos livros. Onde estiver uma família de Conceição, seus filhos estudam e vencem. Por isso, existem tantos conceiçãoenses portadores de curso superior e ocupando em nosso País muitos cargos importantes e com o maior brilho.

Numa parte deste livro, sob o título "conceiçãoenses e seus filhos portadores de curso superior", poderemos ter uma idéia de tudo que acima foi dito, com referência ao incentivo que os jovens recebem no sentido de alcançarem um curso superior.

Fazemos também um voto de louvor à Prefeitura que sempre colaborou muito com o ensino.

Agora vejamos as providências adotadas pelo prefeito Wenceslau Alves Neto durante a sua gestão que terminou em princípios de 1983:

a) Forneceu transporte para suprir as escolas de merenda e material escolar;

b) Ajudou com verba da prefeitura, aos estudantes universitários no Campus de Cajazeiras;
c) Adquiriu material escolar para as escolas municipais;
d) Conseguiu equipamentos para quatro cantinas e nove salas de aula da zona rural, em convênio com o Polonordeste;
e) As escolas de Mata Grande, Campos Velhos, Umbuzeiro e Malhada de Braúnas, foram beneficiadas com bibliotecas;
f) Foram construídos mais grupos escolares para servirem às localidades de Mata Grande, Lagoas, Campos Velhos e Umbuzeiro;
g) Em fase de conclusão os grupos escolares de Fazenda Nova e do sítio Canas;
h) Em projeto mais dois grupos escolares para Cachoeira do Retiro e Cedro;
i) Ampliação do grupo escolar de Bom Jesus que ora abriga maior número de alunos.

A ampliação da rede estadual de ensino em nosso município serviu para atrair mais alunos da nossa zona rural e também muitos outros estudantes de municípios vizinhos que quiseram beneficiar-se do ensino gratuito.

Assim na gestão de Wenceslau Alves foi construído um prédio de arquitetura moderna para mais uma escola estadual com seis salas de aula e demais dependências.

Há um projeto em andamento para construção de um colégio de primeiro grau, com o nome de "Caçula Leite" e convênios foram firmados para maior amplitude da instrução em nossa cidade, com o Mobral, Polonordeste, Logos II, Educação Pré-Escolar e merenda escolar.

A Prefeitura adquiriu ainda novos livros para a Biblioteca França Leite que conta atualmente com mais de mil volumes.

Conforme já assinalamos anteriormente, há diversas colaborações que partem de vários setores como, por exemplo, os livros para as escolas dos sítios (alunos mais pobres) são conseguidos através de campanhas encetadas nas escolas estaduais, junto aos seus alunos, os quais fazem doação dos seus livros já usados, inclusive lápis, cadernos, borrachas, etc., aos seus colegas menos afortunados da zona rural.'

Conceição é chamada com muita justiça "A Princesa do Vale", pelo seu progresso e desenvolvimento na Educação, Saúde, Obras Públicas e também por suas belezas naturais. (Dados colhidos na edição do jornal "A União", filial de Patos – PB, em 27/10/82 – Conceição 101 anos).

Instrução – Prefeito Francisco de Oliveira Braga

Tem razão o Prefeito Francisco de Oliveira Braga, quando diz que um dos fatores mais importantes para o progresso de um povo, é dar a esse

povo as condições necessárias para se educar e se instruir, dando-lhe ainda os instrumentos de acesso à cultura.

Conceição conta com ampla rede de escolas espalhadas por todo o município, tanto na zona rural como na zona urbana. São 97 escolas de primeiro grau; uma escola estadual de primeiro e segundo graus, com um corpo docente bem elevado – são 257 professores.

As matrículas se elevam ao número de 7.600 alunos.

MOBRAL – 1983.

Há no município de Conceição, 82 postos do Mobral com, aproximadamente, 1.300 alunos, desenvolvendo um grande programa de ensino e obtendo bons resultados.

O Secretário de Educação e Cultura do município de Conceição, é o professor José Raimundo de Souza Neto.

O Coordenador Estadual do Mobral é o professor Renault Vieira de Souza. (Dados extraídos do jornal "Vale do Piancó", de 8/10/83).

Obs.: Na década de 1960 já existia o Educandário "Batista Leite" que teve como primeiro diretor o Dr. Odon Macedo. Esse educandário foi diversas vezes visitado e inspecionado pelo Inspetor Federal Dr. Alberto Teófilo Braga, residente em Recife – PE, o qual muito contribuiu para o progresso da instrução em nosso município e em grande parte do Nordeste.

NOSSAS QUERIDAS MESTRAS

Gostaria de num preito de gratidão, dizer o que vivi e senti quando menina e adolescente ao lado das nossas saudosas mestras: Maria Leite, Eunice Moura, Maria Frade e Dolores Ramalho, aqui em Conceição.

Por mais que me esforce só me vem à idéia palavras ocas e pouco convincentes para, resumidamente, ressaltar os perfis dessas excepcionais figuras conceiçãoenses. Porém uma coisa gostaria de dizer sem medo de errar: Maria Leite, Eunice Moura, Maria Frade e Dolores, foram "magníficas" em matéria de educação e ensino. Dessa verdade toda Conceição é testemunha. Elas nasceram com a legítima vocação de educadoras. Dotadas de competência e capacidade de organização, criatividade, ótimas disciplinadoras, fazendo-se respeitar e estimar, tudo isso nas exatas medidas para representar muito dignamente o protótipo das educadoras que deveriam estereotipar o padrão do professorado brasileiro.

A mentalidade pedagógica dessas antigas mentoras estava intimamente ligada às necessidades educativas do verdadeiro lar, coluna mestra da sociedade brasileira da época. Estímulo aos estudos, respeito aos pais e mestres e amor às coisas nossas, além dos ensinamentos da profilaxia e die-

tética, entre outros indispensáveis à formação do "mens sana in corpore sano".

Seus alunos eram a sua vida e era neles que essas professoras se integravam para vibrar num excelente trabalho que as empolgava.

Acredito que Conceição ainda não encontrou uma boa oportunidade para, num gesto de coerência e reconhecimento, agradecer o muito que essas brilhantes pedagogas representam, como base educativa para os homens e as mulheres conceiçãoenses que hoje simbolizam, com muita justiça, nossa inteligência e cultura.

Os melhores filhos de Conceição foram profundamente marcados no seu caráter pelas Professoras Maria Leite, Eunice, Maria Frade e Dolores, as quais souberam incentivar e desenvolver nos seus alunos as mais belas qualidades morais, de amor aos livros e ao trabalho que dignificam e enobrecem o ser humano.

SANEAMENTO

Conceição, como todas as cidades em desenvolvimento, até o ano de 1959, teve de enfrentar o angustiante problema do abastecimento d'água, da maneira mais árdua e cansativa. Era desprovida dos indispensáveis meios de despoluição e mais rigorosa filtragem que melhor protegessem a saúde de sua gente.

Lembro-me que a água que abastecia a cidade, provinha das cacimbas dos rios Grande e Serra Vermelha que passam por trás da nossa Igreja-Matriz.

As "botadeiras d'água" (mulheres que carregavam em latas a água para o consumo na cidade), cavavam às margens e nos leitos dos rios, pequenas cacimbas. Estas, após invadidas pelas águas, eram limpas e esvaziadas até que nelas brotassem novas águas mais claras. As vazilhas eram enchidas e carregadas na cabeça para suprimento dos potes das casas residenciais. Aí, então, utilizava-se de um cuidadoso processo de higienização — na boca do pote que deveria estocar a água, colocava-se um pano grosso de algodão, tipo lona. E, à proporção que ela se escoava para o pote, o pano que servia de coador era lavado por diversas vezes para refiltragem do líquido. Cheio o primeiro pote, outros eram enchidos sempre com o mesmo processo de limpeza. Depois cobria-se as bocas dos potes abastecidos, com um pano também limpo, e, sobre ele, colocava-se uma tampa de madeira pesada. Era essa água utilizada para beber, para cozinhar, lavar os utensílios, etc. As mais conhecidas "botadeiras d'água" foram Siá Filó e Generina.

E após muitos anos de espera e sacrifício, os conceiçãoenses viram o seu sonho realizado com as obras de abastecimento e saneamento de água e esgotos.

COMPANHIA DE ÁGUA E ESGOTOS DA PARAÍBA CAGEPA

Os serviços de saneamento de água e esgotos em Conceição foram projetados e quase concluídos na gestão do prefeito João Mangueira Neto, o qual, na época, teve de transferir o governo municipal para o sr. Unías Leite Ramalho. Assim sendo, o abastecimento d'água, ou melhor, o início do funcionamento dos serviços da água e dos esgotos da cidade, foi oficialmente inaugurado no mês de novembro de 1959.

A água distribuída à população passa por um processo moderno de tratamento, sendo potável e fluoretada. Sua distribuição é feita por um bom serviço de canalização. Cumpre ressaltar que a água de Conceição é própria, isto é, extraída de poços artesianos instalados na periferia da cidade. E também nos distritos do nosso município, outros poços artesianos foram inaugurados, considerando-se a proteção e preservação da saúde da nossa população.

De parabéns estão os prefeitos João Mangueira Neto, Unías Leite Ramalho, Wenceslau Alves Neto e Francisco de Oliveira Braga, que honram o nosso município pelo interesse e capacidade de solucionarem os mais importantes e sérios problemas da nossa população.

BARRAGENS

Já se encontram em bom andamento as obras de construção da barragem de Santa Inês, que será o maior reservatório d'água do município de Conceição. A barragem terá capacidade para reservar 26 milhões de metros cúbicos d'água e servirá para o abastecimento do povoado do Capim e dos sítios vizinhos. Essa barragem é uma obra prioritária para a nossa região, pois tem havido graves problemas pela falta de armazenamento d'água.

A E.I.T., construtora responsável, assinou contrato comprometendo-se entregar a obra concluída em abril de 84. Esta data somente seria adiada, se houvesse atraso no fornecimento das verbas.

O engenheiro responsável por esses trabalhos é o Dr. Joquismar de Andrade Mendes.

INSTALAÇÃO DE HIDRÔMETROS

Em 08 de outubro de 1983, foi publicado no jornal "Vale do Piancó", que muito brevemente seriam instalados hidrômetros em todas as residências de Conceição.

O diretor regional da CAGEPA (Companhia de Água e Esgoto da Paraíba), sr. Adalberto Aragão de Albuquerque, tomou essa deliberação,

explicando que a falta d'água nas partes mais altas da cidade, resultam entre outros motivos, do desperdício desse líquido em outras áreas. Era sua intenção resolver esse problema com uma solução técnica para garantir o normal e justo abastecimento nas partes altas. Depois de acurada pesquisa, chegaram os técnicos à conclusão de que essa falha poderia ser sanada. A instalação de medidores refreará os gastos excessivos por parte de alguns consumidores que desnecessariamente gastam muita água impedindo, por isso, o bombeamento para abastecer outros setores.

COMÉRCIO

Como sabemos, a falta de boas estradas de rodagem e outros meios de transporte, dificultam gravemente o livre comércio impedindo o desenvolvimento e o progresso dos povos. Por isso, antigamente, o comércio das regiões desprovidas de boas estradas, era feito à base de trocas de mercadorias. O dinheiro pouco circulava e era difícil conseguí-lo. Quem possuísse uma quantidade de mercadoria superior às suas necessidades, de uso ou consumo, trocava esse excesso por outra ou outras mercadorias de seu interesse. Por exemplo: trocava-se algodão por milho ou feijão; rapadura por arroz ou por objetos de uso como animais, etc. No entanto, respeitava-se a cotação vigente de cada tipo de mercadoria quando as operações eram realizadas com moeda corrente.

O comércio entre os sertanejos era fraco. Primeiro porque nossa região é sujeita à secas periódicas; depois porque não contava com boas estradas; dependíamos muito dos centros mais distantes para adquirirmos os produtos industrializados, e por fim, estávamos bem esquecidos do Poder Central, como se fôssemos de outro planeta.

Em 1914, nosso comércio teve uma pequena melhora com o retorno à Conceição, da família do senhor José Peixoto que era comerciante na cidade de Barbalha — CE. Por motivos relatados em outro capítulo deste livro, essa família veio residir em Conceição, onde permaneceu.

O senhor José Peixoto montou uma loja bem sortida, isto é, com as mais variadas mercadorias (seu estoque era da sua loja de Barbalha) e se constituía de tecidos, armarinhos, calçados, etc., sendo usado o processo de vender mais barato para se firmar na nova praça.

Os comerciantes conceiçãoenses abasteciam seus estoques no comércio atacadista de Triunfo — PE que era o mais próximo.

Nesse ano de 1914, além do sr. José Peixoto, Conceição contava ainda com os seguintes comerciantes:

Pedro Alves
Basílio França
Nicolau França
Sitônio Figueiredo
Odilon Rangel e outros.

Odilon Rangel tinha um excelente funcionário, o sr. Cícero Martildes, que na década de 30 tornou-se também um comerciante de tecidos, calçados e chapéus. De um modo geral, as lojas vendiam de tudo, ou melhor, ofereciam as mais variadas mercadorias. Grinaldas para noivas, sapatos marca Roda, cigarros Caxias, talco Rosa, alumínio, papéis, livros, alfazema, chumbo, sabugueiro, pólvora, espoleta e diversos tipos de remédios. Não havia farmácia, mas o senhor Benedito Correia, em Santa Maria e Santana, não só vendia medicamentos de laboratório, como também manipulava remédios caseiros para vender.

O sr. Pedro Alves foi o primeiro farmacêutico prático em Conceição. Dentre os remédios de laboratório vendidos naquela época, ainda nos lembramos: aguardente alemã, água ingleza, Pílulas de Vida do Dr. Ross, pílulas Foster, Biotônico Fontoura, alfazema, óleo de fígado de bacalhau, Emulsão de Scott, rum creosotado, etc.

Não só Benedito Correia e Pedro Alves, mas também alguns comerciantes não ligados diretamente ao ramo farmacêutico, vendiam cachetes de Piramidon (para dor de cabeça, de dente e de ouvido), óleo de rícino, de linhaça, alvaiade, cânfora, pó de flor da Índia, azul ultramar, maná, banha mercurial, e como desinfetante, vendiam Cruzvaldina.

As injeções 914 (arsênico e mercúrio) ou Neo-Salvarsan (anti-sifilíticas) chegaram aqui após a 1ª Guerra Mundial e como complemento apareceu "Iodobisman" que auxiliava no combate ao "treponema-palidun", fazendo grandes efeitos, porém enfraquecia os dentes, além de atacar bastante o fígado do paciente.

O comércio foi se desenvolvendo com a chegada de outras famílias como a do sr. Alfredo Gomes de Sá, que instalou uma farmácia em nossa cidade por volta de 1922. A família Siqueira era dedicada ao comércio em geral e os Pereira Valões e os Cassiano cuidavam da agricultura e da pecuária. Novos comerciantes foram surgindo em ramos diferentes e novas farmácias foram instaladas como as de José Leite, Teodomiro Rangel e a de Pity. Lojas como as de José Frade, Zé Leite, Antônio Limeira, Cícero Martildes, José Dunga, Manoel Rodrigues, Zezé Otaviano, Dezinho Figueiredo, Antônio Rodrigues, Sitônio Figueiredo, Lojas Paulista, Unias Ramalho, Antônio Nuto, Teodomiro Rangel, etc. Mercearias de Dandão Mangueira, André Italiano, Miguel de Lima, Sitônio e Dezinho Figueiredo, Nelson Ribeiro e outras.

Como era abundante a produção de algodão, favorecendo o comércio, essa mercadoria era exportada na época da seca, em caminhões e, às vezes, até em lombo de burro, após o inverno, pelas estradas da Paraíba, com destino à Campina Grande. Além desse produto exportava-se peles, couros e courinhos e outras mercadorias fabricadas em Conceição, como farinha de mandioca, queijo, rapadura, fumo, goma, doce de raiz de umbu, etc. Esses produtos eram exportados, porém uma parte era vendida para o consumo interno nas bodegas, quiosques e "cafés".

Nas feiras instaladas aos sábados no centro da cidade, isto é, na rua João Rodrigues dos Santos (hoje Serra Vermelha), passando pelo beco da Pimenta até parte da rua Nova, vendia-se de tudo.

Além das mercadorias já descritas, grande variedade de outros artigos era comumente encontrados nas feiras do sertão. Até frutas vindas do Cariri, como ananás, abacate, piqui, laranjas, etc., eram vendidas nesse comércio ao ar livre.

Nossas feiras sempre atraíam muita gente da zona rural do nosso município e de outros vizinhos, principalmente às vésperas das festas tradicionais. Todos vinham comprar nossos produtos e vender os seus. Eram vendedores ambulantes, barraqueiros, doceiras, enfim, os mais variados tipos de comerciantes e de negócios. Uns apregoando alto as suas mercadorias, outros discutindo preços, outros rindo e gesticulando, gente comprando e pechinchando, desfilando entre barracas e bancas apenas por curiosidade, moças e crianças. Tudo isso numa algazarra e colorido muito próprios das feiras do nosso sertão, o que nada se modificou mesmo com a chegada do progresso e da civilização.

Mais ou menos nos anos 60, nossa prefeitura terminou com as feiras-livres e inaugurou um mercado moderno, que está à altura de atender a nossa comunidade. Esse mercado serve bem a população, de maneira racional, tanto na divisão das mercadorias, como na seleção dos produtos. Obedece as normas de higiene imprescindíveis à saúde dos consumidores. Não obstante esse progresso, em lugares mais afastados, as feiras-livres deveriam continuar existindo, como até hoje elas permanecem nos grandes centros comerciais que possuem mercados e supermercados.

Em 1967, quando visitei Conceição, encontrei-a menos festiva ou menos movimentada e constatei que a nossa cidade sofrera uma queda no seu ritmo comercial após a extinção das feiras-livres. As feiras atraem muita gente da cidade, da zona rural e também de municípios vizinhos, o que faz aumentar o fluxo e o volume comercial; provoca concorrência entre os comerciantes fixos e ambulantes, baixando os preços; estimula a produção de alimentos vários; aumenta o número de pessoas produzindo; faz surgir maior quantidade, melhor qualidade e mais variedade de mercadorias; enfim, o município e a população ganham muito com a volta das feiras-livres.

O comércio de Conceição tem procurado se colocar à altura das necessidades do consumo, não só da sua sede, como de todo o município e, inclusive, dos municípios próximos. Muito vem contribuindo para bem servir a população, oferecendo-lhe o que de melhor e mais atual existe nos grandes centros varejistas e atacadistas.

NOSSO COMÉRCIO ATUAL

Relacionamos, abaixo, algumas das principais firmas que constituem o nosso comércio atual:

A PRIMAVERA — tecidos e confecções — Org. José Gomes Souto.
ARMARINHO FERREIRA E PROGRESSO MAGAZINE — Org. José Ferreira Leite.
ARMAZÉM NOVO HORIZONTE — De João Ramalho de Figueiredo — Vendas por atacado e a varejo.
CASA DO CONSTRUTOR — Org. Oriosvaldo Mangueira de Souza — Materiais elétricos, hidráulicos, etc.
CASA ESPERANÇA — Org. Antônio Pereira de Souza — Tecidos e confecções.
CERVEJARIA CARUARUENSE — Org. Irmãos Unidos.
COMERCIAL DIAS — Org. José Demétrio Dias — Materiais de construção.
FARMÁCIAS: "N. Senhora da Guia", "N. Senhora da Conceição", "Padre Cícero", "Humanitária", "Ouro" e "N. Senhora do Carmo".
LOJAS DE CALÇADOS SANTA TEREZINHA — Org. Afonso Rodrigues Tavares.
MERCADINHO ARACY —
RESTAURANTE E DORMITÓRIO "JK" — Org. Manoel Rodrigues Leite.
SERRARIA RAMALHO E ALENCAR — Org. José Ramalho e Ibiapino Ramalho.
SUPER MERCADO "O PEREIRÃO" — Org. Sebastião Pereira Filho — Filial.
ARMAZÉNS DA "CIBRAZEM" — Para armazenamento da produção agrícola do município.
COOPERATIVA MISTA RURAL AGRÍCOLA (associada à COCEPA e à CORCOL).
HOTEL POUSADA DO VALE (convênio com a Embratur).
EMATER: Informa, orienta e financia empréstimos em convênio com o Banco do Brasil S/A. — Agência de Conceição.
CIDAGRO — Presta serviços a preços razoáveis ao trabalhador rural.
Diversas mercearias e padarias.

ESTABELECIMENTOS DE CRÉDITO

Atualmente temos em Conceição 03 (três) estabelecimentos de crédito:

BANCO DO ESTADO DA PARAÍBA S.A. (PARAIBAN)
BANCO DO BRASIL S.A.
CAIXA ECONÔMICA FEDERAL.

BANCO DO ESTADO DA PARAÍBA S.A. (PARAIBAN)

Foi inaugurado em 14 de setembro de 1968, durante o governo do Dr. João Agripino.

Diretor — Engº Max Borges Saeger.

Gerente — Antônio Queiroga da Nóbrega.

Sabemos que todos os funcionários do Banco do Estado da Paraíba fizeram concurso e são, na maioria, filhos de Conceição, inclusive João Weber de Alencar Bezerra, classificado entre os primeiros, chegando a responder pela Carteira Agrícola, porém, infelizmente, faleceu com 23 anos de idade.

O terreno para a construção do prédio do Banco do Estado da Paraíba S.A., foi doado pela Prefeitura, na gestão do Prefeito Dr. Walter Leite Braga.

Fica o prédio localizado à Av. Solon de Lucena, nº 308.

BANCO DO BRASIL S.A.

Foi inaugurado em 15 de novembro de 1975.

Teve como 1º gerente o sr. José Jesu Cisnando d'Araújo, natural do Ceará.

Teve como 2º gerente o sr. Paulo Oliveira Lima, sergipano;

Teve como 3º gerente o sr. Wilson Mateus Borges, mineiro;

Teve como 4º gerente o sr. Walter de Souza Costa, sergipano;

Teve como 5º gerente o sr. Natan da Costa Lima, paraibano.

Este banco localizava-se à rua Cel. José Peixoto e hoje fica à Av. Solon de Lucena, 185.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

O Posto Avançado Social (PAS) foi inaugurado em 03 de novembro de 1982.

Seu 1º Gerente foi o sr. Israel Emídio do Nascimento. O atual gerente é o sr. Miguel João de Souza.

O prédio da Caixa Econômica Federal está localizado à Av. Solon de Lucena, 228. Fone: 352.

Obs.: Estas informações nos foram fornecidas pelo sr. Eliomar Arruda, gerente do Núcleo em Exercício, em 26.7.83, a quem agradecemos.

COOPERATIVAS E SINDICATOS

Conceição conta com duas Cooperativas rurais e dois Sindicatos rurais de empregadores e trabalhadores.

MATADOURO E AÇOUGUES

As pessoas mais idosas narravam com tristeza o quadro que presenciavam quando, às portas de suas casas, passavam nas ruas, bois, carneiros, bodes e porcos tangidos por um homem. Este os levava em direção a um canto da cidade onde seriam sacrificados, mesmo na presença de crianças, de maneira tão primitiva e chocante.

Sabia-se que esse deprimente processo de matança dos animais, era necessário para o abastecimento de carne à população da cidade.

Além desse processo de abatimento do gado ser feito de maneira rudimentar, não se praticavam também as indispensáveis medidas de higiene preventivas e de segurança à saúde dos consumidores.

Depois surgiram os "currais" onde a prática desses "delitos" também não obedecia aos mais elementares preceitos de higiene. O mau cheiro do sangue pisado, a quantidade de moscas que infestavam os "currais" que às vezes funcionavam sobre lama fétida, tudo isso era um atentado à saúde da população.

Ainda era costume criar-se porcos nos quintais das casas, o que também oferecia perigo e era nocivo à saúde. Devemos nos lembrar, no entanto, que o nosso município não constituía uma exceção na prática desses condenáveis processos. Isso acontecia em todas as cidades do mundo que ainda não conheciam os modernos processos preventivos capazes de assegurar a não contaminação por vírus de animais doentes.

Foi aí que os nossos dirigentes, no princípio deste século, providenciaram a construção de um matadouro municipal.

Nos tempos do sr. Enéias Leite, o matadouro fornecia carne ao açougue que a distribuía para os consumidores já com bastante cuidados de higiene. No ano de 1936 ainda havia o abate de reses uma só vez por semana (quinta-feira) e assim ficou até, aproximadamente, 1950. Os principais vendedores de carnes da época, eram Zuza, Pereira Valões e Joaquim Mangueira que nesse ramo permaneceram longos anos. Anésia (fateira) cuidava das vísceras dos animais e vendia 400 réis de fígado que davam para complementar um jantar para umas 10 pessoas.

Durante os outros dias da semana, matava-se galinha, porco, bode ou carneiro para suprir a carne de boi.

Isso aconteceu em outros tempos já passados.

Hoje a cidade conta com um moderno e bem equipado Matadouro Público Municipal. Este matadouro oferece hoje à população, uma carne sadia, passada por rigorosos processos modernos de higienização.

Nosso matadouro fica localizado na BR-361, a um quilômetro do centro da cidade (perto do "Baixio" do tio Juca), na rua Epitácio Pessoa.

Na gestão do prefeito Wenceslau Alves Neto, foi feita a reconstrução do Açougue Público Municipal e nos seus compartimentos trabalham

atualmente os seguintes açougueiros: Severino Bernardino de Moura e Cícero Tenório Leite.

O antigo matadouro ficava na rua Quintino Bocaiúva, hoje av. Cel. José Peixoto de Alencar, esquina com a atual rua José Leite. No lugar do antigo matadouro funciona a Cooperativa Rural de Conceição Ltda. CORCOL. Já o novo matadouro fica na rua Epitácio Pessoa, esquina com a rua Odon Bezerra.

INDÚSTRIA

Pela falta dos meios de transporte (ausência de estradas) e também pela falta de luz elétrica, nosso município se privou por longo tempo das vantagens de industrializar-se. Ficou marginalizado e na dependência quase total do fornecimento de quase tudo que necessitava para sobreviver, com um certo conforto, tanto material como espiritual.

Usava-se nessa época o transporte animal para se alcançar Barbalha — CE ou Triunfo — PE para se conseguir alguns produtos industrializados.

Antes de 1914, felizmente, Conceição contava com duas padarias, que fabricavam pães, bolachas e bolos.

A nossa indústria se baseava no artesanato. Haviam as mulheres rendeiras que faziam renda e bico de almofada; as fiandeiras, fiavam para tecer redes com varandas. Havia a fabricação de "Sabão da Terra", feito com sementes diversas, com sebo e tripas de animais misturadas com potassa ou "decoada", (processo de cinza com água). Nos engenhos de cana de açúcar, fabricavam-se rapaduras, mel, vinagre e aguardente. Nas "farinhadas" fazia-se a farinha de mandioca, beju e goma.

No decorrer dos anos, outras indústrias foram aparecendo. O sr. João Frade (tio) fabricava calçados diversos com muita perfeição. O sr. Pedro Luna, também foi bom profissional no fabrico de sapatos, chinelos, etc. Ambos conceituados profissionais. O sr. Juca Peixoto fabricava roçadeiras e foices. O sr. José Felix, fabricava e soldava pequenas peças de ferro. No fabrico de doces, biscoitos, bolos e salgados destacavam-se: madrinha Bodota, em lingüiça, chouriço, sequilhos, bombocado e licores. Era mestra no assunto. Donara — fazia doce-seco e "chapéu de couro", suas especialidades. Maricota — fazia pirulitos, que as crianças adoravam. Véia e Maria de Gino — fabricavam pão-de-ló. Zefa do Café — era "dona" do doce de leite. Filhois e bom-bocado, eram com Joaquina de Bruno. Todas essas senhoras aqui citadas representaram verdadeiras artistas na arte-culinária. O costureiro Zé Miguel, foi em matéria de costura, um inteligente e criativo profissional, sendo elemento de grande utilidade para as senhoras e senhoritas de bom gosto da nossa cidade. Até a década de 1960, ainda o conhecemos famoso.

Atualmente Conceição conta com algumas indústrias limitadas ao consumo interno.

ENGENHOS E MOAGENS

A cultura da cana de açúcar é uma das características da nossa lavoura. Claro que essa gramínea é conhecida e cultivada desde épocas remotas, preferencialmente em países de clima tropical como o nosso.

Dizem que a cana é originária da Índia e quando levada à Europa, lá não obteve boa aclimatação. Nesse continente de clima frio, a beterraba (planta da família das Quenopodiáceas) se adapta muito bem e dela é extraído o açúcar europeu. Martin Afonso de Souza quando chegou ao Brasil, trouxe, da Ilha da Madeira, diversas mudas de cana que foram plantadas em São Paulo. Naquele estado brasileiro essa gramínea se adaptou muito bem e depois foi disseminada pelo resto do país, chegando também ao nosso município. O plantio da cana trouxe, como conseqüência, a construção de engenhos para o fabrico do açúcar, rapadura, mel, álcool, etc. Perto dos engenhos construía-se a "casa grande" dos senhores proprietários, não só dos engenhos, como também das terras para o plantio.

Foi o trabalho escravo no Brasil, a principal força responsável pelo cultivo, trato, colheita e demais trabalhos necessários à produção dos derivados da cana de açúcar.

Os engenhos primitivos eram movidos por bois e hoje são as máquinas modernas e elétricas que fabricam o açúcar e os sub-produtos da cana. Atualmente ainda existem engenhos puxados a boi, como acontece em Conceição em algumas propriedades.

Em nosso município a época das moagens é de julho a outubro e o povo fica eufórico com o aparecimento das rapaduras, do mel, do alfinim, batidas, etc. É interessante e agradável ver-se o trabalho de produção. Os bois puxando os engenhos, tocando as moendas, os cambiteiros carregando lenha para as fornalhas, carros de bois carregados de cana até em cima. Na casa da caldeira, os "mestres" mexendo as garapas, transformando-as em mel e depois em rapadura. O pessoal aproveita a temporada para fazer alfinim, batidas temperadas com cravo, etc. O "mel de dedo", garapa, o vinagre e a aguardente também são feitos nessa época. Costuma-se passar dias na moagem a convite dos donos dos engenhos, para usufruir-se daquela boa temporada.

Eis os engenhos mais conhecidos e antigos de Conceição:

Lagoinha — Manoel Raimundo
Braúnas — Nelo Rangel
A Mata — Jó Ramalho
O Celeiro — José Rodrigues
Calunga — José Peixoto
O Caracól — José Alexandre
O Faustino — Nicolau França
Cipaúba — Batista Ramalho
Posse — José Peixoto

Timbaúba — Antônio Arruda
O engenho e açude de Ozório Ramalho (Sta. Maria).
O Lira — Otoni Rangel
Guaribas — Sabino Ramalho
Santa Inêz
Oiticica — Nezinho Ramalho
Muitos outros existem, cujos nomes e, inclusive, dos seus proprietários ou herdeiros não sabemos.

ESPORTES

Em Conceição como em outros municípios vizinhos, quase não se praticava esportes. Sempre houve adeptos do futebol. Por isso quase sempre havia uma "pelada" dos garotos e garotões, naqueles campos feitos pela própria natureza. Procuravam lugares planos e geralmente afastados da cidade.

Às vezes, a rapaziada de Conceição praticava um pouco do seu futebol e convidava rapazes de outra cidade para um amistoso encontro futebolístico. Organizava-se um time constituído dos mais afeiçoados e habilidosos "craques". Marcava-se mês, dia e hora e acontecia o jogo. Naturalmente havia muito entusiasmo. Cada time mais cônscio da sua responsabilidade, como representante do seu município, às vezes com exagerado amor cívico. Assim sendo, como é normal em disputas futebolísticas, o árbitro sofria as mais duras acusações de efeito moral, porém isso no quadrilátero e somente naqueles instantes mais dramáticos e difíceis para os contendores. Terminada a peleja e arrefecidos os ânimos, os litigantes se abraçavam comovidos e à noite havia um festivo baile. Aquela festa dissipava por completo qualquer resquício de animosidade. Bonito de Santa Fé, era das cidades mais convidadas para esses "amistosos" e jamais, que se recorde, saiu vitoriosa.

Dos "craques" daquela época (década de 1940) nos lembramos de João Frade (Sobrinho), Ozier, Antônio Mussuri, Piti, João Nunes, Chico Camilo Franco e outros.

Até uns anos atrás, o povo acompanhava o futebol das grandes cidades pelo rádio. Hoje em Conceição, já se assiste aos jogos mais importantes do País e do mundo pela televisão.

Nas nossas festas cívicas, as professoras organizavam jogos juvenis, como a "bola americana", "corrida nos sacos", "corrida com um ovo na colher", "pau de sebo", etc.

Havia, também, muitos "passa-tempos", como o jogo de bilhar, a sinuca, corridas de cavalo, etc. A caça e a pesca sempre tiveram seus aficcionados e participantes até poucos anos atrás.

Hoje Conceição já conta com uma majestosa praça de desportos, o moderno Estádio Municipal Walter Braga, onde são realizadas diversas

modalidades de jogos desportivos. Nosso estádio tem capacidade para abrigar milhares de desportistas.

Foi oficiosamente inaugurado no dia 15 de novembro de 1983, com uma partida de futebol entre Conceição Atlético Futebol Club e uma equipe de João Pessoa. O Estádio Municipal Dr. Walter Braga teve sua construção iniciada durante a administração Wenceslau Alves Neto e o seu acabamento deu-se na gestão do Prefeito Francisco Braga. Sua inauguração oficial aconteceu no dia 7 de outubro de 1984 durante as festividades alusivas ao aniversário da cidade de Conceição.

Entendimentos foram mantidos com o Auto Esporte da capital paraibana, a fim de ser oferecido aos conceiçãoenses um belíssimo espetáculo futebolístico por ocasião dessa inauguração. Esse estádio é um dos melhores e mais modernos centros de atividades esportivas do interior da Paraíba. Dispõe de um campo de futebol oficial, pista de atletismo com raia de 400 metros, caixa de salto triplo e em distância, espaço livre para ginástica de solo, túnel e vestiários instalados com banheiros e sanitários, alambrado em volta do campo e da pista de atletismo, amurada com espaços para arquibancadas, quadra polivalente, dependências para arquivo, depósito e diretoria, além de um amplo espaço externo para estacionamento de veículos.

Espera-se que o povo de Conceição colabore nas diversas modalidades esportivas do seu estádio e acredite nos seus atletas, dando-lhes apoio e estímulo.

O estádio fica a um quilômetro fora da cidade, ao norte. (para os lados de Bonito de Santa Fé).

(Dados extraídos do jornal "VALE DO PIANCÓ").

ATIVIDADES FORENSES

Com a Lei nº 727 de 08.10.1881, Conceição foi elevada à categoria de Vila. Pela mesma Lei, criou-se também o termo Jurídico, bem como foi nomeado seu primeiro Juiz Municipal, o Dr. Venâncio Neiva, que depois chegou a Presidente do Estado da Paraíba.

Dois anos depois, isto é, em 1883, era criada a Comarca de Conceição.

Devido às dificuldades que nosso município sempre teve de enfrentar para solucionar seus problemas, Conceição passava longos períodos sem contar com Juízes. Por isso os problemas jurídicos eram resolvidos em Piancó. No ano de 1918, foi nomeado Juiz de Direito de Conceição, o Dr. Irineu Alves de Oliveira. Este íntegro e conceituado magistrado exerceu suas funções em nosso município até o ano de 1926, quando foi transferido para Pombal — PB.

Tivemos, segundo apuramos, salvo omissões involuntárias, os seguintes Juízes de Direito:

Dr. Nunes
Dr. João Aprígio
Dr. Cartaxo
Dr. Loureiro
Dr. Espínola
Dr. João Sérgio Maia — 1944/45
Dr. João Marinho
Dr. Manoel João

Na gestão do prefeito João Fausto de Figueiredo, os srs. Sitônio Figueiredo e Antônio Limeira exerceram o cargo de Juízes de Paz em nossa terra por alguns anos.

O sr. Alfredo Gomes de Sá, foi, por quase 40 anos, "Adjunto de Promotor Público".

Na década de 80, o Dr. Francisco Jakson Ferreira era o primeiro suplente de Juiz de Direito em Conceição.

Em 1982 os nossos magistrados em exercício eram: Dr. João Espínola — Juiz de Ofício; Dr. Hitler Cantalice — Juiz Eleitoral; Dr. Carlos Martins Beltrão — Juiz de Direito; Promotor — Dr. Walberto Gomes de Lira; Advogados: Drs. José Djacy Soares Alves, João Nildo Leite, Antônio Martildes Leite, Djacir Bezerra, João Viana. Rábulas: Na década de 1950 tivemos dos mais inteligentes: Milton Alencar de Oliveira. Atualmente temos: Geraldo Cordeiro de Oliveira e Joaquim Pereira Valões, também muito eficientes.

CARTÓRIO

No início da vida administrativa do nosso município, grande parte dos serviços era resolvido em Piancó, até que foi criado em Conceição o seu cartório que teve como primeiro tabelião o sr. Manoel Freire Lavor.

Nesse cartório (único) funcionavam o registro de imóveis, de casamento, civil, crime, órfãos, etc. Era instalado esse cartório na residência do próprio sr. Manoel Freire Lavor, na praça da Matriz, hoje Cônego Andrada.

Esse primeiro tabelião foi substituído pelo seu filho Pedro Freire Lavor nos anos 20.

Posteriormente, o cartório passou a funcionar em dois prédios, ficando Pedro Freire Lavor, escrivão, cuidando dos registros de casamentos, nascimentos, óbitos, etc. O sr. Francisco de Oliveira Braga, que fora nomeado tabelião em 21 de março de 1933, encarregava-se do registro de imóveis, crime, títulos e documentos, protestos, etc.

Em 10 de junho de 1961, foi nomeada tabeliã pública a sra. Nice Leite Braga para substituir o seu pai, o sr. Francisco de Oliveira Braga, passando a escrivão o sr. Raimundo Pegado Gomes. A sra. Nice Leite Braga ainda hoje continua no cargo.

Esse cartório atualmente fica à rua Pe. Manoel Otaviano. E para o registro de nascimentos, casamentos, óbitos, etc., quem substituiu o sr. Pedro Freire Lavor, foi o seu filho França Freire Lavor.

Desempenhou também a função de escrivão o sr. Paulino de Oliveira Braga que foi substituído por Francisco Welton Braga que ainda hoje permanece no cargo. Esse outro cartório fica à rua Prefeito José Leite.

Temos ainda o Cartório de Justiça Eleitoral que se localiza à av. Solon de Lucena.

Foram funcionários de cartório em Conceição, na época da Segunda Guerra Mundial, os srs. Antônio Genésio, Cláudio Nogueira e Adalgisa Mangueira.

COLETORIA ESTADUAL
Serviços Fiscais

No princípio deste século, os serviços fiscais estaduais em Conceição, eram executados pelo sr. Batista Ramalho, em sua própria residência. Sua casa ficava vizinha à do major Otoni Rangel, onde funciona a "Associação", hoje à rua Padre Luiz Vieira.

Já no ano de 1918, foi nomeado Coletor Estadual, o sr. Leovigildo Pires Patrício da Costa que exerceu o cargo por pouco tempo. Depois tivemos os senhores Luiz Soares, Edilson Moreira, José Ulisses e João Barbosa, como coletores. Nessa função de Coletor, destacou-se o sr. Sérgio Gomes Vieira que, com um trabalho bem organizado, conseguiu aumentar a arrecadação e durante muitos anos funcionou como chefe dos serviços fiscais estaduais em nosso município.

Atualmente, os serviços fiscais da nossa Coletoria Estadual, estão sob a direção e responsabilidade da competente conterrânea sra. Vanda Ventura Ferreira Braga.

COLETORIA FEDERAL

Inicialmente, a Coletoria Federal funcionou na rua da Matriz, hoje Praça Cônego Andrada, na casa de propriedade do sr. José Rodrigues Leite, quando Coletor Federal o sr. João Pedro Figueiredo Neto (João Badu). Essa Coletoria foi transferida para outro prédio na mesma rua da Matriz. O Coletor era o sr. Antônio França de Alencar (Bitônio), nomeado em 1929 e que exercia essa função ainda no ano de 1947, quando foi transferido para a cidade de Piancó. Também na década de 1940, o sr. João Maia trabalhou como escrivão nessa Coletoria na gestão do sr. Antônio França de Alencar (Bitônio). Aí trabalhou também o sr. Nelson Paiva.

O nosso último Coletor Federal foi o sr. Aloisio Rodrigues Moura, uma vez que a Coletoria foi extinta em Conceição, ficando a arrecadação dos impostos e outros serviços fiscais, a cargo da Coletoria de Campina Grande, isso na década de 1950.

DELEGADOS DE POLÍCIA

Foram muitos os delegados que passaram por Conceição, tanto civis como militares. Um dos delegados civis mais antigos foi o sr. José Alexandre Ramalho, proprietário do Engenho Caracol, nomeado pelo prefeito Jaime Ramalho.

Os delegados civis municipais pouco entendiam de leis, porém com a ajuda dos prefeitos que os nomeavam, terminavam resolvendo seus problemas policiais.

Em 1930 e em 1934, o prefeito José Leite, por necessidade de atender a interesses do município, teve de acumular ao seu cargo de chefe da municipalidade, o de delegado de polícia, cargos, esses, que exerceu com eficiência.

TENENTE JOSÉ FRANCISCO — andava sempre fardado. Era educado, porém bastante enérgico. Passou algum tempo como delegado de polícia de Conceição no ano de 1935, mais ou menos. Casou-se com uma jovem conceiçãoense, Carmina, filha do sr. Davi Gomes.

TENENTE MANGUEIRA — muito enérgico sem ser violento, conversava pouco. Como Conceição também tinha seus períodos de violência e distúrbios nos sítios, com alguns tiros e facadas, o chefe político do município conseguia a vinda do tenente Mangueira para assumir a delegacia e apaziguar os ânimos. Isso aconteceu algumas vezes.

No entanto, assim que o tenente Mangueira chegava e assumia o cargo de delegado, como por encanto, tudo mudava. Os tiros, as facadas, as brigas e cachaçadas, os bate-bocas, enfim, tudo desaparecia como se nada tivesse acontecido de irregular. A paz descia sobre a terra. Somente a presença do tenente Mangueira era uma espécie de água na fervura. O mais interessante é que ele não fazia nenhuma prisão nem mesmo por causa de maior dosagem etílica — cachaça. O povo mesmo costumava dizer: — "O tenente Mangueira não prende nem mesmo por cachaça".

E, ironicamente, o tenente Mangueira perguntava: — Para que me chamaram? Conceição é uma cidade tão calma! . . .

Assim, após três ou quatro meses como delegado, sem quase nada ter em que se ocupar com relação à segurança e à tranqüilidade do nosso povo, o tenente Mangueira era chamado para exercer a sua função policial num centro maior, onde o seu trabalho fosse mais necessário.

SARGENTO PEDRO DO CARMO — foi delegado em 1940. Homem simples, calmo, tolerante e, por isso, familiarizou-se, com facilidade, com o povo de Conceição. Com ele, nosso município atravessou uma época tranqüila. Casou-se com uma linda jovem de Conceição, Toinha Xavier. Fez ótimas amizades, mas foi transferido para Patos, uma cidade maior.

SARGENTO JOAQUIM VALÕES — enérgico e esforçado. Cumpriu bem suas obrigações de delegado. Fez muitos amigos em nossa terra,

aposentou-se como tenente e hoje mora em Conceição exercendo a profissão de rábula.

SARGENTO GERALDO VIEIRA CABRAL — natural de Patos. Era enérgico, mas fazia justiça sem violência. Por ocasião das festas nos sítios, o sargento Geraldo destacava soldados para garantir a tranqüilidade nesses locais, evitando brigas e mortes.

Nos anos de 1944/45, nas épocas de festas, o policiamento era bem organizado e eficiente.

Era costume nos "sambas", em pontas de rua, haver distúrbios, porém a repressão, sem violência, acalmava os ânimos e a paz voltava a reinar.

Durante a gestão do sargento Geraldo Vieira Cabral, Conceição viveu em segurança. Prestou este delegado grandes serviços ao nosso município e aqui fez muitas amizades.

No momento, ele é Major da Força Policial, já tendo exercido, com brilho, cargo de relevância no governo Ernani Sátiro.

TENENTE RAMALHO — pouco demorou como delegado em Conceição. Trabalhador, enérgico, destemido e zeloso nas suas funções. Não sossegava enquanto não prendia um criminoso fugido. Sua gestão aconteceu na década de 60.

CAPITÃO WALGENAL LORDÃO PINTO — foi uma autoridade que cumpriu suas funções de delegado com bastante competência e soube fazer amigos.

Tivemos outros delegados cujos nomes não nos recordamos. Em 17 de fevereiro/83 foi nomeado nosso delegado de polícia o Capitão da PM Francisco Vieira de Freitas, formado em Direito pela Universidade Federal da Paraíba, além de portador de diversos cursos profissionais militares e universitários. Como se vê é uma autoridade competente e merecedora da nossa confiança.

A nossa Delegacia Policial fica à rua Prefeito João Fausto.

CADEIA E FORUM

Na primeira década deste século, conforme já falamos em outra parte deste livro, Conceição era um município carente de quase tudo. Poucas casas, nenhum prédio público próprio. Todas as repartições públicas funcionavam em casas antigas e particulares. A própria cadeia funcionava numa casa das mais antigas da cidade. Era uma casa de cor amarela localizada à rua da Viração, (hoje João Rodrigues dos Santos). Tinha duas janelas e uma porta na parte da frente. Era desconfortável e pouco segura. Os presos dormiam em redes e não haviam instalações sanitárias. Para atenderem suas necessidades fisiológicas, os presos eram levados acorrentados pelos pés ou acompanhados dos guardas, para fora da cadeia, até nos fundos do prédio onde havia uma fossa bem rudimentar que lhes servia de

sanitário. Isso era uma grande ameaça à saúde dos reclusos. Os banhos aconteciam uma vez por semana na base da lata d'água e cuia dentro da própria cadeia. A faxina era feita pelos próprios presos e as refeições fornecidas por parentes e por pessoas amigas.

Essa cadeia funcionou até nos tempos do prefeito Jaime Ramalho, porém foi caiada e retelhada várias vezes. O sr. Jaime Ramalho se esforçou pela construção de um novo prédio mais adequado e condizente com as necessidades básicas dos encarcerados. Foi construída outra cadeia, um prédio bem adequado e moderno para a época, um pouco afastado do centro da cidade e que ficava localizado nos fins da rua Nova, atual Capitão João Pinto.

O mais antigo carcereiro, ao que sabemos, foi Mateus.

Já o Forum funcionava algumas vezes na Prefeitura e outras vezes na própria cadeia.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Durante muitos anos o nosso único meio de comunicação foi o telégrafo. Depois veio o aparelho de rádio, só como transmissor, o qual em 1937, mais ou menos, foi instalado num salão de um sobrado do capitão Maximiano, em nossa cidade. Lá era o ponto de reunião dos dirigentes do município, pessoas interessadas em política, estudantes e professores.

Ouvia-se a "Hora do Brasil", a "BBC de Londres", o famoso programa do Rio, "Papel Carbono" e algumas músicas de Orlando Silva.

Os jornais que vinham de João Pessoa, semanalmente, davam notícias do Estado e do País. Eram eles: "A União" e a "Imprensa".

Anos depois foram instalados uns 200 telefones de manivela entre residências e casas comerciais. Já foi um grande passo para o melhoramento da cidade.

Atualmente, Conceição deixou de lado aqueles obsoletos aparelhos e, no governo do sr. Wenceslau Alves Neto, integrou-se ao mais moderno sistema DDD, com abertura de mais linhas além das já existentes.

Em resumo: hoje Conceição está bem servida pela TELPA, DDD e mais 200 terminais que foram instalados na zona urbana.

Fala-se de Conceição para qualquer parte do mundo e vice-versa.

Salve o progresso!

RÁDIO DIFUSORA

A primeira difusora instalada em Conceição, aconteceu no ano de 1944. Essa difusora foi adquirida pela Prefeitura Municipal, de um senhor estrangeiro, chamado sr. Alberto, que chegara à Conceição com um grande circo. Como o circo não pôde continuar devido a problemas financeiros, conforme já comentei alhures, a difusora foi vendida ao município. Foi

motivo de grande alegria e divertimento para o povo.

Ficava um alto-falante na rua Nova (hoje Solon de Lucena) onde a difusora estava instalada. Um outro, no "Beco da Pimenta", no alto da loja do sr. Cícero Martildes, quase em frente à "Guanabara", apelido dado a uma grande pedra que ficava no meio da rua, atual praça Cônego Andrada. Haviam outros alto-falantes em ruas mais distantes.

Logo após o "terço" ou festas religiosas, a difusora começava a funcionar com um bom locutor, o sr. Luiz Teixeira. Os discos dos saudosos Orlando Silva e Augusto Calheiros eram os mais solicitados. Quando um rapaz oferecia qualquer música a uma jovem, já se sabia que era uma declaração de amor.

Nos aniversários natalícios ofereciam-se lindas músicas aos aniversariantes.

Muitas pessoas declamavam poesias. Fazia-se avisos, convites, etc.

Finalmente a difusora trouxe muito divertimento e prestou grandes serviços à nossa comunidade.

RÁDIO DIFUSORA ATUAL

A Rádio Educadora de Conceição está localizada à rua Epitácio Pessoa nº 10.

Tem como Diretor Presidente — Antônio Martildes Leite

Diretores Gerais — Dr. José Pires e Raimundo Pegado

Recepção — Idenval Faustino

Parte Comercial — Profª Sandra Magali Ramalho

Jornalistas — srs. Gilberto Martins e Léo Batista.

O Jornal de Conceição, "Vale do Piancó", de fevereiro de 1984, publicou o seguinte: "Rádio Educadora de Conceição tem audiência comprovada. A Rádio Educadora de Conceição não foi inaugurada oficialmente, mas está funcionando normalmente com a sua programação das cinco horas da manhã à meia-noite. A emissora conta com uma aparelhagem importada, com uma potência de mil watts e uma freqüência de 1.510 khz.

Sua audiência já foi comprovada em toda a região do Vale do Piancó e, inclusive, em outros estados do Nordeste, como Bahia, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte.

Possuirá um carro de transmissões que evitará linhas de telefone para transmissão fora do município. Isso vai gerar 20 novos empregos na região".

TELEVISÃO

Funcionam as repetidoras de televisão, com sintonias de canais da Globo e da Bandeirantes.

IMPRENSA

Conceição não contava ainda com sua própria impressora capaz de imprimir o seu jornalzinho (1982). No entanto, havia um projeto em andamento no Departamento de Educação e Cultura, que objetivava fundar em nossa cidade, para satisfação de todos nós, um jornal que nos seria de grande utilidade. Até a pouco, nossas notícias eram publicadas pela filial do "A União", periódico da cidade de Patos.

Na década de 1940, na época das festas natalinas, as moças colegiais conceiçãoenses organizavam um jornalzinho datilografado, com algumas cópias, com o intuito de distrair as pessoas e, ao mesmo tempo, angariar algum dinheiro para ajudar nas despesas de construção da nossa Igreja-Matriz.

Esse jornalzinho não era vendido, mas alugado a um leitor que, depois de pagar o aluguel e o ler, devolvia-o para novamente ser alugado a outro interessado.

Assim, o "Jornalzinho da Festa", como era o seu nome, circulava por toda a cidade, passando pelas mãos de muitas pessoas que se divertiam e colaboravam na construção da Matriz.

A inteligente e espirituosa estudante Francinete Soares, era a responsável pela sua direção, além de principal colaboradora.

A linha mestra de conduta no nosso jornalzinho era distrair divertindo, fazendo gracejos com seus leitores, que nunca se enfezavam com as brincadeiras e até gostavam de ser lembrados. Fazia-se chalaça até com o padre, com o farmacêutico, comerciantes, colegas, etc.

Ninguém escapava das nossas "alfinetadas". Também as pessoas idosas gostavam dessas brincadeiras que eram feitas sem intenção de ofender ou humilhar ninguém.

Nossas pilhérias eram desse gênero: — "Alô Belarmino Belo, você pode ser tudo, menos "belo" . . . " Saíam também umas frases assim: "Sabem o que o **dinheiro** disse ao Severino Bezerra? Ou você me solta ou eu requeiro "habeas-corpus"! . . . " Essa outra: Alô Chicão! ou você corta as canelas ou emendas as calças! . . . (era para Chico Rodrigues que era muito alto para a idade e suas calças já estavam um tanto curtas).

Criticava-se o **guarda-chuva** do cônego Andrada, a **bengala** do sr. Alfredo Gomes, o **paletó** de Sitônio Figueiredo, o **chapéu de palhinha** do sr. Braga, os **chinelos** de Osmindo, etc.

Além dessas inocentes fanfarrices, nosso jornal mantinha sua parte social, noticiando casamentos, batizados, aniversários, nascimentos, bailes, etc. Publicava-se alguns artigos escritos pelos estudantes de Direito da época, Nelson Ribeiro e Balduíno Ramalho.

Durante toda a festa natalina, nosso jornalzinho não parava de circular e quando essa festa terminava muitas saudades nos deixava.

Durante alguns anos Conceição passou a publicar suas notícias

no jornal "A União", sucursal de Patos, até os meados de 1983.

"Um jornal que nasce para unir todo o Vale". Palavras do sr. Luiz Sílvio Ramalho, Secretário do Interior e Justiça do Estado da Paraíba, quando, na gestão do governador Dr. Wilson Leite Braga e da inauguração do primeiro jornal de Conceição, "Jornal Vale do Piancó", em 08.10.83:

"Ao ensejo da edição inaugural de "O Vale do Piancó", porta-voz da sofrida e indômita região oeste do Estado, berço das mais sagradas tradições de paraibanidade, quero dar meu testemunho de acatamento e admiração a quantos farão ecoar, através deste órgão, as reivindicações mais altas da gente sertaneja.

Esta pasta, como também a chefia do Governo, ocupada, coincidentemente, por outro filho dessa região, sentem-se honrados pelo poder de comunicação demonstrado pelas novas gerações do Vale.

Que o entusiasmo oficial de quantos se propuseram a este arrojado cometimento, seja a energia permanente a impulsionar a prosperidade, a paz e sobretudo a união de quantos vivem e labutam nesse querido rincão".

a) Luiz Sílvio Ramalho
Secret. do Interior e Justiça.

Jornal Vale do Piancó — primeiro número em 08.10.83.
Coordenador: Francisco José de Figueiredo.
Editores: Antônio Feitosa e Aguinaldo Almeida.
Redatores: Marcos Antº Furtado Pinheiro
Francisco Furtado de Figueiredo
Pedro Moreira
Hélio Zenaide
Saulo Mendonça Marques
Diagramação: Bill Barros — Supervisão Gráfica: Marcos Souto.
Tiragem: 6.000 exemplares.

RUAS ATUAIS

Rua Presidente João Pessoa
Rua Nicolau França
Rua Padre Luiz Gomes
Rua Cel. José Peixoto
Rua Prefeito João Fausto
Rua João Rodrigues dos Santos
Rua Capitão Maximiano
Av. Solon de Lucena
Praça Cônego Andrada
Rua São Pedro

Rua Prefeito José Leite
Rua Padre Diniz
Rua Padre Manoel Otaviano
Rua Odon Bezerra
Rua Cel. João Pedro
Rua Quintino Bocaiúva
Rua Cap. João Miguel

RUAS ANTIGAS

Rua da Viração
Rua dos Sete Ranchos
Rua do Mosquito
Rua da Matriz
Rua Serra Vermelha
Rua Nova
Beco da Pimenta
Rua S. José
Rua da Cadeia

FUNRURAL

Quando ainda não existia o Funrural, o trabalhador do campo, que ainda não tinha assegurado os seus direitos previdenciários, nem entendia de obrigações trabalhistas, vivia como um pária. Era um desalentado com um futuro incerto e sombrio.

Mas enquanto gozasse de boa saúde, tudo bem. Pobre, porém, feliz dentro do seu circunscrito mundo. Mas se por desgraça perdesse a saúde ou ficasse inválido e impossibilitado de trabalhar para sobreviver, quer pela velhice ou acidente, caía na prostração moral e física.

Não havia rezas ou promessas que o livrasse da miséria e suas terríveis conseqüências, arrastando nisso toda a sua dependente família. A única alternativa salvadora que impedia a morte pela fome, mais rapidamente, era a mendicância ou a exploração do sentimento alheio.

Muitas vezes, conversando com um mendigo, ouvia dos seus lábios esse lamento: "Quando eu era novo e tinha saúde, podia trabalhar na roça e era feliz, apesar de pobre. Infelizmente nada consegui na vida! Hoje sou um homem doente e não presto para mais nada! Vivo de esmolas para não morrer de fome!"

Agora, felizmente, a assistência previdenciária ao trabalhador agrário, se ainda não fez desaparecer essa chaga social na área rural, isto é, a mendicância, pelo menos conseguiu minorar essa mazela que a tantos infelicitou e tem infelicitado. A previdência social estendeu as suas mãos le-

vando benefícios diversos a todo trabalhador que presta ou prestou (aposentadoria por velhice ou por invalidez) serviços de natureza rural.

Agora é o I.N.P.S. o responsável pela concessão dos benefícios de natureza social, não só aos trabalhadores como também aos empregadores rurais que eram assistidos, até há pouco, pelo extinto Funrural.

Sabemos que os homens do campo precisam e merecem muito mais. Mas um grande passo já foi dado. E as famílias dos trabalhadores rurais ainda haverão de conquistar um pedaço de terra seu com água, sementes, assistência técnica e financeira, etc. Tudo isso com o advento de uma reforma agrária que fixe o homem à terra, proporcionando-lhe uma vida decente e segura para si e sua família.

CAMPO DE AVIAÇÃO

O nosso campo de aviação se localiza entre os sítios "Alto" e "Gabriel", logo após o cemitério de Conceição.

Com um projeto de 1.800 m, já tem 1.000 m de comprimento em pista asfaltada e desde sua inauguração nele aterrissavam aviões bimotores (teco-teco).

Nosso campo tem sido de absoluta necessidade pela utilidade que representa para o nosso município e adjacências, não só como veículo de agilização comercial, política-administrativa, mas, principalmente, como socorre urgente a tantos pacientes necessitados de atendimento imediato clínico-cirúrgico, seja por enfermidades ou acidentes como já tem acontecido.

O campo de aviação conceiçãoense foi inaugurado no dia 31 de janeiro de 1962, durante a gestão do prefeito Unias Leite Ramalho.

CORREIOS E TELÉGRAFOS

Em 1916 essa repartição funcionava provisoriamente à rua da Matriz.

O primeiro telegrafista foi o sr. Severino Lopes.

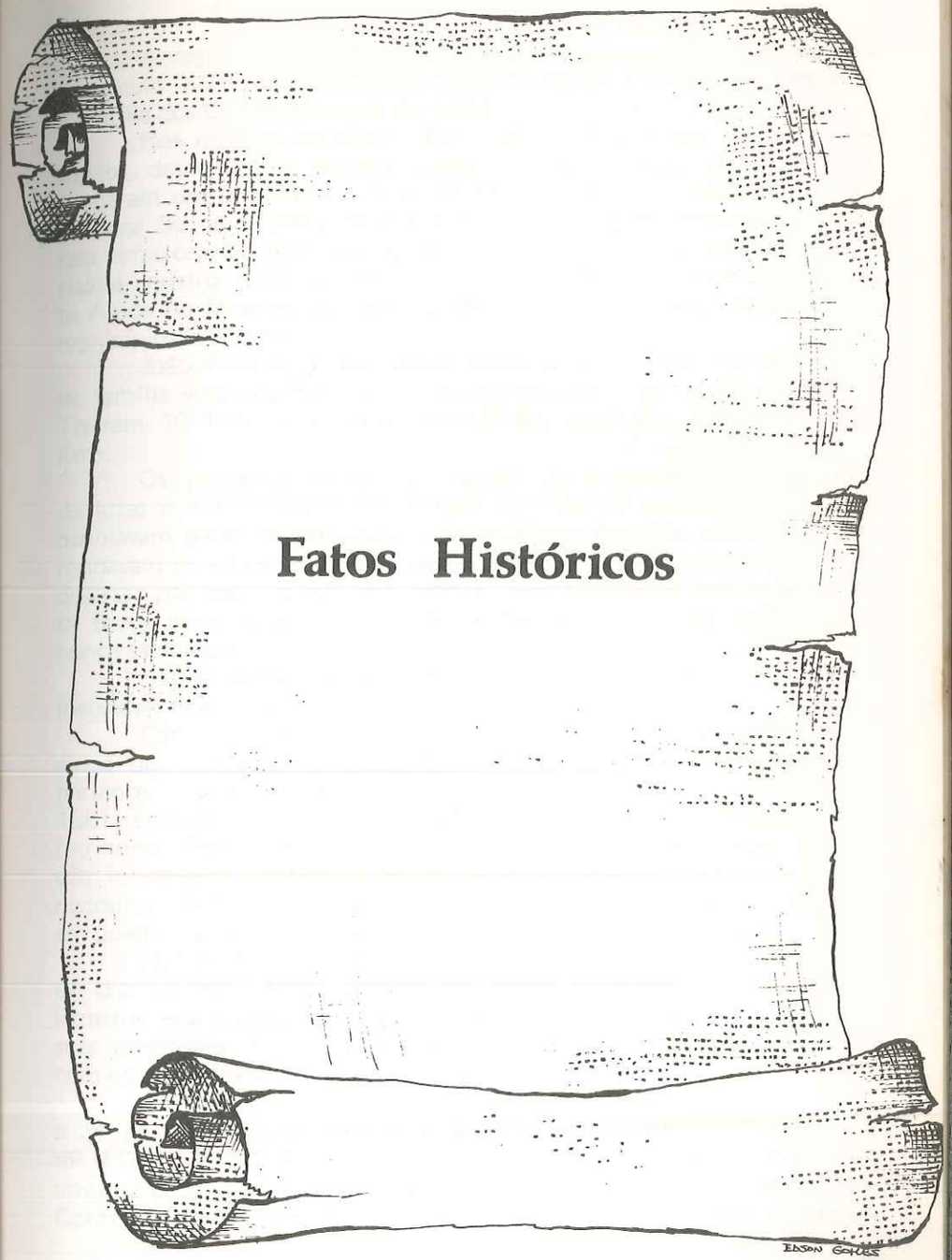
Em 1920 era Agente dos Correios o sr. Abdon Rodrigues Figueiredo.

Em 1934 foi construído um prédio novo, pelo governo federal, à rua Nova, hoje Solon de Lucena. Nessa época era o telegrafista o sr. Cordeiro Franklin.

Outros funcionários vieram, como Da. Nevinha Lopes Ramalho, Aderbal Moura, auxiliado por sua irmã Aracy.

Em 1974 o prédio dos Correios passou por reforma e a atual telegrafista é a sra. Maria Ferreira Lima.

Outros dados não nos foram fornecidos.


Fatos Históricos
EDSON GOMES

HISTÓRICO

A região onde hoje se localiza o município de Conceição, fora no século XVIII habitada pelos índios Coremas e Panatis pertencentes à família dos Cariris, oriundos do Ceará.

Nos meados do século XIX, João Rodrigues dos Santos e seus irmãos, descendentes de portugueses, vindos do Ceará, alí chegaram e fundaram um povoado, ao qual deram o nome de Conceição em honra à Nossa Senhora, santa de sua devoção. Em sua homenagem construíram uma capela. João Rodrigues dos Santos adquirira, por quantia irrisória, quatro datas de terras: Lira, Maria Soares, Conceição e Deus te Ajude no Deserto, às quais, na época, pertenciam geograficamente ao município de Pombal.

João Rodrigues dos Santos casou-se com Izabel Ferreira Leite, de família vinda da Bahia e que fixara residência na Ribeira do Piancó. Tiveram 10 filhos e enorme decendência, conforme genealogia neste livro.

Os primeiros moradores tiveram de enfrentar uma dura vida de lutas e muitos sacrifícios. Longos períodos de secas, epidemias que dizimavam parte da população e da incipiente pecuária, cangaceiros que rondavam os sítios e todas as outras vicissitudes próprias de uma região deserta, por isso, isolada dos centros mais adiantados. No entanto, essa brava gente soube lutar contra todas as adversidades surgidas sem nunca esmorecer.

Naturalmente, haviam épocas de bonança, fartura e sempre a inabalável fé em Deus.

Com a criação do município de Misericórdia, Conceição que era ainda um povoado, foi desligada de Pombal e de Piancó, passando a pertencer à Misericórdia. Por força da Lei nº 727, de 8 de outubro de 1881, criou-se a Vila de Conceição tendo a sede do povoado o mesmo nome. Dois anos depois, uma agradável surpresa aconteceu: Conceição foi elevada à categoria de Comarca. No entanto, na Divisão Administrativa do Brasil, alusiva ao ano de 1911, Conceição fora dividida em quatro partes: Conceição, Santana, Montevidéu e Santa Maria.

Na divisão do ano de 1933 ficou nossa terra composta apenas do distrito sede. Assim, perdera sua grande importância territorial. Felizmente essa situação durou pouco tempo, pois outra lei veio restaurar suas dimensões devolvendo-lhe suas povoações. Então, Conceição ficou com os povoados de Santa Maria e Santana.

Conforme as divisões territoriais de 31 de dezembro de 1936 a 31 de dezembro de 1937 e os quadros incorporados ao Decreto-Lei nº 1.010, de 30 de março de 1938 firmado pelo de nº 1.164, de novembro do mesmo ano, para vigorar no quinqüênio de 1939 a 1943, Conceição teve seu termo judiciário subordinado à comarca de Miseri-

córdia. Finalmente, em 10 de abril de 1940, por força do Decreto-Lei Estadual nº 39, nosso município desligou-se definitivamente de Misericórdia e comemorou efusivamente o restabelecimento da sua independência.

O povo conceiçãoense pôde continuar livre, sendo motivo de orgulho para seus filhos que, unidos até hoje, prosseguem na caminhada vitoriosa do trabalho, paz e progresso.

Também, suas co-irmãs Santa Maria e Santana obtiveram suas emancipações. A primeira através da Lei nº 2.041, de 17 de abril de 1959 e a segunda através da Lei nº 3.057, de 02 de julho de 1963.

Como Conceição passou muitos anos ligada juridicamente a Piancó, ficou até nossos dias conhecida como Conceição do Piancó. (Informações parcialmente fornecidas pelo jornalista José Cláudio Pontes).

UMA SÓ E GRANDE FAMÍLIA

Como se sabe, Conceição pertenceu primeiramente a Pombal, depois a Piancó e, finalmente, a Misericórdia, (hoje Itaporanga).

Após sua emancipação, teve como povoados, vilas e distritos, os atuais municípios de Ibiára e Santana de Mangueira.

Assim sendo, as primeiras famílias chegadas a região, nos primórdios do seu povoamento, como também seus descendentes, entrelaçaram-se de tal maneira que constituíram entre si uma só e grande família. Essa enorme família, com os mesmos costumes, a mesma religião e os mesmos ideais, continua até hoje irmanada pela amizade e confiança, num só desejo de luta e persistência no caminho do desenvolvimento e progresso da região.

Por isso, falar sobre Conceição, é falar também sobre Ibiára e Santana de Mangueira.

E ainda hoje, muita gente (da "velha guarda", como eu), nascida em Conceição, Ibiára, Santana de Mangueira, Engenho Calunga, Cachoeirinha, Cipaúba, Capim, Maria Soares, Lira, etc., e que reside distante, seja no Sul, Norte, Centro-Oeste ou Sudeste do Brasil, quando inquerida sobre sua naturalidade, costuma responder simplesmente:

— "Sou de Conceição do Piancó, da Paraíba".

IBIÁRA

Falar sobre Conceição é falar também sobre Ibiára e demais municípios periféricos. Na região onde hoje se localiza o município de Ibiára, o casal Joaquim Lopes Ribeiro e Maria Lopes Ribeiro constituiu a família precursora do povoamento local e construiu a primeira residência. Iniciaram ali as primeiras plantações. Denominou-se o lugar "Sítio do Poço do Cavalo", na época hospedeiro dos viajantes que por lá passavam para repousar e fazer negócios.

O sr. Joaquim Lopes Ribeiro, entre os anos de 1891 e 1892, construiu por sua própria conta uma pequena capela em honra à N. Senhora (Sta. Maria). Foi ao Recife, adquiriu uma imagem de Santa Maria e também um sino. Após a intronização da imagem e a bênção da capela, o lugar passou a se chamar Santa Maria. Tendo as despesas referentes às compras para a capela, somadas em vinte mil réis, quantia, essa, avultada para a época, teve ela que ser dividida com outro morador, o sr. Pedro Pinto Ramalho.

Passaram-se os anos e na divisão administrativa de 1911, Santa Maria foi elevada a distrito de Conceição (já então município). No ano de 1959 desmembrou-se de Conceição graças aos esforços do Pe. Manoel Otaviano de Moura, do sr. Afonso Kherle Filho e do sr. Antônio Montenegro. Pela Lei nº 2041 de 17 de abril de 1959, foi emancipada politicamente.

O novo município tem se desenvolvido bastante não só na agricultura, mas também nos setores de estradas, transportes, comunicação, saúde, educação, etc.

SANTANA DE MANGUEIRA

Também dentro das terras do município de Conceição havia a Fazenda "Serrote do Maxixeiro", de propriedade do sr. Antônio de Souza Mangueira, da qual se iniciaram os primeiros movimentos para sua povoação.

Em 1888, Antônio de Souza Mangueira doou um terreno para a construção de uma capela em homenagem à Sra. Santana. Daí, a origem do nome de Santana para a localidade.

Após 34 anos, ou seja em 1922, Santana foi elevada a distrito, pertencendo à Conceição. Aconteceu que em 1928 Santana deixou de ser distrito voltando a povoado, porém essa situação foi restaurada em janeiro de 1953, quando como distrito passou a pertencer ao município de Ibiára. Essa posição durou pouco tempo, pois houve um movimento de emancipação política do distrito de Santana, liderado por Francisco de Oliveira Braga e seu filho, o então deputado estadual, Wilson Braga. Esse movimento saiu vitorioso através da Lei nº 3057, de 02 de julho de 1963, que deu independência política e administrativa à Santana, tornando-a município com o nome atual de Santana de Mangueira, em homenagem ao seus fundadores.

Santana de Mangueira tem progredido bastante principalmente devido aos esforços dos prefeitos que por lá passaram, como, também, do atual, Dorgival Mangueira Nitão, em concordância com o otimismo do seu povo.

SANTANA DE MANGUEIRA E SUAS ORIGENS

Os primeiros habitantes do município de Santana de Mangueira, no limiar da sua povoação, segundo seus mais antigos moradores, foram os membros da família SOUZA DINIZ.

Essa família composta de mãe, quatro filhos homens e mais parentes, foi a sua desbravadora e povoadora.

E os Mangueira, Laranjeira, Limeira e Barros são de fato os mesmos SOUZA DINIZ que mudaram os seus sobrenomes por razões político-religiosas quando, procedentes do Ceará, estabeleceram-se nas terras de Santana.

Para melhor esclarecer esses fatos, cumpre-nos fazer um retrospecto dos primórdios daqueles tempos.

Os SOUZA DINIZ têm suas raízes em Portugal. Seus ascendentes, os portugueses que viviam na Metrópole, pressionados pela Santa Inquisição, resolveram transferir-se para o Brasil, indo viver no Estado do Ceará.

Necessário se torna saber que essa família é de descendência israelita e que fundamentava sua religião no Velho Testamento, o que contrariava a Igreja alicerçada no Novo Testamento. Daí, todos aqueles judeus convertidos e que eram chamados "cristãos novos", foram perseguidos pela Inquisição.

Embora as Visitações do Santo Ofício ao Brasil fossem intermitentes e, na época, não mais se dessem, um labéu na reputação dos descendentes de Moisés, ficou para acoimá-los de hereges ou disso suspeitá-los, o que os tornavam antipáticos e pouco aceitos pelo povo. Essa situação, no entanto, representava uma discriminação racial ideológica muitas vezes injustificável. E grande parte da colônia judaica daqui do Brasil, naquela época, emigrou-se para alguns países da América Central e da América do Norte, o que trouxe graves prejuízos econômicos ao desenvolvimento da nossa terra.

Nessas circunstâncias, a família SOUZA DINIZ, constituída de mãe, quatro filhos homens e outros parentes, resolveu mudar-se para as terras da futura Santana de Mangueira.

E como era hábito naqueles tempos, para melhor ocultarem suas identidades, decidiram trocar seus sobrenomes de origem, para: Mangueira, Laranjeira, Limeira e Barros.

Realmente, no tempo daquelas dissensões de caráter religioso, muitas famílias judias preferiram ocultar seus verdadeiros sobrenomes, usando, em seu lugar, nomes de animais, como lobo, leão, carneiro, bezerra, tigre, galo, pinto, etc. Também usavam nomes de árvores, inclusive, frutíferas: carvalho, jacarandá, pereira, oliveira, mangueira, limeira, parreira, laranjeira, nogueira, etc., e, ainda, de acidentes geográficos: montanha, lago, serra, rios, prado, monte, etc.

E foi o que aconteceu: Antônio de Souza Diniz passou a chamar-se Antônio de Souza Mangueira (fundador de Santana); Luiz de Souza Diniz passou a chamar-se Luiz de Souza Limeira; Manoel de Souza Diniz passou a chamar-se Manoel de Souza Laranjeira e João de Souza Diniz, o quarto irmão, usou o sobrenome de "Barros".

Já outros antigos moradores de Santana, que também merecem crédito, contam que os quatro irmãos, acompanhados de sua mãe e outros parentes, quando chegaram ao Serrote do Maxixeiro (antigo nome de Santana) vinham fugidos da justiça cearense acusados de um crime por vingança da morte do pai, barbaramente assassinado por questões de terras.

E no Serrote do Maxixeiro, três dos irmãos esconderam-se debaixo de umas árvores frutíferas, ficando o quarto irmão, atrás de um barranco. Isso aconteceu quando estavam eles sendo procurados pela justiça. Eram essas árvores: uma laranjeira, uma limeira e uma mangueira, cujos nomes foram adotados pelos três irmãos, sendo que o último que se encontrava encostado a um barranco de terra vermelha adotou o sobrenome de "Barros".

"Se non é vero, é ben trovato!" — Isso diria o italiano e nós traduzimos: se não é verdadeiro é, pelo menos, bem inventado. . .

A primeira versão, devido a fatores incontestáveis e de ordem físico-hereditária ou genética, biológica e genealógica é mais consentânea e aproximada da realidade, senão vejamos:

Os Mangueira, Laranjeira, Limeira e Barros contam, entre seus membros com indivíduos altos, fortes, alvos e corados, de olhos azuis ou verdes, casam-se, de preferência, com pessoas do mesmo clã, ligadas pelos mesmos laços de consanguinidade e princípios afins. Entre eles muitos têm nomes hebráicos e de origem bíblica, como Messias, Noemi, Job, Dalila, Noé, Isaías, Abraão, Hosana, Ozéas, Ananias, Abdias, Enoc, Adão, etc. E, demais, toda essa gente possui características euro-asiáticas. Disso não há negar.

Como não é possível, por falta de mais informações, relacionar todos os componentes dessas famílias descendentes de um só tronco que tanto proliferou, enumeramos apenas alguns ramos dessa imensa árvore genealógica. (ver genealogia).

CONCEIÇÃO DOS NOSSOS PAIS E AVÓS

Em janeiro de 1914, o sr. José Peixoto, acompanhado de sua família, mudou-se de Barbalha-CE, para Conceição.

O que motivou sua saída da cidade de Barbalha para radicar-se em nosso município foi uma sensível queda no comércio cearense,

devido a um desentendimento entre o Padre Cícero Romão e o governador do Estado do Ceará.

Essa desavença política produziu alguns transtornos de caráter sócio-econômicos e quem lucrou com isso foi o comércio conceiçãoense. Aconteceu que o sr. José Peixoto era comerciante na cidade de Barbalha e, conforme já explicamos, instalou-se definitivamente em Conceição, com uma bem sortida loja de tecidos e mercadorias outras de variadas espécies.

Os membros de sua família eram: dona Dalena, sua esposa; seus irmãos, Juca e Amélia; sua sobrinha e filha adotiva, Elisa, e também sua afilhada, Maricota. Ainda o acompanhou, ajudando na mudança, Sóther, primo de Elisa.

Em Conceição o sr. José Peixoto tinha muitos parentes e amigos e seu regresso (ele era natural de Conceição) com a família para a nossa cidade trouxe a todos muita alegria.

Nesse tempo, o chefe político do município era o sr. Enéias Leite. Zeca Ramalho, escrivão do cartório e também músico. Batista Ramalho, fiscal do consumo; Nicolau França, alto comerciante; Jaime Ramalho também político e, assim, a parentela estava reunida.

Nessa época Conceição não passava de uma pequena cidade com um pequeno comércio e poucas casas residenciais. A Igreja de Nossa Senhora da Conceição repicava os sinos a convidar seus fiéis para a missa aos domingos e dias santos.

A Igreja representava o único lugar onde as senhoras e senhoritas podiam se apresentar bem "chiques", exigindo seus penteados, vestidos da moda e, às vezes, também seus graciosos chapéus. Os trajes para as missas aos domingos e visitas de cerimônia usados pelas damas e senhoritas daqueles tempos, constavam de: vestidos longos, mangas compridas ou meia manga em épocas de calor; saias rendadas ou rodadas; sapatos da moda Luiz XV ou botas.

Já os homens usavam uniforme de casimira inglesa nas festas elegantes e linho HJ branco ou creme nos dias comuns. Os uniformes eram completos: calça, colete e paletó; camisas de mangas compridas com respectivas abotoaduras em ouro ou madre-pérola; gravata e sapatos ou botinas em pelica, bem na moda. Usavam bengala e cartola em ocasiões especiais. Ao invés das atuais cuecas, o costume era a ceroula de seda-palha ou de morim "pele de ovo". Na diária, usavam trajes mais simples, como calça, camisa, paletó e gravata. Naturalmente, estamos nos referindo a classe mais abastada e à classe média daqueles tempos. Nas fazendas e sítios, os homens usavam calças de brim, camisas mais simples, alpercatas ou botinas e o inseparável chapéu de feltro ou de palha.

O único meio de transporte para as pessoas era o lombo do cavalo ou do burro. Carro nessa época, só de bois.

O lazer se constituía de poucos bailes em casas de família nas festas de casamento. A "quadrilha" era o ponto alto nessas festas, porém quase todos os divertimentos do povo estavam ligados às festas religiosas.

Nos casamentos ricos, a banda de música local alegrava as bodas; já nos casamentos dos pobres funcionava o harmônico num "arrasta-pé" empoeirado, porém todos se divertiam.

Era hábito em Conceição, principalmente nas noites de mais calor ou enluaradas, colocar cadeiras nas calçadas, onde moças e rapazes ali ficavam palestrando, cantando e tocando violão.

Nessas ocasiões aconteciam os namoros e os pedidos de casamento. As moças se casavam dos 14 aos 18 anos de idade. Aos 20 anos já eram consideradas "maduras" para o matrimônio.

Aos festejos carnavalescos ou sanjoanescos, nem todas as moças tinham permissão para comparecer. É que imperava nas famílias o regime patriarcal e os filhos, muita obediência deviam aos pais. As moças, principalmente, só saíam acompanhadas dos pais ou responsáveis para irem à missa ou, raramente, fazerem uma visita. Todo esse comportamento era resultante de uma educação baseada na influência religiosa do catolicismo romano. Os jovens, rapazes e moças, costumavam também reunir-se aos domingos nos sítios de parentes onde tocavam violão e cantavam, porém vigiados de perto pelos pais. No princípio deste século, muitos casamentos se realizavam sem que a moça soubesse de antemão quem seria o seu futuro esposo. Eram casamentos de conveniência e decididos pelos pais da jovem.

As moças daqueles tempos eram bem submissas aos caprichos dos pais. Viviam presas às convenções, preconceitos e tabus. Para se libertarem dessa clausura familiar, muitas delas fugiam de casa para se casarem com quem seu coração havia escolhido livremente.

Daí aquela modinha: "O galo quando canta fora de hora,
é moça roubada que vai dando o fora . . . "

Essa fuga, no entanto, era precedida de um conciliábulo havido não só entre os namorados, mas também com a conivência e ajuda direta dos parentes mais próximos do "príncipe encantado" que vinha a cavalo buscar a eleita e acompanhado de um séquito de familiares. Essa aventura obedecia ainda às mais rígidas normas da moral da época. Os namorados apaixonados jamais deixavam de se casar e cumpriam todas as exigências legais e formais impostas pelo matrimônio. O culto da instituição familiar era observado com muito respeito e como coisa sagrada. Qualquer ameaça de desmoralização à estrutura familiar era reparada ou corrigida a ferro e fogo.

Com esses costumes, tradições, preconceitos e convencionalismos Conceição ia vivendo da sua agricultura, pecuária e do seu pequeno comércio. Muitas pessoas possuíam sítios, fazendas e engenhos.

Com o falecimento do Sr. Enéias Leite, em 1915, Conceição ficou

de luto, pois além de político influente, Enéias Leite contava com grande número de parentes, amigos e admiradores. Na política era um líder e sabia contornar as divergências surgidas sem melindrar ninguém e sem abalar o seu prestígio. Como líder político continuou o sr. Jaime Ramalho.

Nosso município sempre se esforçou para acompanhar de perto a evolução e progresso das grandes cidades. Se esse esforço não alcançou mais rápida aceleração, justifica-se pela grande distância que nos separa das fontes propulsoras de energias; pela precariedade dos meios de comunicação e transporte que longos anos enfrentamos; pela inconstância das chuvas que tantos prejuízos nos acarretam e também pelo comportamento de ordem político-administrativa na esfera federal que ainda não nos ajudou o suficiente para nossa total integração como parte ativa e produtiva do nosso País.

(Alguns dados nos foram fornecidos por João Claudino, minha mãe, tio Juca, Amélia e outros parentes e amigos).

PRIMEIROS CAMINHOS, POVOAMENTOS E MEIOS DE TRANSPORTE

Vamos imaginar o que tiveram de enfrentar os nossos primeiros e intrépidos povoadores. Foram duríssimas as dificuldades que tiveram de suportar e vencer sem desânimo, os primeiros grupos humanos que chegaram até nossos sertões, como sucedera à Conceição no princípio do século XIX.

De vereda em vereda vinham pelas margens dos rios, tocando o gado e abrindo caminhos. Seguiam, às vezes, léguas e léguas entre virgens caatingas. Quando encontravam um lugar mais a jeito, isto é, um terreno plano, terra de boa qualidade e provida de água, aí os pioneiros se arranchavam. Construíam moradias, plantavam e se afazendavam, servindo isso de pouso e orientação aos aventureiros que ali chegavam ou dali partiam para outras paragens.

Depois das fazendas, iam surgindo novas construções e povoados e vilas se formavam. Isso aconteceu em 1874, com o casal Joaquim Lopes Ribeiro e Maria Lopes Ribeiro que construiu uma casa no sítio "Poço do Cavalo". Essa propriedade servia de orientação e abrigo aos forasteiros que ali abicavam em trânsito com destino a outros lugares.

Assim nasceu o povoado de Santa Maria, hoje o município de Ibiára.

Também o sr. Antônio de Souza Mangueira e sua família, passando às margens do rio Santana, gostaram do lugar e ali construíram casa e fazenda. Ao lugar deram o nome de Serrote do Maxixeiro, talvez por ser o terreno em plano elevado.

Em 1884, essa família já havia se multiplicado e outras famílias chegaram. Uma capelinha surgiu em homenagem à Senhora Santana. Da

fazenda e outras moradias formou-se um povoado que hoje está transformado no município de Santana de Mangueira.

E apesar da precariedade das estradas e desconforto local, sítios, fazendas, povoados, vilas e municípios foram evoluindo no caminho do desenvolvimento e progresso.

Os proprietários das fazendas e sítios, cooperando entre si, construíam, com seus próprios recursos, modestas estradas.

A necessidade de comercialização e correspondência entre os aglomerados humanos, ia exigindo dos governos providências no sentido de facilitar os meios de transporte e comunicação entre as povoações, pois só através de melhores estradas poderia haver viabilidade para conseguir-se mais rápido desenvolvimento.

Em 1914, as pessoas que vinham do Cariri — CE pelos caminhos estreitos, poeirentos e pedregosos, com destino à Paraíba ou Pernambuco, só conseguiam vencer aquelas veredas ou a pé ou no lombo do cavalo.

Isso, durante longos anos. Pessoas vinham de Barbalha, Missão Velha, Milagres, Maurity e passavam por Conceição a fim de atingir Pernambuco, nas cidades de Belmonte, Serra Talhada ou Triunfo. Esse trajeto demorava muitos dias.

De Conceição ia-se a Patos, Campina Grande e Cajazeiras, sempre a cavalo. Em Campina Grande pegava-se o comboio ferroviário, quando o destino era, principalmente, à Paraíba (hoje João Pessoa) ou então a Recife.

Aos tropeiros e almocreves, nossas homenagens e agradecimentos pelos grandes serviços que nos prestaram com enormes dificuldades enfrentadas nas difíceis e perigosas estradas. Esse sacrifício nos trazia o conforto e a civilização através, não só das mercadorias que recebíamos, como também das novidades da moda, da política, etc. Esses viajantes procedentes de longas distâncias, ao trazerem seus produtos, retornavam levando os nossos a outras praças.

Aqui ressaltamos os nomes de Zuza Ramalho e do seu filho Raimundo; do sr. José Limeira e outros verdadeiros heróis, que podem representar com muita justiça todos aqueles que conduziam para Conceição tropas carregadas de gêneros alimentícios, medicamentos, tecidos e outras mercadorias de primeira necessidade que não possuíamos. Eram verdadeiras aventuras que exigiam dos homens intrepidez e muita coragem para enfrentarem a rudeza das secas, o ataque de onças famintas e o assalto dos cangaceiros nas tocaias.

A esses bravos conceiçãoenses e aos seus colegas viajantes de outras plagas, nossa admiração e o nosso respeito.

Com a chegada dos autos em 1922, a situação dos transportes melhorou, porém as "travessias" ainda eram penosíssimas, devido à falta de boas estradas. Foi quando iniciaram a construção das primeiras estradas de rodagem. Mas na época das chuvas tudo voltava a ficar difícil porque

as estradas, que eram de terra, desapareciam cobertas de lama e poças d'água. Não haviam pontes sobre os rios e a estagnação era completa por ocasião das chuvas, para os veículos a motor. Valia-se, por isso, somente de burros e cavalos. Mesmo quando uma ponte era construída, esta desaparecia, pois era de madeira e bastante fraca, deixando os viajantes entregues ao desânimo e ao abandono.

Ainda nos anos 40, as colegiais que estudavam em Campina Grande, Cajazeiras, Alagoa Grande e João Pessoa, eram obrigadas a viajar a cavalo até Cajazeiras, na linha de Pombal, para de lá pegarem um caminhão com destino àquelas outras cidades. Tinha-se que atravessar o rio de Pombal em caminhão que era carregado em uma balsa.

Mesmo em 1947, a viagem de Recife à Conceição demorava quase uma semana. Haviam trechos de estradas que ficavam intransitáveis, por muitos dias, mesmo para caminhões e jipes.

Já em 1967, havia estrada asfaltada de João Pessoa, passando por Campinha Grande, até perto de Patos. Desta cidade à Conceição, enfrentava-se uma estrada de rodagem poeirenta e desconfortável, porém comparando-a com a dos anos anteriores, essa estrada era maravilhosa.

Por causa da falta de estradas transitáveis, Conceição ficou muitas vezes isolada dos grandes centros.

Em 1969, o asfaltamento já se aproximava de Conceição e em 1982 já se vai até João Pessoa numa pista de alto nível rodoviário, que é a BR-361. Já tivemos as empresas de ônibus Ipalma e a Patoense fazendo a linha de Conceição a João Pessoa. Hoje, por essa pista, temos dois ônibus diários da Empresa Transparaíba que servem à nossa cidade com destino à capital paraibana, passando por diversos centros importantes em grande trecho. Esse percurso é de 500 km ou pouco menos, com 9 h de duração, em ônibus confortável, numa estrada moderna.

Assim terminaram os sofrimentos do nosso povo, no setor de transportes, com a concretização do seu grande sonho que, por sorte nossa, contou com os patrióticos esforços dos nossos homens públicos.

Observação: Estamos aguardando, para breve, a construção de apenas 17 km de rodovia que ligará Conceição a Maurity, no Ceará. A construção dessa estrada trará grandes benefícios a essas duas prósperas comunidades.

ADMINISTRAÇÕES E POLÍTICA

Falemos agora sobre as administrações passadas, relembrando e informando, cronologicamente, sobre os homens que muito trabalharam ajudando Conceição a crescer e progredir.

No princípio deste século, entre 1910 e 1914, tivemos dois chefes políticos: Enéias Leite, continuando o governo do seu pai, Cel. Salustiano (do lado governista) e Batista Ramalho, da oposição. Eles eram primos e cunhados. Desentendiam-se politicamente, mas sempre terminavam bem.

Em janeiro de 1915, faleceu Enéias Leite, porém a política continuava com o sr. Jaime Pinto Ramalho que iniciara a sua carreira em 1916, mais ou menos.

Consoante alguns dados obtidos de pessoas mais antigas, o primeiro prefeito de Conceição foi o sr. José Pereira de Gois. Logo após, era empossado o sr. Salustiano Leite de Figueiredo.

Também foi prefeito do nosso município o sr. Francisco Rodrigues de Alencar e, ainda, o sr. Antônio José de Gois, durante os anos de 1916 a 1923.

De 1924 a 1928 foi a vez do sr. Jaime Pinto Ramalho.

De 1929 a 1930 tivemos na prefeitura o sr. José Leite de Figueiredo.

No ano de 1932, assumia a governança municipal, o médico Antônio Ozório Pinto Ramalho que foi durante dois anos (1932 a 1933) bastante eficiente.

O sr. José Leite de Figueiredo, pela segunda vez, continuando a política do seu pai, Enéias Leite, dirigiu o município de 1934 a 1936. Dessa vez as mulheres participaram das eleições, votando pela primeira vez. Também nessa administração houve vacinação em massa, contra a varíola. E o primeiro Grupo Escolar Estadual teve a sua construção iniciada como resultado do grande esforço de José Leite para difundir a instrução em nossa terra.

Em 1937, tomou posse na prefeitura, o sr. João Fausto de Figueiredo, no governo do interventor Argemiro de Figueiredo, cuja administração durou até o ano de 1940. João Fausto construiu grandes açudes, abriu estradas e conseguiu a vinda de um médico, o Dr. Zoé Borba. Também na sua gestão houve inauguração da luz elétrica servida a motor movido à lenha.

Instalou-se o primeiro rádio de bateria que transmitia a famosa "Hora do Brasil" que falava somente dos assuntos que interessassem ao governo do "Estado Novo", época do ex-presidente Getúlio Vargas.

Inaugurou-se o primeiro Grupo Escolar que recebeu o nome de "José Leite", numa justa e merecida homenagem póstuma àquele que tanto fez para disseminar a instrução em nosso município. Foi construído um novo cemitério na parte periférica da cidade e inaugurado em 1940, quando do término da administração João Fausto. Este grande administrador havia disputado as eleições com o sr. Francisco de Alencar Leite. Nas apurações verificou-se um empate, porém a vitória ficou com o sr. João Fausto por ser ele mais idoso que o seu competidor.

Em 1941 foi nomeado para a prefeitura, pelo interventor Ruy Carneiro, o Cel. João Gadelha de Oliveira. Este dirigiu o município só um ano, porém, prestou bons serviços à cidade, calçando ruas, melhorando as estradas, conservando a iluminação e atendendo outros serviços de utilidade pública.

No ano de 1942, assumiu a prefeitura o sr. Francisco de Oliveira Braga, pela primeira vez, o qual muito trabalhou apesar da sua rápida permanência à frente da administração municipal.

Em 1943 foi nomeado pelo então interventor Ruy Carneiro, o Tte. Raul Geraldo de Oliveira, prefeito do município que governou até o ano de 1945.

Em seguida foi substituído pelo Bel. Coriolano Ramalho Neto que esteve à frente da municipalidade nos anos de 1946/47.

Em 1948 foi eleito prefeito o sr. Unias Leite Ramalho que bem administrou até o ano de 1951.

De 1952 a 1955 elegeu-se prefeito o bacharel Nelson Lopes Ribeiro. Fez ótima administração, inclusive pela intimação que apresentou aos proprietários das construções residenciais e comerciais mais antigas, no sentido de pintarem a frente das mesmas, construírem calçamentos ou, então, reconstruírem seus imóveis danificados pelo tempo. Essa providência deu à cidade uma melhor e mais jovem aparência. Construiu escolas pelos sítios, conservou a iluminação elétrica da cidade, cuidou da sua limpeza, etc.

Em 1956 foi a vez do sr. João Mangueira Neto que dirigiu o município até o ano de 1959. Este prefeito projetou e realizou os serviços de saneamento (água e esgotos) da nossa cidade.

Em fins de 1959 foi reeleito para a prefeitura o sr. Unias Leite Ramalho, governando até o ano de 1963. Logo no início da sua administração, tomou as indispensáveis providências complementares para a inauguração dos serviços de saneamento, fazendo a ligação da água no mês de novembro de 1959, ano da sua posse.

Em 15 de novembro de 1963, foi eleito nosso prefeito o médico Dr. Walter Leite Braga que disputara as eleições com o sr. Manoel Rodrigues Leite. No seu governo foram criados dois grandes bairros: o de São Geraldo e o de N. Sra. de Fátima, com terrenos doados pela prefeitura.

Foi inaugurada a instalação da energia elétrica de Paulo Afonso, matadouro municipal, grupos escolares, instalação de telefones públicos, construção do mercado municipal, reforma da prefeitura e outras obras de vulto.

De 1969 a 1973 foi nosso prefeito o sr. Luiz Gomes de Sá que também realizou uma excelente administração em nosso município.

De 1974 a 1977 foi eleito o sr. Francisco de Oliveira Braga, político e administrador de enorme capacidade.

De 1978 a 1982 foi prefeito o sr. Wenceslau Alves Neto que teve uma das mais fecundas administrações, conforme relataremos a seguir.

Nesta gestão era vice-prefeito o sr. Elizeu Leite Vieira. O poder legislativo, também chamado "Casa Cel. Salustiano Leite Figueiredo", compunha-se dos seguintes vereadores:

João Luiz Neto

Geraldo Cordeiro de Oliveira
Raimundo Nonato Belmiro
Jadir Pereira Valões
José Lopes de Carvalho (Da bancada do PDS);
Joaquim Soares de Figueiredo
João Pedro Furtado (Da bancada do PMDB).

Principais assessores do governo municipal:
Francisco de Oliveira Braga — Administração
Prof. José Raimundo de Souza Neto — Educação
Nicanor Ferreira Gonçalves — Contabilidade
Dr. João Alves Batista Xavier — Saúde
Fernando Antº Batista Frade — Finanças
José Frade Sobrinho — Obras Públicas

As obras da administração Prof. Wenceslau Alves Neto, contaram com a valiosa colaboração dos srs. Francisco de Oliveira Braga, do seu filho, o então deputado federal Wilson Leite Braga, entre outros. Esse grupo de arrojados e capazes assessores, deu excepcional contribuição à administração em referência, tornando-a mais profícua e dinâmica, principalmente nos setores da educação, da saúde e demais esferas de interesse público. Senão vejamos: calçamentos na cidade: ruas João Fausto, João Pessoa, Manoel Otaviano, João Pedro e Getúlio Vargas, tiveram implantação de calçamentos; as mesmas obras no povoado do Capim. Neste povoado foram calçados cerca de 3.140 metros; observação: estão sendo pavimentados 1.800 metros de pista no aeroporto local.

Casas populares: a prefeitura doou à população pobre, terrenos para construção de casas populares na cidade, através da CEHAP e IPEP; Iluminação: foram feitas extensões de redes elétricas nas ruas do bairro São Geraldo; foi instalada moderna iluminação na avenida Solon de Lucena e implantação de 21 postes de ferro e lâmpadas de mercúrio. Essas novas luminárias tornaram nossa cidade mais viva e colorida.

Abastecimento d'água: no povoado do Capim foi posto a funcionar o abastecimento d'água que já serve a toda sua população.

Arborização: na avenida Solon de Lucena e praça Cônego Andrada, novas árvores foram plantadas.

Diversos: nessa administração a prefeitura adquiriu um trator de terraplenagem "Caterpillar D4E", um perfurador para escavação de poços e também um caminhão basculhante para limpeza pública.

OBRAS PÚBLICAS REALIZADAS NA ADMINISTRAÇÃO DO PREFEITO FRANCISCO DE OLIVEIRA BRAGA DURANTE O ANO DE 1983:

a) Distribuiu material didático a todos os alunos da rede municipal no anode 1983;
b) Vem assessorando a distribuição da merenda escolar através de convênio assinado com a PNAE;

c) Aumentou o número de livros da biblioteca municipal;
d) Concluiu as construções dos grupos escolares de Cedro, Cachoeira do Retiro, Fazenda Nova e Bom Jesus. Em vias de conclusão o grupo escolar do sítio Arara, sendo prevista a construção dos grupos escolares de Serra Pintada, Maxixe e Sítio Gatos;
e) Assinou convênio com a Secretaria de Educação e Cultura, em 1983, no valor de dois milhões de cruzeiros para o transporte de estudantes de 1º grau, da zona rural;
f) Assinou convênio com o PRONASEC/RURAL para complementação salarial dos professores;
g) Assinou convênios com a LBA para a manutenção da creche Tio Patinhas; idem, com a Secretaria de Educação no valor de dois milhões e setecentos mil cruzeiros, para a manutenção do pré-escolar em 83 e com o MOBRAL para melhoramento do ensino no município;
h) Mantém um médico e um odontólogo prestando serviços à população carente;
i) Mantém a distribuição de medicamentos às pessoas pobres, colaborando ainda com o transporte dessas pessoas para outros centros em casos de urgência;
j) Construiu um posto de saúde no povoado de Mata Grande;
l) Colaborou ativamente na campanha de vacinação contra a poliomelite, em 1983;
m) Recuperou todas as estradas municipais;
n) Construiu cerca de três mil metros de calçamento;
o) Adquiriu um veículo "Caravan" para a prefeitura;
p) Assinou convênios para a urbanização do conjunto habitacional Walter Braga;
q) Está construindo o Centro Administrativo;
r) Perfurou vários poços artesianos e amazonas no município;
s) Restaurou galerias e pequenos esgotos;
t) Restaurou as redes elétrica e hidráulica em vários prédios públicos;
u) Expandiu a rede de energia elétrica à rua Jaime Pinto Ramalho e ao chafariz;
v) Iniciou a construção de um moderno calçadão com 1.087 m^2 ligando a av. Solon de Lucena à rua Prefeito João Fausto;
x) Assinou convênio com a Secretaria de Saúde para a construção de 170 fossas sépticas nos povoados de Mata Grande e Saco da Ingazeira;
z) Deu continuidade ao calçamento da rua Capitão João Pedro e, finalmente, está prevista a implantação de asfalto na av. Solon de Lucena e a construção de uma ponte na rua Capitão João Miguel. (Dados extraídos do Jornal "Vale do Piancó").

CÂMARA MUNICIPAL DE CONCEIÇÃO/1983

O Poder Legislativo do nosso município está assim constituído:
Presidente:
Jadir Pereira Valões
Vereadores:
Joaquim Soares de Figueiredo
João Luiz Neto
Francisco Sales Lima
Raimundo Nonato Belmiro
Francisco Alves Vieira
José Luiz Vitorino
José Pereira da Silva
Manoel Furtado de Lacerda
João Pedro Furtado
Luiz Soares de Figueiredo

PREFEITURA

Novos funcionários da nossa prefeitura no ano de 1983:
Francisco Soares da Costa — Fiscal
Luiz Pedro Bezerra — Fiscal Geral
Leonardo Mangueira — Fiscal das Estradas
Nicanor Ferreira Gonçalves — Secretário
Fernando Antônio Frade — Tesoureiro
Antigos funcionários:
Antônio Fausto, João Rodrigues Leite e Bruno Alencar — Fiscais de Feira;
João Peixoto de Alencar (João Preto) — Escriturário
Mateus — Carcereiro
João Claudino — Contínuo
Higino (Gino) — Coveiro
E muitos outros cujos nomes não nos foi possível obter.

NOSSA IGREJA MATRIZ

A Igreja de Conceição foi construída em 1872, tendo como seu primeiro vigário o Pe. Francisco Tavares Arcoverde que administrou o templo de 1872 a 1874.

Sucederam-no os padres Saturnino de Jesus, de 1874 a 1878 e Antônio Matias de Vasconcelos, de 1878 a 1888.

Passou em seguida por um longo período de vacância, isto é, mais ou menos de 20 anos, sendo a paróquia assistida por sacerdotes de outras cidades, inclusive de Pernambuco.

Já em 1914 era vigário o Pe. Diniz (Pe. Quincas). O Pe. Joaquim Ludugero Pereira Diniz ordenou-se no seminário da Paraíba e no princípio deste século já era vigário de Conceição. Era um padre explosivo, porém muito piedoso.

A nossa Igreja Matriz era bem cuidada, muito bonita e situada às margens do rio Grande, numa parte alta da principal rua da nossa cidade. Era bem espaçosa e em seu santuário haviam três altares — dois laterais e um central. A imagem de Nossa Senhora da Conceição ostentava uma auréola de ouro, móvel. Podia-se colocá-la ou retirá-la quando quisesse. Um manto azul bordado a ouro, que foi doado pelo imperador Dom Pedro II, conforme asseguravam os antigos conceiçãoenses.

Havia uma escadaria interna, pela qual se alcançava o coro e num segundo lance atingia-se os sinos.

O Pe. Diniz promovia as festas da padroeira, a de São Sebastião (20 de janeiro), natal e outras. Essas festas eram bem organizadas, com missas, procissões, leilões, etc.

As procissões eram precedidas por uma cruz e ao lado do andor, duas pessoas levavam uma lanterna de papel, aberta, e em seguida, duas filas, a dos homens e a das mulheres e crianças. Andavam e cantavam hinos sacros, percorrendo as principais ruas, acompanhados dos fogos de artifício e da banda de música.

Terminada a procissão, havia a bênção do SSº Sacramento. A época da Quaresma era motivo de muita piedade e devoção, jejuns e abstinência de carne, via-sacras, etc.

Quando da chegada de Dom Adauto e Dom Moisés, bispos da Diocese, o povo de Conceição os recebia com muitas festas e a Crisma era bastante concorrida, não só pela população da cidade, mas também da zona rural e, ainda, de municípios vizinhos.

DO PE. QUINCAS AO PE. JOSÉ DE SOUZA NETO

Nesse período tivemos os padres Diniz, Pe. Manoel Otaviano, Pe. Nicolau Leite, Pe. Luiz Gomes Vieira, Frei Manfredo, Cônego Andrada e Pe. Milton Arruda. Já em 1972 nosso vigário era o Pe. José de Souza Neto. (Biografia de alguns desses sacerdotes em outras partes deste livro).

DEMOLIÇÃO DA ANTIGA MATRIZ E SUA RECONSTRUÇÃO

Em 1938, por motivos que ignoramos, foi demolida a nossa Igreja Matriz. Antes apenas comentava-se que havia estrago no seu telhado e o piso em declínio. Imediatamente se iniciou a construção de outra no mesmo local. Mas a destruição da antiga igreja deixou tristes muitos de nós. É que além de ser muito bonita, muito espaçosa, era bastante sólida e construída por nossos antepassados com muito trabalho e sacrifício e já

havíamos aprendido a amá-la e respeitá-la.

Um patrimônio majestoso venerado por todo o povo conceiçãoense. Centenas de casamentos, crismas e batizados, ali foram realizados. Isso ligava ainda mais a nossa gente pelos sentimentos e pelas saudades àquela igreja que estava sendo demolida.

Vimos senhoras chorando e outras lamentando a derrubada daquela antiga matriz, como se estivessem perdendo algo de muito querido.

Seja coincidência ou não, o fato é que pela ocasião da demolição, surgiu na cidade uma epidemia de tifo que ceifou dezenas de preciosas vidas, principalmente de jovens.

Muitas pessoas supunham que o surgimento daquela epidemia teria com causa haverem revolvido algumas sepulturas ali no interior da igreja. Era costume enterrar-se restos mortais de pessoas ricas e de prestígio no interior dos templos. E nossa Matriz não era uma exceção.

Muitos que, desolados, assistiram a essa demolição, faleceram antes da inauguração da nova igreja, pois essa nova edificação durou 10 anos.

Naturalmente exigiu a colaboração de toda nossa comunidade e especialmente a dos padres Luiz Gomes Vieira, (que acompanhou o início das obras), Pe. Nicolau Leite, Cônego Andrada e Pe. Milton Arruda, sacerdotes, esses, que serviram à Conceição por todo o período que durou a construção da nova Matriz.

Para angariar-se o dinheiro necessário, fazíamos quermesses, leilões, rifas, dramas, jornaizinhos e outros movimentos.

De todos os incentivadores destacou-se o Cônego Andrada, com o seu espírito nobre e empreendedor.

Até conterrâneos nossos ausentes, participaram com doações em dinheiro. Roldão Mangueira, por exemplo, ausente há anos de Conceição, foi quem presenteou à Matriz, com um lindo relógio que até hoje tanto nos serve como envaidece. Até humildes pedreiros colaboraram. Alguns trabalhando mais barato e outros de graça mesmo.

E o responsável pelos trabalhos de edificação da Igreja? Como sabemos, houve na época uma concorrência pública, da qual participaram engenheiros e arquitetos pertencentes à nossa Diocese. Essa concorrência esteve subordinada à direção do Bispo de Cajazeiras. E para alegria nossa, a planta aprovada foi a apresentada por Raimundo Peixoto de Alencar (Peixotinho), homem simples, de instrução primária, porém bastante experiente em construções de igrejas e, ainda, de rara inteligência e habilidade profissional. Peixotinho, como era mais conhecido, iniciou os trabalhos e muito fez até terminar toda a estrutura da obra.

Já na fase de acabamento interno, inclusive da pintura dos altares, trabalho, esse, que exige mão-de-obra especializada, Peixotinho adoece e fica acamado com cirrose hepática para, dentro de três meses, entregar sua alma a Deus. Faleceu em outubro de 1945. Não pôde concluir totalmente, como desejava, o seu trabalho. Conceição muito sentiu a sua morte

e soube, no seu enterro, através das palavras de despedida do então acadêmico Nelson Ribeiro, reverenciar a memória de Peixotinho, quando disse, finalizando o seu discurso: "Conceição além de perder um ente querido perdeu um gênio!" Grande multidão foi ao cemitério levar o seu último adeus àquele que muito amou e serviu a nossa terra. A Peixotinho as nossas sinceras homenagens.

Nessa época era vigário de Conceição o Cônego Andrada. Este aceitou a ajuda do sr. Afonso Kherle para o acabamento em pintura dourada dos altares, pois estávamos às vésperas da chegada do Bispo (gaúcho) D. Henrique de Gelain para a Crisma geral.

Hoje, Conceição tem sua nova Matriz muito bonita, também espaçosa, arejada, moderna e sempre recebendo de braços abertos todos os seus paroquianos.

Em julho de 1972, o então Pe. José de Souza Neto organizou uma belíssima festa em comemoração ao primeiro Centenário da nossa Paróquia. Foi uma semana de festividades ininterruptas e, mais uma vez, todos os filhos de Conceição contribuíram com as necessárias ajudas para o seu brilhantismo. Como das vezes anteriores, os conceiçãoenses ausentes, isto é, residentes em outras cidades e mesmo em outros Estados, não só colaboraram em espécie, como também vieram pessoalmente participar dos festejos, numa demonstração inequívoca de cristandade, união e amor à sua terra natal.

HINO DO PRIMEIRO CENTENÁRIO

Letra: Profª Aldenora Vieira Ramalho.
Música: Pe. José de Souza Neto.

I

No vale ameno do sertão saudoso
Uma igreja pequena alguém plantou
E o orvalho do céu tão dadivoso
Em templo gracioso a transformou . . .

CORO — De Conceição se levantou cantando
Claras vozes de amor e alegria
Centenário da Paróquia cantando
Sob as bênçãos da Virgem Maria

II

Vinde fiéis que tudo vos chama
Ao Centenário da Paróquia aclamar
Nele paira Jesus que nos ama
Com afeto e ternura sem par

III

Conceição, és um magistral poema
Um pedestal de glória a tua Igreja
Vivendo à luz do teu sagrado lema
Da Virgem Santa, a sombra benfazeja . . .

Julho de 1972.

REVOLUÇÃO DE 1930

Esse movimento político-militar que derrubou a República Velha ou Primeira República, teve seu início a 3 de outubro e terminou a 24 do mesmo mês, no ano de 1930, com a deposição do Presidente da República, Washington Luiz Pereira de Souza.

A vitória dos "aliancistas" revolucionários foi o princípio de uma nova fase na vida nacional — a Segunda República ou República Nova.

A causa principal, aparente, foi a de que Washington Luiz não quis respeitar o acordo político estabelecido entre os dois grandes Estados: Minas Gerais e São Paulo. Esse acordo estabelecia o rodízio na ocupação do Palácio do Catete durante cada quadriênio.

O Presidente Washington Luiz, que era paulista, deveria permitir que na próxima eleição um representante de Minas Gerais fosse o candidato oficial, dando continuação à Política das oligarquias "café com leite", na governança do País.

No entanto, Washington Luiz preferiu indicar o seu conterrâneo, Júlio Prestes de Albuquerque para disputar o governo federal nas eleições próximas, isto é, ficando São Paulo com dois quadriênios ininterruptos. Minas Gerais não aceitou essa manobra e aliando-se ao Rio Grande do Sul e ao estado da Paraíba formaram o partido da "Aliança Liberal", na oposição, a fim de combaterem pelo voto o P.R.P., legenda partidária da situação governista.

Os "aliancistas" tinham como candidatos, Getúlio Dorneles Vargas, do Rio Grande do Sul, para Presidente e João Pessoa de Albuquerque, da Paraíba, para vice-Presidente.

De um lado, 17 Estados da federação apoiavam o governo "perrepista" e do outro lado, três Estados "aliancistas" formavam a dissidência.

Houve o pleito em 1º de março e a vitória foi dada aos candidatos da situação (PRP).

Essas eleições foram consideradas fraudulentas pelos "aliancistas" e, segundo eles, só restava a revolução para corrigir os vícios eleitorais e os males do País.

Então os três Estados, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba deflagraram a revolução que durou apenas 21 dias, pois parte substancial

do Exército e da Marinha apoiava os revolucionários e a 24 de outubro, uma Junta Pacificadora, depôs o Presidente Washington Luiz, passando o poder ao Comando Revolucionário, chefiado por Getúlio Vargas. E o governo provisório foi instalado a 11 de novembro, na Segunda República.

Conceição, apesar de tão afastada do palco dos acontecimentos, também participou indiretamente das convulsões políticas pois o sr. José Leite, que além de prefeito acumulava as funções de delegado regional, para acalmar os ânimos entre os aficcionados do P.R.P. e os da Aliança Liberal, prendeu todos os "perrepistas" residentes na cidade. Escusado é dizer que o sr. José Leite de Figueiredo pertencia às hostes da Aliança Liberal e que já havia rejeitado fazer acordo com o chefe político José Pereira Lima, o "Zé Pereira", "perrepista" de Princesa Izabel.

Também o Dr. José Gomes, médico em Misericórdia, hoje Itaporanga, pertencia à Aliança Liberal como chefe político local e era amigo e correligionário do sr. José Leite de Figueiredo.

O povo "aliancista", para não perder a ocasião de fazer críticas e ironizar os adversários, cantava estes versinhos:

"A mulé de Zé Pereira
Só tem de bonito o nome;
Bonita é dona Judite,
Mulé de Dr. Zégome!"

Quando um avião surgia nos céus, o povo ficava receoso e para acalmar-se, cantava assim:

"Não chore, não chore,
Deixe baixá;
É os avião
Daliança Liberá".

O assassinato do Dr. João Pessoa, no Recife, muito revoltou o povo paraibano e foi a centelha que ateou fogo aos ânimos revolucionários de toda gente nordestina. Essa gente que estava disposta a pegar em armas para esmagar as hostes do governo central, os "perrepistas". A insurreição contava com elementos civis e boa parte de militares da ativa, de capitão para baixo.

Juarez Távora, que pertencia à facção "aliancista" e era o seu comandante militar no Nordeste, partiu da Paraíba para Olinda — PE, com suas tropas.

O governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, fugiu de Recife num rebocador, deixando o governo entregue aos seus subordinados, que tiveram de enfrentar os revolucionários, lutando nas ruas de Recife e Olinda.

Rapidamente a situação foi dominada pelos "aliancistas" que entregaram o governo de Pernambuco ao civil Carlos de Lima Cavalcanti. Isso se deu a 4 de outubro, quando a revolução estava em plena efervescência.

Em Belo Horizonte — MG, também os "aliancistas" dominaram o governo após cinco dias de resistência oposta pelo 12º Batalhão de Infantaria.

No Rio Grande do Sul, os "aliancistas" também superaram as resistências e Getúlio Vargas depois de passar o governo do Estado ao sr. Oswaldo Aranha, transferiu-se para Ponta Grossa, no Paraná. Nessa altura, a situação militar estava irremediavelmente perdida para os "legalistas".

O grosso das tropas, de ambos os lados, aglutinado no Sul, estava entrincheirado na divisa de São Paulo e Paraná quando deixou de haver o combate decisivo entre tropas leais do governo federal e as favoráveis aos revolucionários. Isso aconteceu porque o general Pais de Andrade, das tropas "legalistas" rendeu-se após tomar conhecimento da deposição de Washington Luiz, pela Junta Pacificadora.

Na época da revolução, o povo cantava:

"Salvai, salvai gaúchos e mineiros
Paraibanos, Aliança Liberal
Quarenta milhões de brasileiros
Dessa juba tirânica e brutal
Pelas ondas populares (bis, etc.)

E após a revolução, nos Estados "aliancistas" e, talvez, em outros Estados, em homenagem a João Pessoa, nas escolas cantava-se:

"João Pessoa, um herói altaneiro
Que da Pátria, o amor conquistou
Foi um vivo farol que ligeiro
Acendeu e depois se apagou!

João Pessoa, João Pessoa
O teu vulto varonil,
Vive ainda, vive ainda,
No coração do Brasil!

Como um cedro que tomba na mata," etc., etc.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Os "pracinhas" de Conceição

Como é do nosso conhecimento, essa hecatombe teve início a 1º de setembro de 1939, com a Alemanha invadindo a Polônia.

As forças "nazistas" continuaram avançando pela Europa e a guerra se alastrou, tendo a Alemanha conseguido a adesão da Itália e, mais tarde, a do Japão. Esses três países formaram o que se cognominou de "forças do eixo".

Nessa altura o mundo todo esteve envolvido na grande catástrofe que ceifou as vidas de 14.546.363 soldados e ficaram feridos a cifra de

12.209.402. O número de prisioneiros e desaparecidos foi de 16.465.015 pessoas, segundo quadro estatístico publicado na Enciclopédia Barsa, volume 7, pág. 204.

Em janeiro de 1942, o Brasil suspendeu suas relações diplomáticas e comerciais com esses três governos agressores e totalitários e em agosto desse mesmo ano declarou-lhes guerra em represália ao afundamento de navios nossos em costas marítimas brasileiras, organizando uma "força expedicionária" que bravamente lutou nos campos de batalha italianos.

Da "Força Expedicionária Brasileira", com muita honra e patriotismo, participaram filhos de Conceição.

Estamos lembrados de que os jovens conceiçãoenses também ficaram revoltados, como toda a população brasileira ficou, quando souberam do afundamento dos nossos navios, desarmados, crime, esse, cometido pelos submarinos alemães.

Quando nossos jovens foram convocados pelo governo, suspenderam seus estudos e cheios de brio e patriotismo apressaram-se a apresentar-se embarcando em caminhões com destino à Campina Grande para, de lá, rumarem para Recife de onde seguiriam, de navio, com destino ao Rio de Janeiro.

Dentre os que seguiram, nos lembramos dos seguintes: Hermes Pereira Frade, Oswaldo Gomes de Sá, João Rodrigues Ramalho, Napoleão Ramalho, José Ferreira, Julião Ferreira, Washington Ramalho, Dedé Mangueira, José Ramos (Deco) e outros.

Alguns rapazes ficaram em Campina Grande, João Pessoa e Recife, aguardando deliberação militar para se incorporarem ao contingente destinado à Europa. Essa incorporação tornou-se efetiva logo depois para uma parte dos convocados. A grande maioria dos chamados pertencia à zona rural.

Um fato curioso e ao mesmo tempo pungente aconteceu envolvendo a família Gomes de Sá, quando surgiu a triste notícia do afundamento, pelos alemães, do navio brasileiro "Afonso Pena".

Constava da sua lista de embarcados, conforme jornal da época, o nome de Oswaldo Gomes de Sá, jovem conceiçãoense ingresso na "Força Expedicionária Brasileira". Corria o boato de que o torpedeamento do "Afonso Pena" e o seu conseqüente afundamento, dada a rapidez, não permitira sobreviventes.

Incontinente, amigos e parentes de Oswaldo telegrafaram do Rio de Janeiro, Recife, João Pessoa e outras cidades, dando pêsames à família Gomes de Sá, em Conceição. Reinava ainda essa atmosfera de angústia e desespero quando o sr. Alfredo Gomes de Sá, pai de Oswaldo, recebeu do próprio filho um telegrama dando a notícia de que estava vivo e com saúde, pois não se encontrava no fatídico "Afonso Pena" quando esse navio fora afundado. Ele, Oswaldo, quando o navio aportou em Recife, transferiu sua passagem para o navio "Itapagé", da Costeira, o qual ali se achava

ancorado e se destinava a Maceió. O motivo que levou Oswaldo a mudar de navio nós não conhecemos. Mas a verdade é que se Oswaldo tivesse permanecido no "Afonso Pena" como outros companheiros seus, ele teria morrido. Como no meio da viagem, em Recife, trocara de navio, escapara como por milagre.

Aconteceu também que Oswaldo não tivera tempo suficiente para comunicar rapidamente o sucedido aos seus familiares. Daí toda a tristeza em Conceição. Depois de esclarecidas as dúvidas, houve verdadeiro alívio na cidade, principalmente entre a família Gomes de Sá, embora ainda entristecida com a trágica sorte daqueles bravos rapazes que perderam a vida no cumprimento do dever para com a Nação.

Para nossa juventude, nunca faltou entusiasmo, coragem, despreendimento nem incentivo, admiração e respeito do povo da nossa terra àqueles abnegados jovens que solicitamente atenderam com denodo e brio, ao chamamento da Pátria.

Quais as pessoas que mais sofreram nessa época? Claro, as mães dos jovens convocados para a guerra e também a dos outros jovens passíveis de convocação. Elas, sim, viveram longos dias de incerteza e aflição. Graças a Deus, porém, Conceição não teve a lamentar a perda de nenhum dos seus filhos, os quais regressaram da guerra sãos e salvos após a missão cumprida com o esmagamento de uma mentalidade fanática e selvagem que pretendia dominar a humanidade pelo ódio e pela estupidez da violência.

Passado esse pesadelo, Conceição e o mundo puderam respirar aliviados e agradecerem a Deus a volta da alegria entre as famílias e a confraternização mundial entre os homens de boa vontade.

Matéria Especial

AS SECAS

As calamidades provocadas pelas secas nos sertões nordestinos já foram bem mais graves. Por que? Ora, antes não havia boas estradas, nem televisão, o rádio era precário e nem havia telefone DDD como hoje. Mesmo havendo correios e telégrafos, na cidade, isso não era suficiente para levar ao conhecimento das nossas autoridades governamentais e de toda a população brasileira, o lamento doloroso e pungente das famílias sertanejas. Famílias vítimas inermes do flagelo das secas que assolam nossa região sob um sol abrasador. Os ouvidos das autoridades federais estavam muito distantes e era como se o Nordeste estivesse noutro planeta e inacessível a qualquer tipo de ajuda mais abrangente, volumosa e direta às populações sofredoras.

A seca mais antiga que sabemos foi a de 1877 que dizimou o gado, matou muita gente de fome e provocou um êxodo enorme. Em 1878 também houve seca que atingiu a Bahia e até o norte de Minas Gerais. Sucederam-se outras secas nos anos seguintes, porém intercaladas de bons anos de inverno.

Em 1915 choveu pouco e só no mês de janeiro e em alguns lugares baixos como no sítio do Calunga, chegou-se a colher alguns legumes. Em 1916 tivemos um inverno muito bom, seguido dos anos de 17 e 18. Em 1919 nem pingou, porém haviam reservas de alimento e água. De 1920 a 1931 os invernos foram bons e assim tivemos 12 anos de boas chuvas. Em 1932 choveu pouquíssimo, sendo considerado um ano seco.

Por aí se vê a irregularidade das chuvas. Chove bem num ano e no outro não chove, acontecendo anos seguidos sem chuva.

Temos observado um fenômeno natural bem interessante: após grandes secas, tanto a terra como o gado apresentam uma fertilidade assombrosa.

Contam que em 1901 muitas vacas tiveram crias gêmeas, isto é, dois bezerros de uma só vez. No sítio Barra da Onça, no ano de 1933, uma cabra teve duas cabritinhas e ambas com quatro peitos cada uma, como se vacas fossem.

Na agricultura, após longa estiagem, com a chegada das chuvas, o que se planta nasce com uma rapidez impressionante e tudo grande e bonito. Até da ruindade que é a seca, algo de bom também acontece.

Uma percentagem bem apreciável da literatura brasileira, se ocupa das secas nordestinas. Escritores como Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, José Américo de Almeida e outras autoridades como o economista Celso Furtado, o cientista Josué de Castro, o poeta Manoel Bandeira, todos esses nordestinos, já expuseram o problema climático e social das secas sob todos os aspectos, com uma riqueza de detalhes impressionantes.

No entanto, até hoje, esse seríssimo problema tem sido tratado com medidas paliativas e de emergência que pouca melhora tem trazido ao fenômeno das longas estiagens. E mesmo as providências emergenciais paliativas, só duram enquanto as secas, na fase mais aguda, produzem seus trágicos efeitos torrando plantas, animais e seres humanos. Mas após o sinal de uma chuvinha lá para as bandas da serra, o movimento de ajuda se arrefece, passa-se a discutir em simpósios memoráveis as futuras providências a serem adotadas. Essas providências, dizem, resolverão o grave problema.

E o assunto "secas no Nordeste" é um "prato cheio" para os políticos e para a imprensa escrita, falada e televisionada. Em seguida, o manto do silêncio tudo envolve. E não se fala mais nisso até que outra seca sobrevenha.

Como nordestina, de Conceição do Piancó, com muito orgulho, também quero meter minha colher de pau no grande assunto das secas.

Sabemos que o Nordeste ocupa no Brasil uma área de 1.548.672 km2, com uma população aproximada de 35 milhões de habitantes. Isso deve representar uma respeitável parcela física e demográfica de nosso País. Considerando-se, ainda, os diversos aspectos sócio-econômicos, culturais e também políticos, quero dizer que as secas nordestinas **não são um "problema do Nordeste"**. Elas são, antes de tudo, um problema nacional com todas as implicações e responsabilidades não só do governo estadual mas, principalmente, do governo federal e também do povo brasileiro. Até mesmo por uma questão de segurança do país.

Sem o Nordeste, o Brasil não é inteiro, é fração. Por isso não existem problemas de secas nordestinos, mas problemas brasileiros de secas no Nordeste.

Sabemos que o Brasil é uno e indivisível, com ou sem problemas em qualquer parte do território nacional. Somos brasileiros nordestinos, com iguais direitos e deveres de qualquer cidadão que haja nascido no Sul, Leste, Sudeste, Centroeste ou Norte da nação brasileira. Portanto, acreditamos que assim como os engenheiros brasileiros conseguiram levar luz e energia elétrica de Paulo Afonso a todo Nordeste, com a tecnologia moderna, poderão levar também água suficiente e capaz de resolver definitivamente o principal problema brasileiro, que são as secas nos sertões nordestinos. Como? Aproveitando-se as águas dos rios Parnaíba, no Piauí e do Tocantins, no Pará, com a ajuda, se necessário, de outro rio mais próximo do Nordeste, como o São Francisco.

Tubolizando nas fontes essas águas em enormes condutos, talvez de plástico (mais baixo custo) resistente e organizando-se uma rede de distribuição aos principais núcleos populacionais. Desses grandes condutos principais, faz-se outras ramificações para abastecimento de rios secos ou periódicos. Enfim, trazendo ao Nordeste água em enormes quantidades de fontes inesgotáveis e ramificando-se a distribuição estrategicamente,

com um planejamento racional, bem estruturado e inteligente, seremos ricos.

Tanto o ar quanto a água são indispensáveis à sobrevivência das espécies. A água é infra-estrutura tão importante, que nada existe que possa substituí-la. É a fonte de todas as riquezas. Sem ela a palavra VIDA não tem significado.

Como sabemos, utiliza-se o óleoduto que consiste essencialmente numa tubulação por onde circulam combustíveis líquidos ou gasosos. Essa tubulação pode ter milhares de quilômetros de extensão. Como exemplo podemos citar o óleoduto Big Inch, nos EE.UU., o qual, atualmente, não é o mais extenso do mundo. Mede apenas 2.300 km de comprimento e conduz petróleo do Texas e do Golfo do México até às costa do Atlântico.

Ora, a água ainda é mais importante do que o petróleo porque se pode viver sem petróleo, porém é totalmente impossível existir VIDA na terra sem água.

Por que então não se constrói AQUEDUTOS para transportar a água dos grandes rios mais próximos do Nordeste, a fim de abastecer toda uma região seca? Nossa engenharia hidráulica, portadora de tecnologia moderna, pode resolver esse problema de uma vez por todas. E bastam alguns anos de água nos sertões nordestinos e o Nordeste tornar-se-á auto-suficiente. Haverá uma alteração ecológica em nossa região, de tal forma que em poucos anos, com nossos rios e açudes abastecidos, teremos chuvas normais porque nossa vegetação terá se multiplicado milhares e milhares de vezes. O excesso de água do Norte terá se derramado no Nordeste e teremos até um equilíbrio ecológico que só benefícios trará às duas regiões.

E agora alguém perguntará: — "Se exequível esse grande empreendimento de abastecimento d'água no Nordeste, onde se encontrar os recursos financeiros se o Brasil já deve tanto ao estrangeiro?" E eu respondo: — "Para investimento de tamanha envergadura, de caráter tão sério, de alcance tão grandioso, todo mundo apoiará".

Tudo isso representa uma verdadeira revolução desenvolvimentista em nosso País. Muitos bancos e governos estrangeiros, principalmente nossos credores, enxergarão em nossos propósitos uma real possibilidade de saldarmos a nossa dívida sem sacrifício do nosso povo. E com água no Nordeste, o Brasil crescerá em riqueza, harmoniosamente, como um todo e não gordo de um lado e magro do outro. Deixaremos de depender, de forma tão humilhante, do governo federal e poderemos dar as mãos, sem complexos de inferioridade, aos nossos irmãos do Sul.

Pelo excesso de água nas regiões do Norte e Sul e sua escassez no Nordeste, se não houver uma urgente providência de caráter sério, dentro em pouco o Norte e o Sul se transformarão em mar submergindo tudo. E o Nordeste? Talvez num deserto escaldante e totalmente estéril.

Naturalmente que um empreendimento desse vulto, só poderá ser

executado sob a direção e responsabilidade de uma eficiente equipe de técnicos em hidrografia, ecologia, geografia, geologia, etc. Como também deverá ser assessorada, essa equipe, por elementos de grande vivência nesses trabalhos de irrigação, alteração de cursos de rios e aquedutos para o transporte de líquidos em regiões secas. Será um trabalho que exigirá a colaboração tecnicológica de estrangeiros já adestrados em obras dessa natureza. Os EE.UU., a Holanda, a União Soviética, Israel, etc., já têm experiência nesse campo.

Claro que somente a água não resolverá o problema social em nossa região. O povo está carente de alimentos e também de terra para plantar. Quer dizer: junto com a água é necessário dar terra às famílias, a fim de que elas possam plantar. Isso, através de uma distribuição de terras justa e racional. Em seguida, o material indispensável ao plantio, inclusive a assistência técnica. O brasileiro nordestino está cansado de viver à míngua e, às vezes, recebendo migalhas. Isso degrada ao homem, destruindo sua alma e tornando-o um pária dentro do seu próprio País e com tanta fartura de terra e água em sua pátria.

Não é nossa intenção apresentar esse problema e oferecer uma possível solução como uma idéia nova e nossa. Para nós, isso não tem importância. Como é do conhecimento de muitos, há três mil anos, isto é, muito antes de Cristo, já na cidade de Tiro, localizada numa ilha do Mediterrâneo, foram construídos aquedutos para solucionar seu grave problema de falta d'água. Os gregos construíram aquedutos subterrâneos e os romanos construíram aquedutos semelhantes a arcadas como a célebre ponte de Gard, que teve sua conclusão no ano 19 a.C. No Rio de Janeiro temos o aqueduto da Carioca, no bairro da Lapa, cuja construção foi idealizada para levar as águas do rio Carioca até o antigo Campo de Santo Antônio, hoje Largo da Carioca. Desde o ano de 1896, esse belíssimo aqueduto em forma de arcos, serve de viaduto para o Morro de Santa Tereza.

Agora não se riam de mim. Da minha ingenuidade e entusiasmo de conceiçãoense que da sua terra só quer a amizade dos seus conterrâneos e para ela o progresso e felicidades constantes. Não sou política, não entendo de política nem me interessa entendê-la.

Acontece que quando me transferí com minha família para Minas Gerais, vi tanto desenvolvimento aqui no "sul", com chuvas abundantes todos os anos e muita fartura de tudo, que pude estabelecer a diferença entre o "sul" e a nossa região. Por isso pensei em escrever algo que chamasse a atenção dos homens responsáveis pelo destino do Nordeste.

Que Deus ilumine as nossas classes dirigentes, detentoras das riquezas e dos poderes legais, para uma decisão política de âmbito nacional que possa extirpar de vez essa imensa chaga (as secas) que corrói e destrói a unidade nacional.

Dê-nos uma oportunidade dando água, terra e assistência técnica e financeira às famílias rurais sertanejas e mostraremos a todo o País que

com essas providências suplantaremos as adversidades, deixando de ser parte negativa no "bolo" que constitui o resultado do produto nacional. Passaremos em poucos anos à auto-suficiência, inclusive concorrentes na exportação do nosso excesso de produção industrial e também agrícola.

Aqui as terras são boas e contamos com muita disposição para trabalhar no que é nosso.

Agora, por exemplo (agosto/84), já se fala no grandioso projeto do presidente Kadhafi, da Líbia, que pretende, através de AQUEDUTOS, levar água ao Deserto do Saára, numa distância de apenas quatro mil quilômetros, dando emprego a milhares de pessoas e ficando a obra orçada em 10 bilhões de dólares e concluída em sete anos.

Quem já viu um país desenvolvido e rico sem uma agricultura muitíssimo desenvolvida? Reparem a situação agrícola dos países mais ricos! É irracional e injusto uma agricultura atrofiada que pretenda produzir alimentos para uma população de 120 milhões de criaturas, como é o nosso caso. Os povos mais bem nutridos são os mais saudáveis, inteligentes, produtivos e ricos.

Achamos que a solução seria esta: uma distribuição de terras e também de água e mais, assistência técnica com sementes, mudas, etc. e, ainda, assistência médica e sanitária, farmácia, escola, estrada, correio, cooperativas, energia elétrica, etc., enfim, toda uma infra-estrutura capaz de atender as mínimas necessidades do ser humano. Até porque quem vai se envolver numa reforma agrária é justamente as gentes pobres mais necessitadas e carregadas de filhos. E uma reforma fundiária que não considere outras necessidades além da terra e da água, deixará seus beneficiários entregues à própria sorte e sujeitos à fome, a doenças, principalmente às parasitárias. E o problema além de não ser resolvido, produzirá outros problemas também graves. E claro está que uma Reforma Agráfia não poderá ser levada a efeito sem os preliminares estudos, inclusive regionais, considerando-se, ainda, a necessidade de um intensivo esclarecimento e preparo psicológico de âmbito nacional e que possa conciliar interesses de latifundiários e camponeses, visando o BEM COMUM.

ANTOLOGIA

OS ALENCAR

Segundo nos informa o historiador cearense, Dr. João Nogueira, a origem dos Alencar é portuguesa. Dos três irmãos lusitanos que vieram para o Brasil, destaca-se, para nós, Leonel de Alencar Rego, um dos troncos dessa família que se instalou no Ceará.

O primeiro Alencar chegado a Conceição foi Bento José Esteves de Alencar, casado com Ana Rodrigues dos Santos Leite, filha de João Rodrigues dos Santos, fundador de Conceição.

A descendência dos Alencar é bastante numerosa, não só pela pujante fertilidade do tronco principal, como também dos seus ramos, os quais prosseguiram bastante prolíferos, estendendo-se por diversos estados brasileiros.

Os Alencar sobressaem-se também, entre outras virtudes, pela inteligência e pelo espírito humanitário. Bento Alencar, acima referido, foi venerado durante longos anos por ter sido amigo e benfeitor de escravos, numa fase em que a escravidão no Brasil era uma condição normal na exploração dos negros.

"Os Alencar gostam de ajudar as pessoas", é o que se comenta. Essa virtude é inata e proverbial, pois se volvermos nossos olhos para a história do Brasil, nos recordaremos das grandes lutas de caráter nacionalista e humanitário como os movimentos de cunho eminentemente abolicionista, no Ceará, os quais sempre contaram com o entusiasmo e o destemeroso empenho da família Alencar, principalmente na Regência do Segundo Reinado.

Por isso essa família ajudou a escrever a História do Brasil na parte que muito orgulha a gente brasileira, com os seus feitos de glória e suas extraordinárias virtudes. E aí está a inteligência e a criatividade literária do nosso romancista e indianista José de Alencar e, ainda, pelo valor da atuação política do seu pai, José Martiniano de Alencar que por duas vezes governou o Ceará, seu Estado natal.

E quanto teríamos que dizer da fabulosa e lendária Bárbara Pereira de Alencar? A primeira mulher republicana, revolucionária do Brasil, que arrostou a ira da monarquia colonizadora, sofrendo perseguições e até prisão, sem jamais tergiversar nos seus propósitos e nas suas convicções de legítima patriota! . . .

Os Alencar sempre se dedicaram mais ao Direito e às Letras. Assim encontramos dezenas e dezenas de advogados, magistrados, escritores e jornalistas que, com muito brilho, incorporam a linhagem dessa família espalhada pelo Nordeste e estados do Sul.

Em São Paulo reside o Dr. Juarez Alencar, grande advogado de renome naquela metrópole.

Já tivemos a oportunidade e a honra de assistir a um júri onde esse causídico atuou com grande brilhantismo como defensor num processo

dos mais difíceis. O Dr. Juarez Alencar é também escritor de mérito.

No Rio de Janeiro, o Dr. Túlio e a Dra. Adamir (irmãos) são também advogados de renome. No Crato — CE, o Dr. Otacílio Alencar é desembargador de elevado conceito pela honradez e cultura. Em Pernambuco, o Dr. Luiz João Duarte Alencar foi promotor público em várias cidades. Seus pais são da cidade de Sousa — PB. Aposentou-se como promotor em Recife e foi casado em primeiras núpcias com Luiza de Oliveira Alencar, tendo uma filha, Maria da Conceição Alencar (Cecinha), minha querida amiga e ex-colega de trabalho na Faculdade de Ciências Econômicas de Pernambuco. Cecinha casou-se com o sr. Moacir Cunha, este em segundas núpcias e já com os seguintes filhos: Dr. Carlos (economista e advogado), Dr. Paulo (engenheiro) e Mariinha (Administração de Empresas). Do casamento de Cecinha, nasceu Moacirzinho, hoje um simpático e inteligente jovem estudante de engenharia. O sr. Moacir Cunha (já falecido) foi Secretário da Faculdade de Ciências Econômicas de Pernambuco.

Outro importante membro da família Alencar, foi o ex-Presidente da República do Brasil, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, figura das mais proeminentes na política brasileira e um dos chefes da Revolução de 1964.

Na cidade de Jardim — CE, viveu o fazendeiro Luiz Ayres de Alencar (Luzinho), pai de 15 filhos em duas núpcias. Casado em primeiras núpcias com Maria Ancilon de Alencar Barros, deixou os seguintes filhos: Ancilon Hamilton, agricultor-criador; Juarez, advogado; Aristides, farmacêutico; Ana Lígia, Gualterina e Nilze, professoras; Marcondes, Juiz do Trabalho em São Paulo; Moacir, engenheiro agrônomo; casou-se em segundas núpcias com Constância Neves Pereira, filhos: Valderez, advogada; Napoleão, agricultor-criador no Ceará; Raimundo, advogado; Giovani, dentista; Maria Neves, casada com o médico Romão Sampaio; Dr. Luiz Ayres, médico e fazendeiro em Apiaí — São Paulo, casado com Rosicler Norões, pedagoga, (ver a família Peixoto de Alencar) e Paulo Neves Ayres, bancário.

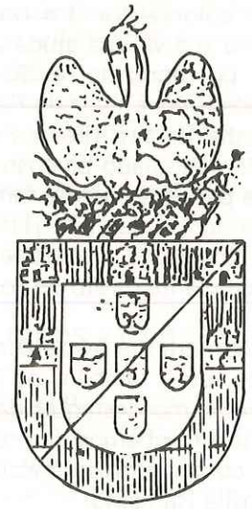
O sr. Luiz Ayres de Alencar (Luzinho) era sobrinho do Barão de Exu, Gualter Martiniano de Alencar Araripe que foi agraciado com esse título de nobreza por decreto imperial de 15 de novembro de 1888. Foi casado em segundas núpcias com Alexandrina Ferreira Leite de Alencar. O Barão de Exu era sobrinho de Bárbara de Alencar, heroína, mãe do romancista José de Alencar. Também dessa tradicional família foi agraciado com o título de Barão de Alencar, o sr. Leonel Martiniano de Alencar.

Observação: Como nossos leitores puderam verificar, demos apenas rápidas pinceladas sobre a árvore genealógica dos Alencar e, infelizmente, não poderemos nos estender mais sobre essa numerosa família como também sobre as famílias que se entrelaçaram, num emaranhado de outras procedências, com os descendentes diretos do histórico e respeitável clã dos Alencar de origem. Uma biografia completa dos Alencar exigiria um trabalho de longo fôlego, traduzido em obra de alguns volumes, o que não se ajusta às

nossas modestas pretensões. Mas a genealogia deste livro relaciona quase todas as famílias que se vincularam aos Alencar, às quais nos forneceram os dados indispensáveis. Assim teremos "linhalisado", mais adiante, os Leite de Alencar, Ramalho de Alencar, Peixoto de Alencar e muitas outras famílias. N. da A.

BRASÃO DOS ALENCAR

As armas dos Alencar estão assim dispostas e são: de prata, com cinco escudetes de ouro postos em cruz e cada escudete carregado de cinco besantes de prata, todos em sautor; bordadura em vermelho, carregada de sete castelos de ouro e um filete de negro, posto em contrabanda e atravessando todo o escudo. Timbre: um pelicano ferido em vermelho, no seu ninho sobre o escudo.



(Pesquisa no Museu de Ciências Naturais — Horto de Dois Irmãos — Recife — PE).

OS RAMALHO

Falar sobre a família Ramalho sem falar sobre os Alencar é bastante difícil ou quase impossível.

São duas tradicionais famílias que se entrelaçaram e se desenvolveram numa mesma simbiose. A formação ou as sedimentações que compuseram o tronco dessas famílias é uma resultante da mistura de suas seivas.

As raízes da árvore genealógica dessas famílias se expandiram quando Bento Alencar se casou com Ana Rodrigues dos Santos França Leite e Aleixo Pinto Ramalho se casou com Maria Rodrigues dos Santos França Leite. Ana e Maria eram irmãs e filhas de João Rodrigues dos Santos e Izabel Rodrigues Leite.

Mas dos Alencar já falamos noutra parte deste livro. Agora queremos falar dos Ramalho.

Em nossas primeiras aulas de "História do Brasil", no curso primário, aprendemos que João Ramalho, náufrago português, chegou aqui no Brasil no ano de 1512. Foi um grande colaborador de Martin Afonso de Sousa no primeiro núcleo colonizador dos nossos índios na ilha de São Vicente, em 1532. Devido à sua valiosa ajuda a Martin Afonso, este o fez Capitão-Mor. Conhecedor profundo da região indígena, foi considerado o primeiro bandeirante, após fundar a vila de Piratininga — São Paulo.

Casou-se com a índia Bartira (Bartira quer dizer "flor") filha do chefe índio Tibiriçá, tendo assimilado os costumes indígenas, inclusive o da poligamia. Daí tornar-se pai de numerosa família.

Essa enorme descendência de João Ramalho espalhou-se pelo Brasil e chegou até nós em Conceição. E assim tivemos em nossa terra, Aleixo Luna Pinto Ramalho, descendente direto de João Ramalho, o bandeirante português.

Como os Alencar contaram e ainda contam com muitas inteligências nas Letras, no Direito, etc., também os Ramalho são herdeiros das mesmas vocações, inclusive, como destaque, da música e das artes. Das gerações precedentes até à nossa, sabemos de muitos advogados, juízes, desembargadores e também compositores e músicos consagrados que representam, pelo sangue, a família Ramalho.

Assim poderíamos citar, entre outros, apenas para lembrar, os desembargadores Luiz Silvio Ramalho e Coriolano Ramalho; compositores Zeca Ramalho e Luiz Ramalho autor da belíssima música interpretada pela famosa cantora Amelinha, "Foi Deus quem fez você". E os trabalhos musicais de Zeca Ramalho são admirados e sempre mereceram do público os mais efusivos encômios.

Interessante é observar que os Ramalho e os Alencar muito se confundem nos mesmos ideais, no talento e no espírito humanitário que os irmanam numa mesma vontade de bem ajudar os seus semelhantes.

CINEMA

O primeiro cinema a funcionar em Conceição pertenceu ao sr. João Nunes de Sousa, mais ou menos na década de 1950. Funcionava no prédio do antigo motor da luz, à rua Nova, hoje Solon de Lucena.

O nome do primeiro cinema era "Cine São João". Dava sessões às tardes dos sábados com "matinées" e "soirées" nos domingos e feriados também.

Os filmes de "far-west" eram os mais apreciados pela garotada. Quando a fita se partia a turma gritava e bagunçava, numa barulhada infernal.

Atualmente, temos um cinema funcionando à rua Prefeito João Fausto, ponto de atração para a população da cidade, principalmente dos jovens.

Com o advento da televisão, o cinema que sempre foi um lazer de muito valor na vida das pessoas, hoje está em plano secundário, considerando-se o alto preço dos ingressos, como também, pela substância e valor literário dos filmes.

O cinema não progrediu culturalmente, antes pelo contrário, os seus enredos caíram na vulgaridade e quase somente exploram sexo e violência, com raras exceções.

Ademais se prefere assistir a um filme em casa, pela televisão, considerando-se duas coisas: economia e comodismo. Também nos cumpre lembrar que antigamente os namorados e noivos eram os melhores fregueses de cinema por serem os mais assíduos por razões óbvias.

É que os locais mais discretos lhes eram os mais irresistíveis . . . O modernismo atual destruiu aquele tipo de romantismo e dispensou aquela discrição.

CIRCOS E CARROSSÉIS

O mundo maravilhoso dos circos e carrosséis vez por outra surgia em Conceição. Era o encontro da alegria da criançada com a beleza e a fantasia. E para os adultos, um entretenimento e uma fuga da rotina.

Interessante era observar os semblantes risonhos da população jovem, quando os apetrechos de um circo ou de um carrossel iam sendo descarregados dos caminhões! A garotada se assanhava toda de curiosidade e com a perspectiva de boas pândegas. Alguns meninos se ofereciam para auxiliar na armação e arrumação daquela enormidade de materiais.

Tanto o circo como os carrosséis eram armados quase sempre no largo da igreja, porém um pouco mais afastados. Aquela prestabilidade espontânea dos meninos ocultava o desejo deles de conseguirem ingressos gratuitos nas diversões e espetáculos. Mas os garotos nunca recebiam a recompensa que esperavam, sem antes percorrerem as ruas da cidade, acom-

panhando o palhaço mascarado e de altíssimas pernas de pau, que ia gritando enquanto os garotos respondiam:

— Hoje tem espetáculo?
— Tem sim senhôoo! . . .
— Às 8 horas da noite?
— Tem sim senhôoooo! . . .
— Tem muita coisa bonita?
— Tem sim senhôooo! . . .

E a outras perguntas do palhaço a garotada sempre respondia: "Tem sim senhôooo!" E era uma animação danada!

Essa cooperação publicitária infantil anunciando a presença do circo na cidade e as noites de seus espetáculos, valia para a garotada, as almejadas "entradas gratuitas". Essas "entradas" eram firmadas com sinais à tinta aplicados nos braços dos meninos, pelo dono do circo.

Quando os espetáculos apresentados agradavam, o circo permanecia mais tempo na cidade. Mas a afluência maior ou menor sempre resultava dos comentários favoráveis ou não das pessoas que assistiram à noite de estréia. Até pessoas da zona rural, nos sábados e domingos, permaneciam na cidade para assistirem aos espetáculos.

À noite, o circo era a atração máxima com suas enormes lamparinas acesas no seu interior, na bilheteria e na entrada principal.

Após o número dos equilibristas, muito emocionante, a atração principal era o palhaço. Com sua vozinha de "falsete" contando piadas, mexendo com a molecada, dentro de uma indumentária extravagante e colorida, além de sapatos enormes e de bicos bem compridos.

Durante todo o espetáculo, muita gente enquanto ria, batia palmas. Percebia-se o esforço dos artistas para agradar à assistência. A garotada se divertia chupando pirulitos feitos por Maricota Camilo. Cascas de amendoim eram sacudidas nos espectadores . . .

Quando o circo era pequeno e mais modesto, o público tinha de levar suas próprias cadeiras para sua maior comodidade.

O palhaço "Picolino" foi o que mais sucesso fez em Conceição, em nosso tempo. Entrava cantando e fazendo versos em cujas rimas sempre havia um duplo sentido, o que fazia a platéia rir a valer . . . Dos últimos circos surgidos em nossa cidade, um deles pertencente a um cidadão estrangeiro de nome sr. Alberto, veio trazendo muitos bichos. Eram uma elefanta, onças, cachorrinhos adestrados, aves, etc. Tinha ainda uma "difusora" em ótimo estado de funcionamento. Infelizmente o sr. Alberto não obteve bons resultados nas suas apresentações que foram poucas e alguns dos animais morreram. Parece que o circo do sr. Alberto já chegou à nossa cidade bem debilitado. Alguns dos seus artistas já o haviam abandonado em outras praças. Por isso, dada a precariedade da situação, a prefeitura houve por bem comprar a "difusora" e o povo se reuniu para colaborar financeiramente, assistindo a alguns espetáculos extras, a fim de possibilitar

que o circo do sr. Alberto fosse embora. Afinal, alguns outros pertences foram vendidos a particulares e o sr. Alberto pôde sair da cidade com sua família, levando também a elefanta.

Esse circo extinguiu-se em Conceição, deixando ao povo muitas saudades e pesar. Outros circos cá estiveram e com mais sucesso.

Os espetáculos circenses têm um "magnetismo" todo especial. Não existe criança ou adulto, principalmente das cidades interioranas que não tenham vivido bons momentos divertindo-se com os bichos, os mágicos, os equilibristas e, especialmente, com o palhaço. O palhaço, essa excêntrica figura que às vezes nos comove e nos põe lágrimas nos olhos, para, em seguida, arrancar da gente as mais espontâneas gargalhadas! Do elenco, na minha opinião, o palhaço é o mais humano dos artistas . . .

Aos palhaços do mundo inteiro, nossas sinceras homenagens!

Já o "carrossel" chegava dias antes das festas religiosas, indo embora após o término das mesmas. Não havia dinheiro que chegasse para a garotada dar as suas "rodadas" no carrossel. Em seus bancos cabiam de três a quatro crianças que não se cansavam de rodar.

Aparecia sempre um sanfoneiro que tocava músicas da época, enquanto o carrossel girava e girava . . . todo enfeitado.

Tudo aquilo era a alegria da criançada, que ria e gritava num prazer delirante. Até os adultos apreciavam o carrossel. Muitos não se satisfaziam só em espiar, mas tomando coragem e vencendo a timidez, sentavam-se nos banquinhos e também davam as suas voltinhas, relembrando, comovidos, o seu tempo de infância.

Quais os adultos que não gostam, às vezes, de se divertirem nos carrosséis da vida? . . . É tão bom ser criança!!!

MONUMENTO AO PADRE CÍCERO

Como sabemos, estátuas ao Padre Cícero Romão Batista (Padim Ciço) estão erigidas em diversas cidades do Nordeste.

Assim sendo, fica comprovado o grande prestígio grangeado por esse lendário e místico religioso cearense.

É justamente nas zonas rurais e entre a população mais simples, humilde e sofredora que mais se reverencia a memória do "Padre de Juazeiro".

Vigário da cidade de Juazeiro do Norte — CE, sua personalidade marcante levou muitos dos seus seguidores ao fanatismo — consideram-no até um santo.

Também nossa gente conceiçãoense não ficou imune à envolvência mística dessa singular figura humana.

Por isso, como prova de admiração e carinho, lá está ao lado da nossa Estação Rodoviária, num pedestal, a estátua (humilde como a origem do homenageado) do Padre Cícero Romão Batista.

Esse monumento concretizou-se graças aos esforços de uma parte da população mais pobre e sob a orientação e entusiasmo da sra. Alzira Limeira, neta de madrinha Bodota. Alzira era cearense de nascimento e adepta fervorosa do guia espiritual dos sertanejos.

Falta à estátua providências para a sua preservação, principalmente por parte das autoridades eclesiásticas do nosso município.

Ainda hoje muita gente continua venerando o Padre Cícero e alcançando "graças" pela grande fé que nutre àquele que tão próximo esteve dos simples e humildes.

MONUMENTO AO PADRE FRANCISCO TAVARES ARCOVERDE

Após a inauguração da nossa primeira Igreja no ano de 1872, recebeu nossa paróquia como seu primeiro vigário o Pe. Francisco Tavares Arcoverde. Sobre sua vida e suas obras, infelizmente não contamos com as informações necessárias. Sabemos que era um sacerdote culto, legítimo apóstolo de Cristo, tendo realizado grandes feitos religiosos, que mereceram dos seus paroquianos muita admiração, respeito e sincera confiança.

Em sua homenagem, na festa do centenário da Paróquia, em 1972, com muita justiça, foi erigida sua estátua ao lado da Matriz. A estátua do nosso primeiro padre, com seu semblante franco e tranqüilo, parece constantemente abençoar nossa terra, o que nos dá muita segurança e ânimo para vencermos as dificuldades que a vida sempre nos apresenta.

Que os anjos o conservem em sua companhia, pois ele bem o merece! . . .

JUCA PEIXOTO

Joaquim Peixoto de Alencar, Juca Peixoto ou, para nós, Tio Juca. Nasceu em 11 de janeiro de 1898 no sítio "Calunga", numa casa com alicerce de pedras e caiada de branco. Ainda hoje essa construção guarda o nome de "casa caiada".

Filho de Josué Rodrigues Ramalho de Alencar e de Henriqueta Nogueira Rodrigues Ramalho. Foi o quarto filho do segundo casamento do seu pai. Aos 2 ou 3 anos de idade, sua mãe faleceu. Tio Juca com seus irmãos mais velhos ficaram sob os cuidados de sua tia Donana, irmã de sua mãe. Um ano após, Josué, seu pai, casava-se pela terceira vez com sua cunhada Donana. Infelizmente, Josué faleceu três anos depois.

Donana sua tia e madrasta ficou quase sem recursos e muito tinha que trabalhar para manter seus enteados e, ainda, seu único filho João.

Os seus irmãos mais velhos, a fim de diminuirem um pouco as despesas de Donana, resolveram entregar tio Juca aos cuidados do seu irmão Peixotinho, em Barbalha — CE, e sua irmã Amélia a outro irmão, José Peixoto, no Crato — CE.

Seus outros irmãos Róseo e Augusto estavam trabalhando em Canindé — CE, sob a responsabilidade do tio, o Dr. Peixoto.

Tio Juca demorou pouco tempo com Peixotinho, pois este era temperamental e às vezes desajuizado. Certa vez mandou tio Juca dar um tiro de espingarda num "cuscuzeiro" que estava sobre o fogão, só porque o cuscuz demorava a cozinhar e tio Juca, bem mandado, não esperou a segunda ordem e mandou tudo pelos ares.

Com coisas malucas desse gênero, seu irmão mais velho não era a pessoa indicada para zelar pelo garoto de apenas 7 anos de idade e, por isso, tio Juca passou a morar com outro irmão, o sr. José Peixoto, no Crato — CE.

Tio Juca era muito inteligente e a vida para ele não passava de eterna brincadeira. Primeiro, porque seu temperamento era alegre e folgazão; segundo porque perdera muito cedo os pais e não ouvia os conselhos dos parentes no que diz respeito às dificuldades que ele teria de enfrentar pelos caminhos da vida.

Passou por diversas escolas particulares, mas como seus mestres não conseguiam dominar o seu irrequieto gênio, estudou em casa mesmo.

Até a parte do curso primário que ele estudou, só quem conseguiu ensinar-lhe foi sua cunhada, madrinha e mãe de criação dona Dalena.

Fazia amigos com grande facilidade, pois quem não gostaria de rir e se divertir à custa de uma pessoa realmente engraçada e que adorava o lado alegre e feliz da vida? Como se ao mundo tivesse vindo somente para mostrar aos seus semelhantes que a vida é maravilhosa e digna de ser vivida, apesar dos percalços que diariamente enfrentamos.

Tio Juca era um pedaço real dessa vida, porém se esqueceu de nos ensinar como praticar e aceitar esse maravilhoso mundo de bom humor e despreendimento. Era cheio de astúcias e muito espirituoso, tipo bastante raro hoje em dia.

Quando seu irmão e protetor José Peixoto mudou-se de Barbalha — CE, para Conceição, trouxe também o tio Juca que fora ajudá-lo na sua loja.

Sua chegada à Conceição foi uma alegria para os seus parentes e também para os seus novos amigos. Era um novo colorido à vida de Conceição. Parece que suas respostas espirituosas e imprevisíveis estavam sempre "engatilhadas" na ponta da sua língua.

Aos 16 anos de idade, arranjou uma namorada, a Virgínia, moça de quem muito gostava. Ela era natural de Pernambuco mas vinha à Conceição passar as festas tradicionais, hospedando-se em casa de parentes. Foi assim que se conheceram. Virgínia ficou muito amiga de Elisa e Amélia, irmãs de tio Juca. Em janeiro de 1915, dia do casamento de sua irmã Amélia, tio Juca fugiu de casa em companhia dos seus primos Neto Cícero e Bruno Alencar com destino ignorado. José Peixoto, seu irmão, preferiu alhear-se do assunto e aguardar os acontecimentos.

Dias depois, voltou Bruno dizendo que tio Juca, Neto Cícero e um sobrinho de Curota ficaram no Rio Grande do Norte.

Tio Juca, como não podia deixar de ser, era o "cabeça" dos fujões e precisava agir a fim de conseguir meios para sobreviverem fora de casa.

Assim sendo, nosso herói fez-se de médico, pedreiro, mecânico, doido, cobrador, etc., ajudado por seus companheiros.

Como médico conseguiu ajudar a debelar uma epidemia de sarampo que grassara num lugarejo do Ceará. Ele aprendera alguma coisa sobre sarampo quando fora acometido desse mal e tratado por dona Dalena. Receitava chá das folhas e raízes de vassourinha, repouso e um comprimido de cafiaspirina. Recomendava não tomar banho frio e nem tomar "pancada" de vento. Às vezes, receitava uma colherinha de óleo de rícino quando o paciente apresentava infecção intestinal. Como alimentação recomendava, canja de arroz com folhas de hortelã. Quando o sarampo cedia (e cedia sempre), indicava um fortificante como, Vanadiol, Biotônico Fontoura, etc. Segundo consta, tio Juca não perdeu nenhum "caso" . . .

Após toda "orientação médica", recebia algum dinheiro oferecido pelas famílias dos convalescentes e rumava para outro lugar.

No interior do Rio Grande do Norte, funcionou como mecânico quando, aproximando-se de uma casa, sua dona se queixava de um defeito na sua máquina de costura.

Imediatamente, tio Juca ofereceu-se para consertar a máquina e em poucos minutos a consertou. Claro está que o defeito não era lá essas coisas. Recebeu uma pequena gratificação e continuou suas andanças. Afinal de contas, ele e seus amigos precisavam de dinheiro para essas viagens. Pequenos biscates assim, tio Juca fez diversos.

Fez-se de doido. Estavam com fome e combinaram dar uma de maluco. Seus companheiros disseram a um rapazinho que ia passando com um balaio cheio de pães que o tio Juca era doido. Quando tio Juca foi se aproximando do rapazinho, este se assustou e largando o balaio às mãos dos rapazes, saiu numa carreira louca. Tio Juca pegava os pães e os atirava nos companheiros que os guardava nos bolsos. Assim foram embora com os bornais cheios.

Como pedreiro conseguiu arranjar a construção de uma calçada na frente de uma residência. Só que não completou o trabalho por não saber terminá-lo. Pelo serviço já feito, pediu e recebeu pagamento, pois ficara de voltar para concluir o mesmo. Claro que jamais voltou àquela obra.

De cobrador tio Juca arranjou um trabalho com um comerciante que tinha contas antigas a seu crédito. Contas velhas e problemáticas. Saía pelos sítios e fazendas executando suas cobranças e quando o devedor não tinha o dinheiro na hora, tio Juca propunha-lhe receber em lugar do dinheiro qualquer objeto de valor. Assim recebeu um burro, um jumento, galinhas, bode, selas, etc., como pagamento das dívidas. Numa dessas co-

branças disse brincalhão a um mau pagador: — "Ou o senhor me paga ou eu levo até a muié". O homem respondeu afobado: — "O quê o sr. disse?" Aí tio Juca remendou a conversa, dizendo: — "Foi o que o senhor ouviu: ou me paga ou levo até as cuié", pois o meu patrão já esperou demais e está precisando receber seja o que for em pagamento", etc. e foi enrolando.

A essa altura os seus companheiros de aventuras voltaram para casa e tio Juca resolveu enfrentar sozinho as suas proezas.

No Ceará, numa fazenda, ficou trabalhando alugado nos serviços de roça. Como o ganho era pouco e a comida ruim, resolveu tio Juca namorar a negra cozinheira "Ogêna" (Eugênia). Esta era uma negra bem feia e nos seus 28 anos de idade. A preta ficou muito feliz e daí em diante tio Juca passou a comer do bom e do melhor. Chegou até a ficar "noivo" da cozinheira marcando data do casamento. A preta dizia chamar-se "Ogêna". O fazendeiro estranhando a inusitada atitude do seu empregado, perguntou-lhe certa vez: "Você que é moço branco e de boa aparência quer mesmo se casar com a "Ogêna"? Ao que tio Juca respondeu: — "Ela é boa pessoa, trabalhadora e eu gosto dela". E aí largou outra bruta mentira, mais ou menos assim: — "Na minha família também tem muito negro", etc. Alguns dias depois, alegou que iria à sua terra natal a fim de buscar os seus documentos para se casar. Foi embora e nunca mais voltou e nem era esse o seu propósito. Seguiu direto para Maurity — CE, onde residia uma de suas irmãs. Lá, por uma feliz coincidência, encontrou-se com sua namorada Virgínia que havia firmado a intenção de casar-se com ele.

Alguns meses após sua chegada a Maurity, resolveu raptar sua namorada Virgínia, embora toda a família da moça estivesse de acordo com o casamento. Somente o sr. Batista, pai de Virgínia, queria que tio Juca, antes de casar-se, organizasse a sua vida.

Os enamorados se dirigiram, após o rapto, para a casa de Eugênia, sua irmã, onde permaneceram até a realização do casamento. Depois Eugênia e seu marido foram até Conceição levar os recém-casados. Foi uma comitiva de oito pessoas, inclusive três irmãos de Virgínia, diretamente para a casa do sr. José Peixoto. Este ficou muito surpreso com a chegada de toda aquela gente e, ainda, trazendo tio Juca já casado. Os cônjuges estavam com apenas 18 anos de idade.

Tio Juca, sem emprego e sem prática de trabalhos de roça, teve que enfrentar a vida no "Calunga", cuidando da agricultura. Seu irmão, José Peixoto, forneceu-lhe dinheiro para iniciar a vida. Assim tio Juca passou alguns anos.

Sua prole foi crescendo e sua esposa revelara-se ótima companheira. Tolerante, trabalhadora, tornando-se cada vez mais amiga da família do marido.

Alguns anos depois ele comprou um sítio — o "Baixio". Foi sua primeira propriedade adquirida com seu trabalho. O "Baixio" ficava en-

tre o sítio "Posse" e Conceição. Era lá no "Baixio" que alguns rapazes empregados no comércio e outros que eram estudantes iam em noites de luar ouvir tio Juca contar as suas aventuras que eram muitas. Contava, também, anedotas, recitava, improvisava, enfim, oferecia aos rapazes verdadeiros shows de entretenimento e lazer. (Ver noutro local "As proezas do tio Juca").

Em 1942, mais ou menos, tio Juca arrendou ou vendeu o "Baixio", indo com sua família passar uma temporada em São Mamede. Quando voltou foi morar no Capim, povoado do nosso município, como comerciante. Completava sua renda com o fabrico de roçadeiras, foices, consertando máquinas de costura e outros "biscates".

Lá viveu muito bem com sua família que já era numerosa. Ele e Virgínia, sua esposa, viviam como namorados. Ela de temperamento passivo e tolerante e ele já ajuizado e responsável, porém sempre brincalhão e divertido.

Ocorre-nos que numa festa religiosa com barraquinhas e votos para eleição da "rainha da festa", tio Juca comprou um voto (que era secreto). Todas as pessoas presentes muito riram quando na apuração dos votos o padre leu no alto-falante, entre outras candidatas, o nome de "Virgínia Pereira de Alencar, um voto!" Era tio Juca sufragando o nome de sua querida esposa. Virgínia ficou meio encabulada, porém já conhecia muito bem o seu marido . . .

E lá no "Capim" com sua enorme família quase toda criada, sua esposa Virgínia veio a falecer. Com sua morte, que ainda deixou filhos menores, tio Juca ficou bastante abalado porque perdera uma ótima esposa e uma adorável companheira.

Mas como enviuvara cedo, casou-se pela segunda vez. Ocita Rodrigues Ramalho era o nome de sua nova esposa. Eles foram felizes pois Ocita também era boa pessoa e capaz de conviver bem com sua nova família, dando-lhe ainda mais filhos.

Outra vez tio Juca sofreu rude golpe com o falecimento da sua segunda esposa e amiga, Ocita.

Mesmo com uma "ranchada" de filhos, inclusive menores, nosso tio era otimista e bem humorado. Sua enorme família jamais lhe deu aborrecimentos. Foi um pai cuidadoso, responsável sem ser "ranzinza". Casaram-se todas as suas filhas e vivem bem, graças a Deus.

Tio Juca nunca teve intrigas com ninguém e em questões de família jamais tomou partidos.

Assim era Joaquim Peixoto de Alencar, Juca Peixoto ou tio Juca. Simples, humilde e desinteressado. Amava a vida mais pelo prazer de estar vivendo num mundo que ele soube adaptar-se muito bem. Seu espírito só captava o lado bom e divertido das coisas ou, quando necessário, sabia colorir com sonhos, risos e fantasias, tudo que se aproximasse do seu mundo. Em quase tudo descobria algo de cômico. Era um tipo humano que, sem

esforço, conseguia animar as pessoas a fugirem do tédio e do pessimismo. Foi o "gênio" que sempre encarnou com sutil ironia e comicidade o melodrama da humanidade. E tudo isso espontaneamente, graciosamente, sem esperar nem ao menos um "muito obrigado".

Penso que há pessoas que vêm ao mundo com a função específica de tornar a vida em algo que nos encanta e fortalece, dando-nos mais razão e vontade de viver . . .

Nos seus últimos dias de vida esteve tio Juca rodeado dos seus entes mais queridos e toda assistência moral e material lhe foi proporcionada. Concluíra muito bem o seu destino na terra.

Faleceu em 6 de maio de 1969, na cidade de Bezerros, Estado de Pernambuco.

Obs.: Todas essas aventuras de tio Juca, me foram narradas por João Claudino, Bruno, tia Amélia, minha mãe, Maricota e p/ próprio tio Juca.

JOÃO ONÇA

João Domingos Ramos (João Onça) era filho de Antônio Domingos Ramos e de Custódia Maria de Lima.

Nasceu na "Barra da Onça", antes sítio "Barros", no atual município de Santana de Mangueira, no dia sete de setembro de 1892. Casado com Amália Domingos Ramos. São seus filhos: Carlos Antônio, Paulo e Gledes Domingos Ramos.

Figura "sui-generis", pois raríssimas são as pessoas que reúnem em si tantas e tão expressivas qualidades enobrecedoras do caráter humano, como o nosso saudoso amigo João Onça.

Era desses tipos excêntricos, hoje em extinção. Coração de ouro de homem simples do sertão. João Onça tinha a obsessão de conhecer, ajudar e agradar todo mundo da melhor maneira possível. Era tão sincero e acolhedor no seu sítio, a ponto de não permitir que algum passante conhecido, amigo ou mesmo estranho, que por força das circunstâncias passasse por sua casa, não parasse e demorasse para um "rápido cafezinho". Acontece, porém, que para esse rápido cafezinho, sempre reforçado de uma alegre "prosa", o visitante muitas vezes tinha que ficar para almoçar, jantar e pernoitar no sítio. Só conseguia escapulir na manhã seguinte.

Era hábito dele e da sua família insistir para as pessoas se hospedarem em sua casa. Muitas vezes quando avistava passando na estrada uma pessoa amiga, como o sr. José Frade, Né Alves, Anísio Moura, seu Braga e outros, ele de longe chamava a pessoa em voz alta tentando fazê-la passar pela sua casa. Quando João Onça não conseguia fazer-se ver nem ouvir pelo amigo que na estrada passava, incontinenti despachava um menino, seu parente, para lá na frente abordar o passante. Fazia-o voltar com um recado de que João Onça tinha um assunto importante para tratar com ele, etc.

Como muitas pessoas já conheciam sua acolhedora forma de prender suas visitas, estando apressadas, impossibilitadas de se demorarem, ao se aproximarem da "Barra da Onça", indo ou voltando da cidade, lamentavam ter de se esconder ou apressar os passos. Muitos passavam por lá à noite, a fim de fugir do assédio do grande amigo João Onça. Todos adoravam a companhia dele e de sua família. Quando escapuliam do seu convívio era por razão muito forte. E a fartura de sua casa? Nas refeições, nunca o visitante conseguia esvaziar o prato. Assim que a "montanha" baixasse um pouco, lá vinha João Onça ou uma das suas duas irmãs, Comadre ou Maria, com mais um pedaço de carne de boi ou de galinha, ou ainda um pouquinho de farofa e batata para colocar no prato inacabado do hóspede amigo.

Ele era assim mesmo — simples, comunicativo, alegre, anfitrião. Exagerado que mais parecia um doce de mel.

E se alguém lhe perguntasse: — "Como vai, João Onça?" Ele respondia simplesmente: — "Véio . . . tô véio que tô danado!" Nunca dizia se estava bom ou não! Somente: "Tô véio que tô danado!"

Às vezes a gente fica pensando que Deus quando quer atenuar um pouco os nossos sofrimentos, nesse difícil caminho da nossa redenção, espalha pelo mundo alguns "João Onça", com centelhas de Cristo no coração.

E as pessoas privilegiadas, pela maior evolução do espírito têm a oportunidade de conviver com esses enviados do céu e aprender com eles o verdadeiro caminho do amor universal.

Descanse em paz amigo João Onça! Muito obrigada por tudo que você nos ensinou. E muito agradecida também pela sua presença entre nós.

Faleceu em 1969.

JOÃO CLAUDINO

(Cidadão conceiçãoense)

João Claudino Vieira nasceu em Barbalha — CE. Veio para Conceição ainda criança trazido pelo sr. José Peixoto de Alencar. Era muito ativo e inteligente, aprendeu a ler e a escrever muito bem. Trabalhava na loja do sr. José Peixoto. Chegou até a ser sócio interessado da firma "Peixoto & Irmão".

Voltou ao Ceará, instalando-se em Maurity — CE por conta própria, onde se casou em primeiras núpcias com Severina Vieira de Alcântara, conhecida por "Didi". Tiveram dois filhos: Juvêncio e Aluísio. Casou-se pela segunda vez com Maria Nilza Vieira.

Voltando à Conceição tentou o comércio, negociando com uma "casa de lanche", à rua Nova, hoje Solon de Lucena, conhecida como o "Café de João Claudino". O "Café de João Claudino", era freqüentado pela sociedade jovem de Conceição.

João Claudino também exerceu a profissão de contínuo na Prefeitura de 1953 a 1963, passando a ser funcionário do Estado até aposentar-se.

Era muito comunicativo, alegre e fez grandes amizades. Tinha um timbre de voz bastante forte, com boa dicção e era bem interessante ouvi-lo contando as histórias de suas viagens ao sul, onde conheceu as mais importantes capitais do país. Seu bom humor era contagiante e muito divertia seus contemporâneos.

Do segundo casamento tiveram quatro filhos, Alberto, Antônio Cláudio, Maria Celuta e Cláudia Vieira. Foi um pai dedicado e soube dar à sua família os mais sadios exemplos de trabalho e honradez.

Embora João Claudino não tivesse nascido em Conceição, sendo de naturalidade cearense, conforme já relatamos acima, estava ele intimamente ligado de coração às pessoas e às coisas conceiçãoenses. Justamente por isso preferiu passar seus últimos anos de vida na terra que o acolheu e à qual ele tanto amava.

Faleceu em 1968.

JOAQUIM CARRASCO

Joaquim Ferraz, este o seu verdadeiro nome, era um caboclo alto, forte, vozeirão franco, trabalhava na roça. Foi "morador" no sítio "Posse" desde os tempos do Cel. José Peixoto.

Honesto, prestativo, trabalhador e, sobretudo, amável, qualidade, esta, que contrastava com o seu apelido de "carrasco".

Pai de uma grande prole, foi um dos mais enérgicos chefes de família. Deu ótimos exemplos aos seus filhos, sendo deles muito amigo.

No lar fazia questão de ver obedecidas as suas ordens. Era homem sério, cumpridor de seus deveres e sua palavra empenhada tinha a força de credibilidade incontestável.

Joaquim Carrasco era desses tipos que cultuam a honradez numa palavra dada. Um compromisso seu era como a Tábua de Moisés: irreversível.

Bastante estimado por todos que o conheciam, inclusive por mim que era sua comadre.

Deixou os seguintes filhos: primeiro casamento: Luiz, Antônio, José, Anísio e Trajano; segundo casamento: Quitéria e Francisca. Esposas: Júlia e Josefa. Faleceu em 1982.

MADRINHA BODOTA

Benedita Peixoto de Alencar ou "Bodota" como era conhecida, foi por toda uma geração carinhosamente tratada por "madrinha Bodota".

Nasceu "madrinha Bodota", no ano de 1862, no sítio da "Posse",

"Madrinha Bodota"

Esta velhinha faz parte da história de "Conceição".

Era filha de escrava e nasceu escrava, recebeu alforria na pia batismal.

de propriedade do sr. Raimundo Peixoto de Alencar e localizado no então povoado de Conceição do Piancó.

Era filha natural de Raimundo Peixoto de Alencar, com uma escrava deste.

Recebeu "alforria" na Pia Batismal, juntamente com sua mãe escrava. Foi criada na casa do próprio pai e de sua esposa dona Maria Madalena, aos quais "madrinha Bodota", afetuosamente, os chamava de loiô e laiá.

Foi dotada de inteligência, bom senso e extraordinárias habilidades culinárias. Pouco sabia ler, porém com sua incrível capacidade de retenção mental, preparava com requinte as mais saborosas receitas de bolos, biscoitos, doces e os mais variados pratos regionais.

O seu aperfeiçoamento na arte culinária deu-se quando ela esteve uma boa temporada em Fortaleza, em casa do Dr. Peixoto, seu irmão por parte de pai e que ocupava o cargo de Juiz de Direito na capital cearense.

Casou-se com um moço branco, de nome José, de cujo matrimônio teve um casal de filhos: Antônia e Rodrião.

Madrinha Bodota e seu marido poucos anos viveram em comum,

pois seu esposo saiu de casa a fim de procurar emprego ou em busca de trabalho no estado do Amazonas e jamais deu notícias.

Ela sempre viveu de trabalho honesto. Como era cozinheira de reconhecido valor e ótima profissional, não só atendia a encomendas diversas, feitas por famílias conceiçãoenses, como também tinha pensão familiar, onde "caixeiros-viajantes" se hospedavam e, inclusive, outros passantes.

Foi mestra no fabrico de sabão e sabonetes perfumados que agradavam em cheio a todo mundo, sem falar na saborosa lingüiça caseira que só ela mesma seria capaz de fazer. Por isso, suas iguarias eram bem apreciadas e encomendadas.

Era madrinha Bodota quem preparava banquetes para festas de casamentos, visita de governadores, bispos e outras pessoas ilustres.

Muito religiosa, rezava o rosário diariamente.

Foi também uma chefe de família extremosa nos cuidados dos filhos, netos, bisnetos e demais parentes.

Madrinha Bodota foi, na verdade, a fada madrinha mais carinhosa que Conceição teve a sorte e o privilégio de conhecer e conviver por muitos anos.

Tinha dezenas de afilhados legítimos, isto é, com o sacramento religioso, e milhares legitimados pelo amor e pelo carinho inatos da nossa querida madrinha Bodota.

Ainda existe uma neta sua, Chiquinha Guedes, residente em Aracajú e os bisnetos: Manoelina, Maria, José Edvaldo, Nenilse e Expedito.

Apesar de ter vivido em Barbalha, Crato e Maurity, foi conosco em Conceição que passou a maior parte da sua vida. Uma existência que tão útil foi a todos os conceiçãenses, não somente pela sua capacidade culinária e prestabilidade, como também por tudo de bom que sua alma nos ofereceu e pela humildade e piedade cristã.

Ela foi e ainda é de fato e de direito a "madrinha" amorosa de nossa terra.

Faleceu em 1953, rodeada do povo que sempre amou, com a provecta idade de 91 anos.

Conceição que sempre foi grata aos seus mais queridos filhos, dos mais ilustres aos mais humildes, por certo ainda dará a uma de suas ruas, o nome de "Madrinha Bodota", essa simpática e popular figura.

E com muita justiça!

POLÍTICA E ELEIÇÕES

As mulheres na política conceiçãoense

Quando eu era menina, lembro-me bem, a política em Conceição constituía-se num movimento quase que somente masculino. Pelo menos

aparentemente. Havia animação com cochichos e fofocas entre os mais aficcionados.

Reuniões dos chefes e sub-chefes indicavam qual a melhor estratégia que se deveria empregar para serem alcançadas as vantagens e outros interesses a favor de tal ou qual partido e, naturalmente, desse ou daquele candidato.

Toda essa movimentação política estava eivada das mais nobres intenções, no sentido da promoção do progresso e do bem-estar da comunidade conceiçãoense.

Jamais tivemos algo de muito grave a lamentar em decorrência de incidentes políticos.

No ano de 1934, em virtude da criação de uma nova lei eleitoral (em 1932) que estabelecia o voto feminino, as eleições em Conceição apresentaram uma inaudita animação. As mulheres que votavam pela primeira vez participaram com muito civismo e entusiasmo na disputa do voto, dando um novo colorido à movimentação política local e à preferência do sufrágio popular. Essa primeira eleição com participação feminina, realizou-se a 09 de setembro de 1935 e o Juiz Eleitoral foi o sr. Paulo de Morais Bezerril, sendo o presidente da Mesa o sr. A. Diniz. Houve eleições também no dia 03 de novembro desse mesmo ano e, ainda, no dia 12 de janeiro do ano seguinte (1936). Foram eleições municipais, estaduais e federais que se realizaram no espaço de apenas quatro meses.

Assim que obtiveram alguma experiência política nas épocas eleitorais, as mulheres conceiçãoenses vibravam. Ajudavam seus maridos, parentes e amigos a promoverem festas de diversos tipos, na organização de bailes, reuniões, passeatas, trabalhos de orientação político-partidária, comícios na cidade e também na zona rural. Ajudavam na qualificação dos eleitores, inclusive orientando-os quanto aos seus direitos e deveres como sufragistas. Colaboravam também nas providências de conseguirem transportes para os eleitores das vilas, povoados e distritos e ainda na sua alimentação e acomodação em locais mais próximos às Juntas Eleitorais.

Em 1945, quando nosso País saiu de um longo período de ditadura, para entrar numa fase constitucional e de democracia, o chefe da União Democrática Nacional (UDN) em nosso município, era o sr. Francisco de Oliveira Braga. Seu opositor era o sr. João Fausto de Figueiredo que chefiava o Partido Social Democrático (PSD) e fora prefeito de 1937 a 1940.

A preferência popular, através do voto, ora pendia para os candidatos da UDN, ora para os candidatos do PSD. Exemplo: Nelson Ribeiro do partido do sr. Braga, elegeu-se prefeito municipal. Também o sr. João Mangueira Neto, do partido do sr. João Fausto, conseguiu eleger-se prefeito de Conceição. Depois foi a vez de Luiz Gomes de Sá (do sr. Braga) e Unias Leite Ramalho (do sr. João Fausto) este chegando até à reeleição. O próprio sr. Braga também foi eleito prefeito por duas vezes.

Observa-se que a preferência eleitoral do município sempre teve

característica bi-partidária, apoiando ora os candidatos governistas, ora os da oposição.

Parece-nos que o exercício do voto em Conceição legou ao seu povo bastante amadurecimento e conscientização política. Haja visto as grandes obras de máximo interesse social que colocaram nossa terra em situação privilegiada considerando-se as adversidades que enfrenta nossa região, principalmente as de natureza climática.

Em 1947 a UDN (União Democrática Nacional) apresentou o sr. Oswaldo Trigueiro como candidato à governança do nosso Estado. O PSD (Partido Social Democrático) teve o sr. Alcides Carneiro como candidato ao mesmo posto. O sr. Oswaldo Trigueiro da UDN foi o vitorioso. Essas eleições foram precedidas de uma animação popular fora do comum. Eram faixas, bandeiras, dísticos, músicas, foguetes, críticas as mais engraçadas, tudo isso num entusiasmo contagiante e cheio de vibração.

Os pessedistas ficaram decepcionados com o revés que sofreram. Era o sr. Rui Carneiro o chefe do PSD em nosso estado e também irmão do sr. Alcides Carneiro candidato derrotado.

E o povo, com a música "Jardineira", cantava assim:

"Ô pessedista por que estás tão triste?
Mas o que foi que te aconteceu?
— Foi Rui Carneiro que perdeu na luta
Fracassou Alcides e Oswaldo venceu . . .
— Vem pessedista, deixe a nostalgia
Venha comigo partilhar da alegria
Que na Paraíba agora
Acabou a oligarquia . . . "

O povo todo estava dividido entre os dois maiores partidos: PSD e UDN. Havia verdadeiro facciosismo partidário a ponto de se ajuizar o caráter dos indivíduos, considerando-se principalmente a qual partido político uma pessoa estivesse vinculada.

No entanto, terminadas as eleições, diminuíam gradativamente as animosidades até não mais existí-las e a vida continuava com as amizades já refeitas, porém ressalvava-se a preferência e a disciplina partidária. Perdesse ou ganhasse o seu partido, o eleitor continuava fiel à sua legenda e nem a ferro e fogo vacilava quanto às convicções partidárias.

Alguns levavam tão a sério as disputas eleitorais, que muitas vezes evitavam dialogar com eleitores de partidos adversários.

Mas, felizmente, nem todo o povo agia tão sectariamente. Muitos compreendiam que acima dos interesses pessoais e partidários, deveriam pairar os mais nobres interesses do nosso município, isto é, aqueles que mais de perto servissem à nossa comunidade. E essa compreensão altruística e patriótica arrefecia os ânimos.

Nas eleições seguintes (1951) foram candidatos à governança do Estado os senhores Argemiro Figueiredo, pela UDN e José Américo de

Almeida pelo PSD. O entusiasmo nessas eleições nada ficou a dever às vibrações do pleito anterior, quando o candidato Oswaldo Trigueiro da UDN foi o vitorioso.

Desta vez, porém, o vencedor foi José Américo de Almeida, do PSD, que ocupou o palácio da Redenção como governador eleito.

Quando das festividades eleitorais, houve cenas pitorescas próprias da fertilidade imaginativa de nossa gente. Durante a campanha apelidaram os "argemiristas" de "amarelos" e, por isso, os udenistas para mostrarem que não se deixavam abater com as piadas adversárias, passaram a usar a cor amarela em suas coisas, principalmente nas suas vestes, como símbolo do seu partido político. As mulheres usavam vestidos amarelos, laços de fitas e outros atavios também amarelos. Os homens prendiam fitinhas amarelas na lapela do paletó. As ruas eram enfeitadas de bandeirinhas e argolas entrelaçadas, feitas de papel de seda amarela. Uma das mais fervorosas udenistas dessa época, foi a senhora Dinah Ramalho Mangueira, esposa de Lino Mangueira. Durante os três meses que precederam as eleições, essa nossa querida conterrânea trajou-se de amarelo. Com esse gesto, essa senhora pôde demonstrar que o nosso povo não tergiversa e tem firme o caráter, principalmente quando assume um comprometimento que envolve princípios, convicções e respeito às pessoas que comungam dos seus mesmos ideais.

Apesar de terem os udenistas perdido as eleições dessa vez, nem por isso ficaram tristes, pois sabiam que o sr. José Américo de Almeida, além de ser um cidadão humano e honesto, era possuidor de enorme capacidade administrativa e clara visão dos problemas da Paraíba e do Brasil.

Todos sabiam que o nome de José Américo de Almeida merecia o respeito e a confiança não só dos paraibanos, como também de todos os brasileiros.

Da nossa política os frutos aí estão: apesar da pequena arrecadação da nossa prefeitura e das limitadas verbas estaduais e federais, por lei destinadas aos municípios de menor porte, Conceição goza das vantagens de centro desenvolvido.

Esse desenvolvimento está nos setores da EDUCAÇÃO, SAÚDE, TRANSPORTE, ENERGIA, COMUNICAÇÃO, etc.

A verdade é que se não fosse o grande esforço de denodados homens públicos, de grande amor à nossa terra e à nossa gente, não desfrutaríamos hoje do conforto que gozam os centros mais prósperos. Somos o mais longínquo município do nosso Estado e temos de enfrentar as maiores dificuldades no caminho do progresso.

Por uma questão de justiça não poderíamos deixar de enaltecer os homens públicos de Conceição que tanto lutaram e lutam para dar à nossa terra as diversas obras que nos orgulham, indispensáveis ao desenvolvimento e ao bem-estar do nosso povo.

Destacamos, como exemplo, a pessoa do sr. Francisco de Oliveira

Braga, trabalhador incansável e de espírito público à toda prova.

Não vai nisso, a mínima intenção de elogios. Sua vida e suas obras, são fatos irrefutáveis, palpáveis. Seus feitos aí estão na presença de todos.

Os membros da família Oliveira Braga, tendo o sr. Braga como chefe e mentor político, são tão intimamente ligados ao nosso município e também a todo o "Vale do Piancó", que se confundem numa mesma comunhão de ideais, disposição, capacidade, perseverança e amor às gentes e às coisas da nossa sofrida região.

GUARDA NACIONAL

Nos anos de 1831-1832, durante a Regência Trina Permanente, rebentaram no Rio de Janeiro muitos tumultos e levantes entre as facções dos "restauradores e dos opositores". Essas desordens eram refreadas pelos "moderados", que, na época, ocupavam o poder.

Para melhor controlar a situação, foi criada pelo Governo Regencial, além do Corpo de Guardas Municipais Permanentes, a Guarda Nacional. Ela deveria estar pronta para entrar em ação contra os "rebeldes" assim que "soassem matracas". Esse governo era formado pelo Brigadeiro Lima e Silva e por mais dois membros que eram os deputados José da Costa Carvalho e João Bráulio Muniz.

Mesmo após a queda do regime imperial e ascensão do regime republicano em 1889, continuou o governo, até a terceira década deste século, se utilizando da Guarda Nacional. Para isso outorgava como estímulo "cartas patentes militares" aos proprietários de terras que mais produzissem em suas lavouras. As "cartas-patentes" também poderiam ser adquiridas conforme o desejo e a situação econômica dos pretendentes. Naturalmente que esses diplomas só eram conferidos às pessoas idôneas e que merecessem a confiança do governo. A fim de que possam nossos leitores conhecer uma "Carta-patente", aqui reproduzimos um "fac-símile" de um desses documentos outorgado ao Cel. José Peixoto de Alencar, pessoa que, em vida, foi muito respeitada e estimada.

Abaixo apresentamos uma relação de nomes dos cidadãos que mereceram do Governo Federal, um posto hierárquico na "Guarda Nacional", através de "Cartas de Patentes Militares":

Cel. Enéias Leite
Cel. João França
Cel. José Peixoto de Alencar
Cel. Ozório Ramalho
Cel. Salustiano Leite Figueiredo
Cel. Teodomiro Ramalho Alencar
Major Otoni Rangel
Major Nicolau França
Major Batista Ramalho
Cap. Maximiano Alves
Cap. José Alexandre Ramalho
Cap. Manoel José Diniz Laranjeira
Cap. Augusto Diniz
Cap. Emídio Laranjeira
Cap. João Pedro
Cap. João Pinto
Cap. João Miguel

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Faço saber, aos que esta Carta Patente virem, que, por decreto de 4 de agosto de 1895, foi nomeado tenente-coronel do Batalhão de Infantaria do Estado [illegible] e como tal gosará de todas as honras e direitos inherentes ao posto; pelo que mando á autoridade competente que lhe dê posse depois de prestado o solemne promesso de bem servir, aos officiaes superiores que o reconheçam e a todos os seus subalternos que lhe obedeçam e guardem suas ordens. Para servir de titulo, lhe mandei passar a presente Carta por mim assignada, e que se cumprirá depois de sellada com o sello das Armas da Republica.

Palacio da Presidencia no Rio de Janeiro, [illegible]

(fac-símile de uma "carta-patente").

Observação: Caso tenhamos omitido o nome de algum cidadão que também tenha sido agraciado com o título e o posto militar da "Carta-Patente", na relação apresentada, essa falha, da nossa parte, foi resultado da falta de dados mais completos por nós obtidos.

OS CANGACEIROS

Éramos ainda bem crianças e já tínhamos verdadeiro pavor de "cangaceiros" (mesmo sem conhecer o significado de "cangaceiros") e, principalmente, de "Lampião".

Contava-se tantas coisas horríveis praticadas por essa gente, que o medo era uma constante na vida de crianças e adultos nordestinos.

Vamos falar sobre os "cangaceiros" sob um prisma mais realista, conforme apuramos através de pesquisas que fizemos em documentos idôneos, inclusive em vários livros de autores de conceito.

A história do cangaço é sempre uma história triste e que revela episódios constrangedores. Seus personagens foram nordestinos vítimas inocentes da pobreza, da ignorância e das injustiças sociais. Alguns foram levados ao crime para vingar a morte traiçoeira e injusta de um parente próximo, porém todos vítimas ingênuas de um regime feudal imposto pelos chamados "coronéis", os "bichos-papões" daquelas bandas.

Vingavam a morte de um parente e perseguidos fugiam embrenhando-se nas matas, locas e grutas de pedras ou ainda, nas caatingas. Lá permaneciam, esses pobres bandoleiros assustados, perambulando ao léo naqueles sertões secos e abandonados.

E sempre fugindo à perseguição da polícia que não lhes dava folga. Eram caçados como verdadeiras feras ou bandidos da pior espécie. Não lhes era dada nenhuma oportunidade de defesa ou recuperação.

O mais famoso foi sem dúvida, Virgulino Ferreira da Silva, vulgo "Lampião". Nascido em Vila Bela (hoje Serra Talhada), sertão pernambucano. Filho mais novo de um agricultor, vítima de prepotência política do "coronelismo" do lugar onde morava.

Após vingar a morte do pai, Virgolino e seus dois irmãos, Levino e Antônio, ingressaram no bando de "Sinhô Pereira", chefe de cangaço.

Lampião contava apenas 18 anos de idade e não demorou para assumir a chefia do bando. Chegou a comandar cerca de 200 bandoleiros, espalhando o terror em grande parte do Nordeste, da Bahia ao Ceará. Foi o "cangaceiro" que mais tempo permaneceu no cangaço. Só Antônio Silvino conseguiu antes dele permanecer 18 anos como "cangaceiro", isto é, de 1896 a 1914, quando foi preso e indultado em 1937.

Lampião esteve no cangaço por 20 anos. Neste espaço de tempo muito amedrontou o nordestino, pois várias barbaridades foram cometidas em seu nome. Ele e seu bando sofriam doenças e desconforto total. Devido às secas e suas conseqüências, a espécie de vida que eram obrigados a

enfrentar, tendo as "volantes" aos seus encalços, achamos que muitas vezes esses homens tiveram desejo de abandonar o cangaço para viver mais livres ou, pelo menos, mais despreocupados.

Em Sergipe, na cidade de Angicos, Lampião, juntamente com seus companheiros, sua amante Maria Bonita e Enedina, mulher de um outro "cangaceiro", foram mortos pela polícia, no seu esconderijo. As cabeças de Lampião e Maria Bonita foram decepadas e levadas como troféu para Salvador, na Bahia. Ficaram expostas no Instituto Nina Rodrigues. Lampião nasceu no ano de 1900 e morreu em 1938. Isto é, com 38 anos de idade.

A história do cangaço é muito antiga. Também foram "cangaceiros" de fama, Jesuíno Brigante (1844/1879), cearense que foi morto aos 36 anos de idade, em luta com a polícia. Outro foi Zé do Vale, piauiense. José Gomes, o "Cabeleira", era pernambucano e acabou como os outros. Lucas da Feira, baiano, foi enforcado em 1849.

De 1938 para cá, felizmente, acabou esse problema e isso trouxe sossego às famílias nordestinas e diminuiu os gastos do governo na perseguição a esse tipo de marginais.

Infelizmente, por interesses inconfessáveis, em algumas partes do Brasil interiorano, inculcou-se na mente de pessoas mais simplórias, inclusive de crianças e adolescentes, o conceito de que "cabra macho" era aquele que aceitava uma provocação, não procurava evitar uma briga, indo até às últimas conseqüências como tirar a vida do adversário, tudo isso para não ficar "desmoralizado". Assim agindo, ele ficaria respeitado e mesmo temido, sendo agraciado com a fama de "cabra macho".

Com o surgimento constante de mais estradas, escolas, assistência à saúde, meios de comunicação e mais progressos, aquele bárbaro conceito de masculinidade ficou superado.

HINO À CONCEIÇÃO

Letra: Prof. Lindolfo Ramalho
Música: João Batista Fernandes

I

Entre o verde sublime das matas
E dois rios de vasta extensão,
Fez seu berço de terna donzela
Nossa amada e fanal Conceição.

II

Esta terra sublime de encantos
Bafejada de amor e beleza,
É a noiva querida do bosque
A mais linda e formosa princesa.

III

Sobre a copa dos loiros coqueiros
Que tatalam nas tardes fagueiras,
A graúna seu hino desperta
Ao sorriso das luzes primeiras.

IV

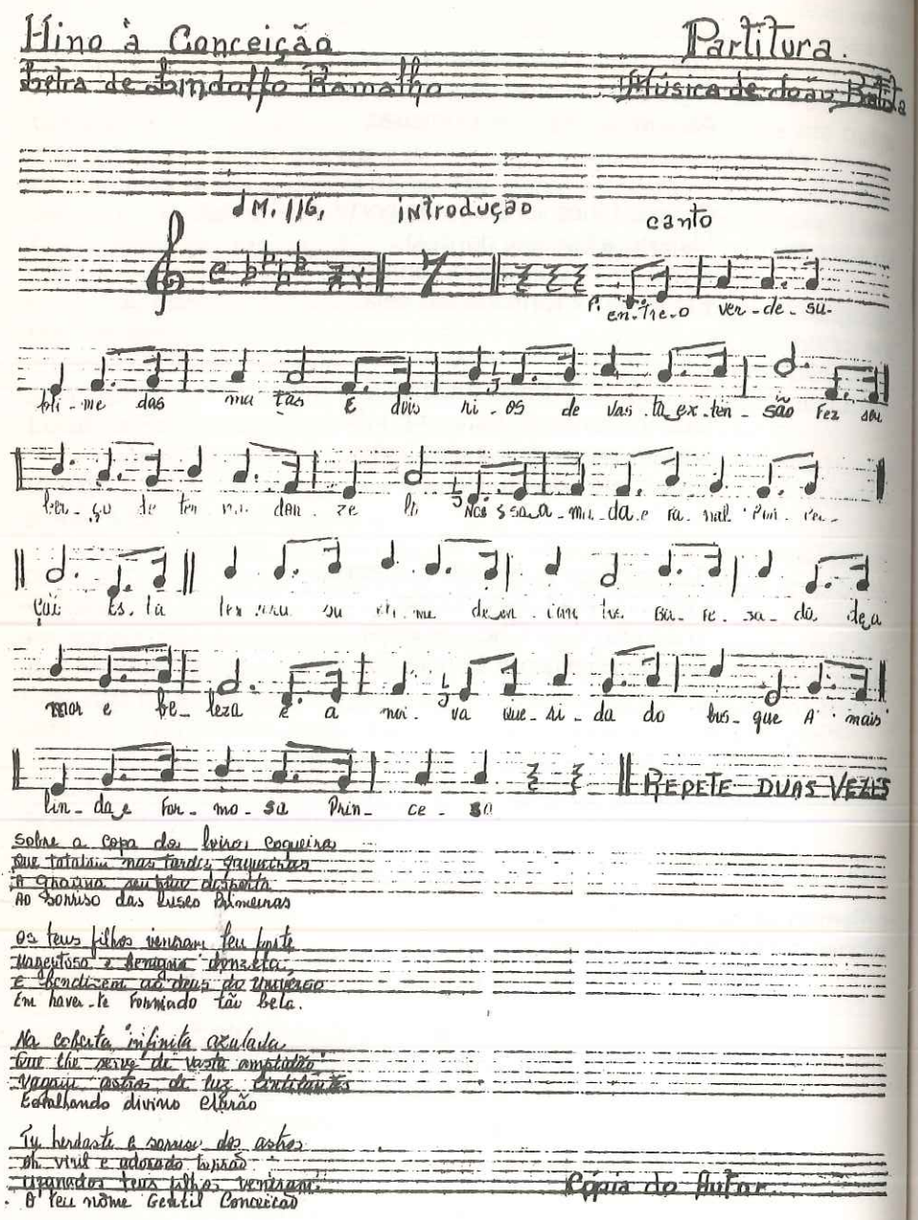
Os teus filhos veneram teu porte
Majestosa benigna donzela,
E bendizem ao Deus do universo
Em haver-te formado tão bela.

V

Na coberta infinita azulada
Que lhe serve de vasta amplidão
Vagam astros de luz cintilantes
Espalhando divino clarão.

VI

Tu herdaste os sorrisos dos astros
Oh! Viril e adorado torrão,
Ufanados teus filhos veneram
O teu nome gentil Conceição.



DE LUXO" LINHO Nº 80

NOSSA BANDA DE MÚSICA

Já no ano de 1914, Conceição contava com a sua "Banda de Música". Em 1916, tinha como seu maestro o clarinetista João Camilo e o seu diretor, o sr. Zeca Ramalho, músico e compositor. Também eram músicos nessa época: Mateus, Batista Siqueira, Manoel Marsela, Gilberto Siqueira, Sabino Camilo, Juca Siqueira, Antônio Cavalcanti, Adauto Camilo, Luiz Benjamim, Severino Ferreira e Antônio Amâncio.

Essa "banda" durou alguns anos, proporcionando muito encantamento e alegria ao nosso povo, porém, às vezes, se dispersando.

Em 1919, foi outra vez organizada pelo músico Deocleciano de Figueiredo e em 1921 a "banda" estava muito bem organizada sob a direção de Zeca Ramalho.

Em 1922, numa "Festa de Reis", no "pastoril", havia dois partidos: o "Cordão Azul" e o "Cordão Vermelho". Com a vitória do "Cordão Azul", houve um tumulto e assim os instrumentos musicais foram danificados. Foi quando o prefeito, na época, o sr. Jaime Ramalho com o seu cunhado Zeca Ramalho restauraram a filarmônica e lhe deram o nome de "Cordão Azul". No entanto, a filarmônica não ficou com esse nome, passando oficialmente a chamar-se "Banda Zeca Ramalho".

Muitos mestres administraram a nossa "banda" e ótimos músicos a integraram. A filarmônica atuava uma temporada, depois se dispersava para, em seguida, voltar a recompor-se atendendo às exigências populares.

Embora enfrentando muitas dificuldades nunca deixou de existir e como Conceição sempre amou a música, deu, por isso, grandes compositores.

No período de 1940 a 1945, nas gestões dos prefeitos João Gadelha e Tte. Raul, ficava nosso povo embevecido ao assistir o garboso desfile da nossa "banda de música". Muito afinada executava os mais belos números e seus componentes, vestidos a caráter, envergavam lindos uniformes com instrumentos novos e brilhantes, com a integração também de novos músicos.

Claro que os músicos da "velha guarda" também participavam e com entusiasmo. Os músicos novos eram: José e Toinho Genésio (irmãos), Francisco Franco, Ozier, Pretinha, Titita Siqueira, João Madalena, Mário Cassiano e outros.

Atualmente existe em Conceição uma filarmônica bem organizada que continua com o nome de "Banda de Música Zeca Ramalho".

Essa corporação musical é mantida pela Escola Municipal "Wenceslau Alves Neto". Ela foi fundada oficialmente em 22-11-1922 (Dia da Mú-

---

Observação: Conforme relata minha mãe, no casamento de sua irmã Amélia Ramalho, no ano de 1915, a festa foi realizada sob os acordes da "Banda de Música" da época.

sica) e tornou-se órgão de utilidade pública e sociedade civil, graças ao apoio que recebeu do Chefe do Departamento de Educação e Cultura, Prof. José Raimundo de Souza Neto (Pe. Zé) e aos incansáveis esforços do maestro João Batista Fernandes.

A diretoria atual da Filarmônica Zeca Ramalho está assim constituída:

Presidente: Prof. José Raimundo de Souza Neto
Vice-Presidente: Dr. Everton Nunes Ramalho
Tesoureiro: Francisco Furtado de Figueiredo
Maestro: João Batista Fernandes.

Há, também, a Escola de Música "Zeca Ramalho", que homenageia com seu nome o nosso admirado músico e compositor de tantos sucessos no começo deste século.

Outro grupo musical que merece citação é o atual "Coral Municipal José Siqueira" que também com o seu nome presta merecida homenagem ao nosso saudoso e competente maestro.

Há outros músicos atualmente, porém embora tivéssemos insistido em saber dos seus nomes, através de pessoas que residem em Conceição, isso, infelizmente, não conseguimos.

OS SOBRADOS DO CAPITÃO MAXIMIANO

Quem pára e olha os antigos sobrados conceiçãoenses, talvez nem pense na exuberância de vida que aqueles vetustos casarões ali conservam entre suas paredes. E não é só — talvez ignore as motivações humanas que fizeram tão belo pedaço da imagem paisagística da nossa cidade.

O Capitão Maximiano Alves era natural de Conceição e filho de João Alves da Silva e de Senhorinha Cavalcanti da Silva. Homem de estatura mediana, moreno claro e compleição robusta. Era agricultor, criador, casado com Benônia de Souza Leite que lhe deu duas filhas: Henriqueta e Maria Leite (já citadas noutra parte deste livro).

Destacou-se o Capitão Maximiano entre seus parentes, amigos e conhecidos, pelas suas virtudes e credibilidade das suas palavras e ações.

Foi um exemplar chefe de família. Trabalhava bastante e só os domingos e outros dias santos interrompiam o seu constante labor.

Até o ano de 1916, mais ou menos, havia poucas casas comerciais e residenciais em Conceição. A maioria dos seus habitantes preferia morar nos sítios e fazendas. O Capitão Maximiano tinha natural vocação para a arquitetura. Construía ou reformava casas para sua família com as suas próprias mãos. Assim aconteceu com os seus "sobrados" que ainda cá estão desafiando o tempo, a atestar de forma concreta o bom gosto (para a época), o conforto, a segurança e a distinção das suas construções.

Ele idealizou e os construiu, levando em consideração a necessidade de obediência ao alinhamento simétrico indispensável ao embelezamento estético da nossa cidade. Foram os primeiros e amplos "sobrados" construídos em Conceição. Paredes fortes e largas, o andar térreo todo tijolado, interna escadaria de madeira para acesso ao primeiro andar, com amplas janelas fronteiriças, assoalhos com tábuas de lei, com um certo conforto para permitir funcionar uma escola ou mesmo um recinto de festas como aconteceu muitas vezes. A parte térrea foi utilizada para lojas e "cafés".

Foram quatro os "sobrados" construídos pelo Capitão Maximiano e o importante é que ele os edificou com as suas próprias mãos, apenas auxiliado nos trabalhos menos delicados por seus dois filhos de criação também muito trabalhadores. Cortavam a madeira na mata, transformavam-na em tábuas, marcos, portas, vigas, barrotes, ripas, etc. Recolhiam areia grossa e fina dos rios; recolhiam barro na propriedade e fabricavam telhas e tijolos. Também cavavam o chão e retiravam pedras para os alicerces, as quais eram carregadas em carros de boi e levadas para as construções. Era o Capitão Maximiano sempre o responsável pelas obras. Muitas vezes ficava trabalhando até a noite e de longe, as pessoas avistavam aquela luzinha acesa de candeeiro a querosene. Era o Capitão Maximiano que não queria interromper um trabalho importante que pouco faltava para terminar . . .

Trabalhou muito, não que necessitasse trabalhar tanto, pois tinha uma família pequena. É que o homem era trabalhador mesmo. O seu temperamento não o permitia ficar parado e desde jovem já trabalhava, embora tivesse sido aquinhoado com uma boa herança dos pais. Era hospitaleiro e gostava de ajudar os seus parentes. Recompensou muito bem os dois rapazes seus auxiliares, criados por ele e aos quais ensinou a profissão de construtor.

É preciso que a geração de hoje fique sabendo que os "sobrados" que ainda estão de pé em nossa cidade muito representam de esforço, de capacidade e de idealismo de um homem que muito lutou há mais de meio século passado, para com o seu gênio e obstinação contribuir para o progresso e beleza da nossa terra.

Na época em que o Capitão Maximiano construiu esses "sobrados", poucos recursos técnicos haviam em Conceição e ele teve de suplantar todas as dificuldades e dar à nossa cidade o resultado do seu trabalho que muito deve orgulhar a gente conceiçãoense.

As obras do Capitão Maximiano falam por si e não precisam ser ressaltadas, pois o povo de Conceição tem bom gosto e cultura. No entanto, permitam-me, nestas humildes palavras de admiração e respeito, prestar minhas homenagens póstumas e sinceras ao conterrâneo que tanto dignificou o Trabalho.

GENEALOGIA

GENEALOGIA

Salvador, capital do Estado da Bahia, foi o primeiro porto brasileiro a aportar náus vindas de Portugal e de outras partes do mundo.

Dos imigrantes que aqui chegavam, a maioria penetrava de Brasil a dentro, procurando sítios mais a jeito e que mais vantagens lhes oferecessem, neles trabalhando e constituindo suas famílias.

Nos meados do século XVIII (1755) chegou à Paraíba, vindo da Bahia, o casal Pedro Ferreira Leite e Isabel Gomes de Almeida, trazendo consigo seus oito filhos, abaixo relacionados.

Eles fixaram residência às margens do rio Piancó, num lugar chamado "Tapera". Dedicaram-se à agricultura e à pecuária com o gado que trouxeram da Bahia.

Filhos do casal: João, José, Izabel, Clara, Bárbara, Maria, Joaquim e Pedro.

A descendência desse filhos se espalhou por Piancó, Teixeira e Conceição, constituindo três ramos genealógicos.

RAMO DE CONCEIÇÃO

Ao ramo de Conceição juntaram-se outras famílias vindas do Ceará, Pernambuco, São Paulo (Ramalho), Bahia e lugares outros da Paraíba. Foram se entrelaçando desde 1755 até os nossos dias, formando gerações inteligentes como veremos na genealogia deste modesto livro.

Vejamos: Uma das filhas do casal Pedro Ferreira Leite e Izabel Gomes de Almeida, que também se chamava Izabel, casou-se com um outro imigrante, sr. João Rodrigues dos Santos, chegado do Ceará e fundador de Conceição. Dessa união vieram dez (10) filhos:

1)– Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, casado c/Delfina Rodrigues França Leite (ver sua biografia). Filhos: (FAMÍLIA FRANÇA LEITE).
2)– João Rodrigues dos Santos França Leite, faleceu solteiro.
3)– Pedro Rodrigues dos Santos França Leite, casado c/Dionísia de Souza Leite. (Filhos relacionados na família SOUZA LEITE).
4)– Joana Rodr. dos S, França Leite, faleceu solteira.
5)– Vicência R. dos Santos F. Leite, casada c/João Pedro Leite. (Desconhecemos sua descendência).
6)– Izabel R. dos S. F. Leite, casada c/Hermenegildo de Paula e Silva. Filhos: João Ciríaco Rod. de Paula e Silva (ver família SOUZA LEITE), Martiniano, Izabel, Hermenegildo, José Sabino e Francisco Rod. de Paula e Silva. (Outros informes não nos foram fornecidos).
7)– Ana, casada c/Bento José Esteves de Alencar. Filhos: Nicolau, João e Francelino. (Ver família LEITE DE ALENCAR).

8)— Francisca, casada c/Manoel Leite de César Loureiro. Filhos: Nicolau. (ver família LOPES LOUREIRO).

RAMO DE CONCEIÇÃO

9)— Manoela, casada c/Francisco de Souza Neves. Filhos: Sabino, Manoel e Maria.

10)—Maria, casada c/Aleixo Luna Pinto Ramalho, bandeirante paulista. Filhos: Maria, José, Antônia, Avelina, João, Izabel (mãe Sinhára). (Ver famílias FURTADO LEITE, LEITE RAMALHO' PINTO RAMALHO E RODRIGUES RAMALHO).

ALENCAR FIGUEIREDO

José Rodrigues Leite Ramalho de Figueiredo (filho do Cel. João Pedro), casado c/Maria de Alencar Figueiredo (neta de Bento Alencar), filhos: Antônia (Tota), João, Antônio, José, Frederico, Jovelina (Jove), Antônio Sitônio e Ana Alencar Figueiredo.

1)— Antônia (Tota), cadada c/Enéias Rodrigues Leite Ramalho: Filhos: já citados na família LEITE RAMALHO.

2)— João (Joca), casado em segundas núpcias c/Lelê Figueiredo. Não nos foi fornecida a descendência.

Obs.: Lelê Figueiredo casou-se em segundas núpcias c/João Mariano Leite, pais de Diva, casada c/Jesus Siqueira (ver Família SIQUEIRA).

3)— Antônio (Tonho Figueiredo), casado c/Maria Alencar Figueiredo (Marica), filhos: José (Lusé), João, Maria, Alzira, Francisca, Daura, Adalva, Francisco, Celina, Zizi e Beatriz (Bia).

a — José, (Luzé) casado c/Antônia Pires Ferreira (Tonha). Não houve filhos.

b — João, casado c/Eugênia P. Ramalho de Alencar (Geni). Filhos: Ma. do Socorro, João Bosco, Gilda, Francisco, José, Abraão, Joel e Maria.

c — Maria, casada c/Antônio Ferreira. Filha: Bia.

d — Alzira, casada c/seu cunhado Antônio Ferreira. Houve filhos.

e — Francisca, faleceu solteira.

f — Daura, casada c/Joaquim Mangueira, este em 2as. núpcias-Houve 4 filhos.

g — Adalva, casada c/João Pires Ferreira. Filhos já citados na família PIRES FERREIRA.

h — Francisco (Chico Figueiredo), casado c/Ivonete Leite Martildes. Houve filhos. Não tivemos outras informações.

i — Celina, casada c/Joaquim (Quincas), houve filhos.

j — k — Zizi e Beatriz, nada sabemos sobre a descendência delas.

4 — José (Dezinho Figueiredo), casado em primeiras núpcias c/Guilhermina Ramalho (Neves), pais de José Edvaldo, Irene, Cláudio, Iêda, Antônio (Totonho), Onildo, Maria da Guia e Guilherme.

a — José Edvaldo, faleceu criança.

b — Irene, casada residente em Conceição.

c — Cláudio, casado, residente em J. Pessoa.

d-e— Iêda e Antônio, falecidos.

f — Onildo, casado c/Maria do Socorro. Houve filhos.

g — Maria da Guia, casada e residente em Campina Grande.

h — Guilherme Figueiredo, casado.

4 — José Figueiredo Filho (Dézinho), casou-se em segundas núpcias c/Maria Gentil Mangueira, pais de Delma, José Delmir, Maria Delvany e Deonor.

a — Delma, casada c/José Nunes, ex-prefeito de Santana de Mangueira. Houve filhos já mencionados na família SOUZA LARANJEIRA.

b — José Delmir, músico, professor, casado c/Maria do Rosário de Fátima Alencar.

c — Maria Delvany, advogada, casada e residente em João Pessoa.

d — Deonor Mangueira de Figueiredo, estudante.

5 — Frederico, faleceu solteiro.

6 — Jovelina (Jove), casada c/Izidro Rodrigues, pais de Doralice e Francisca.

a — Doralice, casada c/Francisco de Oliveira Braga, este em segundas núpcias. Não houve filhos.

b — Francisca, casada c/Paulino de Oliveira Braga, este em segundas núpcias, pais de Maria de Fátima e Paulino Filho.

7 — Antônio Sitônio de Figueiredo, casou-se em primeiras núpcias c/Adalcina Siqueira. Filhos mencionados na família SIQUEIRA. Em segundas núpcias casou-se c/Alcina Alencar Oliveira, filha do juiz de Direito, Dr. Irineu de Oliveira. Houve uma filha, Maria do Rosário.

a — Maria do Rosário (Zazá), casada c/ Francisco de Sales, pais de Magnólia Maria, Ana Carolina, Magnelma Maria, Magnani, Antônio Alencar Figueiredo.

8 — Ana, casada c/Otoni Leite Rangel, pais de José Figueiredo Rangel. (ver família RANGEL).

ALVES VALONES E ALVES DA SILVA

Severino Alves da Silva, casado com Adelaide Alves da Silva, pais de: José Valones da Silva, Ana e Joaquina Alves da Silva (gêmeas).

1 — José Valones da Silva, casado com a professora Celestina Valones, pais de: Maria das Dores, Maria Bernadete, Antônio Nicácio, Viron Cleto e Xisto Geno Alves Valones.

a) Maria das Dores Valones, casada com Juvino Xavier, pais do médico Ronaldo e da professora Rejane Valones Xavier.
b) Maria Bernadete Alves Valones, enfermeira, solteira.
c-d) Antônio Nicácio e Viron Cleto, comerciantes em João Pessoa.
e) Xisto Geno Alves Valones, médico, casado, residente em Pernambuco.

2 — Ana Alves da Silva (Naninha), casada com Raimundo Couto de Souza Leite, pais de: Zilda, Severina, Hilda, Zenilda e Benedito de Souza Leite.

3 — Joaquina Alves da Silva, casada com Bruno de Souza Alencar, pais de: João Batista de Souza Alencar, Joana (Joanita) e José Divaldo de Souza Alencar, já mencionados na familia PEIXOTO DE ALENCAR.

ARRUDA ALENCAR

Manoel Zeferino Rodrigues de Arruda, casado c/Maria da Glória Rodrigues Alencar, pais de Jovelina (Jove), Marcolina (Doninha), Manoel, Antônio (Antônio Arruda do Calunga) e Albino.

1 — Jovelina, casada c/Antônio Arruda Leite, filhos: Milton, Ademar, Francisca, Manoel Hélio, Aldemir, José Eudo, Albino, Maria Aída, João Bosco.
a)— Milton, clérigo.
b)— Ademar, advogado, funcionário do Banco do Brasil S/A., casado com Maria Naíde Mangueira de Figueiredo, pais de Maria de Fátima, Ângela, Gláucio, Lúcia, Ligia, Vânia e Ademar Filho.
c) — Francisca, professora, casada c/Sebastião Santana Siqueira, pais de Marcelo, Mônica e Viviane.
d) — Manoel Hélio, casado c/Maria José Dantas, pais de Roseane, Hélio César, Gileno, Simone e Sheila.
e) — Aldemir, dentista, casado c/Celme Leite Arruda, dentista, pais de João e Antônio Cláudio.
f) — José Eudo, engenheiro civil, casado c/a profa. Maria do Socorro Arruda, pais de José Eudo (Junior), Andréia, Luciana e Luiz Antônio.
g) — Albino, faleceu solteiro.
h) — Maria Aída, médica, casada c/Alde da Costa Santos, médico, pais de Alde Costa Junior e Ana Cláudia.
i) — João Bosco, casado c/Selma Arruda, pais de Eduardo Jorge.

2 — Marcolina (Doninha), casada c/seu cunhado Antônio Arruda Leite, pais da professora Maria do Socorro, casada c/o médico Fernando Antônio Ramalho Lopes, pais de Fernando Antônio (Júnior), Fabiana e Flávia.

3 — Manoel, (Arruda), casado c/Narni Neves, pais de Ernesta, Ascendino, Maria Neves, Creuza, Pedro e outros.

4 — Antônio, agricultor e criador em Ibiára, casado c/Maria Madalena Ramalho, pais de Carmelita, casada c/Francelino Ramalho, Terezinha, professora, farmacêutica e analista, casada c/José Cunha, Anete casada e Doralice Arruda Ramalho, que faleceu solteira.

5 — ALBINO, casado, residente em Conceição.

Obs.: Manoel Zeferino Rodrigues de Arruda, casou-se em 2as. núpcias com Antônia Alencar Arruda (Totonha), pais de João, Pedro, José, Dalila, Eremita, Enildes e Afonso.

a) — João, advogado, fiscal de consumo, casado (já falecido).
b) — Pedro, protético, casado c/sua sobrinha Ernesta Arruda Neves, pais de Sônia e outros.
c) — José, casado em primeiras núpcias c/Maria Ferreira Leite (Liínha), pais de Maria do Socorro e Airton Arruda Alencar.
d—e—f—g— Dalila, Eremita, Enildes e Afonso, solteiros.

ALVES DE OLIVEIRA

Essa família veio do Catolé do Rocha-PB, se radicou e ramificou-se também em Conceição.

O sr. Inocêncio Alves de Oliveira, casado c/Catarina Alves de Oliveira, pais do Dr. Irineu Alves de Oliveira, bacharel em Direito, formado pela Faculdade de Olinda-PE. O Dr. Irineu foi juiz de Direito da comarca de Conceição no período de 1918 a 1926, onde foi muito estimado pelo nosso povo. Também exerceu suas funções de magistrado em Pombal e Princesa Isabel—PB. Casou-se com Maria Florentina de Alencar, filha de Raimundo Florêncio de Alencar e Minervina Alencar, natural do Ceará. Filhos: Milton, Alcina, Antônio e Adalgisa Alencar Oliveira.

1— Milton, rábula, casado c/Silvia Suassuna, natural de Catolé do Rocha, pais de Milvia, Izaura, dentista, e Lenira, advogada.

2 — Alcina, casada com Antônio Sitônio de Figueiredo, este em segundas núpcias, pais de Maria do Rosário de Alencar Figueiredo, já mencionada na família ALENCAR FIGUEIREDO.

3 — Antônio, casado com Ivanise Pinto e pais de Maria do Rosário de Pompéia, Maria do Rosário de Fátima, Irineu Neto, Antônio Filho, José, Mozart, João, Lali, Maria Ivanise, Catarina, Jussara e Maria.

4 — Adalgisa Alencar de Oliveira, casada c/Dr. Waldemar Carneiro de Vasconcelos, dentista. Seus filhos: Waldegisio, Maria da Guia e Djalma Alencar Vasconcelos, residentes em Recife—PE.

AMÂNCIO RAMALHO

Águeda Amâncio Ramalho, (filha de Belmiro Ramalho), casada com Antônio Amâncio da Silva, negociante em Piancó – PB. Filhos: José, Benjamim, Luiz, Celso, Olindina, Odilon, Celina e Elvídio Amâncio Ramalho.

1 – José Amâncio Ramalho, bacharel em Direito, pela U.F. Recife – PE, casado com Luiza Moreira Ramalho, pais de Edson Amâncio Ramalho, capitão do Exército, casado com Julieta Cunha Rego Ramalho, filhos: Edson Ramalho Júnior, Liliane e Carmésia Amâncio Ramalho.

2 – Benjamim Amâncio Ramalho, médico pela Faculdade do Rio de Janeiro.

3 – Luiz Amâncio Ramalho, advogado, casado com Francisca Maroja Ramalho, pais de Wilson Amâncio Ramalho e de Aparecida Amâncio Ramalho, casada com Celso Lisboa.

4 – Celso Amâncio Ramalho, casado em 2as núpcias com Vicentina Ramalho, pais de Anita e Edite Ramalho, ambas solteiras.

5 – Olindina Amâncio Ramalho, casada com Francisco Targino Pessoa, pais de:

a) – Alix Ramalho, solteira, diretora da Escola Doméstica no R.G.N.
b) – Genival Ramalho, casado com Julieta Pegado Ramalho.
c) – Lavoisier Ramalho, agricultor, criador, casado.
d) – Eunice Ramalho, casada com Diógenes Cunha Lima.
e) – Ivone Ramalho, casada com Dr. Osvaldo Jofilli.
f e g) – Iêda e Zilpe Amâncio Ramalho, solteiras.

6 – Odilon Amâncio Ramalho, casado com Lucila Ramalho.

7 – Celina Amâncio Ramalho, casada com Antônio Firmino Rocha, pais de:

Arli Ramalho, piloto; Arin Ramalho, militar; Adelmaro Ramalho, Ivanilda Ramalho, casada com José Firmino Grillo; Auristela e Arlete Ramalho, solteiras.

8 – Elvídio Amâncio Ramalho, cirurgião dentista, pela Universidade Americana "A Group Of. Students at the Harvard University Dental School". Casado com Dulce Ramalho Baracuí, pais de Severino Ramalho Baracuí, militar, e Bismark Ramalho Baracuí, estudante.

BENJAMIM

João Benjamim de Maria, natural da cidade de Brejo dos Santos – CE, chegou em Conceição no fim do século passado. Foi o primeiro professor primário da Vila e fundou o Apostolado do Coração de Jesus.

Casou-se com Tereza Maria do Espírito Santo, natural de Conceição. Filhos: Elias Benjamim de Maria, Francisco Benjamim de Maria,

Filemon, Maria e Unias Benjamim de Maria.

1– Elias Benjamim de Maria, foi o mais famoso sacristão da nossa Igreja, onde trabalhou 45 anos. Muito eficiente no seu trabalho como apregoador nos leilões, chamava a atenção de todos, principalmente das crianças, ávidas para ganharem os presentes.
Era alto, caminhava firme, sapatos pretos, usava barba e cavanhaque. Nos anos 30-40, quem não se lembra do sr. Elias Benjamim?
Casado com Francisca Gervásio de Sousa, filhos: Maria Benjamim e outros.

2– Francisco Benjamim de Maria, músico clarinetista.

3– Filemon Benjamim de Maria, músico, tocava Serafina.

4– Maria Benjamim de Maria (gentileza). Fundadora e diretora da Pia União. Faleceu em agosto de 1962.

5– Unias Benjamim de Maria, alfaiate, casado com Maria Liquinha de Souza Diniz, pais de : Noêmia, Maria de Lourdes e João Benjamim Neto (Dudu).

a) Noêmia Benjamim Mangueira, casada com Oliveira de Sousa Ramalho, filhos: Francisca das Chagas, Maria, Antônia, Ma. de Lourdes e Unias Mangueira Ramalho.
Obs.: De Maria de Lourdes e João Benjamim, não nos foram fornecidos dados genealógicos.

CAMILO

Família de músicos. Os irmãos: João Camilo, Sabino, Vilante, seus filhos e sobrinhos, por muitos anos fizeram parte da banda de música de Conceição e muitos exercem suas profissões em outras cidades.

João Camilo, clarinetista, maestro, foi casado em 1as núpcias com Maria de Souza Camilo, não houve filhos. Casado em 2as núpcias com Izaura de Souza (Maricota), natural do CE. Houve uma filha, a professora Maria Beatriz Camilo, solteira.

Sabino Camilo, tocava Tuba (ou baixo), casado com Liquinha Xavier, pais de Nicinha, Valdery e outros.

Vilante Camilo, tocava serafina (ou órgão), era cantora da Igreja. Casada com José Franco, pais de: Adauto, Mozart, Heloisa, Francisco, Zaíra e Joselita Camilo.

Nicolau Camilo, sobrinho dos irmãos "Camilo", tocava piston. Foi um dos melhores músicos dos anos 40.

De Aprígio Camilo, não nos foi dada sua genealogia.

CAMPOS DA FONSECA

Esta família veio do sítio Santa Inêz, do município de Conceição. Trabalhava na agricultura e pecuária. Com o falecimento do chefe

da família, a viúva dona Maria Campos da Fonseca e seus filhos, abaixo relacionados, foram surpreendidos pelo ataque dos cangaceiros que destruíram a propriedade, queimando tudo, deixando a família em situação desesperadora e sem nenhuma segurança. Então vieram morar na cidade. Os homens continuaram trabalhando na agricultura e as mulheres nos trabalhos domésticos, costurando, tecendo, fiando, etc. e assim conseguiram sobreviver.

Da. Maria Campos da Fonseca e seus filhos: José, Benônia, Osminda, Mariquinha e Teotônio Campos da Fonseca.

Teotônio Campos da Fonseca, agricultor, criador, marceneiro, casado com Maria Miguel Campos da Fonseca, pais de Francisca (Chiquinha), casada com José Genésio, residente em João Pessoa; Espedito, casado com Vilani; Maria Talula, solteira, residente em Vitória do Esp. Santo.

Doda, casado, comerciante, residente em Vitória — ES.

Armando, faleceu solteiro.

Afonso, economista, solteiro, residente em Vitória — Espírito Santo.

Juracema ou Iracema, também residente em Vitória de ES.

Mariquinha Campos da Fonseca, solteira, residente em Conceição.

Dos irmãos: José, Benônia e Osminda, não nos foram fornecidos dados genealógicos.

CASSIANO

Esta família veio da zona do Pajeú — PE mais ou menos em 1915. Seu chefe era o sr. Joaquim Cassiano, casado com Severina Cassiano da Silva, pais de Amália, Nelson, Virgínia, Mário, Auta, Ilza e Dulcineia Cassiano da Silva.

1— Amália Cassiano da Silva, professora, casada com João Alves de Alencar, filhos já mencionados na família PEIXOTO DE ALENCAR.

2/3— Nelson e Mário, trabalhavam na agricultura e foram músicos nos anos 40.

Obs.: As outras filhas do sr. Joaquim Cassiano cuidavam de trabalhos manuais e domésticos.

CIRILO

O sr. José Cirilo da Silva, casado com Emilia Alves da Silva, residia, com sua família, no sítio CAPIM (hoje povoado). Filhos: Maria Licor Cirilo, Ana (Doninha), Rosa, Francisca, Maria de Lourdes, Jovelina e Raimundo (Edmundo).

Maria Licor Cirilo, casada com o sr.Miguel de Lima, pais de Crisares, bancário, residente em João Pessoa; Edmar, Francisco, Maria de Lourdes, professora, casada, residente em Conceição; Claudiano,Aurineide, Ildefonso e Emilia Cirilo de Lima.

O sr. Miguel de Lima, é filho do sr. Luiz Ramos de Lima, natural do Ceará, casado com Pastora Maria de Jesus. São seus irmãos: Vicente, Maria, José e Ana de Lima.

A família CIRILO está bem enraizada em Conceição e ramificada por outros municípios da Paraíba e também no Estado de São Paulo.

No sítio Lagoinha, residia o sr. Júlio Cirilo, casado com Rita Pereira Frade, pais de Rosalvo, Carmoniza, Alice, Eunice, Evanice, Onésimo e Edenir.

O sr. Cícero Cirilo, comerciário em Conceição, casado com Alice Ferreira Furtado, pais de José, Jair, Maria de Fátima, Jailda, Maria do Rosário, João Batista e Francisco Rômulo Cirilo.

O sr. João Cirilo, agricultor, barbeiro, casado com Maria das Neves Rufino, pais de Terezinha, Lizete e outros.

CLARINDO MANGUEIRA
(De Cachoeirinha — Santana de Mangueira)

Manoel Clarindo Mangueira, agricultor, criador em Cachoeirinha, município de Santana de Mangueira, casado com Cândida de Souza Laranjeira (ou Diniz), pais de Nozinho Clarindo Mangueira, José Clarindo, Antônia Clarindo e Senhorinha Clarindo Mangueira.

1— Nozinho, casado com Adelaide de Souza Rodrigues, pais de Alice, Maria, Antônio, Manoel e outros.

2— José, casado com Carmosa das Neves, em primeiras núpcias, pais de Manoel, Antônio, José (Dezinho).

3— Antônia, casada com Manoel de Souza Mangueira (Nô), pais de Deocleciano de Souza Mangueira, já mencionado na família SOUZA MANGUEIRA.

4— Maria Senhorinha, casada com Job Ramalho (Jó Mani), residentes em Ibiára, pais de Manoel, Assis, Aldenora, Amadeu, Luiz, Antônio, Alda, Cândida e Maria Mangueira Ramalho.

Pedro Clarindo (não nos foram fornecidos dados sobre seus pais), casado com Antônia Mangueira Clarindo, pais de Maria, Francisco Mangueira Clarindo e outros.

Obs.: Sempre encontramos sobrenomes trocados nas famílias MANGUEIRA, LARANJEIRA, LIMEIRA ou BARROS, porém são todos da mesma família.

Por exemplo: José Mangueira Diniz, casado em primeiras núpcias

com Quitéria Mangueira Diniz, pais de Quitéria e outros.
José Mangueira Diniz, casado em segundas núpcias com Zita, filha de João de Abelha, residentes no município de Santana de Mangueira. Houve filhos.
Os irmãos Job Mangueira Diniz, Mitoso, Florentino e Osmindo Mangueira Diniz, residem no município de Santana de Mangueira.

1— Job, casado c/ Mãezinha Mangueira, pais de Rinalva, Risalva, Otoniel, Rivonete e outros.
2— Mitoso, casado c/ Maria da Conceição Mangueira, pais de Silvia e outros.
3— Florentino Mangueira Diniz, solteiro.
4— Osmindo Mangueira Diniz, residente em Pernambuco.

CORREIA DE MELO (RAMALHO)
(De Sta. Maria, hoje Ibiára)

Francisco Correia de Melo, agricultor-criador no povoado de Santa Maria, (hoje Ibiára), casado com Marsonila Rodrigues de Melo, pais de Benedito Correia (ver sua biografia) e outros.

Benedito Rodrigues Correia de Melo, casado com Manoela Rodrigues Ramalho, pais de Miguel, Martiniano, Pedro, José, Aristóteles, João, Marsonila, Ana, Antônia, Altina, Rosa, Maria das Neves, Marozinha, Alice e Maria de Lourdes.

Dos quinze filhos obtivemos informações apenas de cinco deles:

1— Marsonila Correia Ramalho, casada com Sitônio Mangueira, pais de José Mangueira (Zé Mangueira), Dalva, Joaquim (Juca), João (Jucy) e Salomé.
2— Ana Correia Ramalho, casada com Raimundo de Souza Leite (Raimundo Mouco). Houve filhos: Margarida, Dalva e outros.
3— Marozinha Correia Ramalho, casada com João Diniz.
4— Maria das Neves Correia Ramalho, casada com Elias Bezerra.
5— Maria de Lourdes Correia Ramalho, casada com Sabino Pereira Ramalho, pais de João, Jesus, Antônio, Marcolino (Marcone), Beatriz, Maria Marly, Euda, Quitéria (Salete) e Maria do Socorro (Lalá).

a) João, serve à Marinha Brasileira, casado, residente no Rio de Janeiro.
b) Marcolino (Marcone), militar, solteiro, residente em Recife — PE.
c) Beatriz, casada c/ Renato Ramalho (filho de Jaime Ramalho).
d) Quitéria (Salete), professora, casada c/Francisco Rodrigues Ramalho, pais de Ilian e Francisco.
e) Maria do Socorro, professora, casada e residente em Olinda — PE.

obs.: Dos outros filhos de Pereira Ramalho, não nos foram dadas informações.

DOS ANJOS
(nos limites de Itaporanga)

O sr. Domingos dos Anjos Figueiredo, agricultor, criador, casado com Maria das Dores da Conceição dos Anjos. Filhos: Pedro, José, Arsênio, Manoel, Rosa, Herminio, Maria Nozinha e Antônio dos Anjos.

Sr. Pedro dos Anjos, comerciante em Conceição, casado com Dália Leite Palitot, pais de Maria Auridete dos Anjos, professora; Auristeia dos Anjos Palitot, professora; Alzemira dos Anjos, Francisco de Assis dos Anjos e Antônio Assívio dos Anjos, médico e falecido solteiro.

José dos Anjos, comerciário em Conceição, casado com Risalva Ramalho Rangel, residentes em São Paulo, há muitos anos.

De Arsênio, Manoel, Rosa, Herminio, Maria Nozinha e Antônio dos Anjos, não nos foram fornecidos dados genealógicos.

FAUSTO DE FIGUEIREDO

Edvirges Rodrigues Leite Ramalho (tia Duvige), casada com Fausto Miguel de Sousa Figueiredo. Filhos: João, Antônio, Francisco Augusto, José e Maria Fausto de Figueiredo.

a)— João Fausto de Figueiredo, casado com Maria Mangueira da Costa, não houve filhos. Nas 2as núpcias, houve filhos. (VER BIOGRAFIA).
b)— Antônio Fausto de Figueiredo, casado com Joana Rodrigues de Figueiredo (Joaninha), pais de Gessy, Henriqueta, Adailton, Clarice e Antonieta.
I — Gessy Fausto de Figueiredo, casada com sr. Júlio, não houve filhos.
II — Henriqueta Fausto de Figueiredo, professora, casada com o sr. Jorge, houve um filho que também se chama Jorge.
III — Adailton Fausto de Figueiredo, casado, músico.
IV — Clarice Fausto de Figueiredo, casada com Antônio de Oliveira, protético.
V — Antonieta Fausto de Figueiredo, professora, casada.
c)— Francisco Augusto Fausto de Figueiredo, casado em 1as núpcias com Perpedigna Rodrigues Montilares (Tecla), pais de Seny, Antônia e Ives.
I — Seny Fausto de Figueiredo, solteira.
II — Antônia Fausto de Figueiredo, casada com Antônio Soares Nuto, filhos: (VER FAMÍLIA SOARES NUTO).
III — Ives Fausto de Figueiredo, casado com Francisca Ramalho (Francinete) (ver FAMÍLIA PINTO RAMALHO).
c)— Francisco Augusto Fausto de Figueiredo, casou-se em 2as núpcias com Rosa Ramalho, não houve filhos.

d)— José Fausto de Figueiredo, casado com Elisa Mangueira da Costa, filhos: Odílio, Oscar, Ostílio, Osmindo, Orlene, Orlete, Oscarina, Osmarina e Otonita Mangueira Fausto de Figueiredo (moram no Rio de Janeiro).

e)— Maria Fausto de Figueiredo, casada com José de Souza Ramalho (Souza), filhos: Edvanira, José, Edith, Joselita, Galvany, Fausto, João,Hélio e Jesus Fausto de Figueiredo.

FERREIRA FURTADO

O sr. João Ferreira Furtado, casado c/ dona Augustinha Maria da Conceição, veio do Ceará e fixou residência no sítio Umburana, município de Conceição. Tiveram uma filha, Ana Ferreira Furtado.

1— Ana, casada com Manoel Anastácio Furtado, fixaram residência no sítio "Cassiano". Filhos: João, Porfírio, Rita, Maria e outros.

João Ferreira Furtado (Neto), agricultor, criador, casado com Maria Lopes de Souza (Mariquinha Ferreira). Filhos: 15 ao todo; 3 faleceram ainda crianças e um faleceu já adulto deixando 2 filhos: Cláudia e Clauderlane Ferreira. Os demais filhos de João Ferreira Furtado (Neto), são: José, Ana, Alice, Minervina, Dourival, Francisco (formado em contabilidade), residente em São Luiz do Maranhão; Antônio, residente em Pernambuco; Noemia, professora e Licenciada em Letras; Raimundo Ferreira, médico-cirurgião, residente em Recife — PE; Osminda, professora; e Maria do Socorro.

Obs.: Todos os filhos do casal João Ferreira (Neto) e Mariquinha, se casaram.

Genros do casal: Cícero Cirilo, Bernardino Lopes, Pedro Apolinário, Milton Frade, Vicente Lavor e Francisco Welton Braga.

Noras do casal: Elizabeth Cavalcanti, Zenaide Rodrigues Leite, Maria do Socorro Lavor, Ana Cavalcanti Furtado, Cléa Cristina Fonseca e Maria de Lourdes Xavier.

Netos do casal: são em número de 72:

Tânia Ramalho, Telma, Samira, Adriana e Marcos Antônio, Raimundo Ferreira Cavalcanti, José Ferreira Filho, Alessandra, Francisca, Mag, Marcio e Sandra Ferreira Lavor; Victor Hugo, Valtívia, Welton Braga Filho, Viviane Braga, Maria das Dores Lacerda, Maria do Socorro, Maria de Fátima, Maria do Rosário Ferreira Lopes, Maria Aparecida F. Ramalho, Ana Maria, José Ferreira Apolinário, João Ferreira Neto, Raimundo Ferreira Sobrinho, Francisco Sales, Joaquim Neto, Pedro Filho, Eliane, Maria de Fátima, Maria Denise, João Frade, Milton Frade Filho, Paulo, Maria do Socorro, Rita de Cássia, Regis Marta, Rilda Palmira Ferreira Lavor, José F. Cirilo, Jair, Maria de Fátima, Jailda, Maria do Rosário, João Batista, Francisco Rômulo Cirilo, Carla, Luciana, Mônica F. Furtado, Maria do Socorro Pires, Rosângela, Carlúcia, Antônio, Carlos, José Gilson Ferreira

Leite, Leandra, Fabiana, Junior Ferreira Fonseca, Francisco Romualdo, Antônio, Wilson, Raimundo, Vilanilda, Maria de Fátima, Maria Lúcia, Maria de Lourdes F. Lopes, Vilany Gonzaga e José Ferreira Sobrinho.

FERREIRA LIMA
De Santana de Mangueira

Abdias Ferreira Lima (Abdias Garapa) casado com Luzia Pereira de Lima, filhos: Sebastião, Cândido, Francisco, Ana e José Ferreira Lima.

1— Sebastião Ferreira Lima, comerciante em Santana de Mangueira.

2— Cândido Ferreira Lima, casado, residente em Goiânia — GO.

3— Francisco Ferreira Lima, residente em São Paulo.

4— Ana Ferreira Lima, casada com Francisco Marcos Cartaxo, residentes no sítio Barra da Onça, município de Santana de Mangueira.

5— José Ferreira Lima, Juiz de Direito em Pernambuco, casado com Henriqueta Pereira de Alencar, filhos já mencionados na família RAMALHO DE ALENCAR.

FIGUEIREDO — FURTADO DE FIGUEIREDO
LIMEIRA — LACERDA

FAZENDA BAIXA DA VELHA

Manoel Francisco de Figueiredo, casado com Maria Furtado de Lacerda, pais de José Francisco de Figueiredo.

Cícero Laranjeira de Lacerda, casado com Maria Furtado de Lacerda, pais de Josefa Furtado de Lacerda.

Josefa Furtado de Lacerda, casada com José Francisco de Figueiredo, pais de Francisco José, Manoel Francisco, Maria de Lourdes, Rosa, Margarida, Antônio Francisco, Francisco, Maria, Antônia, Francisca, João Batista e Maria do Socorro Furtado de Figueiredo.

1— Francisco José Soares de Figueiredo, advogado, Diretor Administrativo da Superintendência Ind. do Estado da Paraíba (SINEP), casado com Vani Leite Braga, deputada estadual, já mencionado na FAMÍLIA LEITE BRAGA.

2— Manoel Francisco de Figueiredo, advogado, Diretor Administrativo do DETRAN na Paraíba, casado com Olga Maria Leite Vieira, professora, diretora do Departamento de Assistência ao educando da Secretaria de Educação de João Pessoa. Pais de Sandra, Sibele, estudante de medicina, Cláudia Roberta, estudante de Odontologia e Luciana Mônica, estudante do 1º grau.

3— Maria de Lourdes de Figueiredo, professora, casada com Francisco Ramalho Rangel, contador, func. da Sociedade Anônima de Eletrificação da PB (SAELPA), pais de Paula Luiza, Ana Carla e Luiz Pau-

lo Rangel de Figueiredo, estudantes.

4— Rosa Furtado de Figueiredo, solteira, funcionária do Inst. de Previdência do Estado (IPEP).

5— Margarida Furtado de Figueiredo, contadora, funcionária da Secretaria do Trab. e Serviços Sociais do Estado da PB, solteira.

6— Antônio Francisco de Figueiredo, professor, funcionário do MOBRAL, casado com Maria Furtado de Lacerda, professora, func. da Secretaria de Finanças do Est. da Paraíba, pais de Lígia Patrícia, Andreia e Livia Furtado de Figueiredo, estudantes.

7— Francisco Limeira Lacerda, economista, gerente do núcleo da área de habitação da Cx. Econ. Federal da Paraíba. Casado com Maria de Fátima Cirilo Lopes Lacerda, Téc. em Administração de Empresas e func. do MOBRAL. Pais de Ítalo Marcos Lopes Lacerda.

8— Maria Limeira Lacerda, professora, casada com Expedito Estolano de Albuquerque, contador, funcionário do Tribunal de Contas da União, acad. de Direito, pais de Georgia, Giovanni e Giovana Lacerda de Albuquerque.

9— Antônia Furtado de Figueiredo, Téc. em Administração de Empresas, funcionária da SAELPA, solteira.

10— Francisca Furtado de Figueiredo, contadora, funcionária do DETRAN — PB, solteira.

11— João Batista de Figueiredo, solteiro, estudante de engenharia da UFPB.

12— Maria do Socorro Figueiredo, solteira, estudante de Odontologia da UFPB.

FURTADO CORREIA
(De Barbalha — CE)

O sr. Antônio do Espírito Santo Correia, fazendeiro em Barbalha-CE, proprietário da "Fazenda Bulandeira" e outras. Foi casado três vezes. Constituiu uma enorme família que se entrelaçou com as famílias Sampaio, Ramalho, Alencar, Furtado e outras.

Casou-se, em terceiras núpcias, com Izabel Furtado Correia (dona Belinha), pertencente aos ramos da família FURTADO, de Conceição.

Desse terceiro consórcio, houve os seguintes filhos: José (Zuzinha) Abraão, Mocinha, Dilmar, Donana, Natécia, Elvira, Lucinda, Judite, Antônio Correia Filho, Maria Nilza e Otilia.

Falemos sobre as duas últimas filhas do sr. Correia, Maria Nilza e Otília. Maria Nilza, casada com Joel Ramalho de Alencar, já mencionados na família RAMALHO DE ALENCAR.

Otília, casada com Vicente Sampaio Saraiva, pais de:

a)— Antônio Correia Saraiva, médico, casado c/ Fabíola Barreto Sampaio, pais de Carízia e Caroline.

b)— José Correia Saraiva, médico, casado c/ Dalfhene Correia Saraiva, pais de Cibele e Thais.

c)—João Correia Saraiva, médico, casado c/ Arthemis Machado Saraiva, pais de Isabel Cristina e Ana Cláudia.

Obs.: Os filhos do sr. Antônio Correia, residentes, a maioria, em Barbalha — CE, formam uma grande árvore genealógica só de pessoas cultas, honestas e trabalhadoras.

FURTADO LEITE RAMALHO

Izabel Rodrigues Leite Ramalho (filha de Aleixo Ramalho), casada com João Teles Furtado de Carvalho, natural de Garanhuns — PE.

Filhos: 1 — Benonília
2 — Brasilina
3 — Domitília

1— Benonília, casada com Antônio Pinto Ramalho, filhos já citados na família PINTO RAMALHO.

2— Brasilina, casada com Antônio Luiz Furtado Lacerda, filhos:

a) Maria, casada com Manoel Freire Lavor, este em 2as núpcias. (Ver família LAVOR).

b) Sebastiana (Piana), casada com Sebastião Alves Feitosa, pais de Mozart e Feitosinha (não conhecemos sua descendência).

c) Suzana, casada com Manoel Ramalho de Alencar (Né Ramalho). Ver família RAMALHO DE ALENCAR.

3— Domitília, casada com Antônio Pinto Ramalho (primo do esposo de Benonília) filhos já citados na família PINTO RAMALHO.

Obs.: Izabel Rodrigues Leite Ramalho, casou-se em segundas núpcias com Antônio José Rodrigues de Gois. Filhos: Antônio e Manoel de Gois (Né de Gois). Ver em "Variedades históricas", "A morta viva".

FRANÇA LEITE

Dr. Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite (primeiro filho de João Rodrigues dos Santos), doutor em Ciências Sociais e Jurídicas, pela Academia de Olinda — PE. (Ver sua biografia).

O Dr. França Leite (como era mais conhecido o dr. Nicolau), era casado com dona Delfina Rodrigues França Leite, natural de Recife, de descendência européia, desconhecendo-se o país de origem dos seus pais. Dona Delfina, ao que se sabe, era loira, de olhos azuis. Desse casamento houve filhos, porém, infelizmente, não contamos com os dados para relacioná-los.

Um dos seus filhos foi morto pelos índios, quando fundava uma

colônia no Estado do Espírito Santo. Outros dois dos seus filhos nasceram em Conceição. Foram eles, João França Leite e o outro era pai de Euclides Rodrigues França Leite (Curota) e Abília Rodrigues França Leite. Outros mais ficaram no Rio de Janeiro.

João França Leite, casado com Maria Silva Leite, tiveram os seguintes filhos: Evaldo, Adaneu e Delfina.

1— Evaldo, capitão do Exército, casado em primeiras núpcias com uma índia do Amazonas, houve um filho, Antônio França Leite. Casou-se em segundas núpcias com Emília Mendonça de Carvalho, pais de Dalva e Benedita.

a) Dalva Mendonça de Carvalho Leite, casou-se com o capitão do Exército, Jacques Abreu de Araújo, pais de Maria Nazaré, Alexandre, Leonardo e Maria das Graças.

I — Maria Nazaré, economista da SUDENE, casada com Dr. José Carneiro de Almeida, economista, pais de Álvaro e Felipe, estudantes.

II — Alexandre, advogado, casado com dra. Helena Araújo, residentes em Recife, pais de Simone e Suely, estudantes.

III — Leonardo, arquiteto, casado com Regina Cavalcanti Araújo, pais de Leonardo Filho e Leandro, estudantes.

IV — Maria das Graças, advogada, solteira.

b) Benedita Mendonça de Carvalho Leite, casada, residente em Recife.

2— Adaneu, casado com uma senhora da família "Moreira", da Paraíba, pais de Adazilda e Adaneuza Moreira Leite.

3— Delfina, (Dondom), casada e fazendeira no município de Conceição. Deixou grande descendência, porém não obtivemos os dados necessários para relacioná-los.

Outros ramos da família FRANÇA LEITE: Ascendino Leite de Figueiredo, filho de Manoel Cândido Leite e de Ana Rodrigues Ramalho de Figueiredo Leite (Caçula Leite), casado com Maria Rosa França Leite, filhos: (VER SUA BIOGRAFIA).

Obs.: Euclides Rodrigues França Leite (Curota) e Abília Rodrigues França Leite, deixaram uma grande prole, porém não nos foram fornecidos os dados.

GALDINO DE OLIVEIRA (GADELHA)

O sr. João Galdino de Oliveira, agricultor, criador, casado com Elmira Alves Gadelha (Milota), deixaram os seguintes filhos: João e Manoel.

1) João Gadelha de Oliveira, coronel da Polícia Militar da PB. (Ver sua biografia).

2) Manoel Gadelha, falecido.

Dona Elmira Alves Gadelha (Milota), casou-se em segundas núpcias

com Zuza Rufino Soares, marchante, comerciante, pais de:

a) Maria Salomé, professora.

b) Francisco, músico.

c-d) Raimundo e Severino Alves Gadelha, sargentos da Polícia Militar da Paraíba, todos residentes em João Pessoa.

GOMES DE SÁ

O sr. Alfredo Gomes de Sá, natural de Pernambuco, casado com dona Maria da Glória Moura (dona Mariinha). Fixou residência em Conceição no ano de 1922 (ver sua biografia). Filhos: Ilza, Luiz, Oswaldo, José Sinval, Nestor e Hilda Gomes de Sá.

1) Ilza Gomes de Sá, professora, casada com João Siqueira de Figueiredo, filhos já mencionados na família SIQUEIRA.

2) Luiz Gomes de Sá, ex-prefeito de Conceição, casado em primeiras núpcias com Terezinha Soares de Lacerda, pais de Francisco, Maria do Socorro, Silvio Luiz e Luiz Gomes de Sá Filho. Casou-se em segundas núpcias com Neide Sobreira de Moura.

3) Oswaldo Gomes de Sá, major do Exército, dentista, casado com Maria de Lourdes Pires Ferreira, filhos já mencionados na família PIRES FERREIRA.

4) José Sinval Gomes de Sá, bacharel em Direito, escritor (ver sua biografia). Casado com Risete Guimarães Brito, pais de Maria da Glória, Inez, Alfredo, Fernando, Vera, Sheila e Paula Gomes de Sá.

5) Nestor Gomes de Sá, Ten. Cel. do Exército, médico, residente no Rio de Janeiro, casado com Maria Alves, pais de Rui e Olinto A.G. de Sá.

6) Hilda Gomes de Sá, professora, casada com Aloísio Rodrigues Moura, filhos já mencionados na família RODRIGUES MOURA.

HOLANDA

Francisca Rodrigues de Figueiredo (tia e madrasta de João Badu) que pelo falecimento da sua irmã Maria Rodrigues de Figueiredo, casou-se c/ seu cunhado Balduino Rodrigues da Silva, pais de Abdon, Lino e outros já mencionados. Abdon e Lino, casaram-se na família HOLANDA de Cajazeiras — PB.

Vejamos: Abdon Rodrigues de Figueiredo, foi agente do Correio em Conceição, casado com Maria Holanda de Figueiredo. Filhos: Antônio, Francisca, Rafael, Herotildes, Cleonice, Pedro, Regina, Edvirges, Diógenes, Domício, Edeltrudes, Francisco e José Rodrigues de Holanda.

1— Antônio Rodrigues Holanda, casado c/ Josefa Gonçalves Holanda, professora na cidade de Cajazeiras — PB.

2— Francisca Rodrigues Holanda, (Neta), casada c/ Anísio José de Moura, comerciante em Cajazeiras — PB, pais de Antônio Holanda (foi seminarista).

narista), Agamenon, comerciário em Cajazeiras, Carlos Holanda, funcionário do cartório de Cajazeiras, Raimundo Holanda, estudante e Francisco Holanda.

3— Rafael Holanda, pertencente às nossas Forças Armadas (Exército).

4/5—Herotildes e Cleonice Holanda, professoras.

6— Pedro Rodrigues de Holanda, falecido.

7— Regina Rodrigues de Holanda, casada c/ Edilson Moreira, escrivão da Mesa de Rendas de Cajazeiras, pais de Edilgina, professora; Maria Edmir e Maria Elza, falecidas; Maria Enir, professora; José Williams, Armando, Humberto, Abdon, Alexandrina e Antônio, estudantes.

8— Edwirges Rodrigues Holanda, professora, casada c/ João Coelho de Albuquerque, farmacêutico em Taquaritinga do Norte — PE. Filhos: Maria de Lourdes, Maria Genilda, Ivanildo, Maria do Socorro, Maria das Neves, Maria Margarida, Maria Lúcia, Maria Luzete e Paulo Inaldo C. Holanda.

9— Diógenes Rodrigues de Holanda, comerciante e agricultor em Bonito de Santa Fé — PB, casado c/ Olívia Holanda de Moura, pais de João Bosco, João de Deus, João Crisóstomo, Maria Lídia e Olívio Diógenes Holanda.

10— Domício Rodrigues de Holanda, funcionário do Banco do Brasil em Cajazeiras, casado c/ Adorívia Ferreira, professora, pais de José Nilma, Marcelo e Maria Nilma (já falecida).

11/12/13— Edeltrudes, Francisco e José, já falecidos.

Lino Rodrigues de Figueiredo (irmão de Abdon), casado c/ Gertrudes Rodrigues Holanda, filhos: José, Francisca, Antônia, Eunice, Expedito, Ilza e Terezinha Rodrigues Holanda.

1— José, comerciante em Jatobá — PB, casado c/ Anita Ramalho, pais de Maria Vilma, José Airton e Antônio Holanda Ramalho.

2— Francisca, (Violante), casada c/ João Ferreira, fotógrafo, este em 1as núpcias, pais de Elizabeth, Djalma, Maria do Socorro e Edelzuita Holanda Ferreira (Zuita).

3— Antônia, casada c/ Salustiano Rodrigues Leite, comerciante em Maurity — CE, pais de Ma. Nazaré, Maria do Socorro e Antônio Holanda Leite.

4— Eunice, casada com Abdon Rodrigues Leite, agricultor em Conceição, pais de Sabino, Antônio e Maria do Socorro Rodrigues Leite.

5— Expedito Rodrigues Holanda, comerciante em Jatobá — PB.

6/7—Ilza Rodrigues Holanda, solteira e Terezinha Rodrigues Holanda, professora.

Faz parte da família HOLANDA, a sra. Regina Holanda, casada com José de Souza Rodrigues Ramalho. (Ver FAMÍLIA RODRIGUES RAMALHO).

LACERDA SAMPAIO

O sr. João Luiz Siqueira Furtado Lacerda, casado c/ Rita Leite Sampaio, natural do Ceará. Filhos: Ana, Joaquina, Maria (mãezinha), Antônia, Júlia, Izidra, Josefa e Pedro Luiz de Lacerda Sampaio.

Pedro Luiz de Lacerda Sampaio, agricultor, criador, casado c/ Josefa Nunes de Moura (D. Zefinha), pais de Francisca Ivonete, Terezinha, Maria Ezilda, João Luiz, Edilson, José, Antônia Neusa, Antônio Ivaldo, Mirabeau, Maria Euza, Maria Ivaneide e Francisco Inaldo Lacerda Sampaio.

1) Francisca Ivonete, casada c/ José Xavier de Lacerda, pais de Cleidson, Dilma, Vilma, Antônio, Cleviton, Zilma, Crisóstomo, Cláudio e Nenen.
2) Terezinha, casada c/ Jaime Rosa da Silva, pais de Jailda, Jailma, Jaime e Jailson.
3) Maria Ezilda, casada c/ sr. João Maria Pavão, comerciante, pais de Adriana Maria (curso superior de enfermagem), e Suzana Maria, estudante.
4) João Luiz Lacerda Neto, casado c/ Antonieta de Souza Lopes (Ni), pais de João Luiz Jr., médico, Junita, Jundívio, Jussara e Jussiê Lopes Lacerda.
5) Edilson, casado, não conhecemos os nomes dos seus familiares.
6) José Lacerda Sampaio. Casado. Não conhecemos os nomes dos seus familiares.
7) Antônia Neuza, casada c/ Luiz Dinoval Barbosa (Vavá), pais de Hélio Fernando, José Ricardo, Luiz Dinoval Jr., André, Fábio e Kaline Rejane.
8) Antônio Ivaldo Luiz de Lacerda, casado c/ Neide Lopes de Souza.
9) Mirabeau Luiz de Lacerda, casado c/ Cristina Araken, pais de José Pedro, Maria da Conceição e Niedja Araken Lacerda.
10) Maria Euza, contabilista, advogada, solteira.
11) Maria Ivaneide, casada c/ João Nivaldo Albuquerque, pais de André Ricardo e Paulo Henrique.
12) Francisco Inaldo Lacerda, casado c/ Maria José de Souza, pais de Ana Paula Lacerda.

Obs.: Das filhas do sr. João Luiz Lacerda e Rita Sampaio, não nos foram fornecidos dados genealógicos.

Outros netos do casal Furtado Lacerda e Leite Sampaio: João, José, Eunice, Alacoque, Maria, Ma. do Socorro, Ademar, Segismundo, Edvaldo, Demócrito, Marly e Marlene Xavier de Lacerda Sampaio.

LAVOR

Manoel Freire Lavor, casado (não conhecemos o nome da sua primeira esposa), filhos:

1— Pedro Freire Lavor
2— Ana Freire Lavor (faleceu solteira)
3— Rosa Freire Lavor (faleceu solteira)

1)— Pedro casou-se com Adelina e tiveram os seguintes filhos:
a) Palmira, casada.
b) Siluzinha, casada c/ sr. Cláudio Nogueira. Houve filhos.
c) Vicente Lavor
d) França
e) Cláudio, casado c/ Hildete Ramalho, filhos citados na família "RODRIGUES RAMALHO".

O sr. Manoel Freire Lavor, casou-se em 2as núpcias c/ Maria Furtado Leite Ramalho e desse casamento tiveram um filho, João Rodrigues Leite Lavor, que se mudou para o sul do país, porém desconhecemos sua descendência. É aeronauta. A família LAVOR tem uma grande descendência, mas não nos foram, infelizmente, fornecidos os seus nomes. Pertencem a essa família, a sra. Tapuia Lavor e seus filhos Newton Lavor e outros.

LEITE DE ALENCAR

Ana Rodrigues dos Santos Leite (filha de João Rodrigues dos Santos), casada c/ Bento José Esteves de Alencar. Filhos: Nicolau, Francelino, Eugênia, Ma. Madalena, Izabel, Antônia e João.

1— Nicolau, casado c/ Maria Brasiliana Ramalho. Não deixaram filhos.
2— Francelino, casado c/ Maria Rodrigues Pinto Ramalho. Filhos: Nicolau, Ana, Ma. da Glória, João, Ernesta e Marcolino França Leite de Alencar.
a) Nicolau, casado c/ Ernesta Rodrigues Leite, pais de Francisco Leite de Alencar.
I—Francisco Leite de Alencar, casado c/ Emília Ramalho de Alencar. Houve um filho: Nicolau França Neto (Nicolauzinho).
A—Nicolau (Nicolauzinho), casado c/ Rita de Cássia Furtado L. de Alencar, filhos: Nicolau França Terceiro, Francisco e Vicente Leite Alencar.
b) Ana França Leite de Alencar (Doninha), casada c/ Severino Peixoto de Alencar. (Ver família PEIXOTO DE ALENCAR).
c) Maria da Glória, casada c/ Zeferino de Arruda (Ver família ARRUDA ALENCAR.
d) João, casado em 1as núpcias c/ Jovelina Peixoto de Alencar (ver família PEIXOTO DE ALENCAR).

e/f) Ernesta e Marcolino. (Não sabemos a descendência).

Obs.: Os filhos de Ana Rodrigues e Bento Alencar (Eugênia , Maria Madalena, Izabel, Antônia e João) estão citados nas famílias RAMALHO DE ALENCAR e PEIXOTO DE ALENCAR).

LEITE MARTILDES

O sr. Cícero Martildes de Carvalho, agricultor, criador e comerciante em Conceição, é casado com Raimunda Rodrigues Leite (Sobrinha), tendo os seguintes filhos: Ivonete, Francisco, Terezinha, Edilza, Maria Auxiliadora Leite Martildes e outros.

Não obtivemos mais informações genealógicas dessa família.

LEITE BRAGA

1— Francisca Leite Braga (dona Calula), filha de Enéias Leite, casada com Francisco de Oliveira Braga, natural do Ceará. chefe político em Conceição e tabelião público, pais de Walter, Wilson, Nice e Vani Leite Braga.

a) Walter Leite Braga, médico, casado com Maria José Portela, pais de Marco Antônio e Isabela Leite Braga.
b) Wilson Leite Braga, advogado, deputado em várias legislaturas e Governador do Estado da Paraíba. Casado com Lúcia Navarro e pais de Marcelo e Patrícia. (Ver sua biografia).
c) Nice Leite Braga, professora, tabeliã pública, casada com Raimundo Pegado Gomes, pais de Alexandre e Leomar.
d) Vani Leite Braga, professora, deputada estadual pelo PDS, casada com Francisco José Soares de Figueiredo, advogado e jornalista, pais de Francisco de Oliveira Braga Neto e Manoel Fcº de Figueiredo Neto (gêmeos).

2— Maria Leite Braga, filha de Enéias Leite, casada com Paulino de Oliveira Braga, este em primeiras núpcias, pais de Marne, Marlene, Geralda, Afonso e José.

a) Marne Leite Braga, casada com Ivanor Braga Viana, comerciante em Recife — PE, pais de Ivanor Júnior e Wanderlan, formados em Administração de Empresas; Verônica, engenheira civil; Walter e Gilberto, estudantes.
b,c,d) Marlene, Geralda e Afonso (não nos foram dadas informações sobre a genealogia destas pessoas).
e) José Leite Braga, casado com a professora Zuleide Soares Ferreira.

LEITE DE FIGUEIREDO

Manoel Cândido Leite, casado c/ Ana Rodrigues Ramalho de Fi-

gueiredo Leite (Caçula Leite), pais de Ascendino, Arnaldo, Antônio e Alzira.

1— Ascendino, jornalista, escritor (ver sua biografia).

2— Arnaldo, inspetor do ensino estadual, casado c/ Maria Violeta Leite, professora, funcionária municipal, pais de José Marinaldo, Maria dos Milagres, Maria Francinete, Carlos Roberto, Francisco de Assis e Maria de Fátima.

a) José Marinaldo, universitário, contador da TELPA, casado c/ Maria do Socorro Lacerda, bacharela em Direito, pais de Maysa Lorena.

b) Maria dos Milagres, socióloga, func. da CONDEPE em Recife — PE, casada c/ o professor Luciano Cerqueira, pais de Paulo e Marcelo.

c) Maria Francinete, professora, casada c/ o economista Aloísio Gonçalves, pais de Carlos Eduardo, Augusto e Marília Magda.

d) Carlos Roberto, contabilista, funcionário da PARAIBAN, casado c/ Laura Maia, pais de Juliano e Carlos Roberto Jr.

e) Francisco de Assis, economista, casado c/ a economista, Marilene Lucena Leite, pais de Francisco Fabiano, residentes em Garanhuns — PE.

f) Maria de Fátima, economista, funcionária municipal, solteira.

3— Antônio, func. municipal, casado em primeiras núpcias c/ Marlene Bernardino da Silva, pais de José Arimatéia, casado, residente no Rio de Janeiro e Cláudio Leite de Figueiredo, casado c/ Ildete Vieira de Figueiredo, pais de Cláudia, Clívia, Andréa e Cláudio Antônio. Em segundas núpcias Antônio Leite de Figueiredo casou-se c/ Maria de Lourdes Gouveia, pais de Roberval, Marcos Antônio, Carlos, Nelson, Adenisa, Simone, Maria Rosa e Adacy G. Leite de Figueiredo.

a) Roberval, bacharel em Direito, casado c/ Maria de Fátima Vitorino, engenheira civil, pais de Emanuela Leite de Figueiredo.

b) Marcos Antônio, casado c/ Sônia Maria Melo Figueiredo, pais de Marcos Alan.

c-d-e-f-g-h) Carlos, Nelson, Adenilza, Simone, Maria Rosa e Adacy, todos estudantes vestibulandos e universitários.

4— Alzira, funcionária pública federal, solteira.

LEITE RAMALHO

Maria Rodrigues dos Santos Leite, casada com Aleixo Luna Pinto Ramalho, bandeirante paulista. Filhos: Maria, José, Antônia, Avelina, João (pai Joãozinho) e Izabel (mãe Sinhára).

1) Maria Rodrigues Leite Ramalho, casada com Salustiano Leite de Figueiredo, pais de Enéias, Ernesta, Dionísia, Maria Dona e Joana.

a) Enéias, chefe político em Conceição, casado com Antônia Alencar Leite Figueiredo (Tota), tendo 7 filhos: José, Isabel, (Sinu), Ana (Dona), Francisca (Calula), Maria, Salustiano (Bindo) e Dabida.

I — José Leite, prefeito de Conceição em duas legislaturas, casado em primeiras núpcias com Osminda Leite Ramalho (Calunga) e em segundas núpcias com Alaíde Nitão. Não houve filhos.

II — Isabel Leite (Sinu), casada com Francisco Pereira de Souza, pais de Enéias e Maria do Céu Leite Pereira.

III — Ana Leite (Dona) casada c/ Martiniano Rodrigues Ramalho (Iôiô), pais de Ma. Nely e Antônia (Eny), professoras. Nely faleceu solteira e Eny, casada c/ Venceslau Leite Ramalho, já mencionado n/ família.

IV — Francisca Leite (Calula), casada com Francisco de Oliveira Braga. (Ver família Leite Braga).

V — Maria Leite, casada com Paulino de Oliveira Braga. (Ver LEITE BRAGA).

VI — Salustiano Leite (Bindo), casado com a professora Maria Pereira Frade, houve um filho que falecera ainda recém-nascido (José de Arimatéia).

VII — Dabida Leite (faleceu solteira).

b) Ernesta (Nestinha), casada com Nicolau Alencar França Leite, pais de Francisco Leite Alencar.

I — Francisco Leite Alencar, casado com Emilia Ramalho de Alencar, houve um filho, Nicolau França (neto) Nicolauzinho. (Ver FAMÍLIA LEITE ALENCAR).

c) Dionísia, casada com João Batista Pinto Ramalho, Fiscal de Consumo, agricultor, criador, pais de Ana (Nenzinha), Osminda (Calunga), Olga e Dolores.

I — Ana (Nenzinha) faleceu solteira.

II — Osminda (Calunga), casada com José Leite, não houve filhos.

III — Olga, casada com Sérgio Gomes Vieira, pais de Olga (Olguinha), Sérgio, Maria da Conceição e outros.

IV — Dolores, professora, casada com Antônio Rodrigues Leite. (Ver a família Rodrigues Leite).

d) Maria Dona, casada com Joaquim Rodrigues de Figueiredo, pais de Lino, Salustiano, José e Francisco.

I — Lino, casado com Avelina Rodrigues Leite. (Não foi fornecida a descendência).

II — Salustiano, casado com Antônia Rodrigues Leite. (Desconheço a descendência).

III e IV — José e Francisco (não se obteve a descendência).

e) Joana, casada com Antônio Rodrigues Pinto Ramalho, este em segundas núpcias, pais de João (Xingó), Ana (Diná), Antônio, Salustiano, Pedro, Jaime e Maria Leite Ramalho.

I — João (Xingó), casado com a professora Luiza Moreira Ramalho, pais de Maria da Glória, Lídia e Diná.

II – Ana (Diná), casada com Lino Mangueira de Figueiredo, pais de Lidiná, José, Vicente, Maria do Socorro, João Bosco e Luzia.
III – Antônio, não temos sua descendência.
IV – Salustiano, casado com Avelina Luna Ramalho, não temos sua descendência.
V – Pedro, casado com Claudina Figueiredo em primeiras núpcias, pais de Rosalda, José e Zenith. Rosalda e José, solteiros e Zenith, casada com Edilton Rangel. Em segundas núpcias, Pedro casou-se com Quitéria Mangueira de Figueiredo, pais de Durval, Aldenora e Dagmar.
VI e VII – Jaime e Maria, solteiros.

2– José Rodrigues L. Pinto Ramalho, casado com Jesuína Rodrigues dos Santos. (Ver a família PINTO RAMALHO).

3– Antônia Rodrigues Leite Ramalho, casada com o Cel. João Pedro de Figueiredo, pais de Amâncio, Edvirges, José, Maria e Francisca.

a) Amâncio (padre), foi vigário na cidade de Pombal – PB.
b) Edvirges (tia Duviges), casada com Fausto de Souza Figueiredo. (Ver família FAUSTO DE FIGUEIREDO).
c) José, casado com Maria de Alencar Figueiredo, filhos: (ver família ALENCAR FIGUEIREDO).
d) Maria, casada com Balduino Ramalho da Silva (ver RAMALHO DE FIGUEIREDO).
e) Francisca, casada com seu cunhado Balduino Ramalho da Silva. (ver família RAMALHO DE FIGUEIREDO).

4) Avelina Rodrigues Leite Ramalho, casada com João Alexandre Pinto Ramalho, filhos: (ver a família PINTO RAMALHO).

5) João Rodrigues Leite Ramalho, casado com Eugênia Rodrigues Leite Ramalho. (ver família RAMALHO ALENCAR).

6) Izabel Rodrigues Leite Ramalho (mãe Sinhára), casada em primeiras núpcias com João Teles Furtado de Carvalho, natural de Garanhuns–PE. Em segundas núpcias casou-se com Antônio José de Gois. (ver a família FURTADO LEITE RAMALHO).
Manoel Raimundo de Souza Leite, casado com Januária de Sá Ramalho, já formando outro ramo da família LEITE RAMALHO. Filhos: Nicolau, Ramiro, Maria, João, Antônio (Sula), Alzira, Odete e Otacílio.

a) Nicolau, casado com Ana Rodrigues Ramalho (Nicinha), pais de Amanda, Lúcia, Gerlany, Luiz Inácio, Glória e Januária.
b) Ramiro, casado com Artemiza Leite Rangel, pais de Nancy, Francisco de Assis, Antônio, Manoel Zilma e José.
c) Maria, casada com João Ferreira Leite, pais de Francisco de Assis, Maria, Gizélia, Inez, Antônio e Ritinha.
d) João, casado com Marinalva Leite Ramalho. pais de Carlos e Maria.
e) Antônio (Sula), agrônomo, casado com Maria do Socorro Leite Ramalho, pais de Paulo, Aldo, Alba e Nazaré.
f) Alzira, casada com Carlos Paulino do Nascimento, pais de Maria do Socorro, Carlos e Gilberto.
g) Odete Leite Ramalho, solteira
h) Otacílio Leite Ramalho, casado com Valdemira Mangueira de Souza, pais de Juberlita, Maria Juberlícia, Antônio, Wellington, Wilson e os gêmeos Cosme e Damião Mangueira Leite Ramalho.

MARIA de Figueiredo Leite (Nosinha), casada com Epitácio de Sá Ramalho, formando outro ramo da família LEITE RAMALHO. Filhos: Wenceslau, Unías, Severino, Adonias, Maria Enilde, Elny e Maria Nazinha Leite Ramalho.

a) Wenceslau, casado com Antônia Leite Ramalho (Eny), pais de Maria Wanislen (Leninha) e José.
b) Unias, casado com Odete Rodrigues Moura, professora, pais de Paulo Roberto, Romero, Antônio, Roney Clark e Unias Filho.
c) Severino, casado com Francisca Rangel Ramalho (Zi), pais de Gilvan e Gildete.
d) Adonias, casado com Maria Amélia Leite Ramalho (Melinha), pais de Hailton, Luiz Hamilton e Virginia.
e) Maria Enilde, casada com José Maniçoba Soares. Houve filhos.
f) Elny, professora, solteira.
g) Maria Nazinha, faleceu solteira.

JOÃO Raimundo de Souza Leite, casado com Blandina de Sá Ramalho, formando outro ramo da família LEITE RAMALHO. Filhos: Francisca (Sinhá), Pedro, Plinio, Afonso, Eulina, Iracema (Lalá), Antônio, Helena, Maria, Adalva e Aloísio.

a) Francisca (Sinhá), casada com Manoel JUstino Gomes, pais de Afonso, Fernando e João Raimundo Neto.
I – Afonso, casado com Maria do Socorro Dantas, tendo uma filha, Tásia.
II – Fernando, casado com Rosany Carvalho, tendo uma filha, Mônica.
III – João Raimundo, casado com Herbênia Araújo, tendo dois filhos: Melissa e Luciano.
b) Pedro, solteiro, fazendeiro, deputado duas vezes pela UDN no R.G.N.
c) Plínio, casado com Elizabeth Othon, pais de Afonso, Maria, Ana de Fátima, Maria Regina e Otoniel Othon.
I – Afonso, dentista, casado c/Maria da Glória Jabur Bittar Othon, médica, pais de Murilo e Leandro.
II – Maria, advogada, casada c/Antônio Régis, pais de Andréia, Amanda e Alexandre.
III – Ana de Fátima, casada c/engenheiro Francisco Divino.
IV – Maria Regina, casada c/Álvaro Ribeiro, pais de Tárik.
V – Otoniel, casado c/Elenice Ferreira, pais de Aline.
d) Afonso, faleceu solteiro.

e—f—Eulina e Iracema, solteiras.
g — Antônio, casado c/Maria Ferreira, pais de Afonso, Maria da Penha, Blandina e Eliane.
h)—Helena, casada c/o fazendeiro Omar de Menezes Taicho, pais de Blandine, residentes em Natal—R.G.N.
i)— Maria, dentista, casada c/Manoel Leite da Rocha, médico, pais de Marta Liliane.
j)— Adalva, dentista, casada c/João Batista Borges, médico em Natal—R. G.N., pais de Ana Marta e Ana Eulina.
k)—Aloísio, médico no R.G.N., casado c/Regina Lúcia de Medeiros, médica, pais de Aline, Andréia e João Luiz.

FRANCISCA Leite Ramalho, (irmã de Zeca Ramalho), casada c/Antônio Leite Ramalho, formou outro ramo da família LEITE RAMALHO.

Filhos: Ma. Ester, Ma. Anita, Anunciada, Anatilde e Joanita.

a)—Maria Ester, casada c/José Leite, pais de José Antônio e Eunice.
b)—Maria Anita, casada c/Eugênio Ferreira Grillo, pais de Paulo e Maria.
c)—Anunciada, casada c/Antônio Rabelo, houve 14 filhos.
d)—Anatilde, casada c/Silvino Patricio Ramalho, pais de Francisco e José.
e)—Joanita, casada c/João Bezerra Cavalcanti, agricultor em Bananeiras—PB, pais de Inez, Francisco, José, Leonardo e Luiz.

LOPES DE SOUZA

A história desta família vem do sítio "Salgadinho" e depois se espalhou para o sítio "Bico D'Agulha", conhecido por "Saco da Ingazeira". Estevão Lopes da Fonseca, casado c/Almofadinha Lopes de Souza, pais de José Lopes da Fonseca, primeiros proprietários do "Saco da Ingazeira".

José, casou-se com Severina Alves de Souza, filha de José Alves de Souza e Ambilina Alves. O sr. José Lopes e Severina Alves tiveram os seguintes filhos: Maria, Minervina, Zulmira, Osmínda, Benônia e. Antônia.

1 — Maria (mariquinha Ferreira), casada C/João Ferreira Furtado. (Filhos já mencionados na família FERREIRA FURTADO).
2—3—4—Minervina, Zulmira e Osminda, delas, não nos foram fornecidos dados genealógicos.
5 — Benônia, casada c/o sr. Antônio de Souza Limeira, cujos filhos já mencionados na família SOUZA LIMEIRA.
6 — Antônia (Toinha), casada c/João Frade (tio), pais de Aldo e outros. (ver família PEREIRA FRADE).

Dona Severina Alves de Souza, casou-se em segundas núpcias com Francisco Marinheiro de Lacerda. Não houve filhos.

O sr. João Lopes de Souza, outro ramo desta grande família, é casado c/Maria Xavier de Souza, pais de Pedro, Adauto, Francisco, José, Anázia, Antonieta (Ni) e Ritinha; Anásia Lopes, ver família RIBEIRO LOPES e Antonieta Lopes, ver a família LACERDA SAMPAIO.

LOPES LOUREIRO

Esta família também se ramificou por Teixeira e Piancó — PB.

Francisca Rodrigues dos Santos Leite, filha de João Rodrigues dos Santos, casada c/ Dr. Manoel Leite de César Loureiro, ex-juiz de Direito da cidade de Princesa Isabel — PB, pais de Nicolau Leite de César Loureiro.

Nicolau, casado c/ Ana Lopes Loureiro, filhos: Francisca, Maria das Neves, Brasiliano, Homero, Manoel, Severino, João Batista, Hercília, Antônia e Ana.

1) Francisca, solteira.
2) Maria das Neves, casada c/ Zacarias Lopes, pais de Francisco Sales, Francisco das Chagas, Francisco Bosco e Julieta.
3) Brasiliano, casado c/ Adelaide Leite Loureiro, pais de Terezinha.
4) Homero, casado c/ Alzira Pegado, pais de Emanuel, Marluce, Maria do Socorro, Margarida e Maria de Lourdes.
5) Manoel, solteiro.
6) Severino, professor e diretor do Instituto Pedagógico de Campina Grande, casado c/ Adelaide Cartaxo Loureiro, pais de Ana, Maria de Lourdes, José, Tobias, João, Maria Eleonora, Maria Lígia e Rosa Maria.
7) Dr. João Batista, juiz de Direito, foi combatente na Revolução de São Paulo. Casado c/ Maria Pedrosa Loureiro, pais de Ronald, Ana Maria, Nicolau e Giordano José.
8) Hercília, casada c/ Capitulino Leite Loureiro, pais de Antônio e Nicolau.
9) Antônia, casada c/ Raul Lopes Loureiro, pais de Antônio Nicolau e Ana.
10) Ana, solteira.

MANGUEIRA DE FIGUEIREDO

João Mangueira de Souza (bisneto de Antônio de Souza Mangueira, fundador de Santana de Mangueira), casado c/ Maria Arruda de Figueiredo Alencar (Moça).

Obs.: "Moça" é descendente de José Rodrigues Figueiredo e Maria de

Alencar Figueiredo (tetranetos de João Rodrigues dos Santos).

João Rodrigues de Souza e Maria Arruda de Figueiredo, tiveram os seguintes filhos: Ana, Antônio, Lino, Roldão, Quitéria, Joaquim, José, Raimundo Nonato e Francisco de Assis Mangueira de Figueiredo.

1— Ana, casada c/ Júlio Dantas (Júlio Cassimiro), pais de Dalva, Dão, Daura, José (Zeca), Raimunda (Mundinha) e Ana.
2— Antônio (Mangueira), casado em primeiras núpcias c/(?), houve uma filha: Maria do Socorro Mangueira. Em segundas núpcias casou-se c/ Josefa Mangueira, pais de Ceci e Manoel.
3— Lino, casado c/ Diná Ramalho Mangueira, filhos: (ver a família LEITE RAMALHO).
4— Roldão, casado c/ Antônia Furtado de Figueiredo, esta em segundas núpcias, pais de João, Natalice, Maria Naíde, José, Maria Nely, Hilda Antonieta, Irenilde e Valdomiro.

a) João Mangueira Neto, ex-prefeito de Conceição, casado c/ Carmélia Nogueira Arruda, pais de Davi, Levistone, Alexandre, João Stanley, Naura e Nadja Nei.
b) Natalice, contabilista, casada c/ Antônio Gonçalves de Assis, pais de Marco Antônio, engº ; Mércia Cristina, engª , casada c/ o engº Mário César; José Nivaldo, engº ; Ricardo Jorge, formado em Administração de Empresas e Roberto Mangueira de Assis.
c) Maria Naíde, contabilista, casada c/ Ademar Arruda Alencar, bacharel em Direito, (filhos mencionados na família ARRUDA ALENCAR).
d) José, contabilista, casado c/ Cotinha Oliveira, pais de Ana, engenheira; Fátima, advogada; Alminda, engenheira e Vera Lúcia, terapeuta.
e) Maria Nely, dentista, casada c/ Salomão Mansur, pais de Aparecida Maria e Stela Maria.
f) Hilda Antonieta, advogada, casada c/ Abel Domingues, comerciante. Não houve filhos.
g) Irenilde, professora, solteira.
h) Valdomiro, casado c/ Djanira Leitão, pais de Valdomiro Fº

5— Quitéria, casada c/ Pedro Martiniano Leite Ramalho, este em segundas núpcias. Filhos mencionados na família LEITE RAMALHO.
6— Joaquim, casado c/ Sebastiana Alves Xavier (Tiana), em primeiras núpcias. Houve 4 filhos. Casou-se em segundas núpcias c/ Daura Figueiredo Alencar, houve 4 filhos.
7— José (Dedé), major da Aeronáutica, foi expedicionário na Segunda Guerra Mundial. Casado c/ (?), tem 4 filhos e residem no Rio de Janeiro.
8— Raimundo (Nonato), casado c/ Jovelina Ramalho de Alencar (Jove), pais de Maria Aurora, professora.
9— Francisco de Assis, casado c/ Maria Mangueira (Dindinha), houve três filhos.

MANGUEIRA NITÃO ou SOUZA MANGUEIRA
(Santana de Mangueira)

Antônio de Souza Mangueira Nitão, mais conhecido como Nitão Mangueira, influente político em Santana de Mangueira, comerciante, agricultor e criador, casado com Ana de Souza Diniz (Siana), pais de Francisco Ademar, Dorgival, Francisco Dulcimar, Demócrito, Olívia, Expedita, Hilda, Francisca, Terezinha e Maria.

1— Francisco Ademar, casado c/ Maria das Dores de Souza Mangueira, pais de Plínio, Dulcídio, José Aureni, Leoni, Adenoé, Cleodon, Maria Aparecida, Gerlândia, Lindovânia, Rosângela, Nacindo, Silvânio e Cristiano de Souza Mangueira.
2— Dorgival Mangueira Nitão, atual prefeito da cidade de Santana de Mangueira, pelo PDS, casado com Maria Luceny Mangueira Nitão, pais de Peracchi e Tânia.
3— Francisco Dulcimar, casado com Ana de Souza Mangueira, pais de Márcio e Edgar.
4— Demócrito, casado com Maria Xavier Mangueira Nitão, pais de Maria das Graças e Demócrito Mangueira Nitão Filho.
5— Olívia, casada em primeiras núpcias c/ Manoel Alves de Magalhães, pais de Maria das Graças e Francisco Evaldo. Casou-se em segundas núpcias c/ Miguel Alves Pereira, pais de Francisco Humberto, Lindomar e Lindomi Mangueira Pereira.
6— Expedita, casada c/ Manoel de Luna Ramalho, pais de Francisca, Antônio Éverton e Edigley Mangueira Ramalho.
7— Hilda, casada c/ Antônio Jacobino de Souza, pais de Sônia, Maria, Maria Soniderlândia e Paulino Cleidson Mangueira Jacobino.
8 e 9— Francisca e Terezinha, solteiras.
10—Maria, casada com Francisco Alves Pachico, pais de Iraildes e Teotônio Mangueira Nitão.

MOURA LIMA
(De Ibiára)

O sr. Antônio Antímio de Moura Lima, casado com Maria Vieira de Magalhães, entrelaçando-se com as famílias Rodrigues, Magalhães, Nunes, Diniz e outras, formaram uma grande parte da árvore genealógica de Conceição.

Filhos do casal: Manoel Otaviano, Manoel Cordeiro, Josino, José, Amélia e Idalina.

1— Manoel Otaviano de Moura Lima, (Pe. Otaviano) VER SUA BIOGRAFIA.
2— Manoel Cordeiro de Moura Lima, (sr. Cordeiro), casado com Júlia Nunes de Magalhães, pais de Ageu, Oriel, Odon, Antônio, Umberto, José,

Maria e Valdenora Nunes Moura Lima.

3— Josino de Moura Lima, casado com Águeda Nunes de Magalhães, pais de Dozinha, Terezinha, Francisco, Zita, Idelzuite, Maria e Raimundo.

4— José Otaviano de Moura Lima, comerciante, casado com Francisca Rodrigues Leite, filhos mencionados na família RODRIGUES MOURA.

5— Amélia de Moura Lima, casada com Abdias Moura, pais de Edite Moura.

6— Idalina de Moura Lima, casada com José Crisantho Diniz, pais de Eudo Moura Lima Diniz, médico e de Yêda e Salete Moura Lima Diniz.

NUNES DE MOURA
de Bonito de Santa Fé

Pedro Nunes de Moura, agricultor, criador em Bonito de Santa Fé, casado com Lídia Magalhães de Moura. Filhos: Eudésia, Olivia, Marcionília, Josefa (Zefinha) e Dom Nunes de Moura.

Josefa Nunes de Moura (D. Zefinha) casada com o sr. Pedro Luis Lacerda Sampaio, filhos já mencionados na família LACERDA SAMPAIO.

Obs.: Dos outros filhos do sr. Pedro Nunes de Moura, não nos foram fornecidos dados genealógicos.

Netos do sr. Pedro Nunes de Moura: Elba, Cleide, Antônio, Geny, Maria do Socorro, Doralice, Deija, Espedito, José, Afonso, Antonete, Terezinha e Antônio Nunes de Moura.

OLIVEIRA BRAGA

Esta família veio do Ceará.

O primeiro membro da família que chegou em Conceição, foi o sr. Francisco de Oliveira Braga, em 1922. Foi casado em primeiras núpcias com Francisca Leite (Calula), filhos mencionados na família LEITE BRAGA, casou-se em segundas núpcias com Doralice Figueiredo. (VER A BIOGRAFIA). Depois vieram seus irmãos abaixo relacionados, que também se ramificaram em Conceição, colaborando com o progresso da nossa cidade.

Paulino de Oliveira Braga, casado em primeiras núpcias com Maria Leite, pais de Marne, Marlene e outros já mencionados na família LEITE BRAGA.

Casou-se em segundas núpcias com Francisca Figueiredo, pais de Maria de Fátima e Paulino Braga Filho.

Maria de Fátima, casada com Jorge Fausto Figueiredo.

Vital de Oliveira Braga, casado com Carmélia Barros, pais de Francisco Welton, Carmesita Maria, Maria do Carmo, Maria do Socorro, Ma. da Salete, Ma. das Graças, Vitor Braga Neto e Maria da Glória Oliveira Braga.

Marinita de Oliveira Braga, casada com Agrícola Rodrigues Moura, não houve filhos.

PEDONNI

O sr. Ângelo Pedonni, de nacionalidade italiana, veio para o Brasil no princípio deste século. Ele veio a convite de outros patrícios, para trabalharem no fabrico de tachos de zinco, usados nos engenhos de cana de açúcar. Veio da Itália o sr. Ângelo, acompanhado de sua esposa dona Maria Joana Limongi Pedonni e mais dois filhos: Maria Anunciada, com 3 anos de idade e André com apenas 2 anos de idade.

Aportaram no Recife e foram pelo interior de Pernambuco, depois mudaram para Conceição. Aí o sr. Ângelo se instalou no comércio.

No Brasil tiveram mais quatro filhos: José, Rafael, Davi e Rosa.

Maria Anunciada casou-se com o sr. Antônio Miguel das Neves e dos seus filhos, nos foi informado o nome de José Miguel Pedonni. Dos outros não obtivemos informações.

José Miguel casou-se com Francisca Lacerda Soares Pedonni, pais de Maria do Socorro, Cícero, José, Antônio, Concebida, Damião e Maria de Fátima.

Maria de Fátima Soares Pedonni, formada em Ciências Biológicas, casou-se com Célio Roberto da Silva, professor de Educação Física, Recife, passando a se chamar Maria de Fátima Soares Pedonni Silva.

Maria do Socorro, casada e residente em João Pessoa — PB.

Dos outros filhos do sr. José Miguel e Francisca Lacerda, não nos foram fornecidos mais dados genealógicos.

PEIXOTO DE ALENCAR

Maria Madalena Rodrigues Leite de Alencar (4ª filha de Bento Alencar), casada c/ Raimundo Peixoto de Alencar, natural de Barbalha — CE, filhos: Manoel, João, Maria, Bruno, Jovelina, Urçulina, Severino, Efigênia e Pedro Peixoto de Alencar.

a) Manoel Peixoto de Alencar (Dr. Peixoto), foi juiz de Direito em Canindé — CE e posteriormente em Fortaleza — CE. Casado c/ Petronila Belém de Alencar (Sancha), filha do Cel. Belém, chefe político no Crato — CE, na época. Filhos: Dr. Otacílio, desembargador: Dr. Oscar, advogado; Clovis, Hugo, Mário, José, Walter, Osmar, Dr. Túlio e Dra. Adamir Peixoto de Alencar, bacharéis.

b) João Peixoto de Alencar (Janjão) casado c/ Gualterina Ayres de Alencar (Tezinha), pais de Eva (Santa).

I — Eva (Santa), casada c/ Raimundo Peixoto de Alencar Neto (Netinho), houve 4 filhos: Giso, Liége, Nagibe e Larisse.

A) Giso, falecido.

B) Liége, casada c/ Antônio Correia, pais do Tte. Cel. Ronaldo Ayres de Alencar e outros, cujos nomes não nos foram fornecidos.

C) Nagibe, casada c/ Celso Montenegro, pais de Rômulo e Antônio Montenegro, engenheiros, Humberto, Tte. Cel. das n/ Forças Armadas e Francisco Montenegro, acadêmico.

d) Larisse Peixoto de Alencar, solteira.

c) Maria Peixoto de Alencar (Marica) casada c/ o Cel. Vicente Coelho Sá Barreto, em Barbalha — CE, pais de Maria Pia (Lilia), Jovelina (Jove), Raimundo (Teteu), Luiza (Sinhá) e Antônia (Dondom).

I — Maria Pia Peixoto de Alencar (Lilia), casada c/ Manoel Rodrigues Peixoto de Alencar (Né Peixoto), este em segundas núpcias, filhos já citados.

II — Jovelina (Jove) casada em primeiras núpcias c/ Manoel Apolinário de Alencar, (Paizinho), pais de Manoel, Ma. de Lourdes Coelho de Alencar (Lurdinha).

A— Manoel Coelho de Alencar (Alencar), comerciante em Juazeiro do Norte — Ceará.

B— Maria de Lourdes Coelho de Alencar (Lurdinha), casada.

II—A— Jovelina (Jove), casou-se em segundas núpcias c/ um sobrinho do seu primeiro marido, José Apolinário de Alencar (Zezé). Houve uma filha, Estael.

III — Raimundo (Teteu), casado c/ Dulce Coelho, pais da profª Heloisa C. Alencar.

IV — Luiza (Sinhá), casada c/ seu cunhado José Apolinário de Alencar (Zezé), pais de José Apolinário Fº , comerciante em Juazeiro do Norte, Lucélia, professora e Francisco Alencar, residente em Juazeiro do Norte — CE.

V — Antônia (Dondom), casada c/ Joaquim Nobre de Freitas. Não houve filhos.

d) Bruno, casado c/ Francisca Coelho Sampaio Sá Barreto (D. Chiquinha), houve um filho, Raimundo Peixoto de Alencar Neto (Netinho), casado c/ sua prima Eva Peixoto de Alencar (Santa), filhos já mencionados.

e) Jovelina, casada c/ João França Leite Alencar (irmão de Nicolau França), filhos: Basílio, faleceu solteiro; Agnelo e José, não sabemos a descendência; Antônio (Bitônio), casado com Mariquinha Ramalho (VER FAMÍLIA RAMALHO DE ALENCAR).

f) Ursulina, casou-se em primeiras núpcias c/ Alexandre Luna Pinto Ramalho, filhos: Manoel (Né Ramalho), Maria Madalena (Dalena) e Ana (Sanana).

I — Manoel (Né Ramalho), casado c/ Susana Furtado Leite Ramalho (ver família RAMALHO DE ALENCAR).

II — Maria Madalena (Dalena), casada c/ José Peixoto de Alencar. Não

houve filhos.

III — Ana (Sanana), faleceu solteira.

f) Ursulina, casou-se em segundas núpcias c/ Martinho Pereira de Alencar (Papai Tim), era o pai de Elvira Pereira de Alencar (Senhora), das primeiras núpcias.

g) Severino Peixoto de Alencar, casado c/ Doninha (irmã de Nicolau França), filhos: Antônia e Maria Maru.

I — Antônia Peixoto de Alencar (Toínha), casada c/ Raimundo Peixoto de Alencar (Peixotinho), filhos já mencionados.

II — Maria Alencar Maru, casada em primeiras núpcias c/ Pedro Alves, sem filhos. Em segundas núpcias casou-se c/ Luiz Soares da Silva, pais de Nilza, Francisca, Maria do Céu e Aracy Alencar Soares.

A — Nilza Alencar Soares, profª , casada c/ João Antônio Correia Maia, pais de Luiz Clark, engenheiro do DNER, casado c/ Ildemir Alves Paletot, bibliotecária; Anísio, médico veterinário, casado c/ Rosângela Carvalho; Maria Ione, curso superior de enfermagem, casada c/ Márco Aurélio Chaves, bioquímico; Fátima, curso superior de enfermagem e Tereza Cristina Soares Maia, profª e bibliotecária.

B — Francisca Alencar Soares (Francinete), profª pela UFPB, casada c/ Djalma Leite, médico em João Pessoa — PB. Não houve filhos.

C — Maria do Céu (Iia), profª pela UFPB, casada c/ A. Adson Lacet, pais de Eugênia (curso Belas Artes), casada c/ Ubiratan Oliveira.

D — Aracy Alencar Soares (Basinha), psicóloga, solteira.

h) Efigênia Peixoto de Alencar, casada c/ Josué Rodrigues Ramalho de Alencar, filhos: Manoel, José, Raimundo, Maria, Ma. Madalena, João e Eugênia (gêmeos).

I — Manoel, (Né Peixoto), tabelião público em Barbalha — CE, casado c/ Maria Pia Coelho Alencar (Lilia), segundas núpcias, pais de Mário, Edgar, Raul, Antônio, Dolores, Corina, Manoel, Aluísio e Vicente.

A — Mário Coelho Peixoto de Alencar, faleceu solteiro.

B — Edgar, casado c/ Ivanir Pires de Oliveira, pais de Joaquim Edvan, com vários títulos superiores, como: farmacêutico, bioquímico, advogado criminalista e escritor. Casado c/ Maria do Socorro Santana; Manoel Humberto, economista, engenheiro civil, Tte. Cel. do Exército Brasileiro, formado na Arma de Infantaria na Academia Militar de Agulhas Negras, casado c/ Carmela Pereira; Antônio Iderval, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, economista, casado c/ a médica Vânia Alencar; Maria Lenilde, médica, casada c/ Bernardo Caldas, engº eletrônico; Francisco Hélio, médico, bioquímico, curso de mestrado e doutorado, casado c/ Ruth Alencar; Maria Leila, formada em Letras, casada c/ Sérgio Maranhão, engº eletrônico e Ada Maria, acadêmica, casada c/ Vinicius Pinho, engº agrônomo.

C — Raul, casado c/ Raimunda Norões Milfont (Munda), pais de Terezi-

nha Rinaura, profª , casada c/ Nivaldo Peixoto; Rosicler, profª , casada com Luiz Neves Ayres de Alencar, médico e fazendeiro em São Paulo, pais de Luiz Filho, Vânia, Rosana e Raul; José Edilmar, advogado, jornalista e diretor do canal de TV "Verdes Mares" em Fortaleza — CE, casado. Francisco, funcionário do DNOCS, casado c/ Deubem Xavier; Maria do Socorro, formada em Filosofia, casada c/ José Hermínio Rebouças, catedrático da Universidade do Crato — CE; Albany, profª , casada c/ Orlando Bezerra, advogado em São Paulo.

D — Antônio (Totonho), faleceu solteiro, 26 anos de idade, na revolução de 1932 de São Paulo, na batalha do Túnel da Mantiqueira em M. Gerais. Promovido "post-mortem" a 2º tenente.

E-F-G— Dolores Corina e Manoel Coelho Peixoto de Alencar, solteiros.

H — Aloísio, casado (falecido), deixou 3 filhos: Terezinha, Dalma e Vilma.

J — Vicente, formado em Filosofia, casado em primeiras núpcias c/ Helena Costa, pais de Marcos, professor, naturalizado cidadão norte-americano, residente em Nova York, onde é deputado federal; Kátia, médica, casada e residente no R.G. do Sul; Vilânia, bancária; Paulo César, solteiro e estudante. Em segundas núpcias, Vicente casou-se com Marinete Espósito que lhe deu duas filhas: Carmela e Carmem Lúcia.

II — José Peixoto (cel.), agricultor, criador, comerciante, casado c/ Maria Madalena Peixoto de Alencar (Dalena). Não houve filhos.

III — Raimundo (Peixotinho), construtor e fotógrafo, casado c/ Antônia Peixoto de Alencar (Toínha), houve um filho Pio Peixoto de Alencar, residente no Rio de Janeiro.

IV — Maria (Senhora), casada em primeiras núpcias c/ Juvino de Souza Leite, pais de Maria de Lourdes (Lurdinha).

Maria de Lourdes Alencar Leite (Lurdinha), casada com José Lopes, telegrafista em Piancó, pais de Francisco (Chaby), farmacêutico; Antônio, médico, (faleceu solteiro) e José, engº agrônomo (faleceu solteiro).

IV — Maria (Senhora) casou-se em segundas núpcias com José Rodrigues Ramalho (Zuza), filhos: Antônio, Alice, Estela e Raimundo.

A) Antônio Alencar Ramalho, casado c/ Carmem Ramalho, pais de Antônio Willams Ramalho, engº eletricista.

B) Alice, casada c/ Matiniano Ramalho (Yoyô), este em segundas núpcias, pais de Analice, profª , casada c/ Adailton Lira, Macrina, profª , solteira; Maria Nely (Lia), farmacêutica e formada em Bioquímica e residente em Brasília, casada; Sabino, casado c/ Maria da Penha Ramalho. Tem filhos.

C) Estela, casada c/ Severino Lopes, professor e tabelião público em Teixeira, pais de Amadeu, Alice, Padre Severino, vigário em Piancó, e João Batista Alencar Ramalho.

D) Raimundo, casado c/ Maria Duarte Pires, pais de Benilde, casada c/ Álvaro Loureiro, pais de Ana Maria, Sônia, Álvaro José, Eugênio e Rogério.

Izabelnete, profª , casada c/ Francisco Leite Martildes, falecida. Houve um filho: Mário Lúcio.

Terezinha, casada c/ Edmar Leite Rangel, pais de Carlos Henrique.

Maristela, casada c/ Vicente Furtado, pais de Rita de Cássia, Rilda Maria, Vicente Rilson, Francisco Rivalter e Rilma Maria.

Ana Maria, casada c/ José Otocar Leite, pais de Alzira Maria.

José Ramalho de Alencar, solteiro.

Ibiapino, casado c/ a profª (pedagoga), Carmem Juvina Vieira (Carmosa), pais de Luiza Maria, Luiz Mário, Maria do Socorro e Ibiapino Filho, estudantes ; Liberty, solteira.

Sebastiana (Licleri) casada c/ Edmar Teódulo, pais de Irineu Teódulo, Marcos José, Mário José e Viviane.

V — Maria Madalena (Daleninha), casada c/ Antônio Neco, natural do Ceará, pais de Oscar, Mário, Maria Luiza e outros.

VI — João, casado c/ Elisa Ramalho de Alencar, não houve filhos.

VII — Eugênia, casada c/ José Luiz Pires, não houve filhos.

f) Pedro, casado c/ Teodora Carvalho, pais de Francisca (Chiquinha Peixoto), Ana (Naninha), Antônio, Benedito e Maria Peixoto de Alencar.

I-II-III— Francisca (Chiquinha Peixoto), Ana e Antônio, faleceram solteiros.

IV — Benedito (Benedito Pauzinho), casado c/ Maria Alves da Silva, pais de Severino, Helena, Izabel (Besinha), José e João Alves de Alencar (João Preto).

A-B-C-D— Severino, Helena, Izabel e José Alves de Alencar, não nos foi fornecida a descendência.

E — João Alves de Alencar (João Preto), casado c/ Amália Cassiano, profª, pais de Risomar, contabilista; Ursulina, supervisora escolar e Orientadora Educacional; Maria do Socorro, profª de Educação Física; Lindomar, curso de Filosofia e História; Raimundo Nonato, advogado e professor de Educação Física, professor da Faculdade de Direito de João Pessoa — PB e Capitão da Polícia Militar — PB. Naíze, profª de Educação Física; Marcônio Édson, jornalista; Naíde, engenheira civil; Maria Amália, médica; Maria de Lourdes, formada em Letras e Isac Alves de Alencar, prof. de Educação Física e de Hand-ball, da Paraíba.

V — Maria Peixoto de Alencar, casada c/ Manoel de Souza, pais de Bruno e Jozefa (Zefinha).

A) Bruno de Souza Alencar, casado c/ Joaquina Alves da Silva, pais de José Edval, militar, casado, residente em Brasília; Joanita, casada e residente em Olinda — PE e João de Souza Alencar, casado c/ Cleonice Alencar, residentes em Recife — PE.

B) Jozefa de Souza Alencar (Zefinha), casada c/ Genésio Alves, este em segundas núpcias, pais de Antônio (Toínho), jornalista, casado e residente em João Pessoa – PB; Terezinha, casada c/ Francisco Paletot e Maria Augusta de Fátima, solteira.

Obs.: O sr. Genésio Alves foi casado c/ Damiana, em primeiras núpcias, pais de José Genésio, casado c/ Chiquinha Fonseca.
Benedita Peixoto de Alencar (madrinha Bodota), filha natural de Raimundo Peixoto de Alencar com uma escrava (ver madrinha Bodota).
Raimundo Peixoto de Alencar, foi casado em segundas núpcias c/ Maria Peixoto de Alencar (Marica). Não houve filhos.
Maria Peixoto de Alencar (Marica), casou-se em segundas núpcias com João Lopes, este em segundas núpcias, também. Filhos: Aracy Alencar Leite (ver sua biografia), Rodrigo, casado, residente em João Pessoa – PB e José (Zeca) que faleceu solteiro.
O sr. José Lopes, do primeiro casamento, tinha uma filha: Maria (Mariquinha), casada c/ João R. Ramalho (Dãozinho), (ver Ramalho de Figueiredo).

PEREIRA DE MOURA
de Santana de Mangueira

Emídio Pereira de Souza, agricultor, criador, casado com Rosena Pereira de Souza, pais de Antônio Pereira de Souza e outros.
Antônio Pereira de Souza (Pitanga), comerciante em Conceição, casado com Maria do Socorro Moura de Souza, pais de Arlete, Adonias, Azilda, Francisco de Assis, Juscelino, Hélio e José Clean Pereira de Moura.

1– Arlete Pereira de Moura, Orientadora da Universidade da Paraíba. Fez mestrado em Campinas – Est. de São Paulo.
2– Adonias Pereira de Moura, formado em Administração de Empresas, funcionário do DETRAN como Diretor de Operação.
3– Azilda Pereira de Moura, dentista e professora da Universidade da Paraíba.
4– Francisco de Assis Pereira de Moura, Engenheiro civil, construtora própria em João Pessoa – PB.
5– Juscelino Pereira de Moura, médico cirurgião em Patos – PB. Concluiu o curso de medicina no Rio de Janeiro e fez dois anos de estágio, no Hospital Barão de Lucena, em Recife – PE.
6– Hélio Pereira de Moura, formado em Administração de Empresas, funcionário da URBAN em João Pessoa – PB.
7– José Clean Pereira de Moura, formado em Desenho, faleceu solteiro.

Obs.: Dos outros filhos do sr. Emídio Pereira de Souza, não nos foram fornecidos dados genealógicos.

PEREIRA DINIZ

Esta família tem suas raizes no Pajeú, sertão pernambucano.
Na zona do Pajeú, havia na fazenda Pitombeira um barão conhecido como o barão da Pitombeira ou barão do Pajeú. Foi casado duas vezes. A primeira vez com a baronesa Maria Pereira de Sá e a segunda vez com a baroneza Verônica Pereira da Silva. Desse segundo casamento houve filhos, dentre eles, citamos o nome de Manoel Pereira da Silva, casado com Joana Florentino Pereira Diniz, pais de José Florentino, Oscar, Manoel, Joaquim, Maria, Alexandrina, Ester, Luiza (Lulu), Antônio e Cícero Cassiano.

1–2–3–4–5–6–7–José Florentino, Oscar, Manoel, Joaquim, Maria, Alexandrina e Ester. Não nos foram fornecidos mais dados genealógicos.

8– Luiza Florentino (Lulu), casada com Manoel Pereira Valões (Pereira); filhos já citados na família PEREIRA VALÕES.
9) – Antônio Florentino, major da Polícia Militar paraibana, casado com Maria Pereira Farias, pais de Iolanda, Inácio, Maria, Mirabeau, Antônio e Lindemberg.
10 –Cícero Cassiano, fazendeiro em Pernambuco, casado com Áurea Pereira Torres, pais de Cipriano Pereira Torres (Ciro), cirurgião dentista, em Recife-Pe., casado com Maria Pinheiro de Mendonça, pais de Alexandre Pinheiro de Mendonça Pereira, estudante. A segunda filha de Cícero Cassiano e Áurea, é Maria Nilce Pereira, casada, residente em Pe.

Obs.: Pertencem à família PEREIRA DINIZ, o padre Joaquim Ludjero Pereira Diniz que foi vigário de nossa paróquia de 1914/1916, também conhecido como Padre Quincas. E a senhorita Aureni Pereira Diniz é bisneta do barão de Pajeú.–

PEREIRA FRADE

Os primeiros descendentes dos "FRADE", fixaram residência no sítio "Poço da Pedra", Município de Conceição.
João Frade, agricultor, criador, casado com Angélica Pereira Frade. Filhos: José, Antônio, Joaquim, João, Rosa, Rita, Joana, Antônia, Maria, Jovelina (Jove) e Regina Pereira Frade.

1 – José Pereira Frade, comerciante, agricultor, criador, casado com Emília Pereira Frade, pais de Nicolau, Luiz, João, Maria, Olindina, Mário, Antônio, Hermes, Alice, Milton e Durval Pereira Frade.
a)– Nicolau Pereira Frade, contabilista, comerciante, casado com Guiomar Moroni, pais de Zilda, médica; Hamilton, médico; José Rômulo, dentista e Paulo Roberto Moroni Frade, médico.
b) – Luiz Pereira Frade, comerciante, casado em 1as. núpcias com Nanô Xavier, pais de Aíla, dentista e Ailton Xavier Frade.

Casou-se em 2as. núpcias com Da. Maria Cearense Ramalho, pais de Luiz Frade Filho, Aderaldo, Aílda, Maria Emília e Ricardo Ramalho Frade.

c) — João Pereira Frade, comerciante, casado com Rosa Lacerda, pais de Neide Maria, Nilma, Humberto Luiz, Francisco, João Robson, Fernando Antônio, Willians e Almir Lacerda Frade.

d) — Maria Pereira Frade, professora, casada com Salustiano Leite (Bindo) pais de José Arimatéia, falecido quando recem-nascido.

e) — Olindina Pereira Frade, casada com João Pereira, pais de Orlando, médico; Maria Emília, Edna e Marden Frade Pereira.

f) — Mário Pereira Frade, casado com Aúrea Pereira Alencar, (Lalá), pais de Auremar, Sônia, Virginia, José Ivam, Fátima, Mário e Geraldo Pereira Alencar Frade.

g) — Antônio Pereira Frade, casado com Maria de Lourdes Vieira, pais de vânia, Vandelene, Maria do Socorro e Gibson.

h) — Hermes Pereira Frade, dentista, capitão do Exército (reformado): foi expedicionário na 2a. guerra mundial. Casado com Da. Maria de Lourdes Ferreira, pais de Rejane, Sisenando, Roberto, Maria da Penha, Ana Paula, Cláudia, Silvana e Rosângela Ferreira Frade.

i) — Alice Pereira Frade, professora, advogada, casada com José Frade Sobrinho, pais de Marcos, Magna, José Wagner, Sandra, Geisa Ione e Fátima.

j) — Milton Pereira Frade, casado com Noêmia Ferreira Furtado, professora. Filhos: Eliane, Maria de Fátima, Milton Filho, Denise e João Ferreira Frade.

k) — Durval Pereira Frade, casado com Nicinha Xavier, pais de: José Dercio, Delba Maria, Maria Dagma, Maria Diane, Francisco Duilio, Durvaldo Antônio, Izidra Emilia, Magda Maria e Márcia Maria.

2 — Antônio Pereira Frade, casado com Maria Franco, pais de: Horácio, Olavo, João, Afonso, José, Assis, Maria, Carmelia e Rosemira Pereira Frade.

3 — Joaquim Pereira Frade, casado com Nana Peixoto, pais de José, João, Maroli e Lilia.

4 — João Pereira Frade, casado com Antônia Lopes de Souza (Toinha), pais de Aldo, Geraldo, Brigida, Socorro e Hilton.

5 — Rosa Pereira Frade, casada c/José Belmiro, pais de Alberto, Rosemiro, Napoleão, Maria, João e outros. —

6 — Rita Pereira Frade, casada c/Júlio Cirilo, filhos; já mencionados na família Cirilo.

7 — Joana Pereira Frade, casada c/Nozinho Xavier. Filhos: Joaquim, João, Rivani, Mário Xavier Pereira Frade e outros.

8 — Antônia Pereira Frade, casada c/Antônio Zeferino. Filhos: Sabina, Marina, Porcina, Matilde, Rosa e outros.

9 — Maria Pereira Frade, casada c/João Bezerra, pais de: Francisco,

Mário, Antônio, Manoel, Olindina, José, Sabino, Tereza, Irene e Doralice Bezerra Frade.

10— Jovelina Pereira Frade (Jove), casada c/João Martiniano. Não houve filhos.

11— Regina Pereira Frade, casada c/José Frade, pais de: João, Edvaldo, Edilson, Maria, Alzira, Francisca e Elisa Pereira Frade.

PEREIRA VALÕES

João Batista Pereira Valões, natural de Pernambuco, primo do Coronel Antônio Pereira (de Vila Bela, hoje Serra Talhada—Pe). Casado com Josefa Pereira Valões (D. Zefinha), vieram morar em Conceição, nos anos de 1915, mais ou menos. Filhos: Joaquim, Manoel (Pereira), Virginia, Maria José e Constância Pereira Valões.

1 — Joaquim Pereira Valões, delegado de Conceição por muitos anos, casado com Da. Lina Xavier, pais de Francisca, Vilemar, Jander, Maria Amélia, Osair, Glicélia, Jadir, Antônio, Aureliano e Zuleika.

a)— Francisca Pereira Valões, casada com Manoel Paulino, pais de Dilmar, Francisco Antônio, Luiz Paulino, Lindovaldo, Joaquim Neto, Eraldo, Jamilson e Mariza.

b)— Vilemar Pereira Valões, faleceu solteiro.

Obs. Dos outros filhos de Joaquim Valões, não nos foram fornecidos dados genealógicos.

2 — Manoel Pereira Valões (Pereira), casado com Luiza Pereira Diniz, (Lulu), pais de Itamar, Jacira e Maria Pereira Valões.

a)— Itamar Pereira Valões, agricultor criador, solteiro, residente em Conceição.

b)— Jacira Pereira Valões, enfermeira, comerciante, casada com Pedro Alves Vieira, pais de Maria do Carmo e Maria Goreti de Fátima Pereira Vieira.

c)— Maria Pereira Valões, casada com Walter de Alencar Mangueira, filhos já mencionados na família RAMALHO DE ALENCAR.

3 — Virginia Pereira Valões, casada com Joaquim Peixoto de Alencar, (Juca Peixoto) filhos: já relacionados na família RAMALHO DE ALENCAR.

4 — Maria José Pereira Valões, casada com Odilon Correia Brasil, pais de Geraldo e Terezinha Brasil.

5 — Constância Pereira Valões, casada com Manoel Franco, pais de Juarez Pereira Valões, falecido solteiro.

Há muitos outros ramos da família "Pereira", como podemos citar: O sr. Francisco Pereira de Sousa (Chico Pereira), casado com Isabel Rodrigues Leite (Sinu), (filha de Enéias Leite), pais de Enéias e Maria do Ceu Leite Pereira.

O Sr. Chico Pereira, casou-se em 2as. núpcias com Leobina Moura, de Ibiára.

PESSOA DE ARRUDA
De Ibiára

Antônio Pessoa de Arruda (Pitó), comerciante em Ibiára, casado com Antônia Rodrigues dos Santos (Tonha Brabo), pais de Olímpio, Edneuton, Sebastião (Adailton), Lavaneris, José (Zié), Edivirges, Alzira, Idália, Rinalva, Gildete, Terezinha e Ma. Eulinda Pessoa de Arruda.
Obs.: Não nos foram fornecidos outros dados sobre a família acima.

PIRES FERREIRA

Antônio Ferreira Duarte, agricultor, criador, residente no sítio Posse, município de Conceição, casado com Da. Antônia Ferreira Freitas, pais de Gesuino, Pedro Ferreira, Santino, João, Antônio, Josino, Carmina e Maria Ferreira de Freitas.

1— Gesuino Ferreira de Freitas, agricultor, criador, casado com Da. Delfina Ferreira, pais de João, Luiz, Maria, Lia, Joaquim, Otacilio, Assis e Cecílio Ferreira.

2— Pedro Ferreira de Freitas, agricultor, criador, casado com Porcina Pires Ferreira, pais de João, Antônia, Francisca (Dudu), Cecília (Ester), Dedice, Ma. de Lourdes, José, Francisco, Severina (Marly), Mariza Pires Ferreira.

a) João Pires Ferreira, comerciante, casado c/ Da. Adalva Alencar Figueiredo, pais de Gláucia, Laércio, Antônio, Ma. de Fátima, Ma. do Socorro, Luciano e Luzia Figueiredo Pires.
b) Antônia Pires Ferreira, casada com José Alencar Figueiredo (Luzé). Não houve filhos.
c) Francisca Pires Ferreira, (Dudu), casada com José Pires Benjamim.
d) Cecília Pires Ferreira, (Ester), casada com Francisco Rodrigues, pais de Liélia, José, Antônio, Margarida e Francisco Pires Rodrigues.
e) Dedice Pires Ferreira, casada com Aderbal Rodrigues Moura, pais de Alberto Pires Moura, já mencionado na família RODRIGUES MOURA.
f) Maria de Lourdes Pires Ferreira, casada com Dr. Osvaldo Gomes de Sá, major (da reserva) do Exército e cirurgião dentista, pais de Valdes, Francisco Humberto e Pedro Antônio Pires de Sá.

I — Valdes Pires de Sá, agrônomo, tem dois filhos, trabalha no INCRA, no Estado do Acre.

II — Francisco Humberto Pires de Sá, geógrafo, faleceu solteiro.

III — Pedro Antônio Pires de Sá, fisioterapeuta, solteiro, residente em João Pessoa — PB.

g) José Pires Ferreira, casado com Alaíde Salu, pais de Francisco, Francisca, Pedro, Maria, Damião e Luiz Salu Pires.
h) Francisco Pires Ferreira, casado com Zélia Siqueira Figueiredo, pais de Marcelo, Marcondes, Marcílio e Márcio Pires Siqueira.
i) Severina Pires Ferreira, (Marly), casada com Hilosman Moreira Alves, pais de José, Marly, Pedro, Paulo e Fernando Ferreira Alves.
j) Mariza Pires Ferreira, solteira.

Outro ramo da família PIRES:

Belarmino Pires Duarte, (Belo), comerciante, casado com Luiza Pereira Diniz (Iuizinha), pais de Antônio Pereira Diniz e Waldomiro Pereira Diniz, ambos formados em Engenharia Civil.

PIRES RODRIGUES

Izabel Rodrigues de Alencar, filha de Bento José Esteves de Alencar, foi casada com José Pires de Almeida, pais de Bento PiresRodrigues, Joaquim, Luiz, João, Joaquina, Maria, Ana, Avelina, Josefa e Antônia Pires Rodrigues.

Antônia Pires Rodrigues, foi casada com Manoel Arruda (não nos foram fornecidos mais dados genealógicos).

PINTO RAMALHO

José Rodrigues L. Pinto Ramalho (2º filho de Aleixo) casado com Jesuina Rodrigues dos Santos. Filhos:

1— Pe. José Eufrosino, vigário da cidade de Bananeiras, por alguns anos.
2— Belmiro Pinto Ramalho.

Belmiro Pinto Ramalho, casado com Lucrécia Leite Ramalho, filhos: Pe. Severino Leite Ramalho, vigário da cidade de Nova Cruz — RN; Maria, Francisca, Águeda, Pedro, Joaquim e Francisco.

a) Pe. Severino Leite Ramalho.
b) Maria Leite Ramalho, casada com o francês Napolion Brunet. (VER FAMÍLIA RAMALHO BRUNET).
c) Francisca, casada com Antônio Cavalcanti, pais de Cônego Amâncio Ramalho, Maria, Júlio e Severino Ramalho.
d) Águeda, casada com Antônio Amâncio da Silva. (VER FAMÍLIA AMÂNCIO RAMALHO).
e) Pedro, casado com Ana Pinto Ramalho.
f) Joaquim, casado com Antônia Pinto Ramalho.
g) Francisco, casado com Alexandrina Leite Ramalho, pais de Izidro, José (Zeca Ramalho), Luiz, Clotilde e Francisca.

I — Izidro, não nos foi fornecida a sua descendência.

II – José Ramalho Leite (Zeca Ramalho), casado com Benonila de Sá Pinto Ramalho, já mencionado.
III – Luiz, casado com Ilda Ramalho s/ filhos.
IV – Clotilde, casada com José Rodrigues Costa Neto, pais de: Elisio, Ma. do Carmo, Olindina, Euclides, Dalva, Francisco Filho e Conceição.
Ma. do Carmo, casada com Luiz Patrício.
Dalva, casada com Manoel Raposo.
Conceição, casada com Severino Leite Ramalho, pais de: Leonardo, Gilberto, Ma. de Lourdes, Djalma, Francisco, Marise, Mariné-sio, José e Nancy Rodrigues Leite.
V – Francisca, casada com Antônio Leite Ramalho (VER FAMÍLIA LEITE RAMALHO).

TIAS DE ZECA RAMALHO

1– Teodora Pinto Ramalho, casada com José Rodrigues Leite, pais de: Manoel, Antônio, Andrelino, Francisco, Joaquim e Jesuina Rodrigues Leite. (VER FAMÍLIA RODRIGUES LEITE).
2– Antônia Pinto Ramalho, casada com José Pedro Barroca, não sabemos a descendência.
3– Joana Pinto Ramalho, casada com Francisco Leite, não se sabe a descendência.
4– Maria Pinto Ramalho (Dondom), casada com Coriolano Ramalho, pais de Licor Pinto Ramalho.
Licor Pinto Ramalho, casada em primeiras núpcias com Antônio Pinto Ramalho, pais de Benonila, Blandina, Severino, Sephas, já mencionados.
Licor, foi casada em segundas núpcias com Dendeu Veras, pais de Odete, Adalva e Genura Veras Ramalho.
a) Odete Ramalho, casada com Dr. Antônio Ozório Pinto Ramalho, já mencionado.
b) Adalva Ramalho, casada com Renato Dantas, advogado, pais de Selma Ramalho Dantas.
I – Selma Ramalho Dantas, casada com Fernando de Miranda, advogado, pais de Lúcia Maria e Renato Dantas Neto, residentes no R. de Janeiro.
c) Genura Veras Ramalho, casada com Éverton Dantas Cortes, advogado, pais de Iris, Iaris, Ieris, Ianes, Iones, Iores, Ienes, Iedes, Isis e Iuris.
I – Iris Ramalho, casada com o engenheiro Gilvan Trigueiro, pais de Paulo Eduardo, engenheiro; Gilvan e Helena, estudantes.
II – Iaris Ramalho, advogada, casada com o advogado Domingos Gomes, pais de Felipe, Gustavo e Dominik, estudantes.
III – Ieris Ramalho, engº mecânico, casado com Maria de Fátima Cortes, pais de Poliana, Guilherme e Fabiana.

IV – Ianes Ramalho, economista, casada com o médico Francisco Ginane, pais de Valéria, Verônica, Vanessa e Victor, residentes em Brasília.
V – Iones Ramalho, professora casada com o advogado Marco Antônio Rocha, pais de Marco Antônio Jr., Daniele e Bruno.
VI – Iores Ramalho, engenheiro, casado com a economista Maria de Fátima Peixoto, pais de Breno e Cecília.
VII – Ienes Ramalho, advogada, casada com o engº Cipriano José de Medeiros, pais de Cristine, Marcelo e Daniel, residentes no R. de Janeiro.
VIII – Iedes Ramalho, formada em Letras, casada com o dentista Elson Paiva, pais de Nicólas e André.
IX – Isis Ramalho, casada com Roberto Meneses, pais de Angélica, Everton e Roberto.
X – Iuris Ramalho, engenheiro, casado com Analice Medeiros, pais de Henrique Ramalho.

6– (outra tia de Zeca Ramalho, chamada Maria Pinto Ramalho).
Maria Pinto Ramalho, casada com Moisés Casé, pais de Heliodoro, Fausto e Ana Pinto Ramalho.
Alexandre Luna Pinto Ramalho, neto de Aleixo, casado com Ursulina Peixoto de Alencar (VER FAMÍLIA PEIXOTO DE ALENCAR).
Alexandre Luna Pinto Ramalho era tio de Delfina Luna Pinto Ramalho (Dondom), Francisca e Maria das Dores Luna Pinto Ramalho (Dorinha).
a) Delfina (Dondom) casada com Manoel Rodrigues Leite Ramalho, residiam em Santa Maria, hoje Ibiára, pais de Pedrina e Job Rodrigues Leite Ramalho.
I – Pedrina Rodrigues Leite Ramalho, casada com Antônio Rodrigues Ramalho (senhor), pais de Manoel, Maria, Dona, Olivia e João Ramalho (João de Senhor), todos residentes em Ibiára.
João de Senhor, casado com Maria Naídes Mangueira, pais de Nailson, Téc. em Administração; Nailton, bacharel; João Bosco, Químico Industrial; Ronaldo, Maria Nailma, Maria Noalda, estudantes.
II – Job Rodrigues Leite Ramalho, casado com Macrina Ramalho, não houve filhos.
b) Francisca Luna Pinto Ramalho (Francisquinha) casada com José Alexandre de Souza Ramalho, proprietário do Engenho Caracól. Filhos: João Alexandre, Messias, José, Joaquim, Pinto, Cristina, Carolina e Francelino (Burrego).
I – João Alexandre Ramalho, casado com Maria Mangueira, pais de José de Souza Ramalho.
José de Souza Ramalho, casado em primeiras núpcias com Nilda Mangueira. Houve uma filha, Maria Vilany. Esta casada com Seve-

rino Silva (Biu) tendo quatro filhos: Nely, Ivanildo, Weber e Lindinalva.

José de Souza Ramalho casou-se em segundas núpcias com Odete de Souza Rodrigues, houve 10 filhos: Francisco (Naciso) João, Alirio, Sônia, Alda, Maria, Eliane, Valdete, Jandira, Suzana Patrícia.

II — José de Souza Ramalho (SOUZA) casado com Maria Fausto de Figueiredo, pais de Edvanira, José, Edite, Joselita, Galvany, Fausto, João, Hélio e Jesus de Souza Ramalho.

III — Francelino de Sousa Ramalho (Burrego), casado com Carmelita Arruda Ramalho, agricultor, criador em Ibiára. Houve filhos.

IV — Cristina Ramalho, casada com Cícero Pinto Ramalho (Neto Cícero), pais de Francinete Ramalho, já mencionada.

Obs.: Dos outros filhos de José Alexandre Ramalho (do Caracól), não nos foram fornecidos dados genealógicos.

c) Maria das Dores Luna Pinto Ramalho (Dorinha), casada com Manoel Sebastião de Moura (Manoel Bastião), fazendeiro em Santa Maria (Ibiára), tendo os seguintes filhos: Marluce, Porcina, Jesus e Francisca (Chiquinha). Todos casados.

Jesus Ramalho, agricultor, criador e alto comerciante no município de Ibiára.

Avelina Rodrigues Leite Ramalho (4ª filha de Aleixo), casada com João Alexandre Pinto Ramalho. Filhos: João Batista (Batista Ramalho), Antônio, José, Domitilia, Ana e Avelina.

1— João Batista Pinto Ramalho (Batista Ramalho), casado com Dionísia Rodrigues Leite. (VER FAMÍLIA LEITE RAMALHO).

2— Antônio Pinto Ramalho, casado com Benonila Furtado Leite Ramalho, em primeiras núpcias, pais de Izabel (Bilinha), Jaime, João Teles.

a) Izabel (Bilinha) casada com Arcênio Coriolano Ramalho, pais de Coriolano Neto (Netinho), Juiz de Direito; Anita, casada com José Rodrigues Holanda, Benonila, Eunice, Luiz Ramalho, compositor e Francisco de Assis Ramalho, engº agrônomo.

b) Jaime Ramalho, casado com Niná Nóbrega, pais de Renato, Maria Célia, João Pio e Zito Ramalho.

c) João Teles Ramalho, (Seu Teles) casado com Armênia Siqueira, pais de: Antônio, Maria Dalva, Maria Alba e Lavanere.

2— Antônio Pinto Ramalho, casado em segundas núpcias com Licor Ramalho, pais de Benonila, Blandina, Severino, Sephas.

a) Benonila de Sá Pinto Ramalho, casada com José Ramalho Leite (Zeca Ramalho), pais de: Luiz Sílvio, Milton, Alice e Alexandrina.

I — Luiz Sílvio Ramalho, desembargador, ex-presidente do Tribunal Eleitoral da Paraíba, casado com Maria de Lourdes Ramalho, pais de Maria Silvia, José, Luiz Silvio Jr., George e Sérgio.

A— Maria Silvia, Assistente Social, casada com o Bel. Edvanil Duarte.

B— José Ramalho Leite, bacharel em Direito, casado com a bacharela Franssinetti Ramalho.

C— Luiz Sílvio Júnior, Juiz de Direito da capital paraibana, casado com a médica Ana Maria Coutinho.

D— George Ramalho, médico psiquiatra, casado com a médica Maria do Rosário Ramalho.

E— Sérgio Eduardo Ramalho, médico, solteiro.

II — Milton Ramalho, casado com Licélia Duarte Ramalho, pais de Geraldo, Marco Antônio e Maria de Fátima, esta casada com Pedro Lucena.

III — Alice Ramalho, professora, casada com Mário de Barros Pereira, pais de Ilma e Edilberto.

A— Ilma Ramalho, Assistente Social, casada com o economista José Ramalho de Souza, pais de: Rosana Carla, casada com José Eduardo; Silvana Cláudia, Taciana de Cássia e Rômulo Sérgio Ramalho.

B— Edilberto, faleceu solteiro.

IV — Alexandrina Ramalho, professora, tabeliã pública aposentada, casada com Francisco Elisiário de Souza, pais de Francisco Ramalho e José Ramalho Leite.

A— Francisco Ramalho Leite, economista, casado com Wilsa Belo Ramalho, pais de Vanina Ramalho.

B— José Ramalho, formado em Ciências Contábeis, casado com Ilma Ramalho já mencionado.

b) Blandina de Sá Pinto Ramalho, casada com João Raimundo Leite (VER FAMÍLIA LEITE RAMALHO).

c) Severino Sá Pinto Ramalho, casado com Júlia Almeida Ramalho, pais de Antônio e Ivete.

I — Antônio Almeida Ramalho, casado com Ana Lúcia Ramalho, pais de Luciana e Patricia.

II — Ivete Almeida Ramalho, casada com Alberto Leopoldo Batista, pais de Alberta Maria e Sheila Maria Ramalho Batista.

A— Alberta Maria Ramalho Batista, formada em Letras, casada com Rasiah Lordchumanononda Sivan, pais de Francisco Rasiah Lordchumanononda Sivan e Sathiarvathy Maria Ramalho Batista Lordhumanononda Sivan.

B— Sheyla Maria, dentista.

d) Sephas e outros, não obtivemos dados genealógicos.

3— José Rodrigues Pinto Ramalho (Cazuza), casado com Minervina Ramalho (tia Neva), filhos, já mencionados na família RAMALHO DE FIGUEIREDO.

4— Domitilia Pinto Ramalho, não conseguimos dados genealógicos.

5— Ana R. Pinto Ramalho (Naninha), casada com João Pedro de Figueiredo Neto (João Badu). Filhos: VER FAMÍLIA RAMALHO DE FIGUEIREDO.

6– Avelina Rodrigues Pinto Ramalho, casada com Manoel Deodato Ramalho de Alencar, (VER FAMÍLIA RAMALHO DE ALENCAR).

Antônio Pinto Ramalho (primo do pai de Jaime Ramalho), casado em primeiras núpcias com Domitilia Furtado Leite. Filhos: Cícero e Amelina.

a) Cícero Teles Pinto Ramalho (Neto Cícero), casado com Cristina Rodrigues Ramalho, pais de Francinete Ramalho, casada com Ives Figueiredo, com uma filha, Yêda Cristina.

b) Amelina Teles Pinto Ramalho, casada (não sabemos o nome do seu esposo), filhos: Dãozinha, Avany, Cecí, Isaura, Maria e Antônio.

Antônio Pinto Ramalho, casou-se em segundas núpcias com Joana de Souza Leite (irmã de Enéias Leite). Filhos: João (Xingó), Diná e outros mencionados na família LEITE RAMALHO.

Antônio Pinto Ramalho (3º), (tio de Zeca Ramalho), casado c/ Constância Ramalho. Filhos: Luzia, Augusto, Sinésio, Genésio, Francisco, Esmerino, Anésio, José, Leonor e Jesuína.

1– Luzia Pinto Ramalho, casada com Izidro Ramalho, residentes em Manáus, pais de Leonor, Alexandrina, Maria e Francisca.

a) Leonor, casada com José Rodrigues, pais de Maria, Diomede e Elpídio.

b) Alexandrina, casada com Manoel Camelo Freitas, pais de Celina, Dalva, Eulina e Maria Ramalho.

c-d) Maria e Francisca, não sabemos a descendência.

2– Augusto Pinto Ramalho, casado com Maria dos Santos Ramalho, pais de José e Antônio Ramalho.

3– Sinésio, casado c/ Ana Ramalho, pais de Celso e Francisco.

4-5-6– Genésio, Francisco e Esmerino, não sabemos s/ descendência.

7-8–Anésio e José, agricultores em Itaporanga.

9– Leonor, falecida.

10–Jesuina Pinto Ramalho, não sabemos s/ descendência.

PINTO RAMALHO (DE IBIÁRA)

Ozório Pinto Ramalho, fazendeiro em Sta. Maria, hoje Ibiára, casado c/ Josina Teodolina Ramalho, filhos: Antônio, Severino, Napoleão, José, Nicolau e Maria (Dona).

a) Antônio Pinto Ramalho, médico, (VER SUA BIOGRAFIA), casado com Odete Ramalho, pais de Helion, Amanda, Alda e Aída.

b) Severino Ramalho, casado c/ Praxedes Ramalho, pais de Francisco, Gilvan, Gildivan, Edméia e Elzenete.

c) Napoleão, casado c/ Salvelina Ramalho (Salve), pais de César, Celso, Milton, Gerson e Dulce.

d) José, casado com Maria Ramalho, pais de Ozório, Natília, Aliete, Valdiete e José.

e) Nicoláu, casado com Waldemira Ramalho, pais de José Antônio, José Everaldo e Moema Lúcia.

f) Maria (Dona), casada com Laurindo Temóteo, pais de Moacyr, Alaídes, Geny e Maria Cearense.

I – Moacir, casado com Jacinta Ramalho, pais de Carlos e Fernando, residentes no R.G. do Sul.

II – Alaídes, casada c/ Manoel Rodrigues Ramalho, pais de Marivaldo (Serviço Social); Maria de Lourdes, (licenciada em Letras); Maria Waldi e Silvany (formadas em Pedagogia).

III – Geny, casada com João Nunes de Souza, pais de Everaldo (economista); Éverton (médico); Erácliton (dentista); João Nunes Fº (engenheiro); Ednovalda (socióloga) e Elba Ramalho (formada em economia e sociologia). Seguiu carreira artística. VER S/ BIOGRAFIA.

IV – Maria Cearense Ramalho, casada com Luiz Pereira Frade, este em segundas núpcias, pais de Luiz Frade Filho, José, Aderaldo, Ailma (Psicóloga), Maria Emília, Ariosvaldo e Ricardo. Maria do Socorro Frade Mangueira, sobrinha e filha adotiva.

OUTRO RAMO da família PINTO RAMALHO: (em Ibiára):

Pedro Pinto Ramalho, agricultor, criador, em Sta. Maria, hoje Ibiára, casado com Teodolina Ramalho, pais de José, Pedro, Manoel, Noé, Maria e Antônia.

a) José Pinto Ramalho (conhecido por Cazuza Pinto), casado com Elvira de Souza Diniz, pais de Antônio Ramalho Diniz e outros.

I – Antônio Ramalho Diniz, casado com Antônia Mangueira Diniz (Funcionária dos Correios e Telégrafos de Ibiára), pais de Maria Naides, já mencionada n/ família, e Renê.

Obs.: Dos outros filhos de Pedro Pinto Ramalho, não nos foram fornecidos dados genealógicos.

Leonel Pinto Ramalho, (Luna), sobrinho de Alexandre Luna Pinto Ramalho, agricultor, criador, casado c/ Ducarmo Ramalho, pais de Edelvita, casada com Olimpio Arruda, Rosaly, casada com um moço de Bonito de Sta. Fé – PB; Antônio, residente no Rio de Janeiro e Agenor, falecido aos 16 anos.

Nota: Os outros filhos de ALEIXO LUNA PINTO RAMALHO, se entrelaçaram em outras famílias, não usando o sobrenome de "PINTO RAMALHO".

RAMALHO

Esta família se entrelaçou em Conceição, quando o bandeirante paulista, Aleixo Luna Pinto Ramalho se casou com Maria Rodrigues dos Santos Leite, filha de João Rodrigues Santos.

Foi se espalhando por vários municípios da Paraíba, chegando até

à capital e nos Estados vizinhos, como: Ceará, Pernambuco, Alagoas, R. G. do Norte, Piauí, etc. e se alastrou pelo Brasil a fora.

Eis um dos ramos da família Ramalho:

João Ramalho, casado com Lucinda de Carvalho Andrade, pais de Dário, José, Avelino, Amanda, Justina, Minerva e Anésio de Luna Ramalho.

1— Dário Ramalho, coronel, casado com a profª Josefa Peregrino, pais de Maria das Dores Ramalho.

a) Maria das Dores Ramalho, casada em primeiras núpcias com Antônio Xavier de Farias, advogado, escritor e poeta. Não houve filhos.

a) Maria das Dores Ramalho, casou-se em segundas núpcias com Sancho Leite de Albuquerque, fazendeiro no R.G. do Norte. Não houve filhos.

2— José Ramalho, oficial reformado da Polícia da Paraíba, casado com Lucinda Ferreira Ramalho. Não sabemos sobre sua descendência.

3— Avelino Ramalho, casado c/ Da. Clara Ramalho, filhos: João, Francisco, Oton, Ildefonso Ramalho.

a) João Ramalho, ex-tabelião público em Alagoa Grande — PB, casado c/ Da. Adélia Lavor. Não sabemos sobre sua descendência.

b) Francisco Ramalho, dentista, casado com Lucinda Ramalho. Não se conhece a descendência.

c) Oton Ramalho.

d) Ildefonso Ramalho casado com Maria Palmeira Ramalho, pais de Severino, Maria Madalena, Josefa, Francisco, Antônio, Inácia, Sebastiana Adalgisa e Raimunda.

I — Severino Ramalho, casado com Rita Ferreira, pais de Donatila, Maria, Antônio, Mônica, Fabiana, Rodriga, Ma. do Socorro, Francisco e Ronaldo Ramalho.

II — Maria Madalena Ramalho, professora.

III — Josefa Ramalho, casada com Bernar Xavier, pais de Rita, Ma. de Lourdes, Maria das Mercês e Isabel Ramalho.

A— Rita Ramalho, casada com Antônio Xavier, pais de Clodoaldo, Ma. das Dores, Ma. de Lourdes, Cacilda, Apolônio e Angélica.

B— Maria de Lourdes Ramalho, casada com Severino Galdino, pais de Antônio e Ubirajara Ramalho.

C-D— Maria das Mercês e Isabel Ramalho, não sabemos sobre sua descendência.

IV-V-VI— Francisco Ramalho Sobrinho, Antônio e Inácia, não sabemos sobre s/ descendência.

VII — Sebastiana Adalgisa Ramalho, professora, casada com José Firmino de Sousa, pais de José, Geraldo e Maria de Sousa Ramalho.

VIII — Raimunda Ramalho, casada com Inácio Ferreira, pais de José, Geraldo Delarri, Rosete, Francisco, Maria, Inácio e Estela Ramalho.

4— Amanda de Luna Ramalho, casada com Francisco de Barros Ribeiro, pais de Antônio, Lucinda e Maria Luna Ramalho.

a) Antônio Ramalho, cônego, ordenado em 1905, no seminário da Paraíba.

b) Lucinda Ramalho, faleceu solteira.

c) Maria Ramalho, casada com o prof. Joaquim de Barros Ribeiro, pais de Cícero Ramalho.

I — Cícero Ramalho, juiz de Direito em Pernambuco, casado c/ Celina de Paiva, pais do Dr. Dário de Paiva Ramalho, médico pela Fac. de Medicina de Recife; Maria do Carmo Ramalho, casada c/ Dr. João Luiz; Olga e Maria da Glória de Paiva Ramalho.

5— Justina de Luna Ramalho, casada com Antônio Felix, pais de:

a) Lucinda Ramalho, casada com Pedro Soares, sem filhos.

b) Maria Ramalho, casada com José Felix Ramalho.

6— Minerva de Luna Ramalho, casada com Joventino Lopes, pais de Amélio e Anésio de Luna Ramalho.

a) Amélio Luna Ramalho, casado em primeiras núpcias com Maria Sobreira, pais de Berenice, casada com Dr. Ambrósio Brito e Raife Ramalho, estudante.

a) Amélio Luna Ramalho, casou-se em segundas núpcias c/ Da. Lídia Mesquita, não houve filhos.

b) Anésio de Luna Ramalho, capitão da Polícia da Paraíba, (não sabemos o nome da s/ esposa). Filhos: Dr. José Ramalho, Lucinda, Francisca, e Rita Ramalho.

I — Dr. José Ramalho, casado com Maria das Mercês Leite, pais de Maria Cordélia, Elizabeth, professoras; Erten e Hermano, estudantes; Maria Rosete, casada com José Xavier Ramalho. Filhos: Diorema e Moema Ramalho Xavier, estudantes.

II — Lucinda Ramalho, casada com José Maria, pais de: José, Beliza, Áurea Antônia, Elisa, Raimunda, Maria Estela e Raimundo Ramalho.

A— José Ramalho, casado em primeiras núpcias com Raimunda Batista de Melo, filhos: Edmundo, Raimundo e Wanda.

B— Beliza Ramalho, casada com o prof. José Batista de Melo, filhos: Carlos Hermano e Ma. Estela Ramalho.

C-D— Áurea e Antônia Ramalho, faleceram solteiras.

E— Eliza Ramalho, casada com Antônio Oliveira, filhos: Maria, Milton e Madalena.

F— Raimunda Ramalho, casada com Felizardo Nunes de Sousa, filhos: Maria Madalena e José Maria.

G— Maria Stela Ramalho, casada com Djalma Martins.

H— Raimundo Ramalho — solteiro.

III — Francisca Ramalho, casada com Aquilino Coriolano, pais de: Manoel Ramalho, João, Beliza, Maria da Glória, Rita, Ma. das Neves, Temístocles, Apolônio e Severino Ramalho.

A— Manoel Ramalho, capitão da Polícia paraibana.

B— João Ramalho, oficial da Polícia paraibana.
C— Beliza Ramalho, casada com Elias Bernardo, pais de Maria do Socorro, Manoel, José, Temístocles, Ma. do Carmo, José e Maria Madalena Ramalho.
D— Maria da Glória Ramalho, casada em segundas núpcias com Anésio Joaquim da Silva, filhos: Nancy, Terezinha, Maria de Lourdes, Ma. Geiza, Ma. do Socorro, e Ma. Giselda Ramalho.
E— Rita Coriolano Ramalho, casada com Antônio Farias Albuquerque, dono de engenho em Alagoa Grande — PB.
F-G-H— Maria das Neves, Temístocles (Ten. da Polícia) e Apolônio, não se sabe a descendência.
J— Severino Ramalho, casado com Rita Ramalho, sem filhos.
IV — Rita Ramalho, casada com Sebastião Felix, filhos: Beliza, Sebastião, João, Antônio, José, Ma. Izabel, Ma. Madalena, Rita e Maria do Carmo Xavier.
A— Beliza Ramalho, casada com Dr. Oscar dos Anjos, ex-Juiz municipal de Teixeira — PB, filhos: Severino Ramalho, casado c/ Maria Albuquerque de Melo (sem filhos) e Júlia Ramalho, casada com o sr. Zacarias Xavier de Ramalho.
B-C-D-E-F-G-H— Sebastião, João, Antônio, José, Ma. Izabel, Ma. Madalena e Rita Ramalho, solteiros.
J— Maria do Carmo Ramalho, casada em segundas núpcias com Elias Bernardo, pais de Maria de Lourdes Xavier Ramalho.

DA FAZENDA OITICICA

Manoel de Souza Ramalho (Nezinho Ramalho), proprietário da Fazenda Oiticica do município de Conceição, da mesma descendência de Aleixo Luna Pinto Ramalho.

Nezinho Ramalho, casado com Donatila de Souza Ramalho, pais de: Alzira de Souza Ramalho, Leticia de Souza Ramalho, professora. Acila de Souza Ramalho, Antônio, João e Francisco de Souza Ramalho, todos fazendeiros em Conceição.

RAMALHO BRUNET

Ramificou-se em Misericórdia, hoje Itaporanga

Belmiro Pinto Ramalho, (neto do bandeirante paulista Aleixo Luna Pinto Ramalho. VER FAMÍLIA PINTO RAMALHO), casado com Lucrécia Leite Ramalho, pais do Pe. Severino Leite Ramalho, Francisca e outros, todos já mencionados na família PINTO RAMALHO; Águeda Leite Ramalho, já mencionada na FAMÍLIA AMÂNCIO RAMALHO e Maria Leite Ramalho, na família RAMALHO BRUNET, abaixo relacionada.

Maria Leite Ramalho, casada com o francês Napolion Brunet, a qual passou a chamar-se Maria Ramalho Brunet, pais de José, Celso, Napoleão, Anatilde, Olindina, Senhorinha, Liquinha Ramalho Brunet.
1— José Ramalho Brunet, casado com Júlia Leite Ramalho Brunet, pais de:
a) Francisco Ramalho Brunet.
b) Napoleão Ramalho Brunet, comerciante, casado com Natalicia Ramalho.
2— Celso Ramalho Brunet, casado com Maria de Sá Ramalho.
3— Napoleão Ramalho Brunet, farmacêutico, casado com Lormina Figueiredo Ramalho, pais de Napoleão Ramalho, farmacêutico, expedicionário na segunda guerra mundial.
4— Anatilde Ramalho Brunet, casada com José Nitão, pais de Natalicia, Alice e Maria Anatilde, que foi casada com Luiz Santino, não sabemos s/ descendência.
5— Olindina Ramalho Brunet, casada com Júlio Sá, pais de Flávio, Eunice, João e Alaíde, casada com Álvaro Carvalho. Não conhecemos s/ descendência.
6— Senhorinha Ramalho Brunet, casada com José Nitão, este em segundas núpcias, pais de Nazinha e Noêmia Ramalho Brunet.
a) Nazinha Ramalho Brunet, casada com José Morais, filhos: Jotilde e Josetilde Ramalho Brunet.
b) Noêmia Ramalho Brunet, casada com Capitão João Pessoa, filhos: Ary e Ney Ramalho Brunet.
6— Senhorinha Ramalho Brunet, casou-se em segundas núpcias com João Nitão, filhos: Estela, casada com Miguel Viana; Francisca, casada com José Travassos e Belmiro Ramalho Brunet, casado com Maria Pinto Ramalho.
7— Liquinha Ramalho Brunet, casada com Arsênio Mangueira da Costa, fazendeiro no município de Diamante — PB, pais de Odete, Osminda, Omar, Otaviano e Otacilio Ramalho Mangueira.
a) Odete Ramalho Mangueira, professora, casada com dr. Gabriel Barbosa de Farias, engenheiro agrônomo, pais de Péricles, Sônia Lúcia e Cleide Maria Ramalho de Farias.
b) Osminda Ramalho Mangueira, professora, casada com dr. Ernesto Mangueira Diniz, engenheiro civil. Houve filhos.
c) Omar Ramalho Mangueira, casado com Lakimé Leite Rodrigues.
Obs.: Dos outros filhos de Arsênio Mangueira, não conseguimos mais dados genealógicos.

RAMALHO DE ALENCAR

Eugênia Rodrigues Leite de Alencar, casada com João Rodrigues

Leite Ramalho. Filhos: Josué, Maria (Mariquinha), Torquato, Eugênia e Job.

a) Josué, casado em primeiras núpcias c/ Efigênia Peixoto de Alencar, filhos (ver a família PEIXOTO DE ALENCAR). Em segundas núpcias casou-se c/ Henriqueta Nogueira Ramalho de Alencar. Filhos: Ma. Amélia, Joaquim (Juca), Augusto, Róseo e Antônio.

I – Maria Amélia, casada c/ José Estrela Dantas, pais de Ma. Dilmar, Valdemiro, Terezinha, Nagésia e João Ramalho Dantas.

A– Maria Dilmar, professora aposentada como diretora do Grupo Escolar da cidade de Flores – PE.

B– Valdemiro, casado e residente em Flores – PE.

C– Terezinha, casada com José Calíope, pais de Marilene, Franklim e outros.

D– Nagésia, casada com Oscar, comerciante em Afogados do Ingazeira – PE, pais de Oscar e José Heleomar.

E– João, casado com Edna Dantas, pais de Misael e outros.

II – Joaquim (Juca Peixoto) casado em primeiras núpcias c/ Virginia Pereira. Filhos: Eugênia (Geni) casada com João Figueiredo (ver família ALENCAR FIGUEIREDO).

B – Nenilse, casada com Francisco Xavier de Andrade, pais de Terezinha, Virginia, Tânia, Pedro, Oswaldo, Rômulo e Antônio;

C – Áurea, casada com Mário Pereira Frade, filhos (ver família PEREIRA FRADE).

D– Amélia (Melinha) casada c/ Adonias Leite Ramalho, filhos mencionados na família LEITE RAMALHO;

E – Estela, casada c/ Antônio Xavier, pais de Ma. de Lourdes, Ma. Goretti e Paulo;

F– Vilma, casada c/ Porfírio Pereira Moura, pais de Virginia, Valkiria, Valdemira, Wagner, Valdete, Walter, Walber, Welton e Wilson;

G– Henriqueta, casada com Dr. José Ferreira Lima, juiz de Direito em Pernambuco, pais de José Plecanou, advogado; Henrique Kelson, Humberto Vane, Ricardo Lincoln, Frederico Engels, Ugo Hermano e Henriqueta Ília;

H – José (Selisman), casado c/ Margarida Soares Lacerda, pais de Virginia, Janaíra e Juciano (Juca) Pereira de Alencar. Joaquim (Juca Peixoto) casou-se em segundas núpcias com Ocita Rodrigues Ramalho, filhos: Francisco, Marluce, Josué, Climério, Mariza, Alacoque e Lafaiete (gêmeos).

III – Augusto, casado com Videlina Rodrigues Ramalho, filhos: Henriqueta.

a) Henriqueta, casada com Clovis Tinoco Pontes, pais de Luiz Carlos e Francisco Augusto.

IV-V – Róseo e Antônio Ramalho Alencar. (Não conhecemos a descendência).

a) Josué casou-se em terceiras núpcias com sua cunhada Ana Nogueira Ramalho de Alencar (Donana). Filho, João Ramalho de Alencar.

I – João Ramalho de Alencar, casado em primeiras núpcias com Cordeirinha Ramalho, pais de Laudelina, casada (família Torquato), tendo uma filha, Denise Ramalho Torquato. Casou-se em segundas núpcias com Ernesta Arruda Leite, houve um filho, José Jurandir Arruda Ramalho.

b) Torquato, casado com Ana Rodrigues Ramalho, pais de Ana (Sanana), casada com Bem Moura, agricultor vizinho ao engenho "Calunga". Houve uma filha, Raimunda (Duzinha), professora, casada c/ Zacarias. Houve filhos.

c-d-e) Maria (Mariquinha), Job e Eugênia. Não conhecemos a descendência.

4– Maria Madalena Rodrigues Leite de Alencar, casada com Raimundo Peixoto de Alencar (ver família PEIXOTO DE ALENCAR).

5– Izabel Rodrigues Leite de Alencar, casada com José Pires de Almeida, (ver família PIRES RODRIGUES).

6– Antônia Rodrigues Leite de Alencar, casada com Galdino Simão, pais de Manoel, Olegário e Maria das Dores. Não conhecemos a descendência.

7– João Rodrigues Leite de Alencar, casado com Maria de Souza, pais de Nicolau, Bruno e Rita Rodrigues de Souza.

(DE IBIÁRA)

Avelina Rodrigues Pinto Ramalho (neta de Aleixo Pinto Ramalho), casada com Manoel Deodato Ramalho de Alencar (Né Deodato), filhos: Teodomiro, Ana (Nana), Maria (Mariquinha), Lucas e José.

a) Teodomiro, casado com Maria de Assis Ramalho, pais de Maria (Sinhazinha) e Francisco.

b) Ana (Nana), casada com o major Otoni Rangel, este em segundas núpcias, filhos mencionados na família RANGEL.

c) Maria (Mariquinha), casada em primeiras núpcias com Antônio Rodrigues Ramalho, (Tonho Ferreira), pais de Estácio, Avelina, Elza, Aretuza Ramalho de Alencar. Em segundas núpcias c/ Noé Moreira Ramos. Filho: Expedito.

I – Estácio Ramalho de Alencar, casado com Maria Anunciada de Alencar, pais de Cecilia, Risomar, Divane, Maria de Fátima, Risonilda e Alex.

II-III-IV– Avelina, Elza e Aretuza (não temos dados sobre a descendência).

d) Lucas, casada com o Marinheiro Lacerda, desconhecemos a descendência.

e) José Deodato, casado com Nair Figueiredo Leite, pais de Francisco de Assis, Gecy, Marinalva, Vencesláu, João, Ostevan, Valdecy, Ma. do

Carmo, Ma. do Socorro e Maria José Ramalho de Alencar.

DE CONCEIÇÃO (continuação)

II – Antônio Alencar França Leite (Bitônio), filho de Jovelina Peixoto de Alencar e de João França Leite, casado com Maria Rodrigues Ramalho de Figueiredo (Mariquinha), pais de Francisco, Jovelina, Francisco de Assis, Hilda, Dulce, Lormina, Emília, José de Arimatéia, Sebastião, Ma. Madalena e Maria da Glória Ramalho de Alencar.

a) Francisco (Nunu), casado com Maria Ferreira, pais de Erotildes, Glória de Lourdes, Aracy, Sebastiana, Terezinha, João e Lena.
b) Jovelina, casada com Raimundo Nonato Mangueira, filha, Ma. Aurora.
c) Francisco de Assis, casado c/ Ernesta Lucena, pais de Fátima e Francisco de Assis.
d-e-f) Hilda, Dulce e Lormina, solteiras.
g) Emília, casada c/ Francisco A. França Leite, filho já mencionado.
h) José de Arimatéia, casado c/ Tânia Ramalho, pais de Evandro e Sueli.
i) Sebastião, casado c/ Marly Diniz, pais de Antônio Agnelo, Agnaldo e Águeda Maria.
j) Maria Madalena, casada c/ Manoel Rodrigues Leite de André, pais de Antônio, Jovelina, Marta Maria, Espedito, André, Ma. Aparecida, Francisco, Ana Lúcia e Sandra.
k) Maria da Glória (Glorinha), casada c/ Francisco Bezerra Correia, pais de Antônio, José, João e Paula Francinete.

Observação: ***João França Leite Alencar, casado em segundas núpcias c/Tertulina Diniz (irmã do padre Diniz), pais de Agueda, Maria e Massal. Dona Tertulina Diniz casou-se em segundas núpcias c/sr. Benício, pais de José, Antônio (Piti) e Lindarifa Diniz.***

Manoel Ramalho de Alencar (Né Ramalho), filho de Ursulina Peixoto de Alencar e Alexandre Pinto Ramalho, casado c/Susana Furtado Leite Ramalho. Filhos: Joel e Elisa.

1– Joel Ramalho de Alencar, casado c/ Maria Nilza Correia Sampaio, pais de Vicente Vilecy, Expedito, Maria Zenor, Maria Zélia, Terezinha, Antônio Romeu, José, Alberto, Zenilda, Sebastião e Manoel.
a) Vicente Vilecy, casado c/ Maria Ramalho, pais de José e outros.
b) Expedito, advogado, Fiscal de Consumo, agrimensor, casado com Irenilde Baracho, pais de Irenilza, Jorge Luiz, Ivanilza e Carmele.
c) Maria Zenor, casada c/ Rosalvo Aciolli Cavalcanti, pais de Rosalvo Junior e Roberto Jorge.
d) Maria Zélia, casada com Benjamim Ferreira, pais de Mário Hélio, Rômulo, Marcia Helena, Sônia, Solange e Benjamim Filho.
e) Terezinha, casada c/ Antônio Garcia, pais de Maria Leônia, Jarbas Delmontiez, Jakson Herbeth, Fernando, Dalma Régia, José Raniére, Jácio Berardo e Ângelo Rocalli.
I – Maria Leônia, professora, casada c/ Roberto Costa Carvalho, advogado, pais de Cláudio, Antônio Daniel, Ana Beatriz e Marieze.

II – Jarbas Delmontiez, engº civil, casado c/ Sueli Cipriano, pais de Jarbas Delmontiez Fº, Suzana Raquel e Joel Dalbert.
III – Jakson Herbeth, engº eletricista, casado c/ Suzana Barreto, pais de Ana Carolina.
IV – Fernando, engenheiro, casado e residente em Brasília.
V – Dalma Régia, formada em Filosofia, casada c/ Alvi da Mota Braga, pais de Danielle e Diana.
VI – José Raniére, acadêmico de medicina, solteiro.
VII – Jácio Berardo, médico, solteiro.
f) Antônio Romeu, funcionário civil da Aeronáutica, residente em S. Paulo, tem 3 filhos.
g) José, casado c/ Francisca de Assis Alencar. Tem 11 filhos: Joel, Nilza, Neuza, José, Rafael e outros.
h) Alberto, casado c/ a professora Dulce Lourenço Alencar, pais de Alberto (Betinho), médico residente em São Paulo.
i) Zenilda, faleceu solteira.
j) Sebastião (Ramalho), casado c/ Lúcia Ramalho de Alencar, filhos: Fátima, Irenilza e Tadeu.
l) Manoel, não é casado mas tem 2 filhos.
2– Elisa Ramalho de Alencar, casada em primeiras núpcias c/ João Peixoto de Alencar. Não houve filhos. Em segundas núpcias casou-se c/ João Conserva da Silva. Houve dois filhos: Omar e Maria Gentil.
a) Omar, faleceu criança.
b) Maria Gentil, casada com Severino Bezerra dos Santos, pais de José Adamastor, Maria da Natividade, João Weber e Fernando Antônio.
I – José Adamastor, advogado, casado com a professora Rosa Maria Suretti, pais de Adriana, Eduardo e Fábio.
II – Maria da Natividade, psicóloga, casada em primeiras núpcias com Claúdio Arruda, da cidade de Itaporanga, pais de Fábio, Cláudio e Bruno. Em segundas núpcias casou-se com o sr. Aguinaldo Camelo, não houve filhos. João Weber e Fernando Antônio faleceram solteiros.

Elisa Ramalho de Alencar, casou-se em terceiras núpcias com Antônio de Souza Mangueira, pais de Adalgisa, Walter, José, Jorge, Severino e Odete.

a) Adalgisa, contabilista, casada com Fernando Chaves de Souza, pais de Waldete e Fernando Filho.
I – Waldete, professora, bacharela, casada com Wagner José Penido, desenhista-projetista da Fiat S/A., pais de Ariadne Cássia.
II – Fernando Filho, estudante, músico e desenhista.
b) Walter, funcionário estadual na Paraíba, casado com Maria Pereira Valões, pais de Maria Luiza, advogada, licenciada em História Natural; Manoel, economista e acadêmico de engenharia; Antônio Roberval, Walter Filho, José, Joel, Walma e Denilson, todos estudantes.

c-d-e) José, Jorge e Severino, faleceram crianças.

f) Odete, casada com Inácio Lindoso da Silva, sargento da Polícia Militar de Pernambuco. Não houve filhos.

RAMALHO DE FIGUEIREDO

Maria Rodrigues Leite Ramalho de Figueiredo, (filha do Cel. João Pedro) casada com Balduino Rodrigues da Silva, este em primeiras núpcias. Filhos: Manoel, Ana, Minervina, Antônia, João Pedro e Regina Rodrigues Ramalho de Figueiredo.

1– Manoel Rodrigues Ramalho de Figueiredo, (Urubá) casado com Eugênia de Souza Ramalho, pais de Manoel e Antônia Ramalho de Figueiredo.

a) Manoel Ramalho de Figueiredo, casado com Maria Rodrigues de França Leite.

b) Antônia Ramalho de Figueiredo, casada com Izaias Jacobino de Souza.

2– Ana Rodrigues Ramalho de Figueiredo, casada com Francisco Rodrigues de França Leite, pais de José e Dorgival Rodrigues França Leite.

3– Minervina Rodrigues Ramalho de Figueiredo, (tia Neva), casada com José Rodrigues Pinto Ramalho (Cazuza), filhos: Ana, Tereza, Antônia, Antenor e Balduino Ramalho de Figueiredo.

a) Ana Rodrigues Ramalho de Figueiredo (Nininha), solteira.

b) Tereza Rodrigues Ramalho de Figueiredo, casada com João Batista Siqueira, pais de Maria Cacilda Siqueira Ramalho (VER FAMÍLIA SIQUEIRA).

c) Antônia Rodrigues Ramalho de Figueiredo (Totonha), casada com Joaquim Rodrigues Lopes (Quinzinho Badu), pais de Francisca Ramalho Lopes, professora.

d) Antenor Rodrigues Ramalho de Figueiredo, casado.

e) Balduino Rodrigues Ramalho de Figueiredo, bacharel em Direito, casado.

4– Antônia Rodrigues Ramalho de Figueiredo, casada com Alexandrino Pereira, filhos: Pedro, João, Antônio, José e Joaquim Rodrigues Ramalho de Figueiredo Lopes.

a) Pedro Rodrigues Figueiredo Lopes, casado com Izabel Soares de Figueiredo, pais de Maria Soares, Francisca Soares e outros.

b) João Rodrigues Lopes, casado com Adacy Rodrigues de Figueiredo.

c) Antônio Rodrigues Lopes, casado com Maria Vieira de Figueiredo, residem em São Paulo e têm filhos.

d) José Rodrigues Lopes, casado com Ernesta Ramalho Leite.

e) Joaquim Rodrigues Lopes, casado c/ Antônia Rodrigues Ramalho de Figueiredo (Totonha), pais de Francisca Ramalho Lopes, já mencionada.

5– João Pedro de Figueiredo Neto (João Badu), casado com Ana Rodrigues Pinto Ramalho (Naninha), filhos: Maria, Ana, João, Lormina e Maria de Lourdes Ramalho de Figueiredo.

a) Maria Rodrigues Ramalho de Figueiredo (Mariquinha), casada com Antônio Alencar França Leite (Bitônio), filhos já mencionados na família RAMALHO DE ALENCAR.

b) Ana Rodrigues Ramalho de Figueiredo (Dona), casada com Antônio Rodrigues Ramalho (Tonho de Sabino), filhos: já mencionados na família RODRIGUES RAMALHO.

c) João Rodrigues Ramalho de Figueiredo, (Dãozinho) casado com Maria Rodrigues Leite Lopes (Mariquinha), pais de Washington, Venceslau, Wilson e Wanduí Rodrigues Ramalho Lopes.

d) Lormina Rodrigues Ramalho de Figueiredo, casada com Napoleão Ramalho Brunet, farmacêutico, pais de Napoleão Ramalho, farmacêutico e militar, expedicionário na 2ª Guerra Mundial.

e) Maria de Lourdes Rodrigues Ramalho de Figueiredo, casada com um sr da família Mangueira, houve filhos.

6– Regina Rodrigues Ramalho de Figueiredo, casada com Maximiano de Sousa Ramalho, pais de Lindolfo Ramalho (VER SUA BIOGRAFIA).

Francisca Rodrigues Ramalho de Figueiredo (filha do Cel. João Pedro), casada com seu cunhado Balduino Rodrigues da Silva, este em segundas núpcias. Filhos: Abdon, Lino, José, Querubina, Hermenegilda, Maria, João e Ana Rodrigues Ramalho de Figueiredo.

a) Abdon Rodrigues Ramalho de Figueiredo, casado com Maria Holanda de Figueiredo (VER FAMÍLIA HOLANDA).

b) Lino Rodrigues Ramalho de Figueiredo, casado com Maria Holanda de Figueiredo (VER FAMÍLIA HOLANDA).

c) José Rodrigues Ramalho de Figueiredo, casado com Bernardina de Souza Figueiredo, pais de Pedro, Adrovano, Ocita, Antônio e Alzira Rodrigues Ramalho de Figueiredo.

d) Querubina Rodrigues Ramalho de Figueiredo, casada com Antônio Malaquias, agricultor, criador em Bananeiras – PB, pais de Adacy, casada com João Lopes de Figueiredo e Maria Rodrigues Ramalho de Figueiredo, solteira.

e) Hermenegilda Rodrigues Ramalho de Figueiredo, (Tia Gida), casada com Antônio Mariano Leite, filhos mencionados na família RODRIGUES LEITE.

f) Maria Rodrigues Ramalho de Figueiredo, solteira.

g) João Rodrigues Ramalho de Figueiredo, não nos foi fornecida a s/ descendência.

h) Ana Rodrigues Ramalho de Figueiredo Leite (Caçula Leite), casada com Manoel Cândido Leite, pais de Ascendino Leite (ver s/ biografia), Arnaldo Leite, Francisca, Raquel, Alzira e Antônio.

Arnaldo Leite, professor, casado com Violeta de Melo Leite, pais de:

Marinaldo, Maria dos Milagres Leite Melo.
De Francisca, Raquel, Alzira e Antônio, não nos foram fornecidos dados genealógicos.

RANGEL

Job Rodrigues Ramalho (bisneto de João Rodrigues dos Santos), casado em primeiras núpcias na família RANGEL. São conhecidos dois dos seus filhos: Otoni Rangel e Antonelo (Nelo) Leite Rangel.

1– Otoni Leite Rangel, fazendeiro, casado em primeiras núpcias com Ana Alencar Figueiredo, pais de José Figueiredo Rangel.
José Figueiredo Rangel, fazendeiro, casado com Antônia Araújo (Tonha de Rangel), pais de Cleidson, médico no Ceará e Lêda Maria, professora, casada com Adhéus Rodrigues Leite, já mencionado na família RODRIGUES LEITE.

1– Otoni Leite Rangel casou-se em segundas núpcias com Ana Ramalho de Alencar (dona Nana), pais de Oscar, Teodomiro, Risalva, José Edival, Rináuria, Edilton, Edineuto, Rivanda, Ma. Rinalva, Rivanilda e Otoni Fº.

a) Oscar Ramalho Rangel, casado com Avelina Leite Rangel.
b) Teodomiro Leite Rangel, comerciante, casado com Antônia Palmeira, da cidade de Patos – PB, pais de Girleide Palmeira Rangel e outros.
c) Risalva Ramalho Rangel, casada com José dos Anjos, residentes em São Paulo.
d) José Edival, casado e residente em Conceição.
e) Rináuria Ramalho Rangel, faleceu solteira.
f) Edilton Ramalho Rangel, casado com Zenith Figueiredo.

g-h-i-j-k– Edineuto, Rivanda, Ma. Rinalva e Otoni Rangel Filho, residem em São Paulo.

2– Antonelo Leite Rangel (Nelo), agricultor, criador, proprietário do sítio "Braúnas", casado com Isabel Rodrigues Leite (Sinhára), pais de Artemísia, casada com Ramiro Leite Ramalho; Avelina, casada c/ Oscar Ramalho Rangel; Francisca (Zi), casada com Severino Leite Ramalho. Dos outros filhos do sr. Nelo, não obtivemos outros dados genealógicos. O sr. Job Rodrigues Ramalho, casou-se em segundas núpcias com Avelina Leite Ramalho (viúva de Sabino Rodrigues Ramalho). Ver família RODRIGUES RAMALHO. Desse consórcio nasceu Maria Madalena Rodrigues Ramalho (Dalena de Antônio Arruda), ver família ARRUDA ALENCAR.
Liquinha Rangel Ramalho, casada com Pedro de Luna, pais das professoras Alacoque e Antonieta Ramalho Rangel e outros.

RIBEIRO LIMA
(de Santana de Mangueira)

Laurentino Ferreira Lima, agricultor, criador, casado com Rosa Ribeiro Lopes, pais de Nelson, Pedro e Esmerina Lopes Ribeiro Lima.

1– Nelson Lopes Ribeiro Lima, formado em Direito pela Universidade de Pernambuco, magistrado, residente em Recife. (Ver sua biografia n/ local).
2– Pedro Lopes Ribeiro Lima, comerciante, casado com Anásia Lopes Ribeiro, pais de Francisca Ribeiro, professora; Abraão Ribeiro, advogado, casado com Francisca Kherle; Rosa Maria, dentista, casada com o médico João Xavier de Souza; Francismar, Dioscóbio e Neide Maria Ribeiro Lopes.
3– Ismerina Lopes Ribeiro Lima, casada com Antônio Basílio, pais de Paula Frassinetti e outros.

RODRIGUES DE SOUZA
(de Cachoeirinha – Santana de Mangueira)

Josino Mariano da Silva, natural de Santana de Mangueira, agricultor, criador, residente no sítio Cachoeirinha. Casado com Antônia Rodrigues de Souza, pais de Maurício, Laura, Pedrina, Odete, Juarez, Jovelina, Silvia, Domício, Ramonildo, Judite, Cecí, João Batista, Renê, Noêmia e Izaias Rodrigues de Souza.

1– Maurício Rodrigues de Souza, casado com Terezinha Pereira, houve filhos.
2– Laura Rodrigues de Souza, casada com João Paulino da Silva, houve filhos: Auri, Laurie e outros.
3– Pedrina Rodrigues de Souza, casada com João Hipólito, pais de Francisco, Maria Paula e outros.
4– Odete Rodrigues de Souza, casada com José de Souza Ramalho, filhos já mencionados na família PINTO RAMALHO.
5– Juarez Rodrigues de Souza, casado com Carmosa das Neves Rodrigues, houve filhos.
6– Jovelina Rodrigues de Souza, (Jove) casada com Gaudêncio Fonseca, pais de Galdeni, Gaudêncio Filho e Ma. do Perpétuo Socorro, fazendeiros em Salgueiro – PE.
7– Silvia Rodrigues de Souza, solteira.
8– Domício Rodrigues de Souza, casado com Maria Rodrigues, não houve filhos.
9– Ramonildo Rodrigues de Souza, casado com Francinete de Souza Rodrigues.
10– Judite Rodrigues de Souza, casada com João Mariano, pais de Sônia e outros.

11– Cecí Rodrigues de Souza, casada com Francisco do Ceará, não houve filhos.
12– João Batista Rodrigues de Souza, casado com Alice Mangueira, houve filhos.
13– Renê Rodrigues de Souza, casado com Laudecina Mangueira, pais de Salatiel (Sale) e outros.
14-15–Noêmia e Izaías Rodrigues de Souza, solteiros.

No Sítio Cachoeirinha, há a família do sr. Joaquim Rodrigues da Silva (Nêgo Véio), agricultor, criador, casado com Ana Rodrigues da Silva, pais de Antônio, Maria, Nêgo e José Rodrigues da Silva.

RODRIGUES DE SOUSA
(de Ibiára)

ISAÍAS RODRIGUES DE SOUSA (Senhor Rodrigues), – ver sua biografia –, farmacêutico-dentista prático, casado c/ Carmem Rodrigues de Moura, pais de Manoel (Leonam), Emídio (Leoni), Raimunda Lais, Maria Livani, Isaias Limonete, Francisco Leoderi e Maria do Rosário Rodrigues de Sousa Moura.

RODRIGUES LEITE

Antônio Mariano Leite, agricultor, criador, casado com Hermenegilda Rodrigues Ramalho, pais de Abdon, Cícero e Raimunda Rodrigues Leite (Sobrinha).

1– Abdon Rodrigues Leite, casado com Eunice Rodrigues Leite.
2– Cícero Rodrigues Leite, casado com Benônia Rodrigues Leite, pais de Renato e Nery Rodrigues Leite.
3– Raimunda Rodrigues Leite, (d. Sobrinha), casada com sr. Cícero Martildes de Carvalho (VER FAMÍLIA LEITE MARTILDES).

RODRIGUES LEITE – ARRUDA LEITE

Zeferino Rodrigues dos Santos, casado com Maria Rodrigues Arruda Leite. Filhos: José e Francisco Rodrigues de Arruda Leite.

1– José Rodrigues de Arruda Leite, casado em primeiras núpcias com Maria Rodrigues Moura Morato, pais de Manoel, Maria, Nenem, Joaquina, Antônia e Francisca Rodrigues Leite (VER FAMÍLIA RODRIGUES MOURA).

O sr. José Rodrigues de Arruda Leite, casado em segundas núpcias com Constância Rodrigues de Souza, pais de Antônio, Dorgival, Enéas e Idalina Rodrigues Leite.

a) Antônio Rodrigues Leite, casado em primeiras núpcias com Dolores Rodrigues Ramalho, pais de Maria Auxiliadora Rodrigues Leite Ramalho, professora, casada com Aristóteles Alves, pais de Ana Larissa.

a) Antônio Rodrigues Leite, casou-se em segundas núpcias com Claudina Rodrigues Ramalho (Sidu), não houve filhos.
b) Dorgival Rodrigues Leite, casado com Ivonete Vieira Rodrigues (Netinha). Filho: Marcos Vieira Rodrigues Leite.
c) Enéas Rodrigues Leite, casado com Francisca Oliveira de Souza. Houve 8 filhos.
d) Idalina Rodrigues Leite, casada com Onildo Jacobino, não houve filhos.

2– Francisco Rodrigues de Arruda Leite, casado com Jesuina Rodrigues Leite. Filhos: Sabina, João, Antônio, Ernesta e Maria Arruda Leite.

a) Sabina Arruda Leite, casada com José Rodrigues Leite, pais de Teodomiro, Manoel, Francisco e Adeús.
I – Teodomiro Rodrigues Leite, militar, residente no Rio de Janeiro.
II – Manoel Rodrigues Leite, comerciante, casado em primeiras núpcias com Aracy Rodrigues Moura, não houve filhos. Casou-se em segundas núpcias com Paula Rodrigues Moura, pais de Barnard Rodrigues Moura.
III – Francisco Rodrigues Leite, militar, residente no Estado de Minas Gerais, casado e com filhos.
IV – Adeús Rodrigues Leite, militar, casado com Lêda Maria Araújo Rangel, pais de Ricardo e outros.
b) João Arruda Leite, agricultor, criador, casado com Maria Arruda, pais de João, Ascendina e Maria Rodrigues Arruda Leite.
c) Antônio Arruda Leite, casado em primeiras núpcias com Jovelina Arruda Alencar e em segundas núpcias com Marcolina Arruda Alencar (Doninha) (ver FAMÍLIA ARRUDA ALENCAR).
d) Ernesta Arruda Leite, casada com João Rodrigues Ramalho, este em segundas núpcias, pais de José Jurandir Arruda Ramalho.
e) Maria Arruda Leite, casada na família "Freitas", pais de Francisca, Maria de Lourdes e José Arruda Freitas.
Francisca Freitas, casada com Adauto Palitot, residem no Ceará.

Obs.: Teodora Rodrigues Leite (tia de Zeca Ramalho), casada com José Rodrigues Leite, pais de Manoel, Antônio, Andrelino, Francisco, Joaquim, e Jesuina Rodrigues Leite.
Só sabemos a descendência de Jesuina, que se casou com Francisco Rodrigues Arruda Leite, já mencionado.

RODRIGUES MOURA

O sr. Francisco de Arruda Leite, filho de Zeferino Rodrigues dos Santos, casado em primeiras núpcias com Maria Rodrigues Ramos Mouraro. Filhos: Manoel, Maria, Joaquina, Antônia e Francisca Rodrigues Leite. (VER FAMÍLIA RODRIGUES LEITE).

Francisca Rodrigues Leite (Chiquinha de Zezé) casou-se com o sr. José Otaviano Moura Lima (Zezé Otaviano). Após o casamento passou a chamar-se Francisca Rodrigues Moura.

Houve 12 filhos: Eunice, Agrícola, Aderbal, Maria do Socorro, Aracy, Raul, Virginia, Odete, Terezinha, Aloisio, Antônio e Paula.

1– Eunice Rodrigues Moura, professora, (VER BIOGRAFIA), casada com o sr. Afonso Kherle Filho, este em segundas núpcias. Pais de:

a) José M. Kherle, engenheiro eletricista, professor da Universidade da Paraíba. Terminando o curso de doutorado na cidade de Lausing em Michigan nos EEUU.
b) Antônio de Pádua Moura Kherle, Engº Civil, chefe da Firma MOVE-TERRAS DO BRASIL, na cidade de Ibimirim – PE com séde em Recife.
c) Luiz Moura Kherle, Engº Civil, funcionário da Secretaria de Planejamento de João Pessoa e professor da Universidade da Paraíba.
d) Maria Vilany Moura Kherle, médica pediatra. Fez curso de residência no Hospital das Clínicas de São Paulo.
e) Maria Auxiliadora Moura Kherle, dentista em Ibiára.
f) Maria de Lourdes Moura Kherle, Economista.
g) Maria do Rosário de Fátima Kherle, médica pediatra em Brasília.
h) Maria da Conceição Moura Kherle, advogada, funcionária do SENAI em João Pessoa.
i) Francisca Moura Kherle, engenheira.

2– Agrícola Rodrigues Moura, casado com Marinita de Oliveira Braga, não houve filhos.

3– Aderbal Rodrigues Moura, casado com Dedice Pires Ferreira, pais de Alberto Pires Rodrigues Moura, geólogo.

4– Maria do Socorro Rodrigues Moura, casada com Joaquim Rodrigues, não houve filhos.

5– Aracy Rodrigues Moura, casada com Manoel Rodrigues Leite, não houve filhos.

6-7–Raul e Virginia Rodrigues Moura, falecidos solteiros.

8– Odete Rodrigues Moura, professora, casada com Unias Leite Ramalho, filhos mencionados na família LEITE RAMALHO.

9– Terezinha Rodrigues Moura, casada com Geraldo Dinoá Medeiros, pais de: Geraldo Dinoá Filho, engenheiro; Maria Gorete, funcionária do Banco do Brasil; Francisca Lúcia, licenciada em História; Maria Adiles, dentista; Marcos, Tarcisia, e Maria do Socorro, estudantes.

10– Aloisio Rodrigues Moura, casado com Hilda Gomes de Sá, professora, pais de Francisca Virginia, médica; Aluisio Filho, estudante de engenharia; e Verônica, acadêmica.

11– Antônio Rodrigues Moura, casado com Claudina Figueiredo, pais de Raul Antônio, bioquímico e Roberto Rodrigues Moura, acadêmico.

12– Paula Rodrigues Moura, casada com Manoel Rodrigues Leite, este em segundas núpcias, pais de Barnard Rodrigues Leite, estudante.

RODRIGUES RAMALHO

Sabino Rodrigues Ramalho, casado com Avelina Leite Ramalho, esta em primeiras núpcias. Filhos: José (Zuza), Manoel, Antônio, Sabino, Coriolano, João, Job, Maria (Cabocla) e Raimundo Job Rodrigues Ramalho.

1– José Rodrigues Ramalho (Zuza), casado com Maria Peixoto de Alencar (Senhora), ambos em segundas núpcias (ver família PEIXOTO DE ALENCAR).

2– Manoel Rodrigues Ramalho, (Nezinho Ramalho), não nos foram fornecidos dados da s/ descendência.

3– Antônio Rodrigues Ramalho (Tonho Ferreira), casado com Maria Ramalho de Alencar (Mariquinha). (VER FAMÍLIA RAMALHO DE ALENCAR).

4– Sabino Rodrigues Ramalho, casado com Claudina Rodrigues Ramalho (Sidu), pais de Antônio, Martiniano (Yoyô), Osmindo, Luiz Nilo, José de Souza, Enéias, Maria Sinharinha, Macrina e Ascendina.

a) Antônio Rodrigues Ramalho casado com Ana Rodrigues Ramalho de Figueiredo (Dona), filhos: Ana, (Nicinha), José, Auta, João, Cesira, Macrina, Claudina (Sidu), Hildete, e Lindinalva.

I – Ana Rodrigues Ramalho (Nicinha), casada com Nicolau Leite Ramalho, filhos já mencionados na família LEITE RAMALHO.

II – José Rodrigues Ramalho, casado com Mirtes Ramalho, pais de Maria do Carmo, Francisca, Antônio, Rosa, José Filho, Jocélio e Sinharinha Rodrigues Ramalho.

III – Auta Rodrigues Ramalho, casada com Nicolau Ramalho, pais de Fátima, Joana D'Arc, Amaro, Nelson e Francisco de Assis Rodrigues Ramalho.

IV – João Rodrigues Ramalho, casado com Edieuza R. Ramalho, pais de Antônio e Isabel Rodrigues Ramalho.

V – Cesira Rodrigues Ramalho, casada com Ascendino Arruda Neves, pais de Francisco (Nevinho), Ma. Aparecida, Antônio, Aldecy, Ednaldo, Sebastião, Ascendino Fº, Cione, Célia e Cleomar Rodrigues Ramalho Neves.

VI – Macrina Rodrigues Ramalho, professora, casada com João Tadeus, pais de Catarina, Ana Cleide, João Francisco, Pedro, Tadeu, Lázaro, Isabel, Bernadete e Antônio Rodrigues Ramalho.

VII – Claudina Rodrigues Ramalho (Sidu), casada com Antônio Rodrigues Leite, este em segundas núpcias. Não houve filhos.

VIII – Hildete Rodrigues Ramalho, casada com Cláudio Freire Lavor, pais de Maria do Socorro, Cláudio, Pedro, Paulo e Humberto Ro-

drigues Ramalho Lavor.

IX – Lindinalva Rodrigues Ramalho, casada com João Rodrigues Teobaldo, pais de Elcine Rodrigues Ramalho.

b) Martiniano Rodrigues Ramalho (Yoyô), casado com Ana Rodrigues Leite Ramalho, em primeiras núpcias (VER FAMÍLIA LEITE RAMALHO). Casado em segundas núpcias com Alice Ramalho de Alencar (Ver PEIXOTO DE ALENCAR).

c) Osmindo Rodrigues Ramalho, casado com Maria das Neves Lopes Leite, (Nevinha), pais de Sabino, advogado; José, médico; João; Antônio, médico; Francisco, Maria das Neves, (Doninha), professora.

d) Luiz Nilo Rodrigues Ramalho, casado com a professora Aldenora Vieira, pais de Nilo Luiz, Glória de Lourdes, Cecílio, Aldenilo, Glória de Fátima, Afrânio, Aldenora e Luiz Nilo Ramalho Filho.

I – Nilo Luiz Ramalho Vieira, Juiz de Direito da cidade Patos – PB, casado com Tânia Maria Cavalcanti Ramalho, pais de Cecilio Terceiro, Sérvio, Júlio César e Tito Lívio Cavalcanti Ramalho.

II – Glória de Lourdes Vieira Ramalho, agrônoma, casada com Edson Barreiro Lemos, agrônomo, funcionário da SUDENE, pais de Rômulo Sérgio, Luiz Nilo, César Romero, Júlio Bueno e Anna Giovanna, todos estudantes.

III – Cecilio Vieira Ramalho, Técnico Agrícola, faleceu solteiro.

IV – Aldenilo Vieira Ramalho, médico radiologista, casado com Francisca Nelbe Ramalho, pais de Cecílio Segundo, Aldenelbe, João Nilo Vieira Ramalho.

V – Glória de Fátima Vieira Ramalho, bacharela, casada com Guilherme Abath, médico do SESP, no Ceará, pais de Haroldo Abath Neto e Luiz Guilherme Vieira Ramalho.

VI – Afrânio Vieira Ramalho, universitário de Matemática, casado com Ivete Arruda Ramalho, formada em Administração, pais de Matheus Arruda Vieira Ramalho.

VII – Aldenora Maria Vieira Ramalho, formada em Educação Física, farmácia e bioquímica.

VIII – Luiz Nilo Ramalho Filho, formado em Zootécnica pela UFPB.

e) José de Sousa Rodrigues Ramalho, casado com Regina Holanda, pais de Antônio, Sabino, Reginaldo, Hudson, Ronaldo, Agripino, Pedro, Alda, Valda, Áurea, Rivalda, Nely, Regina Coeli, Gertrudes, Alba e Fátima Rodrigues Ramalho.

f) Eneias Rodrigues Ramalho, casado com Anatalice Ramalho (Feiosa), pais de Maria Salete, Francisco, Aliete, Gildete, Francisca Liege, Maria de Fátima e Tiburtino Rodrigues Ramalho.

I – Francisco Rodrigues Ramalho, casado com Quitéria Ramalho (Salete). Houve dois filhos, Ilian e Francisco Iracles Ramalho.

Dos outros filhos de Eneias e Anatalice, não obtivemos dados sobre sua descendência.

g) Maria Sinharinha Rodrigues Ramalho, casada com Antônio Miguel de Figueiredo, pais de João, Jesus, Maria Mirtes, Sabino, Claudina (Sidu) Ascila, José Hermano e Antônio Ivon Rodrigues Ramalho.

h) Macrina Rodrigues Ramalho, casada com Job Rodrigues Ramalho, não houve filhos. Adotaram duas filhas, Rosa e Adauta Ramalho.

i) Ascendina Rodrigues Ramalho, casada com Raimundo Miguel Figueiredo, pais de Maria do Socorro, João, Ascila, Sidu, Avelina, Magna, José Ivan e Wanderlúcio Rodrigues Ramalho.

5– Coriolano Rodrigues Ramalho, casado com Maria Pinto Ramalho (Dondom) pais de Licor e José Ramalho (VER PINTO RAMALHO).

6– João Rodrigues Ramalho, residente em Sa. Maria, hoje Ibiára, não nos foi dada a sua descendência.

7– Job Rodrigues Ramalho, pai de João Diniz Ramalho e de Souza Rodrigues (de Ibiára). Não nos foram fornecidos outros dados.

8– Maria Rodrigues Ramalho(Cabocla), casada com Marcolino Pereira da Silva, pais de Marcolino, João, José, Antônia, Eugênia, Domitilia, Azenete, Manoel e Silvino Rodrigues Ramalho Pereira.

a) Marcolino Ramalho Pereira (Pereira), casado com Maria de Lourdes Ramalho, pais de Jesus, joão, Antônio Sabino, Marcolino (Marcone), Beatriz, Maria Marly, Euda, Quitéria e Maria do Socorro Pereira Ramalho.

Beatriz, casada com Renato Nóbrega Ramalho (filho de Jaime Ramalho). Quitéria (Salete) casada com Francisco Ramalho, filhos já mencionados. Dos outros filhos de Marcolino Pereira, não nos doi dada a descendência. Residentes em Ibiára.

OBS. Dos filhos de Maria Rodrigues Ramalho (Cabocla), João, José, Antônio, Eugênia, Domitilia, Azenete, Manoel e Silvino. (não nos foi dada a descendência).

9– Raimundo Job Rodrigues Ramalho, (não nos foi dada a descendência).

OBS.: Avelina Leite Ramalho, casou-se em 2as. núpcias com Job Rodrigues Ramalho, pais de Ma. Madalena Rodrigues Ramalho (Dalena de Antônio Arruda), Job Rodrigues Ramalho era casado em 1as. núpcias na família RANGEL. (VER FAMÍLIA RANGEL).

Maria Madalena Rodrigues Ramalho, (Dalena), casada com Antônio Arruda Alencar, filhos: mencionados na família ARRUDA ALENCAR.

RODRIGUES SIMÃO

Antônia Rodrigues dos Santos Leite Alencar, filha de Bento Alencar, casada com Galdino Simão, pais de Manoel, Olegário e Maria das Dores Leite Simão.

Não nos foram fornecidos mais dados genealógicos.

SIQUEIRA

O Sr. João Batista Siqueira, casado com d. Maria Lima Siqueira, natural de Pernambuco. Esta família chegou à Conceição, mais ou menos em 1915. O casal tinha os seguintes filhos:

João Batista, Gilberto, Siqueirinha, Sinhozinho, Armênia e Adalcina.

1— João Batista Siqueira Filho, (Batistinha), casado com Tereza Pinto Ramalho, pais de Maria Cacilda Siqueira Ramalho, farmacêutica, casada com Odilio Fausto de Figueiredo, residente no Rio de Janeiro.

2— Gilberto Siqueira, solteiro. Foi embora para o norte do Brasil em 1919, não se conhece a descendência.

3—4—Siqueirinha e Sinhozinho, também não se sabe a descendência.

5— Armênia Siqueira, casada com João Teles Pinto Ramalho (Sr. Teles), filhos já mencionados na família PINTO RAMALHO.

6— Adalcina Siqueira, casada com Antônio Sitônio de Figueiredo, este em 1as. núpcias. Filhos: Maria Letice, João, José Jesus, Antônio, Hortêncio, Edmilson (Titita) e Zélia Siqueira de Figueiredo.

a) Maria Letice Siqueira, professora, casada com Luiz Teixeira, pais de Vera Lúcia, Fernando Antônio, Frederico, Fábio e Valéria Siqueira.

b) João Siqueira, casado com a profa. Ilza Gomes de Sá, pais de João Batista Siqueira, advogado; Paulo Roberto, Médico; Alfredo Gomes Neto, engenheiro e Maria do Socorro Siqueira, estudante.

c) José Jesus Siqueira, casado com Diva Figueiredo, não houve filhos.

d) Antônio Siqueira (Tonhito), casado com Hernery Fonseca, houve 5 filhos.

e) Hortêncio Siqueira, casado com Abigail Meneses, houve filhos.

f) Edmilson Siqueira, (Titita), casado com Laura Siqueira, houve um filho.

g) Zélia Siqueira, casada com Francisco Pires Ferreira, filhos já mencionados na FAMÍLIA PIRES FERREIRA.

OBS.: Antônio Sitônio de Figueiredo, casou-se em 2as. núpcias com Alcina Alencar de Oliveira, já mencionado na família ALENCAR FIGUEIREDO.

SOARES DE FIGUEIREDO

Do sítio "Três Olhos Dágua", município de Maurity — CE, veio o Sr. Manoel Soares de Matos, casado com Quitéria Furtado de Figueiredo, pais de Joaquim Soares de Figueiredo, casado com Ângela Furtado de Figueiredo.

Ângela era filha de José Vitorino de Figueiredo e Ana Furtado de Lacerda.

Joaquim Soares de Figueiredo e sua numerosa família, moravam na Fazenda Baixa-da-Velha de sua propriedade, no município de Conceição. Filhos: Maria Furtado Soares de Figueiredo, Ana, Luiz, Manoel, José, Antônia, Josefa, Izabel e Rosa Furtado Soares de Figueiredo.

1— Maria Furtado Soares de Figueiredo (Mãezinha), casada com José Dionísio, pais de: Rosa (Nainha), Joaquim e outros;

2— Ana, casada com Amâncio Faustino, pais de José Amâncio, Amália, Adélia, Angelina, Aldenora, Ambrosina e Cleonice (Loló);

3— Luiz, casado com Maria da Glória Soares, pais de José Tota (médico), Antônio Tota, Auridete, Auristela, Dalva, Maria Lita, João Tota, Neuma, Luiz Elosman e Maria Soares, professora;

4— Manoel, casado em primeiras núpcias com Cristina Maniçoba, pais de: José Soares, Maria (professora), Antônia, Ivani (professora); Carmelita, Francisca, Luiz, Severino e Joaquim Soares de Figueiredo (Chuda), advogado; casou-se em segundas núpcias com sua cunhada Rita Maniçoba. Não houve filhos.

5— José (Deinha), casado com Clara Furtado de Lacerda, pais de Maria Soares (Lia), Joaquim, Ana e José Francisco;

6— Antônia, casada em primeiras núpcias com Pedro Raimundo Leite, pais de Francisca e Mária Furtado Leite, mencionadas na família SOUZA LEITE. Casou-se em segundas núpcias com Roldão Mangueira de Figueiredo, cujos filhos já mencionados na família MANGUEIRA DE FIGUEIREDO.

7— Josefa, casada com Luiz Vitorino, pais de Marquesa, Ana, Aliete, Joaquim, Lourdes, Angelina, José Edvaldo, Adailton e Maria do Socorro.

a) Marquesa Soares de Figueiredo, casou-se com João Ferreira, fotógrafo, este em segundas núpcias. Pais do Dr. Francisco Jakson Ferreira e Zuleide, professora.

8— Izabel (Bezinha), casada com Lindolfo Lopes, residentes em Princesa Izabel — PB, pais de Maria Soares, Francisca (Titica), professoras; Francisco de Assis, Um, Carlos, Helena, Epifânia, Ivo e José (Zezito) Soares de Figueiredo.

9— Rosa, casada com Amâncio Nuto de Lacerda, filhos: mencionados na família SOARES NUTO.

Obs.: A família SOARES se entrelaçou com muitas outras famílias formando outros ramos, como por ex.: o sr. Antônio Soares, casado com Josefa Lacerda, houve filhos, destacando-se Francisca Lacerda Soares que se casou com José Miguel Pedonni, de origem italiana, onde veremos na família PEDONNI.

Da Fazenda Limeira, vizinha à Fazenda Baixa da Velha, vem mais outro ramo da família SOARES. O sr. Antônio Soares de Souza,

proprietário da Fazenda Limeira, é casado com Maria Furtado de Figueiredo (Maria Limeira), pais de José Francisco de Figueiredo (Duca), Pedro Soares Nuto, advogado; Antônio, João, Joaquim, Luiz, Manoel, Francisco, Raimundo, Chicola, Josefa, Losinha, Cota, Mãezinha e Nenem.

Josefa Furtado de Figueiredo, casada com Pedro Bezerra Lacerda, pais de Martinho Bezerra, vice-prefeito em 3 legislaturas, inclusive na atual.

SOARES NUTO

José Soares Nuto, casado em primeiras núpcias com Francisca Furtado de Lacerda, pais de: Manoel Nuto de Lacerda, Joaquim Nuto de Figueiredo, Amâncio Nuto de Lacerda e Maria Furtado de Lacerda. Em segundas núpcias José Soares Nuto casou-se com Maria Furtado de Lacerda, pais de Rita e Josefa Furtado de Lacerda, nascidos no sítio "Três Olhos Dágua".

Destaquemos aqui a família do sr. Amâncio Nuto de Lacerda, que pode ser, sem nenhum favor, considerada o protótipo da "família modelo", pois o seu chefe dando os melhores exemplos de competência, honestidade, trabalho e responsabilidade aos seus filhos, conseguiu, conforme a relação abaixo, uma ascendência brilhante e digna de ser imitada. Senão, vejamos:

O sr. Amâncio Nuto de Lacerda, agricultor, criador, proprietário do sítio Catingueira, município de Conceição, casado com Rosa Soares de Figueiredo, tendo os seguintes filhos: Antônio, Maria Aurora, Angelina, Nilza, Joaquim, José, João, Francisca Neide, Tarcisia e Romualdo.

1– Antônio Soares Nuto, comerciante, casado com Antônia Fausto de Figueiredo, pais de Maria das Graças, Antônio Marcondes, Neuma de Lourdes, Marcilio Hércules e Marcos Augusto, todos residentes em J. Pessoa – PB.

a) Maria das Graças, médica, casada com o médico Evandro Pinheiro do Egito. Houve filhos.
b) Antônio Marcondes, Administrador Postal, casado com Terezinha Soares, engenheira civil, residentes em João Pessoa – PB.
c) Neuma de Lourdes, formada em Letras.
d) Marcílio Hércules, acadêmico em Jornalismo e funcionário do Banco do Brasil.
e) Marcos Augusto, estudante e bancário, casado com Rose Azevedo Resende.

2– Maria Aurora Soares Nuto, solteira.

3– Angelina Soares Nuto, comerciante, casada com Francisco de Assis Rodrigues de França, pais de Rosa Márcia, bancária e estudante de economia; Francisco Roberto, bancário e estudante e Paulo César, estudante.

4– Nilza Soares Nuto, solteira, formada em Administração de Empresas, funcionária do DNER em João Pessoa – PB.

5– Joaquim Soares Nuto, (Soares), funcionário do Banco do Brasil em Fortaleza – CE. Economista, casado com Cândida Soares, natural da cidade de Baturité – CE, pais de Silvânia, Danilo César, Carlos Henrique, estudantes e bancários, Carla Patrícia e Sharmênia Soares, estudantes.

6– José Soares Nuto, (Zezinho), Economista, exerceu cargos importantes no Banco do Nordeste sediado em Fortaleza – CE. Aposentou-se como Superintendente do referido Banco. Casado com Janete Vieira Nuto, natural de Pernambuco. Houve uma filha: Roseane Soares Nuto, estudante.

7– João Soares Nuto, (Janduí), Economista, supervisor do Banco do Brasil, residente em Fortaleza. Casado com Maria do Socorro Cavalcanti, pais de João Vianey Soares, acadêmico e Rosângela Soares, estudante.

8– Francisca Neide Soares Nuto, acadêmica, casada com José Fonseca, este natural do Rio de Janeiro, pais de Neide e Luciana Soares, estudantes.

9– Maria Tarcisia Soares Nuto, médica, casada com o advogado Nivaldo Ramalho de Alencar, natural de Ibiára – PB, pais de Giovani, Giolina e George, todos estudantes.

10–Romualdo Soares Nuto, falecido quando criança.

Obs.: Esta família também pode ser chamada de "Família dos Bancários".

Pertencente à família SOARES NUTO, citamos aqui o sr. Pedro Soares Nuto, filho do sr. Antônio Soares de Souza e Maria Furtado de Lacerda (VER SUA BIOGRAFIA).

SOUZA BARROS OU SOUZA DINIZ

João de Souza Diniz ou João de Souza Barros, um dos irmãos SOUZA DINIZ, que fundaram Santana de Mangueira, conforme já relatado em "Santana de Mangueira e suas origens", casou-se na mesma família, formando uma parte importante da sua árvore genealógica, parte, essa, que pouco conhecemos, pois essa família se espalhou por outros municípios.

Em Santana de Mangueira, residia o sr. Manoel de Souza Barros, agricultor, criador, pai de Lica Souza Barros, segunda esposa de João Fausto de Figueiredo, ex-prefeito de Conceição, pais da profª Mirinha Fausto.

SOUZA LARANJEIRA (ou SOUZA DINIZ)

Manoel de Souza Laranjeira (ou Souza Diniz), foi um dos fundadores de Santana de Mangueira, conforme já falamos em "Santana de Mangueira e suas origens". Foi casado na própria família Laranjeira e o nome de um dos seus netos é Manoel de Souza Laranjeira, (capitão), casado c/Joaquina de Souza Mangueira, pais de Benício, Anísio, Marica, Cândida, Elvira, Donara, Jacinta, Raquel, Otonila e Maria Liquinha.

1– Benício, casado c/ Raquel de Souza Mangueira, pais de Antônio Benício, Belissério, Celestina, José Benício, Ernesta, Ana e Belissário.

2– Anísio, fazendeiro em Cachoeirinha, município de Santana de Mangueira, casado c/ Maria Lica Laranjeira, pais de Deocleciano, Damiana, Maria das Neves, Carmina e Antônio de Souza Laranjeira.

3– Marica, casada na família Alves Moreno, pais de Manoel Alves Mangueira (Né Alves), proprietário das fazendas "Malhada" e "Ema" – Diamante – PB. Já citado na família SOUZA MANGUEIRA.

4– Cândida, casada c/ Manoel Clarindo, pais de Nozinho Clarindo e outros, mencionados na família CLARINDO.

5– Elvira de Souza, não conhecemos a descendência.

6– Donara de Souza Diniz, casada c/ Olegário de S. Diniz, filhos já mencionados na família SOUZA MANGUEIRA.

7– Jacinta, casada c/ Hermano de Souza Mangueira, filhos citados na família SOUZA MANGUEIRA.

8-9–Raquel e Otonila de Souza Laranjeira, não temos sua descendência.

10– Maria Liquinha, casada c/ Unias Benjamim de Maria, já citada na família BENJAMIM.

Deocleciano, filho de Anísio Laranjeira, casado c/ Estelita Mangueira, já mencionado acima.

Damiana, casada e residente em Cachoeirinha.

Maria das Neves, solteira.

Belisário de Souza Diniz, filho de Benício Laranjeira, casado c/ Antônia Quintino Mangueira Moura, pais de Antônio, Manoel, Odete, Ana, Francisco, Terezinha, Maria Cota, Benício e José Nunes de Souza Diniz.

José Nunes de Souza Diniz, prefeito de Santana de Mangueira, em duas legislaturas, casado c/ Delma Mangueira de Figueiredo, pais de Derlândia, Fabiana, Janaína e José Nunes Filho.

SOUZA LEITE

ISABEL RODRIGUES DOS SANTOS LEITE (6ª filha de João Rodrigues dos Santos), casada com Hermenegildo de Paula e Silva. Filhos:

1 – João Ciriaco
2 – Martiniano
3 – José Sabino
4 – Isabel
5 – Hermenegildo
6 – Francisco

1– João Ciriaco Rodrigues de Paula e Silva, casado c/ Justina de Souza Leite. Houve uma filha: Maria de Souza Leite.

Maria de Souza Leite, casada c/ Raimundo José dos Santos. Filhos: Manoel Raimundo, Benônia, Nicolau (Clérigo), Venceslau, Antônia, João Raimundo, Pedro Raimundo, Joana (Noca), José Raimundo e Rita de Souza Leite.

a) Manoel Raimundo, casado c/ Januária de Sá Ramalho, filhos mencionados na família LEITE RAMALHO.

b) Benônia, casada c/ Maximiano Alves da Silva, filhos: Henriqueta e Maria.

A– Henriqueta Leite, professora, casada c/ Sebastião Rodrigues Viana, pais de Inis Leda Leite Viana, solteira, economista da SUDENE em Recife – PE e Ione Leilah Leite Viana, Técnica em Contabilidade, casada c/ Hany Mohamed Mounib, economista e administrador de empresas, tendo dois filhos Edgard e Andrew Leite Mounib, residentes em Jaksonville, Flórida – USA.

B– Maria Leite, professora, casada com Pedro Targino da Costa Teixeira, pais de Henriqueta Maria, Roberto, Maria das Graças e Pedro Targino Filho.

I – Henriqueta Maria, bibliotecária, casada c/ Raimundo Ferreira Pinto, médico, pais de Roberta e Alexandre.

II – Roberto, médico veterinário, casado c/ Ivânia Miranda, formada em Relações Públicas.

III – Maria das Graças, bibliotecária, fez mestrado e estágio em Londres, foi casada com Dr. Carlos Lima Cavalcanti, pais de Ana Carla e Carlos Lima Cavalcanti Júnior.

IV – Pedro Targino Filho, Aux. de Engenharia em Boa Vista – Roraima, casado c/ Sidete Magalhães, desenhista do M.E.C. também em Roraima (ver biografia de Maria Leite Targino).

c) Padre Nicolau, ver sua biografia.

d) Venceslau, casado com Luiza de Figueiredo Leite, filhos: Maria (Nozinha), João, José e Nair.

A– Maria de Figueiredo Leite (Nozinha), casada com Epitácio de Sá Ramalho, filhos mencionados na família LEITE RAMALHO.

B– João de Figueiredo Leite, faleceu solteiro.

C– José de Figueiredo Leite, casado c/ Ana Ramalho Leite, pais de Maria Zelny, Venceslau, Maria das Graças, Francisca, Zilma, Maria do Socorro, Maria Auxiliadora, Antônia e Iman Figueiredo Leite.

D– Nair de Figueiredo Leite, casada com José Deodato Ramalho de Alencar, filhos: Francisco de Assis, Gecy, Marinalva, Venceslau, João, Oste-

van, Valdecy, Maria do Carmo, Maria do Socorro e Maria José.

e) Antônia (Toinha Mouca), casada c/ José Alves da Silva, filhos: Raimundo, Maria (Nuca), Alice, Senhorinha (Sula) e João Alves.

A-B-C— Raimundo, Maria e Alice, solteiros.

D— Senhorinha (Sula) casada com Afonso Kherle Filho, pais de Kerlinho e Maria Vilany.

E— João Alves, casado, proprietário do sítio "Roçado", município de Conceição.

f) João Raimundo, casado com Blandina de Sá Ramalho, filhos mencionados na família LEITE RAMALHO.

g) Pedro Raimundo, casado com Antônia Soares Furtado de Figueiredo, filhos: Francisca e Maria. (Báia).

A— Francisca Furtado Leite, professora, casada com Homero Vitorino, pais de Francisca Amélia e Homero Filho.

B— Maria Furtado Leite, professora, solteira.

h) Joana (Noca), casada c/ Tadeu Ferreira Gonçalves, este em segundas núpcias, pais de Maria Ferreira Leite (Liinha). Ver família ARRUDA ALENCAR.

i) José Raimundo, casado com Maria Nunes Wanderley, pais de Manoel Raimundo Sobrinho, Maria, Herminia e Raimundo de Souza Leite.

A— Manoel Raimundo Sobrinho, casado c/Maria Nunes, pais de Naiza e Ana.

B— Maria Nunes, casada c/ José Wanderley Nunes, (desconhecemos s/ descendência).

C— Herminia, casada c/ João Nunes Wanderley, desconhecemos s/ descendência.

D— Raimundo, casado com Luiza de Souza Leite, não sabemos s/descendência.

j) Rita, casada com Tadeu Ferreira Gonçalves, em primeiras núpcias. Filhos: Maria, Naiza e João Leite Ferreira.

A— Maria, casada com José Ferreira Gonçalves, pais de Nicanor, Maria de Lourdes, Arnaud, Rita, Tadeu, Waldir, Francisco e João Bosco.

B— Naiza, casada c/ Luiz Paulino do Nascimento (Luizinho Paulino), pais de Manoel, Francisco e Lindoval.

C— João, casado com Maria Leite Ramalho, não sabemos s/ descendência.

2— Martiniano.

3— José Sabino.

4— Isabel.

5— Hermenegildo.

6— Francisco Rodrigues de Paula e Silva, não sabemos s/ descendência.

Outros ramos da família SOUZA LEITE:

Raimundo Couto de Souza Leite, casado com Ana Alves da Silva (Naninha), pais de Zilda, Severina, Hilda, Zenilda e Benedito de Souza Leite.

Pedro Rodrigues dos Santos Leite, (neto de João R. dos Santos), casado c/ Dionísia de Souza, filhos: Salustiano e José.

a) Salustiano Rodrigues de Souza Leite, casado c/ Maria Rodrigues Leite Ramalho (filha de Aleixo), pais de Enéias, Ernesta, Dionísia, Maria Dona e Joana (VER FAMÍLIA LEITE RAMALHO).

b) José Rodrigues de Souza Leite, casado com Teodora de Souza Leite, pais de Manoel, Antônio, Andrelino, Francisco, Joaquim e Jesuina Rodrigues de Souza Leite (VER FAMÍLIA RODRIGUES LEITE).

Manoela Rodrigues dos Santos Leite (filha de João Rodrigues dos Santos) casada c/ Francisco de Souza Neves. Filhos: Sabino, Manoel e Maria Rodrigues de Souza Leite.

a) Sabino, casado com Emília de Souza Leite, pais de Martiniano, Fortunato, Francisca e Eugênia de Souza Leite.

b) Manoel, casado com Antônia Rodrigues Leite, pais de Mário, Manoela, Joana e Eugênia Rodrigues de Souza Leite.

c) Maria R. de Souza Leite, casada c/ Martiniano de Souza. (Não nos foi dada a s/ descendência).

SOUZA LIMEIRA (ou SOUZA DINIZ)

Luiz de Souza Limeira ou Luiz de Souza Diniz, um dos fundadores de Santana de Mangueira, conforme já falamos em "Santana de Mangueira e suas origens", constituiu sua descendência casando-se na própria família, formando um grande ramo da árvore genealógica conceiçãoense e santanense. Dos seus descendentes citamos um dos seus bisnetos ou tetranetos, sr. Antônio de Souza Limeira, comerciante em Conceição, depois transferindo-se para Recife onde continuou no comércio até aposentar-se.

O sr. Antônio de Souza Limeira casou-se com Benônia Lopes, tendo os seguintes filhos: Maria Laís, Maria Leni, José, Celso e Kermo.

1— Maria Laís, dentista, casada com o dr. José Maria, juiz de Direito em Pernambuco.

2— Maria Leni, dentista, casada e residente em Recife — PE.

3— José, economista em Recife — PE.

4— Celso, economista, casado e residente em Recife — PE.

5— Kermo, advogado, residente em Recife — PE.

Obs.: Há muitos outros "SOUZA LIMEIRA", porém infelizmente não obtivemos mais informes sobre essa família. O casal Antônio Limeira/Benônia Lopes deu a cada filho um título superior outorgando-lhes segura, valiosa e indestrutível herança. Um magnífico exemplo para as futuras gerações. Parabéns.

Obs.: Há um sobrinho do sr. Antônio Limeira, casado com Adalgisa Pegado Diniz, filha de Neri Diniz. Neri Diniz é também descendente dos "Souza Diniz" de Santana de Mangueira.

SOUZA MANGUEIRA (os mesmos SOUZA DINIZ)
(De Santana de Mangueira)

Antônio de Souza Mangueira, fundador de Santana de Mangueira, foi casado com Antônia Laurêncio de Souza. Houve vários filhos, mencionamos aqui: Benigno de Souza Mangueira, casado com sua prima Antônia Morena de Souza. Desse casamento, também houve vários filhos, porém vamos citar o nome de Hermano de Souza Mangueira.

Hermano de Souza Mangueira, casado com sua prima legítima, Jacinta de Souza Diniz, pais de Antônio, Noé, Manoel (Nô), Florentino (Floro), Maria e Ana de Souza Mangueira (Anazinha).

1– Antônio de Souza Mangueira, agricultor, criador, proprietário do Sítio "Barra da Onça", casado em primeiras núpcias com sua prima legítima, Faustina Mangueira da Costa, pais de Otalício Mangueira da Costa.

a) Otalicio Mangueira da Costa, casado com sua prima Nobelina Mangueira, pais de Pedro, Maria, Normélia, Antônio e Rosa Mangueira da Costa.

I – Pedro, residente em Brasília, industrial, casado e tem filhos.
II – Maria, casada, residente em Brasília.
III – Normélia, casada, reside em Custódia – PE.
Antônio e Rosa, residem em Brasília.

1– Antônio de Souza Mangueira, casou-se em segundas núpcias com Elisa Ramalho de Alencar, esta em terceiras núpcias. Filhos mencionados na família RAMALHO DE ALENCAR.

2– Noé de Souza Mangueira, agricultor, criador, proprietário do Sítio Mamoeiro em Santana de Mangueira, casado com sua prima legítima Dãozinha de Souza Mangueira, pais de Maria Milta, Chicolina, Ulisses, Estelita, Dolores, Antônio, Enoc, Saturnino, Delzuita e Odete de Souza Mangueira.

a) Maria Milta, casada com Antônio Silvino Mangueira, houve filhos.
b) Chicolina, casada com Manoel Olegário Mangueira, houve filhos.
c) Ulisses, casado com Idalina de Souza Mangueira, pais de Rinalva. Wilson, Fabíola, Maria de Fátima, Edilson, Antônio, Edilza e Lindinã.
d) Estelita, casada com Deocleciano Laránjeira, houve filhos.

Os outros filhos de Noé Mangueira fixaram residência em São Paulo.

3– Manoel de Souza Mangueira (Nô), casado com sua prima legítima, Antônia Clarindo Mangueira (Tonha de Nô), pais de Deocleciano de Souza Mangueira (Deó).

a) Deocleciano de Souza Mangueira, casado com César Mangueira, pais de Ana, José, Francisca, Antônia, Alda, Maria de Fátima, Osminda, Maria Aparecida e Wilson de Souza Mangueira.

4– Florentino de Souza Mangueira, (Floro), casado com sua prima legítima Leonor de Souza Mangueira (Minú), pais de Maria Gentil, Francisco, José, Jorge e Ana (Leni) de Souza Mangueira.

a) Maria Gentil Mangueira, casada com José Figueiredo Filho (Dezinho Figueiredo) comerciante em Conceição, filhos mencionados na família ALENCAR FIGUEIREDO.

Os outros filhos de Floro Mangueira, moram no estado da Bahia, não sabemos s/ genealogia.

5– Maria de Souza Mangueira, casada com João Alexandre Ramalho, pais de José de Souza Ramalho, casado com Nilda Mangueira em primeiras núpcias e segundas núpcias com Odete de Sousa Rodrigues, filhos mencionados na família PINTO RAMALHO.

6– Ana de Souza Mangueira (Anazinha) casada com Pedro Bastião da Silva, pais de Francisco, Vitor, Odete, Creuza, e Hilda Mangueira.

Ormicindo Belarmino de Souza Mangueira, agricultor, criador, proprietário do Sítio ROÇA GRANDE, de Santana de Mangueira, casado com sua prima legítima Sidônia Mangueira de Souza, pais de Antônio de Souza Mangueira (Nitão) e Dãozinha de Souza Mangueira.

Antônio de Souza Mangueira (Nitão), casado com Ana de Souza Diniz (Siana), filhos mencionados na família MANGUEIRA NITÃO (a mesma Souza Mangueira).

Dãozinha, casada com Noé de Souza Mangueira, filhos já mencionados.

Antônio de Souza Mangueira (Antonzinho) primo carnal de Antônio de Souza Mangueira, do sítio "Barra da Onça", casado com Cândida de Souza Mangueira, pais de Deocleciano, Clarice, Maria do Socorro, Aldacy e outros. Atualmente residem todos no Estado de S. Paulo.

Olegário de Souza Diniz, casado com sua prima legítima, Donara de Souza Diniz, pais de Ana (Siana), Terezinha, Luiz, Antônia e Manoel Mangueira Diniz.

1– Ana de Souza Diniz (Siana), casada com Nitão Mangueira, já mencionado.

2– Terezinha de Souza Diniz, casada com Messias Mangueira de Souza, pais de Domissias (Dom), Adalgisa, Ascendina, Maria das Dores e Rita Mangueira Diniz.

3– Antônia de Souza Mangueira, casada com José de Souza Mangueira, pais de Maria Cleones, Francisca, Anisia e Maria do Socorro de Souza Mangueira.

4– Manoel de Souza Diniz, casado com Chicolina de Souza Mangueira, já mencionados.

Abraão de Souza Diniz, natural de Santana de Mangueira, fazendeiro na cidade de Diamante – PB, casado com sua prima legítima Chicolina Mangueira Diniz, houve filhos.

José de Souza Diniz, irmão de Abraão, também fazendeiro no município de Diamante – PB, casado com sua prima legítima Maria de Souza

Mangueira, pais do dr. Ernesto Diniz, engenheiro civil e dr. Ernane Mangueira Diniz, médico.

Nery de Souza Diniz, primo de Abraão Diniz, natural de Santana de Mangueira, fazendeiro no município de Cajazeiras — PB, casado na família "Pegado", tendo os seguintes filhos: Anatilde, Artemizia e Adalgisa Pegado Diniz.

Arsênio de Souza Mangueira da Costa, fazendeiro em Diamante, casado com Liquinha Ramalho Brunet, filhos: já mencionados na família RAMALHO BRUNET.

José Antônio de Souza Mangueira, casado com Belarmina de Souza Mangueira, pais de Antônio Raimundo Mangueira de Souza e Quinô Mangueira de Souza, Manoel Alves Mangueira de Souza (Né Alves), casado com sua prima legítima Rosa de Souza Mangueira, pais de Adauto, Ozéas, Noêmia, Omena e Ivo de Souza Mangueira. Né Alves, fazendeiro em Santana e Diamante — PB.

José Irineu Alves Mangueira de Souza, casado com Mocinha Mangueira de Souza, pais de Odete e Irene Mangueira de Souza.

Odete, casada com Jucy Ramalho Mangueira e Irene, solteira.

Néo Irineu Alves Mangueira, casado com s/ prima legítima Rosa de Souza Mangueira, pais de: Maria, Nobelina e Francisco de Assis.

Manoel de Souza Mangueira, agricultor, criador no município de Santana de Mangueira, casado com Leônida de Souza Moreno, filhos: Sitônio de Souza Mangueira, Francisco Mangueira (Tte. Mangueira), Manoel Mangueira (Nenéu) e Domingos de Souza Mangueira.

1— Sitônio de Souza Mangueira, casado com Marsonila Ramalho, filhos já mencionados na família CORREIA DE MELO (de Ibiára).

2— Francisco de Souza Mangueira, serviu à polícia paraibana, por vários anos no posto de tenente. Foi delegado de Conceição por algumas vezes, com bastante eficiência, sem ser violento. (Tte. Mangueira). Casado em primeiras núpcias (não sabemos o nome de sua esposa), houve uma filha, Marina Mangueira. Do segundo casamento, com dona Laura Lacerda, houve um filho, Laércio Lacerda Mangueira.

3— Manoel de Souza Mangueira (Nenéu), casado com Maria Sérgio Mangueira, pais de Sabino de Souza Mangueira, Eudésia, José, Ana, Antônio, Severina, Idalina, Santino, Edilson e Francisca de Souza Mangueira. Sabino de Souza Mangueira é o tabelião do Cartório Civil de Santana de Mangueira. Dos outros seus irmãos, não temos dados.

4— Domingos de Souza Mangueira (também não temos dados genealógicos).

Obs.: Pompílio Diniz, professor, consagrado astro de TV, pertence à família Souza Mangueira Diniz, de Santana de Mangueira. Não temos maiores informes.

TEMÓTEO DE SOUZA
(Bonito de Santa Fé)

Francisco Temóteo de Souza, natural da cidade de Bonito de Santa Fé, casado com Izidora Temóteo, pais de Miguel, Belarmino, Antônio, Genésio, José, Leônidas, Epitácio, Pompílio, Horácio, Malaquias, Francisco, João Isaías, Corsina, Lilia, Antônia, Tertolina, Josefa, Calú, Maria e Laurindo. O sr. Laurindo Temóteo de Souza, casou-se com Maria Pinto Ramalho (Dona), filha do fazendeiro Ozório Pinto Ramalho, de Sta. Maria, atual Ibiára. Houve filhos, já mencionados na família PINTO RAMALHO. O sr. Francisco Temóteo de Souza, casou-se em segundas núpcias. Não sabemos o nome de sua segunda esposa.

XAVIER
Do Sítio Riacho da Légua

José Xavier de Souza, foi proprietário do Sítio Riacho da Légua, casado com Maria Alves Leite, da tradicional família de Conceição. Um homem simples que lutou durante toda a vida para ter uma prole organizada e feliz. Desse consórcio nasceram sete filhos: Maria Eunildes, Terezinha, Agaús, Paulo, Francisco, Wenceslau e João Batista.

1— Maria Eunildes Xavier, ex-professora do antigo Colégio Prof. Batista Leite, hoje Colégio Estadual, em Conceição. Depois deslocou-se para João Pessoa onde se formou em Direito pela UFPB e atualmente exerce o cargo de Vice-Presidente do Instituto de Previdência do Estado da Paraíba no governo de Wilson Braga.

2— Terezinha Xavier, casada com Adailton Vitorino de Figueiredo, professora da Escola do 1º Grau José Leite da cidade de Conceição. Adailton é funcionário do Hospital Infantil de Conceição.

3— Agaús Xavier, funcionário público estadual, casado com Francisca Rodrigues Xavier, funcionária da Secretaria de Trabalho e Serviços Sociais, em Conceição.

4— Paulo Xavier, tesoureiro da Prefeitura Municipal de Conceição. Casado com Maria Alacoque Leite, da família de Conceição. Ela é professora do Colégio Estadual de Conceição.

5— Francisco Xavier Neto, funcionário da Caixa Econômica Federal em João Pessoa, casado com Socorro Barbosa, natural de Brejo, também funcionária da Caixa Econômica Federal.

6— Wenceslau Alves Neto, alto funcionário do Banco do Estado da Paraíba em João Pessoa; Diretor Financeiro da Loteria do Estado da Paraíba. Foi prefeito de Conceição no período de 1976 a 1981.
Casado com Vanilene Vieira Frade, filha de Antônio Pereira Frade e Mariinha Vieira. (VER ADMINISTRAÇÕES E POLÍTICA).

7— João Batista Xavier, médico formado pela UFPB, residente em Conceição, Diretor do Hospital de Ibiára e plantonista do Hospital Caçula Leite. Casado com Rosa Maria Ribeiro Lopes, dentista, filha de Pedro Ribeiro e Anásia.

Obs.: Desta família, ainda constam os irmãos: Juvino, Antônia (Toinha)

e Sebastiana Xavier.

1– Juvino Xavier, casado com a professora Maria das Dores Valones, já mencionado na família ALVES VALONES.

2– Antônia Xavier (Toinha), casada com o Sargento Pedro do Carmo, que foi delegado em Conceição nos anos 40.

3– Sebastiana Xavier, casada com Hermenegildo, não nos foram fornecidos mais dados genealógicos.

Pertence a esta família a senhora Maria Alves Xavier, casada com Dr. Nestor Gomes de Sá, médico e Ten. Cel. do Exército, residente no Rio de Janeiro, já mencionada na família GOMES DE SÁ.

Galeria dos Filhos Ilustres

GALERIA DOS FILHOS ILUSTRES DE CONCEIÇÃO

Antônio Ozório Ramalho (Dr.) Médico competente, consciencioso e humanitário, salvou, dezenas e dezenas de vidas durante as diversas endemias que assolaram, principalmente, nossa zona rural. Soube honrar a profissão, dignificar o ser humano e glorificar a Medicina.

Aracy Alencar Leite — Professora e oradora. Das primeiras professoras diplomadas. (Ver sua biografia).

Ascendino Leite — Jornalista. (Ver sua biografia).

Benedito Correia — Famacêutico e filantropo. (Ver sua biografia).

Celestina Valones — Professora. (Ver sua biografia).

Dolores Ramalho — Professora e diretora do Grupo Escolar José Leite. Das primeiras professoras diplomadas. (Ver sua biografia).

Eunice Moura — Professora. Das primeiras professoras diplomadas. (Ver sua biografia).

Elba Ramalho — Artista famosa. (Ver sua biografia).

Francisco de Oliveira Braga — Cidadão conceiçãoense. (Ver sua biografia).

Hosana Bezerra — Professora. (Ver sua biografia).

Izaías Rodrigues de Souza — Farmacêutico. (Ver sua biografia).

João Fausto — Prefeito e chefe do PSD. (Ver sua biografia).

João Gadelha — Coronel da Polícia Militar. (Ver sua biografia).

José Leite — Prefeito em duas legislaturas. (Ver sua biografia).

José Sinval — Magistrado e escritor. (Ver sua biografia).

Lindolfo Ramalho — Jornalista, Poeta, Compositor, etc. (Ver sua biografia).

Manoel Otaviano de Moura Lima — Padre e professor. (Ver sua biografia).

Maria Frade — Professora. Das primeiras professoras diplomadas. (Ver sua biografia).

Maria Leite — Professora e diretora do Grupo E. José Leite. Das primeiras professoras diplomadas. (Ver sua biografia).

Nelson Lopes Ribeiro — Juiz de Direito. (Ver sua biografia).

Nicolau Leite — (Padre) — Humanista e educador. (Ver sua biografia).

Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite — (Dr.) — Jurista, escritor, etc. (Ver sua biografia).

Pedro Soares Nuto — Advogado — (Ver sua biografia).

Walter Leite Braga (Dr.) — Médico e prefeito (1963). (Ver "Administrações e Política").

Wenceslau Alves Neto — Prefeito em 1978. (Ver "Administrações e Política").

Wilson Leite Braga (Dr.) — Governador do Estado da Paraíba. (Ver sua biografia).

BIOGRAFIAS

ALFREDO GOMES DE SÁ
"Cidadão Conceiçãoense"

Alfredo Gomes de Sá era natural da cidade de Salgueiro – PE e chegou em Conceição no ano de 1922, acompanhado de sua família. Casado com dona Maria da Glória Moura (dona Mariinha), natural de Belmonte – PE, deixou os seguintes filhos: Ilza, Luiz e Oswaldo, nascidos em Belmonte; José Sinval, Nestor e Hilda, nascidos em Conceição.

O senhor Alfredo era farmacêutico licenciado, depois provisionado pelo C.R.F./PB, com a carteira nº 003. Exerceu com muita competência e honestidade a sua sacrificada e nobre profissão.

Foi também "adjunto" de Promotor Público durante quase 40 anos, quando se aposentou. Em Conceição viveu a maior parte de sua vida que foi dedicada em servir aos seus semelhantes.

Agraciado pela nossa Câmara de Vereadores com o título de "Cidadão Conceiçãoense", como um justo tributo à sua inegável utilidade como cidadão.

O povo de Conceição também reconhecendo os incontestáveis méritos caritativos e o sensível sentimento humanitário de sua esposa, dona Mariinha, prestou-lhe significativa homenagem por ocasião da inauguração do nosso hospital infantil, dando-lhe o nome de Hospital Infantil Maria da Glória Gomes.

O senhor Alfredo Gomes de Sá faleceu no ano de 1981. Sua esposa já havia falecido em 1978.

A ambos, um merecido repouso.

ARACY ALENCAR LEITE – PROFESSORA

Uma pessoa notável essa singular figura! Muito alegre e comunicativa, onde Aracy Leite chegasse o ambiente tornava-se acolhedor e divertido, pois o seu temperamento irrequieto e cheio de "verve", fazia-a o centro das atenções e o prazer daqueles que estivessem em sua companhia.

Além de ser uma ótima professora e bastante dedicada ao magistério, Aracy Leite tinha o dom da oratória. Ela falava muito bem, isto é, com uma incrível facilidade, em qualquer ocasião e onde necessário fosse.

Saudando, em nome do povo, uma cerimoniosa visita à nossa cidade, seja de uma autoridade civil, militar ou eclesiástica, um aniversariante ilustre ou nubentes de um casamento pomposo e, se preciso fosse pronunciava, de improviso, belas e comovidas palavras à beira do túmulo de alguém que merecesse uma homenagem póstuma. As palavras saíam-lhe fáceis em frases bem construídas e de conteúdo inteligente, num improvisado discurso que a todos deixava maravilhados.

Aracy Leite era assim porque nasceu assim: improvisadora de belíssimas orações. Foi casada com o sr. Manoel Carlos e tiveram os filhos,

Carlacy, Carmency e outros. Natural de Conceição, nasceu no "Sítio Alto", em 1909. Filha de João Lopes Leite e Maria de Alencar Leite (dona Marica).

Faleceu na cidade de Piancó, em 1976, mais ou menos.

ASCENDINO LEITE DE FIGUEIREDO

Jornalista e escritor, residia no Rio de Janeiro.

Ex-redator da revista "A Semana". Foi membro da Associação Brasileira de Imprensa. Ocupou o cargo de diretor da "A UNIÃO", órgão oficial do Estado da Paraíba. Publicou as seguintes obras: Minha Cidade, Do Coração para o Coração, Estética do Modernismo e Notas Provincianas.

Casado com Maria Rosa França Leite, tendo os seguintes filhos: Alice, Izolda, Maria das Neves, Lúcio e Vera Lúcia Leite de Figueiredo.

O jornalista Ascendino Leite é filho de Manoel Cândido Leite e de Ana Rodrigues Ramalho de Figueiredo Leite (Caçula Leite).

Obs.: Alguns dados foram coligidos de um livro de Piancó.

BENEDITO CORREIA

Benedito Rodrigues Correia de Melo, filho de Francisco Correia de Melo e de Massonila Rodrigues de Melo, nasceu no antigo povoado de Santa Maria que, na época, pertencia ao município de Conceição e que hoje é o município de Ibiára.

Estudou na cidade do Crato — CE e lá trabalhou como auxiliar de drogaria e farmácia, quando aprendeu a manipular medicamentos, aplicar injeções, fazer curativos e outras práticas clínicas e cirúrgicas.

Durante muitos anos foi o médico e o farmacêutico de boa parte das populações de Santa Maria, Santana e até de Conceição, das quais muitas pessoas antes de uma consulta médica, procurava o sr. Benedito Correia, a fim de ser por ele ouvido, examinado para, após, decidir da absoluta necessidade de procurar um facultativo formado.

Dada sua competência e habilidades incontestáveis, conseguiu minorar muitos sofrimentos e até mesmo salvar muitas vidas.

Foi uma pessoa de grande utilidade para os seus semelhantes, merecendo por isso as mais legítimas honras que se deve prestar a um cidadão de valor.

O sr. Benedito Correia era casado com dona Manoela Rodrigues Ramalho e os seus filhos estão relacionados na genealogia da família Correia de Melo, neste livro.

CELESTINA VALONES – PROFESSORA

Conheci "madrinha Celeste" no ano de 1934, quando eu ainda era criança.

Morena, alta, forte, simpática e bem jovem, embora já mãe de vários filhos. Era dotada de grande inteligência e quando professora particular, sua escolinha funcionava em sua própria residência, na rua da Casa Paroquial.

Alfabetizou dezenas de crianças, distribuindo, à mãos cheias, seus conhecimentos até a adultos.

Foi casada com o sr. Antônio de Souza Valones e dessa união tiveram cinco filhos: Maria das Dores, Antônio Nicácio, Viron Cleto, Maria Bernadete e Xisto Geno.

a) Maria das Dores, professora, casada com o sr. Juvino Xavier, com dois filhos: Ronaldo, médico, e Rejane, professora;
b) Antônio Nicácio, casado com Eunice Cirilo. Houve filhos;
c) Viron Cleto, casado, residente em João Pessoa;
d) Xisto Geno, casado, médico em Bonito — PE.
e) Maria Bernadete, enfermeira e solteira.

Nasceu em 1897 e faleceu em 1936, mais ou menos.

Aqui fica em nome de todos aqueles que receberam de "madrinha Celeste" os seus valiosos ensinamentos nosso voto de louvor e nosso sentimento de eterna gratidão por tudo que nos legou aquela saudosa Mestra.

Com muita justiça, no governo do prefeito Dr. Walter Braga, foi inaugurado um grupo escolar no sítio "Saco de Ingazeira" com o nome de "Celeste Valones".

ELBA RAMALHO

Elba Ramalho é filha de João Nunes de Souza e de Maria Geny Ramalho de Souza. Nasceu em Conceição no dia 17 de agosto de (?).

Infelizmente não sabemos muito de sua trajetória rumo ao estrelato. Sabemos, no entanto, que os seus primeiros estudos foram em João Pessoa, transferidos depois para a cidade de Campina Grande. Já era universitária quando interrompeu os estudos para dedicar-se à vida artística. Elba Ramalho é de família nordestina, sertaneja e preconceituosa e que até hoje vive no Nordeste. Imaginem só o que não teve de enfrentar sozinha, essa moça, para provar a si mesma e a todo mundo, incluvise aos seus parentes e aderentes e ao seu meio provinciano, que ela estava certa em querer sua independência e ser dona do seu destino!

Claro que sua força interior era suficiente, como foi, para levá-la ao estrelato. Acredito, porém, que a sua subida foi das mais difíceis, considerando-se que Elba contava quase que exclusivamente consigo mesma. Mas das pedras do caminho ela fez a sua escada para a glória!

Porque a vida artística era o seu ideal. Ela havia de se integrar ao seu mundo idealístico. Estava absolutamente convencida de que o seu futuro era a música, o canto, a dança, o teatro, enfim, ela queria incorporar-se à arte. Somente através dela poderia "encontrar-se" e ocupar, por direito, o seu lugar ao sol. O lugar que Elba conquistaria por vocação, índole, talento e convicção. É com admiração e respeito que falo dessas invulgares pessoas! Elas são realmente merecedoras de aplausos e congratulações. Uma conquista da inteligência, força de vontade, perseverança, talento e destemor. Esse conjunto de virtudes posto a serviço de um objetivo, leva as pessoas a vencerem na vida. Foi o que aconteceu com Elba Ramalho, pessoa que ainda não tive o prazer de conhecer pessoalmente.

Depois de trabalhar nas artes pelo Nordeste, decidiu Elba ir para o Rio de Janeiro onde fez teatro. Mas foi na música popular como "Alegria" e "Banho de Cheiro" que se consagrou definitivamente.

Os seus sucessos são muitos no Brasil e também no exterior. Talento não lhe falta! É alegre, envolvente, tem graça e sabe, como poucos, conquistar uma platéia por mais sisuda que seja. Sua personalidade é transbordante de alegria. Sua voz é diferente e gostosa de ouvir.

Se Conceição é vaidosa de seus filhos, como dizem, tem lá suas razões! Tem ou não tem? . . .

EUNICE MOURA – PROFESSORA

Diplomada pela Escola Normal N. Sra. de Lourdes, em Cajazeiras, deste Estado, no dia 21 de novembro de 1934. Ocupou sua primeira cadeira no Grupo Escolar Rio Branco, na cidade de Patos, entre os anos de 1935 e 1936.

Teve sua segunda cadeira no Grupo Escolar José Leite, em Conceição, no ano de 1937. Nesse educandário continuou lecionando até o ano de 1949 quando foi transferida para o Grupo Escolar Coriolano de Medeiros, da cidade de Patos, onde em 1958 se aposentou.

A professora Eunice Rodrigues Moura casou-se com o sr. Afonso Kherle Filho, de naturalidade alemã, este em seguidas núpcias.

"Seu" Afonso foi comerciante e ex-avaliador do Banco do Brasil S/A. e também prefeito de Ibiára, em 1977. No ano de 1979, o sr. Afonso Kherle Filho faleceu no Recife, tendo sido sepultado em Ibiára.

O casal Eunice e Afonso Kherle teve uma grande prole e conforme sua genealogia neste livro pode-se constatar que muito se empenhou para dar aos seus filhos ótima educação e lúcida orientação através do exemplo de perseverança no trabalho construtivo e honesto, o que sempre norteou a vida desse simpático e prestativo casal.

A professora Eunice Moura Kherle, nome de casada, nasceu no município de Conceição, é filha de José Otaviano de Moura e de Francisca Rodrigues Moura.

Ao seu Afonso Kherle nossas saudades e à professora Eunice Moura nossas singelas homenagens.

FRANCISCO DE OLIVEIRA BRAGA

Nasceu Francisco de Oliveira Braga, "seu Braga" como é mais conhecido, no dia 14 de novembro de 1904, em Inhamuns, pertencente ao município de Jucá – CE. Chegou à Conceição em 1923, após ter concluído o 1º grau na cidade de Barbalha.

Para nossa cidade fora trazido pelo senhor Joel Ramalho de Alencar, que era comerciante e sócio de José Dantas numa loja de tecidos e miudezas. Com a dissolução dessa sociedade, foi "seu Braga" trabalhar na loja de Nicolau França.

No ano de 1933 foi nomeado escrivão do único cartório de Conceição. Nessa época era o chefe político da região, o sr. José Leite, Prefeito do nosso município e cunhado do "seu Braga".

No ano de 1935, estando o sr. José Leite bastante doente, sentiu a necessidade de transferir toda a responsabilidade política regional para uma pessoa que pudesse substituí-lo e que possuísse as qualidades indispensáveis ao bom desempenho daquela espinhosa missão.

Então, viu em Francisco de Oliveira Braga o seu substituto ideal, considerando suas excepcionais qualidades de homem honrado, comunicativo e inteligente. A verdade é que "seu Braga" nascera com pendor natural para a política construtiva.

Assim Conceição ganhou um novo guia político, embora ainda continuasse trabalhando no comércio, até que em 1942 foi nomeado pelo então Interventor do nosso Estado, Dr. Rui Carneiro, Prefeito do nosso município.

Como "seu Braga" tem a política no sangue, como se costuma dizer, pela sua capacidade de administrar, pela confiança que sua figura impõe e pela facilidade de fazer amigos, em 1947 candidatou-se à Prefeitura, pela UDN, sendo eleito por grande margem de votos.

Aconteceu que seus opositores (PSD), através de manobras políticas no Rio de Janeiro, conseguiram afastá-lo da Prefeitura após quatro meses de administração, mas, nem por isso, fizeram-no derrotado, pois ele havia sido eleito pelo sufrágio popular e isso era o suficiente para a sua consciência permanecer tranqüila.

No governo de Oswaldo Trigueiro, candidatou-se a deputado estadual, tendo ficado na quinta suplência. Para assumir esse mandato não lhe faltaram oportunidades, porém jamais pretendeu fazê-lo.

Muito trabalhou no sentido de emancipar politicamente o distrito do nosso município, na época, Santana de Mangueira. No dia dois de julho de 1963, no governo de Pedro Gondim, Santana viu-se emancipada. O seu povo reconhecido, querendo prestar uma homenagem de gratidão e confi-

ança ao seu grande amigo e benfeitor, convidou o "seu Braga" a candidatar-se seu primeiro Prefeito, como candidato único. E Santana de Mangueira jamais deixou de ser grata àquele que muito lhe ajudou e, por isso, nunca lhe negou total apoio nas épocas eleitorais.

Em 1974, foi novamente eleito Prefeito de Conceição, administrando o município até 1977. Em 1982 foi reeleito à governança municipal de Conceição e, como é normal acontecer, empreende um ótimo trabalho. (Noutra parte, relação de suas obras).

O senhor Francisco de Oliveira Braga casou-se em primeiras núpcias com dona Francisca Leite Braga (dona Calula) que lhe deixou os seguintes filhos: Walter, médico; Wilson, advogado e nosso atual Governador do Estado; Nice, tabeliã do nosso cartório, e Vany, Deputada Estadual. (Já mencionados em outro local).

Em segundas núpcias, casou-se com a senhora dona Doralice Figueiredo. Não houve filhos.

O sr. Francisco de Oliveira Braga, "seu Braga" e sua família, constituem para a nossa região um valioso patrimônio de probidade, competência e dinamismo por tudo que já fizeram, fazem e continuarão fazendo em benefício de todo o Vale do Piancó.

HOSANA BEZERRA LEITE – PROFESSORA

Foi uma ótima profissional, grande amiga dos seus discípulos e incansável batalhadora pelo progresso de sua terra.

Filha de Manoel Bezerra Leite e de Maria Marrocos Leite, nasceu Hosana em Santana no dia 2 de novembro de 1902.

Professora concursada, foi nomeada pelo governador Gratuliano de Brito, em 11 de abril de 1932, para lecionar no povoado de Santana. Hosana Bezerra Leite foi a primeira professora em Santana e era quem representava sua terra natal em tudo que estivesse ligado à instrução, religião e a sociedade local. Lecionou durante 28 anos, isto é, de 11/4/32 a 11/4/60.

Nesse longo período de magistério, a professora Hosana deu um maravilhoso exemplo de amor, dedicação, competência e zelo na sua nobre missão, a todos que tiveram o privilégio de conhecê-la, principalmente aos seus alunos crianças e adultos. Não havia pessoa interessada a estudar que deixasse de receber as luzes da instrução, tão prodigamente distribuída pela estimada e eficiente mestra. Aqueles que não podiam comparecer às aulas, por motivos justificáveis, Hosana lhes ministrava as lições no período noturno, porém, ninguém ficava sem estudar. Assim, alfabetizou centenas de pessoas.

Era enérgica, disciplinada, mas amiga dos seus alunos. Os filhos de Santana muito têm a agradecer a essa admirável Mestra, por isso, rendendo-lhe uma justa e sincera homenagem póstuma, quando da inauguração da "creche" de Santana, a essa instituição deram o nome de "Creche Hosana Bezerra Leite".

Foi casada com Luiz de Souza Mangueira. Não tiveram filhos.

Faleceu em 18 de julho de 1977.

ISAÍAS RODRIGUES DE SOUZA

"Senhor Rodrigues" como é mais conhecido, é o farmacêutico mais antigo de Ibiára. Quando mais jovem, exercendo a profissão, não havia um só médico na cidade. Senhor Rodrigues além de farmacêutico competente era também habilidoso cirurgião.

Um dos casos, do meu conhecimento, mais importante, satisfatoriamente resolvido por Senhor Rodrigues, aconteceu em 1943, quando o sr. Maurício Rodrigues da Silva, filho do sr. Josino Mariano, no sítio Mamoeiro, foi vítima de uma agressão recebendo uma facada. Disso resultou ficarem expostas três costelas e forte hemorragia. Enquanto um portador, a cavalo, fora às pressas buscar Senhor Rodrigues para atender o ferido, este foi enfaixado e ficara deitado durante umas seis horas aguardando assistência. Quando Senhor Rodrigues chegou já trazia consigo o material necessário para os primeiros socorros e, após os trabalhos assépticos, juntou as partes separadas e as costurou. Em seguida enfaixou o ferimento, receitou os medicamentos desinflamatórios, cicatrizantes e outros que restabelecessem as energias do paciente. A cirurgia fora feita sem anestesia, isto é, "in-natura", dadas as condições precárias do local e da época. Também aconselhou 40 dias de repouso e proibiu qualquer tipo de esforço. A verdade é que o doente ficou restabelecido e vive até hoje. E assim Senhor Rodrigues cuidou de vários casos difíceis, inclusive de partos os mais delicados.

Certa vez aconteceu que Senhor Rodrigues teve de extrair um dente de Odete de Souza Rodrigues, pois também entendia de odontologia. Após a cirurgia e os curativos, recomendou repouso, porém a paciente desobedecendo foi acometida de hemorragia. Senhor Rodrigues socorreu-a com uma injeção de vitamina K, deu um "ponto" no ferimento, refez as recomendações de repouso e cuidados necessários e a paciente ficou boa. Senhor Rodrigues, desde o ano de 1940, foi o farmacêutico, o médico de clínica geral, o cirurgião e o dentista do povo de Ibiára e adjacências. Por isso é venerado, sendo reconhecido como um grande benfeitor dos ibiarenses e demais habitantes da região, não só pelas suas qualidades de profissional competente, mas, principalmente, pelo ser humano que representa. Até hoje Senhor Rodrigues exerce a profissão de farmacêutico prático. Sem ser médico ginecologista, fez até hoje, mais ou menos uns três mil partos durante 32 anos no exercício de parteiro. É filho de Emídio Rodrigues de Souza e de Rosenda Rodrigues de Souza.

Ao Senhor Rodrigues, as nossas homenagens.

JOÃO FAUSTO

João Fausto de Figueiredo, filho de Fausto Miguel de Figueiredo e de Edvirgem de Figueiredo, nasceu em 30 de junho de 1888.

Foi prefeito de Conceição de 1937 a 1940, época do "Estado Novo". Chefe político do Partido Social Democrático (PSD) desde 1945.

Embora, na sua gestão, a prefeitura não dispusesse de uma boa renda orçamentária ou mesmo de verbas suplementares que atendessem a problemas de ordem social, o prefeito João Fausto era bastante esforçado e trabalhador. Dentro das fracas disponibilidades financeiras com as quais contava, mesmo assim muito lutava no sentido de manter a cidade sempre limpa e, além de conservar as estradas, muito se empenhou para manter Conceição sempre com boa aparência, capaz de bem impressionar seu povo e também seus visitantes.

No seu governo foi inaugurada a luz elétrica a motor (à lenha e água) no ano de 1937.

Também muito fez pelo desenvolvimento do ensino e ajudava as escolas particulares, incentivando-as sem lhes cobrar licença para funcionar e auxiliando-as no que lhe fosse possível. Pelejou bastante pelo progresso da nossa terra.

Casado em primeiras núpcias com Maria Mangueira da Costa (irmã de Arsênio Mangueira), não deixaram filhos. Nas segundas núpcias houve filhos.

Faleceu em 23 de julho de 1971.

JOÃO GADELHA DE OLIVEIRA

Nasceu na cidade de Conceição a 19 de março de 1915, sendo filho de Elmira Alves Gadelha e João Galdino de Oliveira.

Forçado pelas circunstâncias num município pobre que não lhe oferecia condições de sobrevivência, João Gadelha viu-se obrigado a emigrar para João Pessoa, deixando sua terra natal, a fim de procurar ajuda de um seu irmão, músico de classe da Banda da Polícia Militar, da capital paraibana.

Assim, ainda bem jovem (16 anos incompletos) ingressou na Polícia Militar em João Pessoa, no ano de 1931.

À custa de muito sacrifício, mas possuidor de um firme caráter e uma férrea determinação de vencer, o adolescente João Gadelha, para exemplo da nossa juventude, enfrentou com desassombro todos os percalços de uma carreira moldada para os fortes.

E venceu, essa é a verdade! Como muita obstinação e através de cursos diversos, sempre trilhando o caminho do irrestrito acatamento às ordens superiores, da lisura e da honradez, nosso conterrâneo galgou todos os postos da hierarquia militar, chegando, ainda moço, ao de coronel. E

nesse posto reformou-se em 1960.

Em se tratando de um cidadão dono de uma longa folha de relevantes serviços prestados à sua Corporação e à comunidade e que sempre mereceu os maiores elogios, admiração e respeito dos colegas e superiores, João Gadelha ocupou muitos cargos de importância, tais como, Assistente Militar de dois Interventores Federais — Rui Carneiro e Serverino Montenegro, em 1940 e 1945; Comandante de Companhia, de Batalhão; Diretor do Departamento de Instrução e, ainda, o elevado cargo de Comandante Geral da Corporação.

Como sempre gozou da credibilidade e da estima das autoridades governamentais, como também do público, diversas vezes ocupou as mais variadas funções de confiança e que exigem, pela natureza, capacidade e talento. Teve também de empregar suas aptidões e a sua inteligência na política sendo eleito vereador e Presidente da Câmara, na capital do Estado.

Ocupou, ainda, o alto cargo de Delegado Especial de Vigilância Geral e Costumes, em João Pessoa, no governo de Pedro Gondim.

Nesse cargo mais uma vez demonstrou sua eficiência, principalmente quando conseguiu controlar, sem violência, a situação de agitação camponesa em grandes extensões de plantio de cana de açúcar, embora, na época, se tivesse a lamentar perdas de vidas preciosas.

Quando da Revolução de março de 1964, esteve perfeitamente integrado à mensagem de renovação moral que esse movimento se propôs cumprir.

Com muito entusiasmo trabalhou na realização de obras indispensáveis às necessidades da Corporação, onde foi um líder, posição, essa, que ainda hoje desfruta.

Na sua vida de militar e homem público, João Gadelha foi nomeado prefeito de Conceição, sua terra natal, o que representou mais uma vitória na sua gloriosa carreira de batalhador incansável.

E com muito brilhantismo ocupou também as prefeituras de Espírito Santo e Piancó, sendo que todas essas gestões se deram durante os anos de 1940 a 1947.

Em decorrência da confiança que as autoridades responsáveis pela administração do Estado depositam em João Gadelha de Oliveira, o nosso biografado desempenhou, por diversas vezes, a função de Delegado Especial na cidade de João Pessoa.

Esteve ainda à frente das seguintes delegacias Especiais da Capital:

Delegacia Especial de Investigações e Capturas (fevereiro e março de 1947);

Delegacia Especial de Trânsito (junho de 1948 a janeiro de 1951; fevereiro de 1956 a janeiro de 1958; março de 1971 a março de 1972);

Delegacia Especial de Vigilância Geral e Costumes (dezembro de 1963 a janeiro de 1964);

Delegacia Especial de Ordem Política, Social e Econômica (dezembro de 1967 a janeiro de 1968);

Delegacia Especial de Polícia Interestadual Polinter (agosto de 1968 a março de 1971).

Conforme acima se vê, o nome de João Gadelha de Oliveira está intimamente ligado a todos os órgãos de segurança da Capital, sendo que num deles, o de Trânsito, esteve três vezes consecutivas, prova cabal de ali haver demonstrado lisura e eficiência no seu desempenho.

Pelo governador Ernani Sátiro foi designado para desempenhar o cargo, em comissão, de Diretor da Divisão de Material e Serviços Gerais do Instituto de Previdência do Estado da Paraíba — IPEP — antigo Montepio. Trata-se de um cargo de elevada importância, o qual João Gadelha ainda exerce com proficiência, isso, há 12 anos.

Casou-se civil e religiosamente em 1942, em João Pessoa, com Nair de Alencar Delgado, filha de Graciliano Targino Delgado e Maria Iracema de Alencar Delgado. Passou ela a chamar-se Nair Delgado Gadelha. Do consórcio nasceram e estão vivos os seguintes filhos:

Ronaldo Delgado Gadelha — Engenheiro Civil
Eliane Delgado Gadelha — Assistente Social
Maria de Fátima Delgado Gadelha — Engenheira Civil
João Gadelha de Oliveira Filho — Curso Superior de Música.

Observação: Apesar de devotado às letras, ao longo de sua vida não se formou, contentando-se com o curso médio obtido nos anos que se seguiram ao seu ingresso na Corporação. É um autodidata familiarizado com os livros de sua preciosa e rica biblioteca, em contato diário com obras de autores nacionais e estrangeiros.

É um vencedor na verdadeira acepção do termo. O seu "curriculum vitae" enobrece qualquer ser humano.

Parabéns João Gadelha!
Parabéns Conceição!

JOSÉ LEITE DE FIGUEIREDO

Foi um grande batalhador pelo ensino, principalmente do 1º grau, o que o fez merecedor da admiração e o respeito de todos aqueles que o conheceram.

José Leite de Figueiredo era filho de Enéias Leite e de Antônia Leite de Figueiredo (Tota), tendo nascido em 1896.

Foi escritor, delegado regional de Conceição e seu prefeito por duas vezes.

Casado em primeiras núpcias com Osminda Ramalho Leite, não tiveram filhos. Em segundas núpcias casou-se com Alaíde Nitão e desse consórcio também não houve filhos.

Faleceu em 1936.

JOSÉ SINVAL GOMES DE SÁ

Formado em Direito e Filosofia pela Universidade do Ceará, em Administração de Empresas e Mestrado em Direito pela Universidade Federal de Brasília. Exerceu o cargo de Promotor Público, no Ceará e também no Estado de Goiás.

Escreveu e publicou os seguintes livros: "Fuga", premiado pela Universidade Federal de Goiás, e ainda, "O Vinagre e a Sede", "O Sanfoneiro do Riacho da Brígida", "Vida e Andanças de Luiz Gonzaga" e "Vila União".

Dr. José Sinval Gomes de Sá é filho do sr. Alfredo Gomes de Sá e de dona Maria da Glória Moura Gomes, tendo nascido a 4 de abril de 1922, em Conceição.

Casado com dona Rizete Guimarães Brito, dessa união tiveram sete filhos: Glória, Inez, Alfredo, Fernando, Vera, Scheila e Paula.

É um conceiçãoense que também muito orgulha sua terra.

LINDOLFO RAMALHO

Lindolfo Rodrigues Ramalho, filho de Maximiano de Souza Ramalho e de Regina Rodrigues Figueiredo Ramalho, nasceu em 1897, no município de Conceição.

Foi professor, poeta e escritor. É autor de "Metempsicoses", "Falenas" e "Nela". É também autor de um hino à Conceição. Foi diretor e proprietário do jornal "Cicerópolis", em Joazeiro do Norte — Ceará.

Estudou na Itália, tendo viajado por diversos países da Europa.

Casou-se com Laura Moreira Ramalho, tendo diversos filhos.

Obs.: Dados extraídos de um livro de Piancó.

LUIZ GOMES VIEIRA (PADRE)

Nasceu o Padre Luiz Gomes Vieira no dia 09 de setembro de 1894, na cidade de Itaporanga — PB. Filho de Sérgio Gomes de Lima e de Juvina Vieira Gomes, ordenou-se em Cajazeiras — Paraíba, em 14 de agosto de 1921, tendo feito o seminário menor e maior, em Fortaleza — Ceará.

Sendo o Padre Luiz Gomes Vieira, recém-ordenado, de temperamento forte e dinâmico, qualidades, essas, reconhecidas pelo então Bispo de Cajazeiras, D. Moizés Coelho, S. Revma. achou por bem colocar o Padre Luiz (como ficou mais conhecido) como vigário da cidade de Patos — PB, e não como coadjutor ou auxiliar de outros vigários como era norma geral fazer-se com os padres recém-ordenados.

Nesta sua primeira Paróquia ele permaneceu de outubro de 1921 a fevereiro de 1923.

A sua segunda Paróquia foi a de N. Sra. dos Remédios da Cidade

de Catolé do Rocha, tendo ali permanecido de 1923 a 1929.

Sua terceira Paróquia foi a de N. Sra. da Conceição, em Conceição, de 1929 a fevereiro de 1939. Aí permaneceu durante 10 anos e esse foi o período mais longo de suas funções sacerdotais numa mesma cidade. Em Conceição, o Padre Luiz, que era de espírito alegre e entusiasta, desenvolveu em sua Paróquia uma atividade extraordinária. Pela sua envolvência e simpatia, tornou-se em pouco tempo um membro dileto de nossa comunidade.

De suas atividades, que foram muitas, destaca-se sua verdadeira devoção ao Apostolado da Oração (A.O.) realizadas nas primeiras sextas-feiras de cada mês. Nesses dias, a cidade ficava apinhada de gente que acorria de todos os lados e junto à Igreja e ao Padre Luiz, procurava a paz e a fraternidade na Sagrada Eucaristia.

A todos atendia em confissão auricular e sozinho distribuía a sagrada comunhão a centenas de fiéis porque, naquela época, não era permitido a um leigo ajudar naquele ritual.

Quarta Paróquia: em São José de Piranhas, de 1939/41;

Quinta Paróquia: em Bonito de Santa Fé, de 1941/48;

Sexta Paróquia: em Pombal de 1949/50.

Nesta época o Padre Luiz Gomes Vieira já se encontrava atacado de leucemia, mal incurável, que o debilitou bastante, fazendo do seu porte alto, forte, de homem sertanejo e dinâmico, um ser fraco e abatido pela insidiosa e irremediável moléstia.

Já sem forças para exercer seus sagrados misteres sacerdotais, inclusive viajar pela Paróquia a fim de dar assistência espiritual aos seus paroquianos e já com 31 anos de apostolado, foi, pela primeira vez colocado como vigário-coadjutor na Paróquia de Coremas. Cumpria-se determinação do sr. Bispo, D. João da Mata Amaral, que considerou o estado de saúde daquele leal e abnegado servidor da Igreja.

Coremas foi a sua sétima e última Paróquia. Enquanto sua doença ia se agravando, ele muito lutava para prolongar uma vida que tanto amava! Em Recife, onde buscava melhor assistência médica, veio a falecer no dia 30 de setembro de 1952, aos 58 anos de idade.

Padre humilde, popular e amigo dos seus paroquianos. Jamais deixou de ir ao encontro daqueles que dele necessitassem para o conforto moral, a confissão ou a extrema-unção, mesmo tendo de viajar a cavalo enfrentando os mais difíceis caminhos, visto não haver rodovia para acesso de automóveis.

Muito amigo da família, principalmente dos seus sobrinhos, filhos da sua única irmã Clara, a eles dedicou todo o seu empenho para lhes dar educação e instrução. Seu coração era feito de amor e humildade. Jamais deixou de perdoar a quem o feria e costumava dizer que "sua matéria envelhecia, porém a sua alma permanecia sempre jovem".

Que descanse na paz de Cristo!

MANOEL OTAVIANO DE MOURA LIMA (PADRE)

Padre Otaviano, como era mais conhecido, nasceu na Fazenda Cachoeirinha, hoje município de Ibiára, em 27 de abril de 1879.

Fez o curso de seminário quase completo na Paraíba, antiga capital do Estado da Paraíba. Concluiu o último ano desse curso em Terezina, capital do Piauí. Havia sido transferido para Terezina com alguns dos seus colegas a fim de fundarem um seminário.

Em 25 de dezembro de 1910, ordenou-se naquela capital e nesse mesmo Estado serviu como vigário na cidade de Dom Pedro.

No ano de 1911 voltou à Santa Maria, sua terra natal, hoje Ibiára.

Sua primeira paróquia foi Piancó, depois Conceição, isso no ano de 1920.

Voltou a servir como vigário em Piancó, depois Catolé do Rocha e, finalmente, voltou a Piancó na década de 40.

Além dos seus múltiplos afazeres como sacerdote, abraçou também a carreira literária. Com bastante cultura e enorme acervo de conhecimentos adquiridos através da vivência por longos anos, não só na região nordestina, mas também em outras regiões do Brasil, deixou publicados os seguintes livros: "Mestre Mundo", drama em quatro atos; "Tomaz Cajueiro", "Chefe Político"; "Emboscada do Destino" e "Mártires do Piancó" (reeditado em 1978 com o título "Coluna Prestes"), romances. Essa última obra teve a finalidade de esclarecer melhor às populações do Sul, principalmente ao povo do Rio de Janeiro, sobre quais os objetivos e os movimentos da marcha da "Coluna Prestes". Deixou no prelo "Os Município de Conceição e Ibiára" aguardando publicação.

Todas essas obras, segundo afirmam pessoas bem credenciadas, são de grande valor cultural e informativo. Os vastos conhecimentos de um espírito inteligente e observador, relatam em linguagem escorreita, não somente as fraquezas e as virtudes da gente brasileira, como também oferecem uma rica panorâmica da nossa região. Seu estilo é cativante e moderado.

O padre Otaviano lecionou, por muitos anos, Latim e Português, sendo ótimo professor. Tinha o dom da palavra, sendo por isso, magnífico orador. Foi membro da Academia de Letras da Paraíba.

Seus pais eram: Antônio Antímio de Moura Lima e Maria Vieira de Magalhães. Foi vigário de Piancó, durante longo tempo e ali completou 40 anos de paroquiato, falecendo em 11 de abril de 1965.

MARIA DOLORES RAMALHO LEITE (PROFESSORA)

Nasceu em Conceição em 17 de março de 1913.

Filha de João Batista Pinto Ramalho e de Dionísia Rodrigues Ramalho.

Diplomou-se pelo Colégio Na. Sra. de Lourdes, da cidade de Cajazeiras — PB, no ano de 1932.

Começou a lecionar no Grupo Escolar da cidade de Princesa Izabel, em 1933, quando foi nomeada pelo Governador Dr. Álvaro de Carvalho.

Em 1936 foi transferida para lecionar no Grupo Escolar "José Leite", em Conceição, onde também exerceu por alguns anos o cargo de diretora. Aposentou-se em 1959.

Foi casada com Antônio Rodrigues Leite e dessa união tiveram uma filha, a professora Maria Auxiliadora Rodrigues Leite, já mencionada na genealogia.

Com sua competência e muita assiduidade na sua nobre função, Dolores é grande credora da gratidão do povo conceiçãoense.

Faleceu no dia 24 de novembro de 1972.

MARIA LEITE (PROFESSORA)

Maria Leite de Souza, nasceu em Conceição, filha de Maximiano Alves da Silva e de Benônia de Souza Leite.

Professora diplomada pelo Colégio Imaculada Conceição, da cidade de Fortaleza — CE, em 28 de novembro de 1929, iniciou sua caminhada pela vida em pró da educação da juventude pelas estradas do nosso sertão.

Em 03 de maio de 1930, foi nomeada professora primária municipal do "Instituto São Luiz", da cidade de Cajazeiras, conceituado educandário dirigido pelo professor Hildebrando Leal, dono de uma grande vocação e competência para o magistério. Ingressou no serviço público estadual em 19 de janeiro de 1933, quando foi nomeada professora da cadeira elementar, do sexo masculino, de Misericórdia (Itaporanga), por portaria do sr. Interventor Federal, Gratuliano da Costa Brito.

Em 17 de fevereiro de 1934 foi removida para idênticas funções na cadeira de igual categoria do sexo feminino de Conceição, por ato do Interventor Federal Argemiro de Figueiredo.

Em 17 de janeiro de 1938, por portaria do sr. Interventor Federal Argemiro de Figueiredo, foi nomeada para exercer o cargo de Professor-Diretor de segunda Categoria — Padrão H, do Grupo Escolar "José Leite", de Conceição.

Em 1º de março de 1939, designada por portaria do sr. Interventor Federal, Argemiro de Figueiredo, para prestar serviços ao Museu do Departamento de Educação.

Em 25 de agosto de 1939, foi designada pelo Diretor do Departamento de Educação para dirigir os serviços de Estatística Educacional do mesmo Departamento.

Em 31 de janeiro de 1941, foi posta à disposição do Departamento Administrativo do Estado, por ato do Interventor sr. Rui Carneiro.

Em 17 de junho de 1941, passou a prestar serviços na Escola de Aplicação da Capital, por ato do Diretor do Departamento de Educação.

Em 18 de julho de 1942, designada pelo Interventor Federal, sr. Samuel Duarte, para exercer a função gratificada de Diretora do Jardim da Infância da Escola de Aplicação da Capital.

Em 05 de maio de 1943, foi determinada por ato do sr. Interventor Rui Carneiro, para exercer a função de Assistente do Diretor do Instituto de Educação, lotado no Jardim da Infância da Capital.

Em 20 de maio de 1954, foi indicada por ato do Governador João Fernandes de Lima, para efetuar um estágio na Escola Experimental de Pernambuco, sem ônus para o Estado.

Em 31 de agosto de 1960, é nomeada por ato do Governador João Fernandes de Lima, para exercer em caráter efetivo o cargo de Nutricionista — Padrão R, do Quadro Permanente do Estado, com Lotação fixada no Departamento de Educação (1).

Em setembro de 1961, aposentada no cargo de "Nutricionista", Padrão R, do Quadro Permanente do Estado, por ato do sr. Governador Pedro Moreno Gondim.

Maria Leite de Souza, casada com o sr. Pedro Targino da Costa Teixeira, passou a se chamar: Maria Leite Targino.

Filhos: já mencionados. (Ver família SOUZA LEITE).

Pela excepcional educadora que foi, Maria Leite Targino merece ocupar, sem nenhum favor, um lugar de destaque no reconhecimento inteligente e justo de todas as pessoas que a conhecem e, principalmente, daquelas que tiveram o privilégio de usufruir dos seus ensinamentos.

MARIA PEREIRA FRADE (PROFESSORA)

Nasceu em Conceição, em 9 de novembro de 1911.

Filha de José Pereira Frade e Emília Pereira Frade, diplomou-se normalista pelo Colégio N. Sra. de Lourdes, em Cajazeiras — PB, no ano de 1930.

Como professora lecionou nas cidades de Conceição, Antenor Navarro e Catolé do Rocha — PB.

Em 1938, lecionava no Grupo Escolar "José Leite" em Conceição. Em seu convívio nos foi possível avaliar e admirar o quanto Maria Frade representava como professora e criatura humana.

---

(1) A carreira de nutricionista é, atualmente, de nível superior, mas naquela época era de nível médio, razão porque a professora Maria Leite pôde ser aproveitada no referido cargo.

Foi excelente mestra, psicóloga por natureza e, por isso, sabia cativar a veneração dos seus alunos, dos quais sempre foi uma verdadeira amiga. Também essa mesma auréola de admiração e respeito lhe era dada pelas suas colegas de magistério. Além de competente em outras matérias de sua especialidade, a professora Maria Frade se destacava principalmente em aritmética e desenho, o que denota os traços marcantes de sua personalidade: inteligência e sensibilidade.

Lecionou mais de 30 anos e aposentou-se na década de 1960.

Foi casada com Salustiano Leite (Bindo) e desse consórcio houve um filho, já mencionado na genealogia deste livro.

Faleceu em 27 de maio de 1980.

NELSON LOPES RIBEIRO LIMA

Filho de Laurentino Ferreira Lima e de Rosa Ribeiro Lopes, nasceu em Santana de Mangueira, no dia 4 de janeiro de 1917.

Fez o curso primário em Conceição e o 2º grau em Recife – PE. Bacharelou-se em Direito, em 20 de dezembro de 1947, pela Universidade Federal de Pernambuco. Nomeado Escrivão de Polícia do Município de Conceição – Paraíba, no ano de 1931, quando era auxiliar do comércio e no ano de 1940 foi nomeado secretário da Prefeitura: em 1952 foi eleito Prefeito de Conceição e ainda no Governo Osvaldo Trigueiro, Prefeito de Piancó, para apaziguar ânimos políticos.

Em 1948, ingressou como advogado, designado pelo Juiz, para defender os necessitados na Justiça. Em 1955, no mês de novembro, assumiu o exercício de Juiz de Direito da Comarca de Petrolândia – PE, sendo promovido, por merecimento, em 1960, para a Comarca de Sertânia – PE. No ano de 1965, foi, por merecimento, promovido para a Comarca de Caruaru – PE e removido para a Comarca do Recife, no ano de 1966, para a 28ª Vara. Em novembro do mesmo ano, foi removido para a Vara Privativa de Menores Abandonados e Infratores, onde ainda permanece.

Na qualidade de Juiz, construiu e fundou a Casa do Menor Sebastião Lafaiete, em Sertânia, tomou parte em vários congressos de Juízes de Menores no País e, em 1974, integrou o congresso realizado em Oxford – Inglaterra, sobre proteção, assistência e vigilância a menores, com a participação de representantes de vários países. Visitou países da Europa, África, Oriente Médio, América do Sul, América do Norte, inclusive o Canadá, bem como o Japão, China, Tailândia e Singapura, em busca de conhecimentos para melhor assistência e proteção ao menor.

Atualmente está lecionando "Direito do Menor", na Faculdade de Direito de Olinda – PE.

É casado com Norma Serêjo Ribeiro e têm os seguintes filhos:

Norson, Nelma, Norma Temis, Nelson, Nirva Rosa, Nidja, Niria Liz e Nirle Nadja.

Nelson Ribeiro alcançou destacadas posições na vida pública, principalmente, graças a sua inteligência, força de vontade, perseverança e ao proverbial amor aos livros.

Um belíssimo exemplo para a atual e as futuras gerações.

NICOLAU LEITE (PADRE)

Natural do município de Conceição, nasceu o Pe. Nicolau Leite no sítio "Maria Soares", no dia 24 de dezembro de 1886. Filho de Raimundo José dos Santos e de Maria de Souza Leite, Pe. Nicolau ordenou-se no seminário da Paraíba, no ano de 1915.

Cumpriu com muita dignidade a sua sacrificada missão de pastor e com bastante humildade e fé soube trilhar o penoso caminho do apostolado de Cristo.

Como vigário serviu a diversas paróquias. Querido filho de Conceição, serviu a sua Igreja em dois períodos – quando se ordenou e também na época da reconstrução da nossa Matriz, no ano de 1942, mais ou menos.

Foi vigário nas cidades de Itaporanga, São José de Piranhas, Bonito de Santa Fé e Patos, na Paraíba; em Araripe e Campos Sales, no Ceará; Ouricuri, Novo Exu, Salgueiro e Petrolina, em Pernambuco. Foi Jatobá, na Paraíba, a última paróquia onde o Pe. Nicolau Leite, já bem idoso e cansado, serviu ao seu último rebanho na esperança de encaminhá-lo na estrada da fé, da esperança e da Cristandade.

Nessa paróquia de Jatobá, Pe. Nicolau Leite construiu uma capela a Nossa Senhora de Fátima, num lugarejo denominado "Ave Maria". Essa capela foi edificada sobre uma serra. Junto a ela, Padre Nicolau Leite construiu uma casa paroquial e também um pequeno colégio. Através de coletas (esmolas) entre seus paroquianos conseguiu diplomar como professoras primárias diversas jovens. Assim, muitas crianças pobres e carentes tiveram oportunidade de receber instrução e orientação religiosa no colégio instituído pelo Pe. Nicolau Leite.

Esse educandário, dada a sua fama e prestígio, muito colaborou com o desenvolvimento educacional e cultural da população jatobaense.

No lugarejo Ave Maria, município de Jatobá, o Padre Nicolau trabalhou com dedicação e amor durante 15 anos.

A 18 de janeiro de 1969, veio a falecer já com avançada idade, sendo sepultado na capela N. Sra. de Fátima que por ele fora construída com a ajuda dos seus amados paroquianos.

Ali descansa em paz consigo mesmo e em Cristo.

Dr. NICOLAU RODRIGUES DOS SANTOS FRANÇA LEITE

Era casado com Delfina de França Leite. Sabemos que o seu casamento deu-se em Recife e que dele tiveram filhos. Dos seus filhos, sabemos que um deles foi morto pelos índios numa colônia por ele fundada no Espírito Santo, onde perdeu grande parte da sua fortuna. Dois outros dos seus filhos ficaram em Conceição. Um deles é João Rodrigues França Leite e o outro é o pai de Abília e Euclides França Leite, cujo nome desconhecemos. Fala-se de um outro neto do Dr. França Leite, advogado no Rio de Janeiro, casado e com filhos.

Em Conceição moravam seus netos: Abília e Euclides (Curota). João Rodrigues França Leite, casado com Maria Silva Leite, também tinha filhos, os quais estão mencionados na genealogia da família FRANÇA LEITE.

Sobre o biografado, escreve o Blacke Dicionário Bibliográfico, vol. VI, pág. 314: "Nicolau Rodrigues dos Santos de França Leite, filho do Cap. João Rodrigues dos Santos de França Leite e de dona Isabel Ferreira Leite, nasceu a 7 de abril de 1803, no Piancó, província da Paraíba e falecido a 6 de julho de 1867, na cidade do Rio de Janeiro. Doutor em Ciências Sociais e Jurídicas pela Academia de Olinda, patriota e dos mais destacados membros do Partido Liberal, promovia, algumas vezes, reuniões políticas clandestinas na sua chácara da Floresta, localizada à rua da Ajuda, onde, além de outros ajustes, arquitetou o plano que falhou de um "golpe de estado", em 23 de julho de 1832. Eleito deputado por sua província, perdeu o seu mandato com a dissolução da Assembléia Legislativa em 1842 e a 3 de julho desse mesmo ano foi, com outros companheiros, exilado para Portugal em decorrência de suas atividades político-libertárias oriundas de movimentos similares em São Paulo e Minas Gerais. Quando o Dr. França Leite retornou ao Império no ano de 1845, conseguiu eleger-se deputado às 6ª e 7ª legislaturas. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Dentre seus trabalhos como jurista, escreveu: "Formulário para uso dos Juízes de Paz do Império do Brasil" — Rio de Janeiro, 1834, in 8; "Circular dirigida ao Corpo Eleitoral do 3º Distrito da Província do Rio de Janeiro, Niterói, 1863, 140 pgs. in 8; Considerações sobre a Constituição do Império do Brasil" — Rio de Janeiro, 1866, 310 págs. in 8. Esse seu último livro foi publicado em 1892 por um dos seus filhos e dele consta que Dom Pedro II possuía o original.

Comenta-se entre seus parentes que o Dr. Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, teria sido Ministro no Segundo Império.

NITÃO MANGUEIRA

Antônio de Souza Nitão (Nitão Mangueira), filho de Ormicindo Belarmindo de Souza e de Sidônia Mangueira de Souza, nasceu a 23 de

agosto de 1902, no sítio "Roça Grande", hoje pertencente ao município de Santana de Mangueira.

Foi agricultor, criador, comerciante e político. Também foi suplente de delegado do povoado de Santana, nomeado em 1930, na gestão do prefeito de Conceição, sr. José Leite de Figueiredo, durante 14 anos.

Na política, foi vereador pela União Democrática Nacional (UDN), na administração do prefeito Unias Leite Ramalho, no ano de 1948. Apresentou um projeto de lei que propunha a retirada dos currais de gado ovino e caprino do centro da então Vila de Santana, afastando-os um km de distância, a fim de preservar a saúde da comunidade e, ao mesmo tempo, dar uma melhor aparência ao núcleo principal da Vila. Claro que esse projeto foi aprovado e tornado lei sem mais delongas.

Como comerciante não obteve grande sucesso. Sua maior renda provinha mesmo da agricultura e da pecuária, isto é, de um trabalho mais diretamente ligado à produção. Começou vendendo cereais e também instalou farmácia que teve o nome de Drogaria Mangueira, pois obedecendo ao seu temperamento e vocação, gostava de ser mais útil à população nos seus problemas de saúde. Só trabalhava com medicamentos estritamente necessários e mais imediatos da assistência farmacêutica à comunidade. Eram vermífugos, fortificantes, analgésicos, água oxigenada, esparadrapo, iôdo, algodão, antibióticos, vitaminas, etc. Só vendia algum antibiótico ou aplicava injeções com receita médica. Tinha como auxiliar, Maria Mangueira Nitão que fazia curativos e também aplicava injeções.

Era muito honesto e escrupuloso em todas as funções que exercia. Muito trabalhou em benefício de Santana e, por isso, sempre foi estimado e respeitado por todas as pessoas que dele se aproximaram.

Foi casado com Ana de Souza Diniz (Siana) e tiveram os seguintes filhos: Francisco (Ademar), Dorgival, Francisco Dulcimar, Demócrito, Expedita, Olívia, Hilda, Francisca Maria e Terezinha Mangueira Nitão.

Legou um belo patrimônio moral constituído de exemplos de honestidade e trabalho e, ainda, para os parentes e amigos a lembrança de lealdade, firmeza de caráter e de prestativa amizade, pois jamais deixou de atender quaisquer solicitações que ajudassem aos seus semelhantes.

Seu falecimento deu-se a 12 de junho de 1976.

PEDRO SOARES NUTO

Pedro Soares Nuto, nascido na cidade de Conceição — PB em 13/05/1925, é filho de Antônio Soares de Sousa e Maria Furtado de Lacerda.

Formado em Direito pela Faculdade Autônoma de João Pessoa, no ano de 1978.

Casado com dona Francisca Dolores Soares, tem cinco filhos: Dr. João Batista Soares — Médico, casado com a Dra. Ivanilda de Souza Soares

— médica; Dra. Rita Maria do Socorro Soares — médica, casada com o Dr. Édson Franco — médico, residentes na cidade de Campinas — São Paulo; Dr. José Homero Soares — médico, residente em São Paulo; Dr. Pedro Soares Filho — engenheiro civil e funcionário do Banco do Brasil, casado com Luíza Soares Ribeiro, acadêmica de medicina, e Catarina Maria Soares — estudante.

Cargos públicos que exerceu:

— Escriturário, tesoureiro e secretário da Prefeitura de Conceição;
— Adjunto de Promotor Público da comarca de Conceição;
— Coletor estadual em: Itaporanga, Pombal, Sousa, Patos e Conceição;
— Diretor da Recebedoria de Rendas de João Pessoa — PB;
— Inspetor Fiscal da Secretaria das Finanças — Sede em João Pessoa — PB;
— Presidente da Loteria do Estado da Paraíba;
— Assessor do Conselho de Contribuintes da Secretaria de Finanças — PB;
— Coordenador do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Atualmente é aposentado no cargo de Inspetor Fiscal das Finanças, da Secretaria de Finanças do Estado da Paraíba.

Eis aí o "curriculum vitae" de um cidadão que dignifica e engrandece o ser humano! Deu magníficos exemplos de força de vontade, perseverança, capacidade, retidão e muita "raça".

Vejam o que fez para os filhos! Todos muito bem encaminhados na vida porque souberam seguir do pai os passos firmes, desassombrados e sempre em ascensão em busca de mais altas posições na difícil escalada social.

Bacharelou-se aos 53 anos de idade!

Claro que todos os encômios e louros da vitória num justo reconhecimento do seu valor não lhe pertencem isoladamente. Todo esse acêrvo de glórias, naturalmente, devem ser compartilhados com outra lutadora de muito valor, a dona Francisca Dolores Soares, sua digníssima esposa.

Felizes os filhos que têm ou tiveram pais da qualidade de Pedro Soares Nuto e Francisca Dolores Soares!

Que a vida desse casal seja bem longa e um modelo para as pessoas inteligentes e bem intencionadas.

Conceição deve sentir-se orgulhosa!

ROLDÃO MANGUEIRA DE FIGUEIREDO

Nasceu no sítio Capueiras, município de Conceição, no vale do Piancó, alto sertão paraibano, a 5 de março de 1905. Filho de João Mangueira de Sousa e de Maria Arruda de Figueiredo que eram prósperos agricultores na região.

Na sua infância e adolescência, Roldão Mangueira viveu em companhia dos pais, trabalhando com eles na roça e deles recebendo formação

religiosa católica. Seu primeiro emprego foi na construção do açude de Coremas, sertão paraibano.

Em 1924 mudou-se para Maurity — CE, onde estabeleceu-se como comerciante autônomo. Seis anos depois volta à sua terra natal onde algum tempo permaneceu cuidando de política. Devido ao seu espírito liberal, combativo e irrequieto, na política não pôde continuar e resolveu, então, trabalhar como chefe de tropas de burros que fazia o percurso entre Conceição e Missão Velha, no Ceará, na difícil tarefa de comerciante ambulante.

Após, decidiu fixar residência em Conceição com o ativo comércio de algodão e peles. Em seguida, estabelece-se, em retorno, no Ceará (Fortaleza) com o transporte da cera de carnaúba entre Sobral e Fortaleza. Teve também um caminhão de duas cabines (!) para transporte de passageiros e mercadorias entre Conceição e Patos. Teve ainda um ônibus numa linha regular ligando várias cidades do sertão. Depois já considerado comerciante bem sucedido, resolve transferir-se para Campina Grande como corretor e comissário de algodão. Também teve um automóvel-táxi na única praça existente em Campina Grande.

Em 1939 resolve trazer do sertão a sua família, a fim de proporcionar educação aos filhos e desenvolver ainda mais seus negócios de algodão, mamona e caroá, como comprador e exportador desses produtos, em larga escala. Chegou a assumir a liderança no seu ramo de negócios, sendo o maior exportador nordestino das suas mercadorias.

Nas suas idas ao Rio de Janeiro teve contatos e amizades com ilustres próceres políticos, desde ministros da Fazenda e até com o Presidente Kubitschek.

Em 1955 inicia a desativação dos seus negócios, chegando a encerrá-los em 1960.

Roldão Mangueira apesar de dizer-se católico e acreditar nessa religião, costumava freqüentar centros espíritas. Fez muitas doações para templos católicos, como relógios para torres de igrejas, vitrais, conjuntos de sinos, etc. Dono de um patrimônio razoável, nessa época, passou a viver de rendas. Daí inicia o que ele chamava de "sua missão religiosa" que culminaria com a criação da Casa de Caridade Jesus no Horto, em 23/8/77. Para essa entidade já havia, desde 1970, doado terreno onde foi edificado um templo no bairro do Quarenta, à rua Santa Rita — Campina Grande.

Até o dia da sua morte, liderou os adeptos de sua seita religiosa que era um misto de catolicismo e espiritismo. Ele e seus seguidores ficaram cognominados "Borboletas Azuis", talvez pelas vestes que eram azuis e brancas.

Acreditamos que Roldão Mangueira, pelo espírito criativo que possuía, pela honestidade do seu coração, quisesse, através da sua seita, fazer o bem ao seu semelhante. Estava convencido de ser um apóstolo de Cristo. Sua única intenção era servir e nunca servir-se, pois durante to-

da sua atividade mística-religiosa somente ajudou espiritual e materialmente a quem o procurasse aflito e nunca de ninguém recebeu para si qualquer tipo de bem material.

Roldão Mangueira de Figueiredo era um homem simples, trabalhador, honesto, bom chefe de família, espírito irrequieto e carismático. Era casado com Antônia Furtado de Figueiredo e deixou os seguintes filhos: João, Natalice, Maria Naide, José, Maria (Neli), Hilda (Tiêta), Irenilde e Waldomiro.

Observação: *Os dados dessa resumida biografia de Roldão Mangueira, foram extraídos de um trabalho elaborado para concorrer ao prêmio SILVIO ROMERO, intitulado "Os Borboletas Azuis" — Chico Chão — junho de 1983 — Campina Grande — Paraíba.*

Nota da autora: *Deixo aqui consignada a minha gratidão pela acolhida amiga e generosa que me foi dispensada pelo Sr. Roldão Mangueira, dona Antônia, sua esposa, e pelos seus filhos, quando da minha estada em sua casa durante alguns anos, por ocasião dos meus estudos no Colégio das Damas Cristãs em Campina Grande — PB.*

Dr. WILSON LEITE BRAGA

Quem se dispõe a biografar alguém cheio de vitalidade e entusiasmo, com ativa participação e integração na vida pública, que continua trabalhando ininterruptamente pelo progresso e bem-estar do seu povo, deve saber que é tarefa bem difícil. Principalmente numa fase de transição política, econômica e social que o Brasil atravessa.

Quem se dispõe a biografar Wilson Leite Braga, atual governador do nosso Estado, precisa conhecer bem de perto o ser humano e o homem público que ele é. Por isso não quero, porque o conheço, me deixar enlear pelo facciosismo e emoção de regionalista, enveredando-me pelos descaminhos bajulatórios e inconseqüentes.

Quero dizer o que sei sobre Wilson Braga, desde muitos anos e que todos os conceiçãoenses também sabem. É ele idealista inato. Atavismo? Persiste firme na luta, consciente e crente nas viabilidades de uma região carente dos mais indispensáveis meios de desenvolvimento. E, ainda, do elemento natural e imprescindível que é a água, o qual, em certos períodos, escasseia nos sertões nordestinos. E este fenômeno climático provoca os mais graves problemas administrativos e sociais, como já sabemos.

O Governador Wilson Braga é deveras sensível ao bem-estar e à tranqüilidade de um vasto aglomerado humano, numa região tão afastada do Poder Central e, por isso mesmo, muitas vezes esquecida pelos pró-homens que decidem do destino da população do nosso País. O nosso homem público não poderia fugir às suas origens.

Plasmado num ambiente que lhe proporcionou uma consciente perspectiva da necessidade de muito empenho e coragem para, pelo menos, atenuar os sofrimentos de um povo estigmatizado pelo corolário inevitável das secas.

Em Wilson, o humanista e o dinâmico homem público se confundem. Então falemos resumidamente da sua vida estudantil e, concomitantemente, do político na sua rápida trajetória ascensional.

Fez seu curso primário no Grupo Escolar José Leite, em Conceição, e o secundário na cidade de Patos, se não nos enganamos. Sua vocação natural de líder inconteste na difícil arte de politicar construtivamente, manifestou-se-lhe desde os tempos de universitário, quando passou pela Casa do Estudante, em João Pessoa. Bacharelou-se em Direito e, em seguida, elegeu-se Deputado Estadual pela UDN, em 1963.

Na Assembléia Legislativa, sobressaiu-se como brilhante parlamentar, presidindo a Comissão de Finanças, ocupando o cargo de Vice-Presidente e, por várias vezes, de Presidente daquela Casa de representação popular. Em 1967 foi eleito Deputado Federal, após três legislaturas na Câmara dos Deputados da Paraíba, tendo, com proficiência, integrado a representação paraibana no Congresso Nacional.

Na Câmara Federal ocupou muitos cargos de relevância, tais como:
Coordenador Geral das Bancadas da Arena (1970/73);
Relator do Grupo Agricultura da COCENE (1971);
Organizador e presidente do I Seminário de Direito do Trabalho;
Presidente da Comissão de Trabalho e Legislação Social (1971/72/75/76);
Presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito das Substâncias Alucinógenas (1973/74);
Presidente das Comissões Mistas sobre o Projeto nº 5/73 e Lei-complementar nº 12/73;
Representante da Câmara Federal à XV Reunião da Organização Internacional do Trabalho (Genebra) e ao V Congresso Nacional dos Institutos de Previdência Estaduais (Porto Alegre);
Debatedor Oficial do Seminário "O Homem e o Campo";
Expositor do tema "Previdência Social Rural";

Publicou diversos trabalhos de natureza legislativa e de estudo dos nossos problemas sócio-econômicos.

Na sua ascenção aos mais altos cargos da vida pública, o Deputado Federal Wilson Braga assumiu a primeira Secretaria da Câmara dos Deputados, sendo em seguida convocado pelo seu partido, o PDS, por unanimidade, para disputar, em eleições diretas, o mais alto posto do executivo paraibano, isto é, o de Governador do Estado.

Em 15 de novembro de 1982, em sufrágio direto, WILSON LEITE BRAGA teve a mais espetacular vitória popular que definitivamente consagra o homem público, cujo acontecimento foi ímpar na nossa história político-eleitoral. Assim, assumiu a governança do Estado da Paraíba, o mais ilustre filho de Conceição, em 15 de fevereiro de 1983.

O nosso atual Governador é filho de Francisco de Oliveira Braga (ver sua biografia) e de Francisca Leite Braga. Nasceu a 18 de julho de 1931, em Conceição — PB. É casado com dona Lúcia Navarro Braga e tem 2 filhos: Marcelo e Patrícia.

COSTUMES

ALIMENTAÇÃO NORDESTINA
Hábitos alimentares e comidas mais usadas

Em nossa Conceição, nos tempos mais antigos, se faziam as seguintes refeições:

Logo bem cedinho era servido o café da manhã. Às 9 horas — almoço; ao meio-dia — jantar; às 15 horas — merenda, e às 18 horas — ceia. Eram, portanto, cinco refeições.

O café da manhã constituía-se de café com leite, pão com manteiga. Os ricos acrescentavam: queijo, frutas, bolos. Os pobres tomavam café com tapioca ou cuscus ou bolo de milho.

No almoço e no jantar serviam-se comumente feijão, arroz, angu, carnes, farofa, macarrão (raramente), gerimum, maxixe (na época do inverno). A carne preferida era a de boi. A carne seca, galinha, porco, linguiça, paçoca, etc.

Na ceia — quase sempre mais leve, especialmente coalhada ou umbuzada, nos sítios e sopa, na cidade.

Atualmente se faz três refeições e um lanche.

Café da manhã — café, leite, pão, bolo ou biscoitos, ovos fritos, queijo, variando de acordo com as posses de cada família.

Almoço — arroz, feijão, farinha, carne em bifes, assada ou guisada, variando com galinha e linguiça. Um cafezinho após o almoço.

Lanche — frutas, doce, café com leite, bolo, biscoitos, etc.

Jantar — arroz, farofa, fritada, paçoca, sopa, variando de acordo com o gosto e posse de cada família.

Apesar do atual óleo vegetal para frituras, ainda hoje o toucinho e a banha de porco são mais usados, pois o seu sabor é incomparável na opinião de muitos. Os torresmos dão à farofa um gosto especial, como também o "baião de dois" ou rubacão (feijão verde com arroz cozidos juntos, temperados com toucinho derretido, torresmos e queijo de coalho). Usa-se alho, cominho, colorau, pimenta do reino, vinagre de cana temperando a carne, molhos e feijoadas diversas.

Usa-se muito a cebola, de preferência a roxa, mais comum em nossa região. Há um tempero de uma fruta muito conhecida, que vem da serra do Araripe — Ceará. É o pequi. Essa fruta tem vitamina A e D, é bastante nutritiva. Cozinha-se no arroz, feijão e na sopa, dando um forte e agradável sabor. Também muito rica em ferro.

Em outras regiões não o apreciam.

Todo conceiçãoense da geração 40 e mesmo de antes conhece e aprecia a paçoca, o rubacão, e quem disser que não conhece estas comidas, ou está com amnésia ou é mentiroso.

A panelada, o chouriço, o doce de gergelim, cangica, pamonha, doce seco, beju, sarapatél, galinha de cabidela (molho pardo), linguiça, paçoca, sequilho, bom-bocado, munguzá, bolo de bacia, xerém, doce de

leite, de banana, de raiz de umbu, queijo de coalho, doce de buriti, coalhada, tapioca, pinha, banana babona, pitomba, macaúba, etc., tudo isso e muito mais, são conhecidíssimos por nós conceiçãoenses.

AS SERENATAS

Já era alta madrugada e a gente, que estava na adolescência, acordava com a voz chorosa e apaixonada, acompanhada dos plangentes acordes de um ou mais violões.

Era o seresteiro! . . .

Pela dificuldade de aproximar-se da namorada, através da música, vinha fazer sua declaração de amor, numa fria madrugada, de uma rua deserta sempre sob a proteção de um luar que inspirava e encorajava os mais tímidos amantes do belo sexo.

E as serestas de antigamente não só tinham o objetivo de uma declaração de amor, mas também de um desabafo, de uma despedida, de um aviso de chegada à terra ou mesmo de um simples prazer de bem impressionar e agradar as donzelas. Às vezes uma reconciliação e até um lamento de quem se viu desprezado pela amada. Tudo era feito com muita ordem e respeito.

Os notívagos apenas sussurravam para não perturbarem as famílias e somente os sons dos violões e a voz melíflua do "seresteiro" quebravam o silêncio da noite.

Os mais antigos adeptos das serenatas em Conceição, eram: sr. Teles Ramalho, Gilberto Siqueira, Zeca Ramalho, Basílio França, Jaime Ramalho e outros. Todos tocavam violão muito bem e eram donos de boa voz.

"A vez primeira que eu te vi, amei . . . " e outras mais.

No ano de 1938, o maior "seresteiro" que apareceu em Conceição foi Severino Bezerra, natural de Monteiro — PB, que na época era viajante da "Sul América Capitalização", com sede em Recife. Dono de uma bela voz, capaz de ser confundida com a de Orlando Silva, o "cantor das multidões".

O companheiro de Severino Bezerra era sempre o Zé Genésio exímio violonista e que também possuía uma excelente voz.

"A noite estava assim enluarada,
Quando a voz já bem cansada,
Eu ouvi de um trovador! . . . "

Quem de nós adolescente ou adulto dos anos 40 não se recorda, com muitas saudades, das lindas serenatas em Conceição?

Eram feitas junto às janelas ou no portão das casas das donzelas casadoiras, pelos jovens apaixonados das amadas que dormiam.

Os "seresteiros" dos anos 40 mais famosos foram: Afonso Leite, Enéias Leite Pereira, Hortêncio Siqueira, José Genésio, Bodô, e outros

cujos nomes não nos ocorrem no momento.

Que prazer acordar, já madrugada, e ouvir dentro do silêncio da noite a dolência de um violão acompanhando a voz bonita e apaixonada do "seresteiro"! . . .

"A Deusa da minha rua
Tem os olhos onde a lua
Costuma se embriagar . . . "

Foi a época do lirismo e do romantismo para nós jovens cheias de ilusão e devaneios. As serenatas aconteciam principalmente às vésperas do retorno das colegiais internas, que acabavam de passar as férias com seus familiares.

Com a chegada da luz elétrica permanente na cidade as serenatas foram rareando.

Com o modernismo de hoje, as moças acompanham os "seresteiros" nas noites de serenatas. Isso acabou com aquele tipo de romantismo puro, pois a quem os "seresteiros" irão agora dedicar as suas apaixonadas canções? . . .

As serenatas de hoje não passam de um bloco de rapazes e moças que saem à rua pela madrugada, cantando e tocando violão nas praças ou nos "barzinhos", apenas para se divertirem. Mas o genuíno espírito da serenata, esse já morreu! A serenata de antigamente era uma sincera e respeitosa declaração de amor.

A poeira das experiências atômicas cobriu totalmente a linda imagem da romântica e indelével serenata da juventude do meu tempo!!!

CRENDICES E ASSOMBRAÇÕES

Em nosso tempo de criança era costume ouvir-se das nossas empregadas domésticas estórias fantásticas sobre muitos tipos de entes sobrenaturais, as chamadas "assombrações", "almas do outro mundo", "mulas sem cabeça", "e tutti quanti" . . .

Sentia-se um misto de curiosidade, prazer e pavor ao escutar essas incríveis estórias. Por mais que o arrepio tomasse conta do pequenino corpo do ouvinte, trânsido de medo, e seus cabelos crescessem a mais não poder, nenhuma palavra da estória podia ser perdida.

E o relato deveria ser bastante rico de pormenores. Com os olhos esbugalhados durante o decorrer da narrativa, mas depois já vencidos pelo sono e a cabeça apoiada ao colo carinhoso da iá-iá amiga, a criança dormindo era levada nos braços para a cama ou para a rede.

Em seus sonhos ou pesadelos "curtia" todo aquele excitante e pavoroso mundo, capaz de dominar totalmente sua infantil imaginação! . . . E depois, o medo do escuro mesmo no cômodo mais familiar da casa!

Se as mães tivessem noção do mal que faziam aos seus filhos permitindo que as criadas, na sua inconsciente ignorância, povoassem aquelas cabecinhas inocentes com as estórias eivadas e revestidas dos mais estranhos e absurdos espectros, jamais esse mal teria sido consumado.

Por certo que as mães conhecendo toda a extensão da gravidade desse assunto, haveriam de evitar que seus entes queridos, carregassem por muitos anos e até depois de adultos, o medo, a insegurança e a timidez que só a educação e o tempo podem fazer desaparecer.

Elas próprias, as mães, talvez ainda sofram as conseqüências danosas daquelas inocentes estórias.

A moderna pedagogia não pode admitir que se consiga de uma criança um normal comportamento social, se ela foi vítima desses processos de entretenimento tão maléficos à sua formação mental. Formação, essa, que deve ser racional e equilibrada.

A teratologia do nosso município se resumia assim:

LOBISHOMEM: homem que à meia-noite se transforma em lobo, principalmente às sextas-feiras. Os cães latem de longe, pois têm medo de se aproximar. Se alguém, no lobishomem acertar um tiro, no dedo mínimo do pé, imediatamente o seu encanto se acaba e o "bicho" vira homem.

CAIPORA: entidade fiminina, bem robusta, cabelos longos, baixa de estatura, morena, de braços compridos e peludos. Vive nas matas. Se pede fumo a alguém e não é atendida, dá uma surra naquela pessoa. A surra é dada com uma corda que ela traz amarrada à cintura ou mesmo com um cipó. Sabe-se de sua presença por perto por causa dos seus fortes assobios.

PAPA-FIGO: homem alto, magro, esquisito, usa capa e pega as crianças teimosas para tirar-lhes o fígado e comê-lo.

MÃE D'ÁGUA: mora nos rios e açudes. À tardinha, ela solta um canto muito triste para atrair pescadores desavisados e com eles desaparecer. Dizem que é como uma sereia: metade mulher, muito bonita e metade peixe.

RASGA-MORTALHAS: ave noturna de rapina, da família dos Bulbonídeos. Diz o povo que essa coruja traz agouro. Tem um canto rouco e lúgubre. Sua presença sobre o telhado de uma casa, conforme crença popular, significa a morte de um dos membros da família. A presença dessa ave é acompanhada de um séquito de "almas penadas", que deixa o povo apavorado. É sempre "persona non grata", por isso recebida a tiros e pedradas pelos mais supersticiosos.

O VAQUEIRO NORDESTINO

A singular figura do vaqueiro nordestino completa a panorâmica da caatinga sertaneja.

Caboclo de feições típicas de homem do campo acostumado a lidar com o gado, esconde por baixo daquela simplicidade e humildade o vigor e a intrepidez de titãs. Desassombrado, arroja-se contra as matas

espinhosas, pontas de varas e galhaças traiçoeiras, na perseguição da rês fugidia que se embrenhou ligeira nos cipoais e "unhas de gato".

De fala mansa, ingênuo e sincero, rústico como o seu "habitat", ele está consciente de que representa algo de importante no seu mundo agreste onde é admirado e respeitado.

Então, quando montado no seu cavalo magro, de aspecto e índole semelhantes ao seu dono, o vaqueiro nordestino se agiganta e vibra afoito, qual Dom Quixote das nossas matas, capoeiras e caatingas.

É o especialista na busca da rês perdida. Sua indumentária especial o defende da vegetação agressiva de uma terra de secas inclementes, como também das tão desejadas chuvas que, quando chegam, tudo transformam num paraíso de verdura e esperança.

A vestimenta do vaqueiro consta de gibão, perneiras, calças (geralmente sem fundilhos), luvas, tudo de couro curtido, preferencialmente de veado-mateiro que é macio e resistente. Também usa chapéu de couro, com barbicacho preso sob o queixo. Usa ainda laço com fios de couro, outra ferramenta do seu trabalho diário. É ele ainda a figura proeminente na tradicional festa das vaquejadas na época da "apartação" que principia no inverno. Nessa grandiosa festa, os vaqueiros se apresentam com seus trajes típicos, dando demonstrações de perícia e coragem. Empolgam um grande público que delira e os aplaude durante e ao final de cada competição.

A vaquejada e o rodeio têm a finalidade de entreter os aficcionados desse esporte-espetáculo e também de apresentar ao público os mais habilidosos e intrépidos vaqueiros que disputam entre si a derrubada do novilho pela cauda, montados em seus velozes cavalos.

Aos vencedores são conferidos prêmios valiosos. Nas cidades onde se realizam vaquejadas, os vaqueiros são muito prestigiados e na ocasião dos torneios toda a população participa dando o seu apoio e entusiasmo.

Aqui vamos deixar as nossas homenagens a esses magníficos seres humanos que, lutando para sobreviver num meio hostil e com escassas perspectivas de um melhor futuro, ainda conservam tanta disposição e orgulho para o difícil trabalho que realizam com tanto amor e dedicação. Eles ocupam um espaço indelével na paisagem sertaneja.

OS ENCONTROS DA RUA NOVA

Como sói acontecer em toda cidade, também Conceição tinha (ou ainda tem?) para a sua juventude, um "ponto" preferido para os seus encontros.

Encontros de namorados, admiradores e de amigos para um bom "papo", bisbilhotices, discussões de planos para festas, novidades e mexericos.

Tudo isso no melhor espírito de lazer e entretenimento. Onde era

esse "ponto"? Claro que era na rua Nova!

Ali foi o centro de convergência de toda a mocidade do meu tempo, principalmente após o terço ou a novena, onde rapazes e moças se reuniam em pequenos grupos. Assim se distraíam e se confraternizavam num mundo de alegria e entusiasmo.

Enquanto a luz das ruas estivesse acesa, havia disposição para o "footing", o "flirt" e a prosa animada. As garotas sempre bem vestidas, bonitas e perfumadas.

Havia nos corações jovens um misto de prazer e ansiedade, justificados pela esperança de conseguir-se algo de bom e misterioso.

Nesse tempo não havia um cinema em Conceição, uma praça, um clube ou outro "ponto" de reuniões e lazer para a mocidade. Até os bailes eram realizados num salão da prefeitura. Então a rua Nova significava o núcleo do nosso universo! Lá aconteciam reuniões, recepções, "footings" e mesmo as quermesses.

A nossa primeira difusora fora instalada ali. Quando um circo ou carrossel apareciam, só excepcionalmente se instalavam no largo da igreja.

As casas residenciais modernas daquela época, o grupo escolar, correios e telégrafos, enfim, tudo de mais importante e vivo acontecia na rua Nova. Ela se tornou a mais movimentada e atraente artéria, justamente quando dela retiraram o antigo cemitério, transferindo-o para outro local. Ficou também mais espaçosa e ornada de belas construções de linhas arquitetônicas atualizadas, como os bangalôs de Jó Ramalho e de Antônio Limeira, a casa de Bruno Alencar e tantas outras.

Quem não se lembra das festas da igreja, as eleições das "rainhas", tendo como candidatas Eunice Moura e Gentil Alencar?

A vencedora foi Eunice e sua coroação deu-se na rua Nova! E as festas do "Piranhas" e "Piancó"? As candidatas à "rainha" foram: Francisca Figueiredo e Delurdes Pires. Francisca Figueiredo elegeu-se "rainha" e sua coroação deu-se na rua Nova. E as festas das barracas azul e cor-de-rosa? Candidatas: Alice Frade e Ivonete Martildes. Alice ganhou a coroa e Ivonete ficou como "princesa"! Ambas foram coroadas na rua Nova. E os bailes na prefeitura? Eram até bem divertidos!

Assim descrevemos e rememoramos com saudades a nossa velha amiga que tantas horas de sonhos e fantasias nos proporcionou — a nossa querida e inesquecível rua Nova! Lá ficaram muitas das nossas ilusões e muitos dos nossos sonhos! Se recordar é viver, viver é sentir! E sentimos bem dentro de nós uma época que vivemos com alegria e esperança nos idos de 1945.

A rua Nova de hoje está bem diferente, tem outro nome e está cada vez mais bonita. Além de mais espaçosa foi prolongada, estando cheia de prédios novos, inclusive hospital e maternidade. Conta com diversos e importantes estabelecimentos comerciais, sendo, por isso, o centro mais ativo dos negócios da cidade.

Atualmente, os jovens conceiçãoenses promovem seus encontros para distrações e passa-tempo na praça Cônego Andrada, em frente à Igreja-Matriz. E a rua Nova, hoje, tem o nome de Solon de Lucena.

CULINÁRIA

RECEITA DO CHOURICO (DOCE)
De Madrinha BODOTA

Na hora que mata o porco, apara o sangue numa vasilha com um pouco de sal, mexendo até o sangue esfriar, sem deixar talhar. Faz um mel de duas rapaduras e meia, pois o mel não deve ser muito fino. Deixa o mel esfriar e o sangue também. Pega-se uma tijela e mede-se: duas tijelas de sangue e três de mel (a mesma tijela). Mistura-se e põe num fogo médio para cozinhar mexendo bem. Quando engrossar, retira-se do fogo e deixa esfriar. Enquanto fica esfriando, pega-se três xícaras de gergelim torrado e pilado, mais os temperos: cravo, canela, erva-doce e pimenta do reino. Pila tudo junto e mistura ao chouriço frio. Umedece três xícaras de chá de farinha de mandioca e junta também ao chouriço. (A farinha deve ser peneirada). À Parte, se reserva uma garrafa de banha de porco derretida. Põe-se o chouriço no fogo novamente para engrossar mais. Quando começar a ferver, vai botando a banha de porco aos poucos, (aí o chouriço começa a engulir a banha) enquanto isso, vai se botando banha. Quando começar a soltar a banha, retira-se do fogo, porque já está pronto. NÃO PODE COMER QUENTE.

SEQUILHO (Receita de Madrinha Bodota)

Um quilo de goma peneirada (goma da feira e seca), um copo médio de banha de porco ou 200 grs. de manteiga; uma xícara de leite de coco; seis ovos; 2 colherinhas de sal; uma colherinha de fermento (pó royal) e 400 grs. de açúcar.

Mistura tudo, amassa até ficar bem unido e macio. Faz as tirinhas, achata-as e corta em quadradinhos. Colocar num taboleiro e assar em forno regular.

Obs. Taboleiros untados com manteiga ou banha. A goma bem **pesada** e a banha derretida.

LINGUIÇA

Corta a carne de porco bem picadinha, tempera-se com sal, alho, pimenta do reino, vinagre e cominho. (A pimenta é pilada junto com o cominho, alho e sal). Deixar no vinha d'alho abafado por 8 horas.

Pega as tripas já secas, põe as mesmas dentro d'água alguns minutos para amolecer; espreme e começa a enchê-las com a carne temperada. Depois de bem cheiinhas, dá-se umas furadinhas para sair um pouco a salmoura. Põe-se para secar estendidas numa corda ao sol e ao vento.

PAÇOCA (Receita de Madrinha Bodota)

Assa-se um quilo de carne de sol ou carne seca. Corta em pedaços. Derrete-se uns pedacinhos de toucinho, fazendo uns torresmos. Acrescenta ao toucinho quando estiver derretendo uma cebola picada. Dá uma refogada.

Depois de frio, põe-se num pilão os pedaços de carne, um quilo de farinha de mandioca e os torresmos com gordura e a cebola. Pila-se bem, quando estiver bem socado, retira-se do pilão e serve-se (com um gostoso rubacão).

MÊS DE MAIO

O mês de maio é chamado com muito carinho pelos devotos de Nossa Senhora, de "Mês de Maria", "Mês Mariano" e também "Mês das Noivas".

Em Conceição, como também em todo Brasil, esse mês é inteirinho consagrado à nossa Mãe do Céu.

Há uns anos atrás (não sei se essa prática ainda é usada), o primeiro dia de maio era dedicado às crianças e comemorado assim:

O altar de Nossa Senhora ficava todo ornamentado com dezenas de lindas flores, ricas e bem trabalhadas toalhas de linho e enormes velas acesas. Às 7 horas da noite, havia a novena acompanhada de cânticos sacros, a ladainha em latim e bênção do SSº Sacramento.

Todas as noites do mês de maio eram festejadas e a organização desses festejos ficava a cargo de diversos grupos de senhoras que disputavam, entre si, a honra de apresentar a mais bonita e brilhante noite.

Esses festejos terminavam no dia 31 e eram consagrados à mocidade.

Então havia a coroação de Nossa Senhora. Na hora da coroação, descia um anjinho "lá do alto" do altar (o anjinho era um lindo calunga de celulóide, ricamente ornamentado pelas organizadoras da festa) trazendo a coroa. Junto à imagem, duas crianças vestidas de "anjo" recebiam a coroa e colocavam-na sobre a cabeça da santa. Tudo muito bonito e sob delirantes aplausos dos fiéis.

Lá fora lindos fogos de artifício espoucavam, enquanto os sinos repicavam.

O padre Luiz Gomes Vieira (o mais animado e diligente vigário que tivemos) dava "vivas" à N. Senhora, ao Coração de Jesus e a São José.

E sob forte emoção e mais aplausos a festa terminava.

FESTAS JUNINAS

Santo Antônio — São João — São Pedro

Todas estas festas são comemoradas no mês de junho, nos dias 13, 24 e 29, respectivamente.

Como em quase todas as partes do Brasil, a "noite de São João" é a mais animada das festas juninas.

O dia consagrado a Santo Antônio é muito reverenciado, porém de maneira diferente. Sendo esse santo o padroeiro dos casamentos, a ele são dirigidas muitas orações, preferencialmente pelas moças que almejam um bom marido, tudo apadrinhado pelo santo.

Às vésperas das comemorações e homenagens ao santo "casamenteiro", as moças jejuam e guardam um pouco de cada refeição. À noite, põem uma toalha à mesa, com um prato, um talher, um copo, um guardanapo e uma travessa com a comida que fora guardada durante o dia. Quando vão se deitar, rezam a "Salve Rainha" até o "nos mostrai". Acendem uma vela e pedem ao santo para mostrar-lhes, em sonho, aquele que será o seu futuro esposo. Por coincidência ou porque queriam sonhar ou por outras razões, o certo é que muitas moças viam em sonhos o rapaz com quem se casaram . . .

Outras acendem permanentemente uma vela no oratório.

Na Igreja, o altar de Santo Antônio, toda terça-feira, fica todo ornamentado com flores naturais, artificiais, velas e uma porção de pedidos por escrito. Muita gente vem pagar promessas, oferecendo velas e óbulos. Na cidade onde ele é padroeiro, as festas religiosas têm um caráter mais entusiástico e normalmente é feriado municipal.

A festa de São João começa na véspera (dia 23), com a maior participação do povo. A fogueira é o ponto de atração culminante. Antigamente se faziam, e acredito que até hoje, adivinhações, roda e outras brincadeiras. Assa-se o milho verde e a batata doce. Estouram-se fogos de artifício, bombas, traques, buscapés, etc. Soltam-se balões e a moçada toda usa trajes caipiras.

Era e ainda é costume da terra, nessas ocasiões, tirar-se um tição da fogueira e atravessá-lo no chão entre dois adultos, os quais dão as mãos para se tornarem compadres. A cerimônia é assim: um fala e o outro repete: "São João disse, São Pedro confirmou, que no seu dia nós ia ser compadre, que São João mandou". Repetiam três vezes trocando de lugar. A mesma cerimônia acontecia quando as moças e crianças escolhiam "padrinhos" e "madrinhas", "de fogueira".

Havia dança, animada pelo sanfoneiro, debaixo de uma "latada" improvisada pelo dono da casa, onde a festa se realizava. O piso era de

chão batido e de vez em quando vinha alguém "aguá-lo" para não levantar muita poeira. Todo esse ambiente era enfeitado com bandeirolas e lanternas coloridas.

Lá pela meia-noite havia uma "quadrilha" "marcada" num francês "caipirado". As moças nos trajes festeiros e a maquilagem um pouco exagerada — os rapazes vestidos à caipira. E assim faziam a alegria da festa!

Ao lado da "latada" haviam sempre umas barraquinhas que vendiam miudezas, inclusive perfumarias como os famosos perfumes "Jaú" e "Flor de Amor", que, apesar de fortes, eram agradáveis. Vinham em pequenos frascos, os quais, às vezes, eram despejados, pelos rapazes, sobre a cabeça de suas namoradas.

Nos intervalos das danças, servia-se ao sanfoneiro e aos seus acompanhantes, bebidas e "tira-gosto" (carne assada no espeto). A todos os participantes da festa, no interior da casa, servia-se cangica, pamonha, milho assado, café, bolo de milho com vários nomes como o tradicional "chapéu de couro" (bolo de fubá frito às colheradas ao óleo quente). A festa rompia a madrugada indo até o sol raiar.

Na cidade, os festejos eram realizados ou no salão da prefeitura ou numa casa de família, com as mesmas características da grande festa no sítio, porém mais citadina.

Haviam também as "quadrilhas". Os nossos mais entusiasmados "marcadores", foram Antônio Fausto (alto, forte, muito animado) e o sr. Laurindo Temóteo, que vinha de Santa Maria, convidado para "marcar a quadrilha", quando havia mais de um baile no município.

Organizavam-se os "pares" e iniciava-se, assim, ao som da sanfona: "anavant de damas — anarriére — continué anavant — travessé — balancé tour — (em seus lugares). E sempre repetia isso: anavant de chevalier — anarrié — continué — anavant — balancé tour (até rodarem todos os pares); autrefois chevalier, etc."

Fazia-se também uma "roda" com todos dando as mãos, fazendo reviravoltas pelo salão, passando pelas salas, corredores e novamente ao salão para, aí, fazer outra "roda".

A "quadrilha" representou no passado a principal atração nas festas de casamento, nos grandes bailes de Natal e também nas festas juninas.

Era de uma coreografia bem sofisticada a "quadrilha" apresentada nos grandes salões, a qual revelava requintes de bom gosto e até "finesse" de nobreza.

Atualmente, a "quadrilha" só é apresentada nos bailes de São João e São Pedro, porém com trajes alegres e características bem brasileiras.

Também na "noite de São Pedro", há fogueiras, bailes, "quadrilhas", etc., mas não com aquela animação e entusiasmo do sentimento festivo das "noites de São João".

DEZEMBRO, MÊS DE FESTAS

A chegada do mês de dezembro em Conceição sempre foi precedida de muitos preparativos, por parte do povo irmanado à igreja, para as grandes festas de fim de ano.

No tempo do Padre Luiz Gomes as festas duravam o mês inteiro, principalmente homenageando, logo de início, no dia 8, a Padroeira Nossa Senhora da Conceição. Nessa época parece que a população era sacudida e acordada para organizar e promover a maior festa religiosa do ano.

Dessas festividades participavam também muita gente de fora, isto é, pessoas de municípios vizinhos e outras que vinham de mais longe.

Conceição delirava, ficando pequena para abrigar tantos visitantes. Muitos tinham de hospedar-se em casa de parentes e amigos. Estes eram hospitaleiros e solidários com o espírito de religiosidade numa igual motivação.

No dia da Padroeira (dia 8) haviam missa solene, leilões, procissões, bênção do SSº Sacramento. Barraquinhas eram espalhadas por toda a praça da Matriz e o povo com suas vestes domingueiras formigava num vai-vem de alvoroço e alegria. As moças, estudantes e casadoiras, exibiam seus lindos vestidos da última moda. Eram as que mais colaboravam nas festas num esplêndido colorido de graça, requinte e beleza.

Nesse "fervet opus", também os rapazes se divertiam nos jogos das barracas e não perdiam tempo nos flertes e namoros.

Do dia 9 a 22, novos preparativos para as festas do Natal e Ano Novo. O padre e as zeladoras faziam uma lista com os nomes dos "noiteiros" em seus grupos. Estes eram constituídos de oito a dez "noiteiros" para cada noite da festa. Cada um desses grupos procurava apresentar a mais requintada noite, enquanto suas esposas, com o maior bom gosto, ornamentavam os altares com flores naturais, artificiais e muitas velas.

A banda de música era contratada para acompanhar todas as festividades e, quando solicitada pelos "noiteiros", de manhãzinha e à noite antes da novena, tocava a "alvorada" como um grito de alegria e convite ao reinício das festas. Assim que os sinos repicavam, os foguetes disparavam para o céu, pipocavam e a banda de música enchia de contentamento todo o ambiente com suas vibrantes músicas bem ensaiadas.

A igreja ficava a ponto de não caber mais ninguém. A ladainha de Nossa Senhora e o "tantum ergo sacramentum" cantados em latim pelas cantoras efetivas, entre outros cânticos sacros, eram acompanhados pela banda de música, sobressaindo nesta o clarinete, o baixo e também o pistom da "família Camilo".

Lá fora a meninada alvoroçada corria esbarrando com imprudência nas pessoas. Quando terminava a novena, todos os devotos iam procurar um lugar no "patamar" da igreja para assistirem dali aos festejos de fogos de artifício, com foguetes de "lágrimas", bombas, "busca-pés", balões coloridos num deslumbrante espetáculo pirotécnico capaz de embasbacar os mais ingênuos.

Também da roda-girante colorida, espoucavam e espargiam "lágrimas" para todos os lados, acompanhados por estouros que espalhavam os assistentes temerosos e prudentes. Esse espetáculo durava quase uma hora. Depois os jovens ficavam passeando pelas ruas, até que a iluminação pública desse o segundo "sinal" para apagar as luzes das ruas e todo mundo tratava de despedir-se e descansar em suas casas, a fim de, no dia seguinte, reiniciar a participação nos festejos. Nas noites de Natal e vésperas de Ano Novo, a iluminação pública permanecia acesa a noite inteira e o povo podia se divertir até mais tarde.

O "noiteiro" sr. Augusto Diniz, fazia diferente sua noite de festas. Contratava do Ceará os músicos "Cabaçais". Eram seis os componentes desse grupo musical. Quatro deles tocavam pífano (instrumento parecido com a flauta, porém de som mais agudo), e dois tocavam zabumba que era um tambor grande.

Saíam tocando pelas ruas da cidade e à noite iam tocar no "patamar" da igreja, antes ou após a novena. Esse espetáculo era tradicional, fazia muito sucesso e era bastante aplaudido pelo povo.

Ainda hoje o mês de dezembro em Conceição é festivo e contagiante. Todos os corações pulsam num mesmo ritmo de festiva religiosidade.

NOITE DE NATAL

Vamos nos recordar agora como eram (e acreditamos que ainda hoje sejam) as noites de Natal em Conceição.

O mês de dezembro, como dissemos, era todo de festas. A igreja ficava permanentemente enfeitada e muito iluminada. A praça da Matriz também com muita luz, bastante feérica, barracas coloridas e rodeadas de gente se divertindo e aguardando que os sinos da Matriz dessem a última chamada para a missa da meia-noite ou "Missa do Galo".

O padre sempre fazia um bonito sermão alusivo ao nascimento de Cristo. Os fiéis, com muito respeito e devoção, oravam e cantavam hinos sacros.

Após as cerimônias religiosas, as pessoas se encaminhavam para suas casas, a fim de comemorar com os "comes e bebes", a noite de Natal.

Também já se estava em plena madrugada. Com muita alegria e esperança, parentes e amigos se confraternizavam em casa e nas ruas. O movimento continuava intenso até quase ao amanhecer, saboreando-se peru assado, bolo de bacia, aluá, etc.

As crianças ganhavam muitas "festas" dos tios e padrinhos. Também para elas o mundo era todo colorido.

LAPINHA DE BELÉM

A Lapinha de Belém ou Presépio sempre foi armado em nossa igreja, com muita arte e carinho, pela cantora de músicas sacras, Antônia de Bita.

A Lapinha de Belém ficava uma beleza! O São José e a Virgem Maria, ao lado do Menino Jesus, acompanhados dos bichinhos, o galo, o carneiro, o burro, a vaquinha.

O Menino Jesus, na sua caminha de palha, a sorrir com os bracinhos abertos. Era como se anunciasse por antecipação ao mundo a maravilhosa herança que Ele, dentre em pouco, deixaria para a humanidade, no "Amai-vos uns aos outros".

Antônia de Bita, organizava ainda um grupo de meninas, vestidas de "pastoras" que, na calçada da igreja, tocava maracá e cantava:

"Vinde todos, vinde todos
À Lapinha de Belém
Visitar o Deus Menino
Jesus é o nosso bem".

e junto às barraquinhas cantava:

"Dê esmola, dê esmola
Nem que seja de um vintém
Que no céu há de achar
A Lapinha de Belém".

E assim festejávamos o Natal e essa festa se prolongava até o "Dia de Reis". De Papai Noel pouco se falava. O costume era os pais, tios e padrinhos darem às crianças dinheiro, cortes de fazenda, sapatos, etc., a título de "festas". As crianças pediam "festas" aos adultos à valer e estes nunca negavam, pois era hábito antigo da terra.

NATAL DE HOJE

Ainda há a Missa da Meia-Noite, o presépio, as devoções . . .

Hoje, como o modernismo chegou lá também, ao invés das "festas", há uma troca de cartões com votos de "Boas Festas", "Feliz Ano Novo", alguns acompanhados de presentes.

Nas mesas, ao invés dos bolos de bacia, pão de ló, doce de buriti e aluá, há castanhas, queijo do reino, doces cristalizados, nozes e champanhas.

ANO NOVO

Na noite que precedia o romper do Ano Novo havia também muita alegria, mesas fartas, confraternizações e se repetiam os votos de saúde e paz para todos.

O povo se recolhia já pela madrugada, cansado porém feliz e com o coração cheio de esperanças no Ano Novo que se iniciava.

Durante as festas o comércio fazia bons negócios e a arrecadação das barraquinhas, leilões, rifas, etc., propiciava benefícios à igreja.

Não temos muita certeza, mas nos parece que, naqueles tempos, os corações eram mais abertos e irmanados. Será? . . . Talvez, o que penso, seja apenas pieguices de uma incorrigível saudosista! . . .

CARROS DE BOI

Ainda hoje é muito comum ver-se pelos caminhos dos sertões o carro de boi. É vagaroso e apesar de ser um destruidor das estradas, prestanos ainda relevantes serviços. Se é um destruidor de estradas a culpa é do homem. Para tornar seu trabalho mais vantajoso, evitando que o carro se atole nos caminhos, o carreiro envolve nas rodas dos mesmos um aro de ferro cravejado de pregos especiais. Mesmo assim o carro de boi torna-se muito útil no transporte da lenha, cana, algodão, enfim de tudo que do campo possa interessar à cidade.

Quem nunca viu um carro de boi, com um carrego de lenha, cana, etc., naquelas alturas? Para esses tipos de carga ou mesmo de um carrêgamento de pedras são necessárias três juntas de boi. Acontece isso nos lugares onde não é possível passar caminhões. Cada junta tem uma função especial e o homem que tange essas juntas, em alguns lugares, são chamados de "carreiros". Ele ensina aos bois como devem conduzir o carro. A junta de trás se encarrega de fazer o carro andar para trás e comumente se diz: "dá marcha à ré"; freia o carro" e "ajuda nas curvas". A junta da frente puxa o carro, ajudada pela junta do meio. As juntas de boi são ligadas por uma peça de madeira, chamada "canga", que se firma no cangote dos animais. O carro é conduzido pelo carreiro ou "tangedor", auxiliado por um menino e ambos levam uma varinha às costas. Naturalmente, que a maior responsabilidade é do carreiro, que em nossa Conceição, todos só o chamam de "o homem que tange os bois", ou tangedor, simplesmente.

O carreiro e o seu carro de boi é uma das imagens mais interessantes que embelezam nossa bucólica paisagem rural. O carreiro segue à frente ou atrás dos bois, com sua varinha, descendo ladeiras e subindo morros, naquela gemedeira nhem, nhem, nhem, nhem. Esta música bem campestre e tão nostálgica, que nos fala da alma simples e cheia de ternura de nossa gente sertaneja.

E o tangedor dos bois, na sua singela vaidade, gosta de fazer ranger bem alto as rodas do seu carro. Para isso ele mantém os eixos do carro bem ajustados, a fim de produzirem aquele inconfundível "som", tão característico dos carros de boi, nas nossas estradas primitivas.

A todos os carreiros do Brasil, as nossas homenagens!

ORAÇÕES DAS REZADEIRAS

PARA ENGASGO: Batendo nas costas do engasgado e dizendo:
"São Braz, bispo, se quiser inda tem mais.
Deus disse: ou sobe, ou desce em nome de N. S. Jesus Cristo".

MORDEDURA DE COBRA:
"Cobra, você não mordeu fulano, mordeu foi um irmão
de Jesus.
Seu veneno não será verdade, pelos poderes de Deus
e do Divino Espírito Santo". (Fazendo o sinal da cruz).

PARA AFASTAR COBRA OU ESCORPIÃO:
"São Bento, água benta
Jesus Cristo, no altar
Todo bicho peçonhento
Arrede deixe eu passar".

PARA FECHAR O CORPO:
"Eis aqui a cruz do Senhor (mostrando a cruz)
me fuja dos passos contrários, venceu o leão,
o tigre, vai me ajudar.
Aleluia, aleluia (faz o sinal da cruz)".

PARA AZIA:
"Santa Sofia tinha três fia / faz uma cruz na testa.
Uma fiava, outra tecia / faz uma cruz na boca.
A outra curava os má da azia / faz outra cruz em baixo do peito.
Ave Maria, Ave Maria!"
Obs.: Repete três vezes.

PARA LIVRAR DE TODO MAL:
"Chaga aberta, coração ferido
Sangue de Cristo entre mim e o perigo".

PARA QUEBRANTO: (com um raminho de arruda)
"Sto. Inácio disse a Sto. Elias
Quebranto, com que curaria?
Com a água da fonte ou raminho do monte?
Padre Nosso — Ave Maria".

PARA DOR DE DENTES OU OUTRAS DORES: Olha para a lua nova e diz: "Lua nova, lua nova.
Quanto tempo, não te vejo?

Me livre de dor de dente
da língua da má gente
e também do má desejo". Pai Nosso — Ave Maria.

ORAÇÃO PARA DEPOIS DAS REFEIÇÕES:
"Jesus Cristo é quem nos cria
É quem nos dá o alimento.
Bendito louvado seja,
O Santíssimo Sacramento!"

AS ENGOMADEIRAS

Que magnífico trabalho o das nossas engomadeiras de antigamente!

Talvez Conceição ainda conte hoje com profissionais como aquelas. Não sei! O que sei é que as do meu tempo de adolescente, como Antônia Marcelina, Maria Madalena e Chica Galdino, eram simplesmente notáveis!

Que prodígio de trabalho essas engomadeiras faziam quando máquina de lavar, sabões em pó, detergentes, alvejantes, ferro elétrico e outros apetrechos modernos ainda não existiam! A coisa funcionava na base do sabão do reino, ferro a carvão, às vezes um pouquinho de anil e muito "muque", utilizando-se, ainda, da água do rio. E da arte, é claro!

As nossas engomadeiras eram umas profissionais competentes e vaidosas do seu trabalho. Ninguém seria capaz, por mais exigente que fosse, de encontrar qualquer tipo de falha na peça de linho branco ou de outra cor que fosse entregue aos cuidados daquelas engomadeiras. Além de vir a peça muito limpa, vinha muito bem passada e engomada de forma a não permitir a mínima reclamação.

Então os ternos de linho branco quando voltavam, após o processo de lavagem e engomadela, pareciam haver passado por uma transformação nas mãos de fadas ou artistas. Ficavam impecáveis.

Para atestar o que afirmamos, podemos citar os antigos fregueses das nossas engomadeiras: sr. Luiz Teixeira, Dr. Zoé Borba, Severino Bezerra, Manoel Rodrigues, Sr. Braga, Pedro Targino, Rangel, Unias, Balduino Ramalho e outros.

Às nossas eficientes engomadeiras, que tão belo exemplo de amor e orgulho pelo seu trabalho legaram aos conceiçãoenses, os nossos parabéns e as nossas homenagens.

AS PARTEIRAS

As mais conhecidas e famosas parteiras conceiçãoenses, segundo dados que conseguimos coligir, foram as seguintes:

Nêga Véia (mãe de Gino), na década de 20 e Maria Rosa, no período de 1930 a 1950. Estas atendiam com zelo e carinho as parturientes da cidade.

Em Santa Maria (Ibiára) e nas redondezas, atendia Maria Pequena. Em Santana (de Mangueira), dona Sidônia Mangueira e Rosa de Néo eram da mesma época.

Eficientes na profissão, destacando-se Maria Rosa, pois quando o parto apresentava qualquer sinal de anormalidade, imediatamente "Siá" Maria Rosa avisava à família da assistida e essa recorria ao ginecologista, a fim de que a parturiente tivesse uma assistência mais proficiente. Maria Rosa sempre colocava o médico a par do "quadro clínico" da sua cliente.

"Siá" Maria Rosa chegou aos 100 anos de idade e foi considerada a pessoa mais provecta do município. Quando dos festejos do 1º Centenário da nossa paróquia em 1972, houve desfile pelas principais ruas da cidade e "Siá" Maria Rosa foi conduzida num carro alegórico como uma co-irmã da paróquia, no seu aniversário secular.

Ainda hoje existem parteiras precursoras dos médicos-ginecologistas atuais, porém em número bem pequeno porque a assistência médica já está ao alcance de quase toda a população feminina, através dos órgãos públicos e da iniciativa privada, que disseminaram por este Brasil uma vasta rede de maternidades.

Nestes últimos anos a Sra. Jacira Pereira Valões Vieira atendia com bastante competência e desvelo, sendo parteira concursada em João Pessoa e começou a trabalhar junto a nossa comunidade em 1949, tendo a ela prestado os mais relevantes serviços. Trabalhou muitos anos como atendente no Posto Médico de Conceição, à rua Pe. Otaviano. Como parteira particular auxiliando os médicos ginecologistas e, às vezes, sozinha, durante 30 anos, exerceu as profissões de parteira e enfermeira.

Quantos de nós, dessa geração e das gerações anteriores, viemos ao mundo amparados pelas mãos hábeis e carinhosas das abnegadas parteiras?

Na certa representamos a grande maioria. Mas a todas as parteiras, essas maravilhosas criaturas tão humanas que por vocação natural exerceram e ainda exercem a difícil tarefa de ajudar os bebês a virem ao mundo, nosso muito obrigado!

A elas, que dentro de suas naturais limitações profissionais, isentas do espírito mercantilista, auxiliavam suas "comadres" parturientes no sublime processo do parto, nossa grande admiração!

E a todas que participando com honestidade e responsabilidade do êxito ou dificuldades durante o exercício de suas missões, nossas justas e sinceras homenagens!

QUE DEUS LHES PAGUE!

NOSSO TEATRO DE ANTIGAMENTE

A arte de imaginar e de interpretar é um pendor inato do povo brasileiro. Mesmo nas pequenas cidades como a nossa Conceição, desprovida que era das comodidades e dos requintes dos grandes centros, das estradas e dos meios de comunicação e mais íntimo contato com a arte e o bom gosto, o seu povo sempre se movimentou no interesse de praticar e desenvolver, aqui em nossa terra, o ofício genial dos grandes intérpretes do drama, da comédia, da declamação, da dança, da música, da opereta, etc.

Por isso tínhamos as nossas "Hora de Arte" que tantas saudades nos deixaram. O nosso movimento artístico era dirigido pelas nossas professoras sempre tão entusiásticas e dedicadas ao apaixonante passatempo dos deuses.

Nossas mestras conseguiam um salão bem espaçoso e nele construíam um palco de madeira, cortinas, etc. e as cadeiras eram levadas pelos próprios assistentes.

As peças eram bem montadas, bem ensaiadas e representadas com agrado geral. O elenco se esmerava na representação. Diversas peças permaneciam em "cartaz" para serem repetidas duas ou três vezes a pedido da população. Os "dramas" eram complementados com bailados e em seguida uma comédia. Nos intervalos dos atos a "banda" executava alegres músicas.

Em 1917, conforme consta dos "anais" da história do teatro em Conceição, para homenagear a chegada de Dom Adauto, primeiro bispo a visitar nossa cidade, os srs. Pedro Alves e Batista Siqueira, organizaram uma bela recepção ao prelado. Dela foi destaque a "Hora de Arte", na qual três senhoritas da nossa sociedade representaram muito bem o drama "Fé, Esperança e Caridade", tendo cada moça simbolizado uma dessas virtudes. Lurdinha Leite (Fé), Lormina Ramalho (Esperança) e Marú Alencar (Caridade).

O sr. Luizinho Paulino era um ator dos mais brilhantes e podia-se dizer que era mesmo um polivalente. Interpretava os mais variados "papéis", preferencialmente os humorísticos. Ele era muito engraçado, bem humorado e muito talentoso.

Quem daqueles tempos não se lembra da paródia "As duas sombras", tão gostosamente declamada pelo sr. Luizinho Paulino?

"Na encruzilhada silenciosa do destino,
Duas sombras errantes se encontraram:
A primeira falou: — Nasci de um beijo,
Trago em mim a glória do universo,
A ânsia do desejo — Eu sou o Amor . . . ", etc.

Depois o sr. Luizinho Paulino, numa roda de amigos, parodiava:

"Na encruzilhada tortuosa dos intestinos,
Duas sombras também se encontraram:

A primeira roncou: — eu sou o p . . . "
e assim por diante, enquanto seus amigos riam a valer e o "declamador" continuava sério em meio à gargalhada geral.

Em 1944, foi apresentado o drama em três atos, chamado "Sempre jovem e sempre bela", de caráter religioso. Essa peça foi dirigida por Adalgisa Mangueira e teve um elenco formado por diversas jovens da nossa sociedade. Essas moças muito colaboraram para o enorme sucesso da representação. Em seguida, levou-se uma engraçadíssima comédia escrita por Severino Lopes. Seus protagonistas eram Talula, Chiquinha Fonseca, Angelina Soares, Benilde Ramalho, Francisca Valões, Odete Mangueira, Estela, Amelinha Peixoto e outras.

O movimento teatral em Conceição sempre contou com o entusiasmo e a abnegação dos jovens (moças e rapazes) que funcionavam como amadores sem visar a nenhuma recompensa material e tão somente para se divertirem e desenvolverem suas aptidões artísticas.

No entanto, esse movimento além de oferecer lazer e entretenimento ao povo, ajudava-o no sentido de educá-lo, levando-lhe cultura e mensagens sadias.

Todas as peças representadas tinham o objetivo de divertir dentro de princípios rigorosamente morais e religiosos. As rendas eram em benefício ou da Igreja ou da Caixa Escolar.

Atualmente temos um Teatro Municipal que, naturalmente, leva boas peças à população, agora que tudo se tornou mais fácil. Conceição hoje conta com ótimas condições para ter um teatro à altura do seu progresso com representações bem divertidas e do agrado geral da sua população.

A "SOPA"

"A "sopa" chegou! . . . a "sopa" chegou! . . . ô ô . . . "

Quem, do meu tempo, não se lembra daquele antigo meio de transporte de passageiros, menor que um ônibus comum e aberto dos lados? Chamava-se "sopa".

Essa "sopa" não era das culinárias, já se vê, mas era muito apreciada, principalmente pela garotada. Servia para ligar Conceição a João Pessoa passando, naturalmente, por diversas cidades importantes como Patos, Campina Grande e outras.

Enfrentava, muitas vezes, intempéries em estradas mal conservadas. A "sopa" era bastante forte, resistente e também confortável.

Além de sua utilidade em resolver inúmeros problemas de transporte para a população da nossa região, servia de correio e era a alegria da criançada.

O sr. Paulo, motorista da "sopa" de Dandão Mangueira, chegava

de viagem à cidade e parava nos correios. Enquanto as malas postais eram retiradas e outras embarcadas, a garotada invadia a "sopa". Meninos e meninas numa avalanche ensurdecedora de risos e gritos, aguardavam o motorista que ia levar a "sopa" até a porta do sr. Dandão.

O sr. Paulo, para agradar a meninada, quase sempre dava uma voltinha maior antes de chegar ao estacionamento final.

Estando estacionada a "sopa", finda estava a festa da garotada!

BRINCADEIRAS DE CRIANÇA

Nas noites enluaradas, as crianças conceiçãoenses, de todas as épocas, principalmente das décadas de 1930/40, muito se divertiam com as mais variadas e interessantes brincadeiras em grupos.

Uma das mais movimentadas diversões era a da "peia queimada". Funcionava assim: uma das crianças saía correndo para esconder em algum lugar, por perto, uma correia, enquanto suas colegas cobriam o rosto com as mãos. Escondida a "peia", todas saíam a procurá-la. Enquanto isso, iam perguntando bem alto: — Estou fria ou quente?" Se estivesse perto do esconderijo da correia, quem a escondeu, respondia: "Quente!" E se estivesse longe, a resposta era: "Fria!" E assim continuava até que a "peia" fosse achada. E a menina que a encontrasse, saía correndo atrás das colegas para descer-lhes a "peia".

Depois que todas voltavam ao "ponto" de partida, a brincadeira reiniciava.

Brincava-se também de "boca de forno", "cobra cega", "trisca", "esconder", "pular corda", etc., que eram brinquedos de rua. Dessas, as mais saudosas eram as brincadeiras de "roda" e suas cantigas muito lindas e variadas. As crianças que participavam dessa versão eram: Juvenete, Nilza, Francinete, Terezinha Dantas, Naíde, Bia Mangueira, Bia Cordeiro, Adalgisa, Cacilda, Benilde, Chiquinha, Talula, Dalva Mangueira e outras.

Formava-se uma "roda" e cantava-se: "Na ponte da Aliança todo mundo passa, todo mundo passa; a lavadeira faz assim . . . assim . . . "; em concomitância, fazia-se os gestos que imitavam as profissões cantadas.

Outra cantiga:
Menina que estás na roda
Me vende um tostão de rosas . . .
Três brancas, três amarelas,
Três encarnadas cheirosas;
Querem ver como se dobra o sino?
Dem, dem, derem, dem, deem . . .

Outra cantiga era assim:
É palma, é palma, é palma, (batendo palmas),
É pé, é pé, é pé, (batendo os pés)

Roda, roda, roda, (fazendo roda)
Abraça quem tu quiser . . .

Outra:
Eu sou pobre, pobre, pobre, etc.
Eu sou rica, rica, rica, etc.

Outra mais:
Um, dois, três,
Quatro, cinco, seis,
Sete, oito, nove,
Para doze faltam três.
Soldado inglês
Que se veste de amarelo,
Eu me visto de azul
Para ser o mais moderno!

E muitas outras lindas cantigas que deliciavam as crianças e também os adultos que assistiam embevecidos a um período de vida tão cândido e maravilhoso!

As meninas também jogavam "chibiu" com cinco e com doze pedras (pedras de rio). Os meninos brincavam separados das meninas. Suas brincadeiras eram mais viris e, naturalmente, estouvadas. Quando os meninos brincavam de "peia queimada", as lambadas eram "prá valer"!

O pião era outro divertimento que muito agradava aos meninos. Ainda hoje a criançada brinca com o pião. Os mais habilidosos apanham o pião rodando no chão e o colocam, sempre a rodar, na palma da mão e na unha para depois o jogarem novamente a rodar no chão. Gostam de brincar na rua, de preferência quando o sol já se esconde.

Já nos anos de 1937/38, as "brincadeiras de rio" se realizavam no poço dos "Rodrigues" ou no do sr. Dandão (como era chamado) e que ficava atrás da escola. Quando o rio estava cheio, era lá a brincadeira. E a preocupação que isso dava aos pais? Após as aulas, a garotada se mandava para o banho no rio ou no poço. Os mais traquinas eram Zeca de sr. Júlio, Zézinho Mangueira, Adeús, Walter Mangueira, Baltazar, Waldemiro Dantas, Expedito (de Teotônio), Zé de Yoyô, Edneuto Rangel e outros. Nos anos 40, o grupinho da rua Nova também participava e dele faziam parte Chico Martildes, Hortêncio, Wilson Braga, Titita e outros. Quando iam saindo da escola, de repente, um deles perguntava: "Vamos tomar banho no rio?" E todos respondiam: "Vamos!" E disparavam em direção ao rio, numa alegria louca e alvoroço próprios de crianças sadias. Apesar da proibição dos pais e da diretoria da escola e do grupo escolar, a garotada não resistia ao prazer de banhar-se. Além de divertir, esses banhos amenizavam o calor que às vezes era forte. Receosos de uma boa sova, caso fossem surpreendidos pelos pais, nadando no rio ou no poço, acautelavam-se

deixando sempre um garoto de "sentinela" para avisá-los com um forte assobio, caso surgisse algum "intruso" que pudesse ameaçar suas integridades físicas. Alguns colegas gostavam de esconder as roupas dos banhistas e essas brincadeiras de mau gosto deixavam seus companheiros em difícil situação.

A garotada nadava bem e gostava de exibir suas habilidades com variados estilos de natação. Nadavam de "cachorrinho", de costas, "comendo mel", etc. Tomavam pé, isto é, mergulhavam e tocavam com os pés o fundo do poço ou do rio, enfim, disputavam entre si a "coroa de louros" ao mais hábil e exímio malabarista aquático. Brincavam ainda de "galinha cheia", o que consistia em jogar uma pedra no fundo do poço, dizendo: "Galinha cheia? . . . " os outros respondiam: "Cheia!" "Quem come dela?" Resposta: "Sou eu!" Nova pergunta: "Assada ou cosida?" Resposta: "Assada!" E todos mergulhavam ao mesmo tempo em busca da pedra lançada. Aquele que primeiro conseguisse agarrá-la e trazê-la para fora, era o o vencedor. Acontecia ser essa busca, às vezes, demorada, por isso, perigosa.

Mas quem poderia evitar essas "artes"? Como evitar esses "passatempos" de crianças sadias e despreocupadas? . . .

AS INOCENTES BRINCADEIRAS DE SALÃO

A prática das brincadeiras de salão era um costume bem antigo dos jovens, preferencialmente das moças.

Era um entretenimento agradável, sadio, que prendia os jovens em casa, oferecendo-lhes, porém, ensejo de muito se divertirem e, ainda, conseguirem boas amizades. Entravam em contato com parentes, amigos e conhecidos. Eram brincadeiras inocentes e úteis.

Sim. Dissemos úteis, pois além de serem instrutivas quantos casamentos aconteceram nascidos naqueles salões das classes médias e ricas? Inúmeros. Poderíamos afirmar, sem receio de errar, que esses inocentes "passa-tempos" foram maquinados por pais e filhas casadoiras, com a finalidade precípua de fazerem-se aproximar "bons partidos". Oportunidades, essas, passíveis de matrimônio, o que era o sonho de cada moça no sentido de unir-se ao seu "princípe encantado".

Por outro lado, os rapazes, a pretexto de se divertirem, gostavam de serem convidados aos salões a fim de se aproximarem de suas amadas . . .

Dessas inocentes brincadeiras do tempo da vovó nos recordamos da "berlinda" que era assim:

Uma jovem ficava separada das suas colegas. Outra perguntava à cada uma das participantes por quê a "fulana" estava na "berlinda". Cada moça dava sua resposta: "porque é feia", "porque é bonita", "por-

que é inteligente", "porque é simpática", etc. Em seguida, as respostas eram transmitidas àquela que estava na "berlinda". Esta pensava um pouco e escolhia a resposta que mais lhe agradasse. Daí a dona da resposta escolhida ia para a "berlinda". E a brincadeira recomeçava.

Como a "berlinda", haviam as brincadeiras do "anel", a do "limão", "casamento oculto", e outras. Brincadeiras tão ingênuas como a mentalidade jovem e pura da época e o que de melhor exisita para a aproximação da mocidade e perpetuação da espécie.

CARNAVAL

Somente quando algo de grave acontecia num período anterior e aproximado aos festejos momescos, o povo de Conceição se privava das brincadeiras carnavalescas daquele ano. Ficava solidário aos sentimentos comuns. Fora isso, a população da nossa terra sempre gostou de se divertir com os folguedos de Momo.

Conta-se que nos tempos de Zeca Ramalho e Jaime, o carnaval em Conceição era bastante animado. A banda de música saía às ruas tocando num convite ao povo para brincar. Este, junto dela, pulava e dançava com muita alegria. Foliões fantasiados e até mascarados percorriam as ruas brincando com o povo que se divertia "a valer".

Haviam foliões espirituosos que com fantasias engraçadas e, às vezes, mascarados, ficavam em frente as casas dos amigos e parentes para homenageá-los com suas jogralices inocentes.

A realidade é que o carnaval sempre foi uma festa genuinamente popular.

Todas as noites haviam animadíssimos bailes e confetes, serpentinas e lança-perfumes nunca faltavam em meio à folia geral.

No ano de 1922, um bloco de foliões fez uma surpresa à casa do Cel. José Peixoto e dançando, cantava esta quadrinha:

"José Peixoto de Alencar
Tem um baile a oferecer
Onde todos vão dançar
Onde todos vão beber . . . "

E esse baile foi animado até alta madrugada com os comes e bebes à farta.

Do ano de 1935, lembramos de "blocos" desfilando pelas ruas e a banda tocando ora "Vassourinhas", ora "Zé Pereira". Os bailes costumeiros se realizavam, porém não sabemos descrevê-los com minúcias. Sabemos que eram bem alegres.

Na década de 40, houve muito entusiasmo nas ruas e também nos bailes que eram realizados no salão da Prefeitura. As músicas eram: "Jardineira", "Lero-Lero", "Os Carecas", "Mamãe eu Quero", "Atravessando o Deserto do Saara" e tantas outras.

Em 1944, o sr. Luizinho Paulino representou o "Rei Momo", no primeiro corso que surgiu na cidade. Desfilou na carroça da Prefeitura.

Foi dos mais alegres carnavais de Conceição.

As jovens, Alice Frade, Ivonete, Francinete, Adalgisa, Célia Ramalho, Talula e outras apresentaram-se com bonitas e variadas fantasias para todas as noites.

Os rapazes, que também estavam muito eufóricos, eram: Chico Figueiredo, Eneias, Otacilio, Chico Martildes, Chico Rodrigues, Afonso, Unias Ramalho, Antônio Frade e outros.

Na quarta-feira de cinzas, entre outros, os foliões-moças e rapazes receberam na testa grandes cruzes em cinzas, desenhadas pelo cônego Andrada e acompanhadas das palavras bem acentuadas: "Memento, homo, qui pulvis es et in pulverem reverteris". (Lembra-te homem, que és pó e ao pó voltarás).

E todos nós, num misto de arrependimento e saudade, preparávamo-nos para as penitências da quaresma, pois a nossa religião não apóia festas pagãs.

Depois da inauguração do nosso clube em 1964, o carnaval continua animado e algumas ruas são enfeitadas para os dias de folia.

Até os foliões da "velha guarda" e distantes da terrinha como Nicolau Frade, sua família e outros, vinham à Conceição brincar o carnaval junto aos foliões contemporâneos e também aproveitavam a oportunidade para matar as saudades de um tempo feliz.

REPENTISTAS

Um dos valores mais genuínos e representativos do folclore nordestino é, sem dúvida, o "repentista". Esse talentoso "pai d'égua" sertanejo, nascido e criado nas caatingas dos nossos sertões, traz do berço a inata vocação do poeta que versifica improvisando os mais variados e divertidos temas. Dono de incrível rapidez reflexiva, aliada à prodigiosa retenção de memória, mais o fantástico acervo de conhecimentos gerais.

Ao ouví-lo declamar ou cantar para um auditório, num recinto fechado ou, principalmente, em praça pública, ficamos deveras admirados e mesmo intrigados com o fenômeno que representam esses simples e humildes bardos do Nordeste.

O "repentista" é sempre atração proeminente nas festas públicas ou particulares. Suas rimas falam de amor, política, história, geografia, matemática, etc. Também elogiam, insultam, desabafam, criticam ou simplesmente divertem, conforme as necessidades circunstanciais.

Fazem tudo isso dentro de um espírito caçoísta para distrair o povo, exibindo o seu talento. Até para o sul do país são requisitados e apresentados nas rádios e tvs.

Aqui em Conceição, certa vez, apareceu um "repentista" vindo do Piauí, tendo se hospedado em casa de Batista Ramalho. Lá estavam presentes além de Batista, seus dois primos, Pinto e Janjão.

Uma pessoa da casa pediu para o "repentista" fazer uns versos e o "mote" era: Batista, Pinto e Janjão. Então o poeta começou:

"Por onde eu tenho andado,
Do Ceará ao Piauí,
Confesso que nunca vi
Um povo de tanto agrado;
Se eu não fosse casado,
Ficava em Conceição
Para estar mais sujeito,
Trancava dentro do peito
Batista, Pinto e Janjão".

Já um outro "repentista", aleijado, estava pedindo esmolas numa praça pública, quando perto dele passava um sargento da polícia com uma bonita farda e o esmoler começou:

"— Terra boa é Cariri
Tem mangaba e sapoti
Tem muita moça bonita
E "caba" bom de fuzí . . .
— Me dê uma esmola "sêo tenente"!?
O sargento passando, disse: "— Perdoi"!
Aí o mendigo arrematou:
"— Mas ao redor de uma légua
Tem "caba" fio de uma égua,
Que nega até um pequi . . . "

Juca Peixoto também fazia seus "repentes".

Certa vez recebeu um presente da namorada de um dos seus sobrinhos e acompanhando o presente vinha uma cartinha.

Entre outras coisas ela dizia: "— Tio Juca, fulano não quer casar comigo; **estou ciente de tudo**. Faça-me uns versinhos empregando qualquer frase desta minha carta. Assinado sua sobrinha do coração, Valderez".

Eis os versos do tio Juca, feitos imediatamente no próprio papel do presente:

"Cara e distinta sobrinha
Nem sei lhe responder
Mas com imenso prazer
Recebi sua cartinha.
Quando li o conteúdo
Pude fazer um estudo
Que parece estar dizendo:
Tio Juca, estou "roendo" . . .

"Estou ciente de tudo" . . .

Assim são os "repentistas". Alegres, versáteis, bastante inteligentes e criativos. Mesmo não possuindo cultura acadêmica ou decorativa, possuem conhecimentos gerais assimilados na "escola da vida", os quais, os "repentistas" distribuem gratuitamente, sem o espírito mercantilista de grande parte dos artistas.

Suas palavras fluem em cascatas de rimas que nos surpreendem e divertem a nossa imaginação.

A esses rústicos e privilegiados trovadores do nosso sertão, o nosso respeito, nossa admiração e as nossas sinceras homenagens.

NECRÓPOLES

Desde os primórdios dos nossos tempos, os cadáveres eram enterrados em locais do agrado dos parentes ou em outros lugares, cumprindo-se a vontade derradeira dos falecidos. Com o decorrer dos anos, esse costume foi se alterando, porém, as pessoas ricas ou famosas, quando morriam, eram sepultadas no interior dos templos ou em áreas cercadas ao redor dos mesmos. Em Conceição também era adotado esse mesmo hábito. Já os restos mortais das pessoas comuns eram sepultados em locais mais afastados.

No fim do século passado, foi construído um cemitério pequeno, particular, na propriedade do capitão Maximiano, destinado à família "Leite Alves".

Depois foi construído um cemitério de maiores dimensões na rua Nova. No ano de 1939, foi demolido devido encontrar-se em local muito central e já impróprio. Em seguida inaugurou-se outro, muito distante, numa parte alta da cidade, em direção do Cruzeiro. Esse cruzeiro foi implantado há bastante tempo em homenagem ao sr. Bento José Esteves de Alencar, no local onde ele foi encontrado morto. Teve sua alma venerada durante longos anos, por ter sido grande amigo e benfeitor dos escravos. O cemitério que estamos nos referindo foi construído por Peixotinho e um dos seus zeladores que conhecemos foi o preto Higino, que também foi sacristão muitos anos.

Não conheci empresas funerárias em nossa cidade. Nos anos 30, os caixões eram confeccionados pelo mestre Vitalino, para os mais pobres. Para os mais abastados, eram feitos pelo mestre Benício. Depois pelo sr. Teotônio Fonseca.

Quando o falecido era de família muito pobre, havia na Igreja, um caixão bem singelo que era cedido para o transporte dos restos mortais até o cemitério. Após o enterro, esse caixão era devolvido à igreja. Se fosse doença contagiosa o indigente era sepultado numa rede.

Costuma-se ainda hoje conduzir-se o féretro primeiramente à igreja, e daí ao cemitério.

Em todos os sepultamentos há um grande acompanhamento de

parentes e amigos para o último adeus ao falecido. E o caixão era e é carregado à mão, pelos acompanhantes.

Nos enterros de pessoas ricas ou de prestígio, a "banda" comparecia para tocar a marcha fúnebre. Essa marcha fúnebre foi composta por Zeca Ramalho e a banda dirigida por João Camilo, que também era o solista da clarineta.

Sua execução era de uma beleza tão comovente e triste que, mesmo seus ouvintes menos sentimentais, eram presos de tão forte emoção que não controlavam as lágrimas.

A passagem do féretro, sob os acordes dessa obra musical, tão enternecedora, realmente comovia a todos.

RELIGIÕES

Sem mais comentários a nossa religião é a Católica, Apostólica Romana, professada em Conceição desde o início do século XIX.

Com a chegada de João Rodrigues dos Santos e seus irmãos que eram devotos de N. S. da Conceição e fundadores do nosso município, em 1872 construiu-se uma igreja consagrada àquela santa. Não era das mais modestas, chegando até nós num bom estado de conservação e demonstrando que a comunidade que a construíra, conhecedora das prerrogativas da época, tinha boa instrução, apurado bom gosto e era de alto sentimento religioso. Essa igreja teve como seu primeiro vigário o Pe. Francisco Arcoverde. Foi sede de uma vasta paróquia, localizada à margem do rio Grande em confluência com o rio Serra Vermelha, sub-afluentes do rio Piancó. Essa bela igreja situava-se num alto que domina para o sul e oeste, campos e serras na amplidão que a vista alcançava para o norte da cidade. Foi demolida em 1938 e construída outra no mesmo lugar sem haver perdido a sua beleza panorâmica. (Falaremos em outra parte deste livro sobre a demolição da antiga igreja).

CATOLICISMO

DO PADRE FRANCISCO ARCOVERDE AO PADRE JOSÉ DE SOUZA NETO

Foram 100 anos de sacerdócio do Pe. Arcoverde ao Pe. Souza Neto. Durante esse período a igreja teve seus altos e baixos na vida da comunidade. Dias difíceis, quando a seca flagelava o povo; os cangaceiros ameaçavam a cidade e as epidemias dizimavam em massa.

Havia também tempo de fartura, paz e alegria. Em todos os momentos quer na alegria ou na dor, não faltava a presença do vigário que muitas vezes vinha de outras paróquias para dar assistência aos seus devotos.

O povo conceiçãoense ainda hoje continua muito religioso, professa a religião católica por convicção e amor a Cristo.

Hoje, parte desses cristãos professam outras religiões. Além da nossa Matriz, atualmente há oito capelas, sendo o Frei Antônio Azevedo, capuchinho, seu orientador espiritual.

PROTESTANTISMO

Há tempos passados haviam tentado várias vezes a instalação da religião protestante em Conceição, porém o povo não a aceitava.

Certa vez apareceu em nossa cidade um casal de ingleses, sr. Alberto e dona Mary que pretendia pregar o protestantismo em nosso meio. O sr. Alberto era Pastor da Igreja Batista. Por mais que se esforçasse para implantar sua religião, nada conseguiu.

Independentemente de matéria religiosa, esse casal de ingleses era muito simpático e fez grandes amizades pessoais.

Hoje contamos com três templos protestantes. Um fica à rua Odom Bezerra, no bairro São Geraldo; outro se localiza à rua São Pedro, no bairro de São José, e o terceiro funciona na Praça Cônego Andrada (onde era o chalé de Yoyô).

Destaca-se a Igreja Batista da Esperança, dirigida pelo pastor José Pires de Morais, missionário da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira.

ESPIRITISMO

Naturalmente que sempre haviam os simpatizantes do espiritismo, embora não se declarassem adeptos do espiritismo por questões pessoais.

Hoje há um Centro Espírita Kardecista e dois centros de culto afro-brasileiros.

DIAS SANTIFICADOS E SUAS FESTAS

Em todas as partes do mundo onde predomina a religião Católica Apostólica Romana os dias santos são os mesmos.

Haviam nove dias santos no calendário eclesiástico, conforme relacionaremos pela ordem:

Dia 1º de janeiro: "Circunscisão do Senhor" — festivamente comemorado em Conceição como "Dia do Ano".

Ao romper do Ano Novo, duas missas eram celebradas pela manhã — uma às 7 h e a outra às 10 h, que era solene, cantada pelo padre todo paramentado, acompanhado pelas cantoras.

As senhoras e senhoritas que representavam a sociedade conceiçãoense assistiam, de preferência, a missa das 10 h.

E era de admirar-se a elegância e a graça dos seus lindos trajes da última moda. Vestidos das mais finas sedas ou veludo. Lindos chapéus combinando com sapatos, bolsas e luvas. Quem residia perto da igreja, ficava à janela de sua casa para assistir ao desfile da ala feminina que, com muita "finesse" e "charme" ia à missa das 10 h.

Dentre as senhoras que agora nos lembramos podemos citar: Tonha Soares, Benônia Limeira, Nana Rangel, Macrina Ramalho, Tonha Rangel; e as jovens Henriqueta, Maria Leite, Eunice Moura, Dilmar Dantas, Eny e Nely Ramalho, Gentil e Geny Alencar, Rinaura Rangel, Letice Figueiredo e outras. As garotas Alice Frade, Ivonete Matildes, Célia Ramalho, Bia e Naíde Mangueira, Hildinha Gomes, Odete Moura, Francinete Soares, Adelvita Ramalho, Terezinha Dantas e muitas outras.

À tarde, havia leilão no patamar da igreja e logo após a procissão com muitos andores enfeitados e acompanhados pela banda de música. E as festas religiosas terminavam à noitinha, com a bênção do SSº Sacramento.

Lá pelas 8 h da noite, havia um baile muito animado, onde aparecia a sociedade conceiçãoense.

Dia 06 de janeiro: Epifania ou "Dia de Reis". Em várias residências havia um pé de romã em homenagem aos três "Reis Magos" e também para dar sorte aos seus moradores. Não temos certeza se faziam a "simpatia" que consiste em comer alguns grãos de romã, atirando outros no telhado da casa, a fim de que, durante todo o correr do ano não faltasse dinheiro a todos os membros da família. Aprendemos essa "simpatia" quando morávamos no Recife. Havia missa solene, como em todos os dias santos.

TERCEIRO DIA SANTO: Festa móvel: "Ascenção do Senhor" — há missa solene e à cidade vinham e vêm muitos fiéis moradores nos sítios.

QUARTO DIA SANTO: "Corpus Christi" — havia missa solene. Procissão indo o padre segurando a "Custódia" com o SSº Sacramento sob o pálio e o "coroinha" tocando a sineta. Os sinos repicavam e quando o SSº Sacramento passava diante das residências, o povo respeitosamente se ajoelhava. Era costume enfeitar as janelas com toalhas de renda, jarros com flores e plantas diversas. Depois da procissão havia a bênção do SSº Sacramento.

Dia 29 de junho: "São Pedro e São Paulo" — havia missa. Nesse dia o povo ficava bastante animado para comemorar as festas desses santos, fazendo fogueiras nos sítios e nas ruas mais afastadas e participando dos bailes.

Dia 15 de agosto: "Assunção de Nossa Senhora" — uma missa solene pela manhã e bênção do Santíssimo à tarde.

Dia 1º de novembro: "Todos os Santos" — missa e bênção do SSº Sacramento.

Dia 08 de dezembro: "Imaculada Conceição" — é a maior festa anual no município, pois se trata das comemorações em homenagem à Santa

Padroeira de Conceição. É extenso o programa das festividades.

Dia 25 de dezembro: "Dia de Natal" — festa de congraçamento internacional, já descrita em outro local.

Observação: Alguns desses dias santos não são guardados oficialmente, porém comemorados no primeiro domingo subseqüente ao dia santificado. (Isto de alguns anos para cá).

MOVIMENTO RELIGIOSO NAS VILAS

No tempo em que Santa Maria e Santana eram vilas, o padre de Conceição lá comparecia uma vez por mês a fim de celebrar missa, fazer batizados, casamentos e prestar outras assistências religiosas aos fiéis.

Nos dias das festas das Padroeiras dessas Vilas, que eram as mais concorridas e animadas, o vigário tinha muito trabalho, considerando-se que além do maior número de casamentos e batizados, haviam muitas confissões, comunhões, missa cantada, sermão e a bênção do SSº Sacramento.

À noite, após as cerimônias religiosas e os festejos de rua, quase sempre realizavam um baile e para maior animação surgiam algumas "briguinhas" comumente promovidas por alguns "valientes" que excediam um pouco na dosagem alcoólica.

Apesar desses costumeiros incidentes, nem por isso os ânimos festivos populares se arrefeciam. Antes, pelo contrário, todos os anos essas festas religiosas cresciam de interesse e eram aguardadas com muita ansiedade.

O povo gostava delas por devoção, para rever amigos e parentes, fazer negócios, novas amizades, enfim, sair da rotina comum às pequenas comunidades.

A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO DEVE CONTINUAR

Foi uma promessa feita pelo Padre Diniz. Promover todos os anos, durante o período de 11 a 20 de janeiro, uma grande festa em homenagem a São Sebastião. Novenas, bênçãos do SSmº Sacramento, alvoradas, procissões com o andor do santo muito bem enfeitado e uma enorme participação do povo.

O objetivo desta festa era o de, com a ajuda de São Sebastião, livrar nossa gente de "peste, fome e da guerra".

O hino a São Sebastião dizia: "Livrai-nos da peste, São Sebastião!" Parece que o santo nos ouvia, pois tivemos longos períodos de dias promissores, com bons invernos, nenhuma guerra e nenhuma epidemia, durante as devoções dirigidas ao santo.

Até a época do Padre Luiz Gomes se homenageava com bastante

entusiasmo e devoção aquele que sempre nos protegeu.

Não sei porque ainda hoje não se reverencia o santo com o mesmo calor de antigamente.

Sua imagem é somente reverenciada em orações e com uma missa no seu dia.

Mas a Festa de São Sebastião é um justo reconhecimento do muito que Dele temos recebido e, por isso, ela deve continuar.

AS MISSÕES

As missões sempre foram um acontecimento religioso dos mais importantes para a Igreja e também para as comunidades do sertão.

Em Conceição elas se sucediam em intervalos de dois a três anos. Iniciavam-se os ofícios religiosos com a chegada de alguns frades.

Logo após, anunciava-se a vinda do famoso missionário e doutrinador Frei Damião, cuja presença era aguardada com bastante ansiedade por todos os fiéis.

A participação do Frei Damião constituía motivo de maior interesse e curiosidade. E tudo decorria com muita devoção e entusiasmo.

Nos sermões, o missionário dissertava sobre vários temas, escolhendo um deles para cada dia: a família, a religião, o casamento, o comunismo (preferencialmente) e outros. Eram os frades, no entanto, os que mais combatiam o comunismo e o socialismo, delineando-os com cores tão sombrias e fantasmagóricas que punham as mulheres arrepiadas e de cabelos em pé.

Nas suas prédicas, Frei Damião condenava a bigamia, o adultério, aconselhava a união na vida conjugal, etc.

Todos os dias, pela manhã, havia missa. Frei Damião saía pelas ruas às 4 horas da manhã, tocando uma campainha e cantando sozinho, sendo logo em seguida acompanhado pelo povo. Quando clareava o dia, já o páteo da igreja estava repleto de fiéis, aguardando o início da missa.

Seu cântico predileto era mais ou menos assim:

"Vinde pai e vinde mãe,
Vinde todas às missões
Trabalhar como Cristão
Para alcançar a Salvação.

Pobrezinho pecador
Onde estás, onde te escondes?
Vem ouvir o teu Senhor,
Pobrezinho pecador".

Também cantava esta:

"Se ao céu tu queres ir,
Não roubes a ninguém!
Se tens coisas roubadas
Deves restituir . . .
Ao céu, ao céu, ao céu,
Ao céu eu quero ir". bis

Depois das pregações, missas, comunhões, confissões, retiros, etc., quando os frades iam embora, o povo ficava com bons propósitos de não mais pecar e, principalmente, de acatar às leis cristãs.

As mais entusiásticas missões, foram de 1945, quando o Cônego Andrada era vigário em nossa paróquia, antecedendo à crisma que seria oficializada por D. Henrique de Gelain, natural do Rio Gde. do Sul.

Nessa época, Frei Damião veio acompanhado de um frade alemão que possuía uma bela voz e cantava com os fiéis, o hino "Avante Povo":

AVANTE POVO

"Avante povo em guerra franca
Bandeira branca, triunfará!
Bandeira branca, sim, triunfará,
Viva Jesus Cristo, que nos salvará.

Avante por Cristo que é nosso Rei!
Imperem na Pátria, Jesus e Sua Lei!
Viva Cristo Rei, viva Cristo Rei!

Avante povo com heroísmo
Que ao comunismo, derrotará
Ao comunismo, sim derrotará
Viva Jesus Cristo, que nos salvará.

Avante por Cristo, que é nosso Rei, . . . etc.

Frei Damião ainda hoje vive pregando o Evangelho de Cristo pelos sertões nordestinos, sendo muito querido e venerado por todos.

Salve as Missões!

As Missões só trazem benefícios e esperança ao povo.

AS FLORISTAS

No meu tempo de criança, haviam em Conceição algumas "floristas". As mais conhecidas eram Rosinha Lavor e Candinha (filha adotiva do casal Manoel Romão e Maria Romão, do Saco de Ingazeira). Ambas eram habilidosas artesãs na confecção de flores artificiais de diversos tipos: de papel de seda, papel crepon e também de tecidos, porém esse último tipo era feito em quantidade menor.

Tinham essas "flores" a finalidade, como é a função das flores, de enfeitar os altares e os andores da nossa igreja; de formar lindos buquês

para noivas; grinaldas para as primeiras comunhões, inclusive ornamentar em vistosos jarros, as salas das casas de famílias de bom gosto. Também, essas "flores", eram utilizadas na confecção de "coroas" que ornavam os funerais.

Entre nós havia por tradição a superstição de que toda moça que se dedicasse à confecção de flores artificiais não se casava, quer dizer, ficava no "caritó". Coincidência ou não, a verdade é que as referidas floristas faleceram solteironas.

Rosinha Lavor tinha uma sobrinha muito bonita, de nome Siluzinha. Essa jovem bem cedo aprendeu a fazer "flores" com a tia, porém, talvez receosa da superstição, abandonou a arte e casou-se com um rapaz de outra cidade, o sr. Cláudio Nogueira.

No ano de 1944, veio para Conceição um novo funcionário da Coletoria Federal, o sr. Nelson Paiva, acompanhado da sua família. Sua esposa, dona Marluce era exímia florista. Esta senhora instalou em sua nova residência um curso de artesanato de flores artificiais para moças da cidade. Então, Alice Frade, Ivonete, Amelinha Alencar, Francisca Valões, eu e outras moças, matriculamo-nos nesse curso e, com entusiasmo, iniciamos o aprendizado de floristas.

Essa euforia, no entanto, durou pouco porque reapareceu entre nós o boato de que ficaríamos "vitalinas", pois "quem faz flores não se casa" conforme a crendice popular da época. E assim, mais que depressa a nossa turma foi se dispersando, já que a animação se arrefeceu.

Para aumentar nosso receio de ficarmos solteironas, quando passávamos em frente à casa de Geni, de tio Juca, indo para as aulas do tal curso, Geni, para nos "chatear", cantava parodiando uma musiquinha qualquer e com versinhos de sua autoria:

"Quem faz flores não se casa,
Que Candinha não casou;
Siluzinha pra casar,
As flores abandonou . . .
bis
ôi não se casa,
Que Candinha não casou . . .
Siluzinha pra casar,
As flores abandonou . . .
Ô, Ô, Ô, Ô,
ôi não se casa, etc."

E assim nós fomos debandando do tal curso, embora tivéssemos aprendido, em pouco tempo, a fazer alguns tipos de flores, pois nossa professora, dona Marluce, era muito competente, sabendo ensinar mesmo à moças casamenteiras.

E a verdade é que nos casamos e nada sofremos da engraçada superstição.

* VARIEDADES *

CURIOSIDADES

História da Medicina

Podemos dizer que a história da medicina começou propriamente por volta do ano 2.800 aC., na China, quando se publicou o 1º Tratado Terapêutico de que já se ouviu falar.

Mais tarde no ano de 1950 aC., na Babilônia, criou-se a profissão de médico.

Mas foi Hipócrates (c.460 – c.355 aC.), o famoso médico grego, considerado o Pai da Medicina. Ele nasceu na Ilha de Cós.

RELÓGIO

O gigantesco relógio de quatro faces, montado na torre da Estação Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, custou em 1942 a quantia de 1.100 contos de réis.

Os grandes mostradores têm 20 metros de diâmetro cada um. Os ponteiros dos minutos, medem 7 metros e meio e pesam 270 quilos cada um. Os ponteiros das horas, medem 05 metros e meio e pesam 180 quilos cada um.

As extremidades dos ponteiros percorrem diariamente mais de 3 km. É o maior relógio de quatro faces do mundo.

BOVINOS

É a Índia a dona de um dos maiores rebanhos bovinos do mundo, mas disso não tira nenhum proveito porque a vaca é considerada um animal sagrado e intocável pela religião dos hindus, o Hinduísmo.

LIVROS

Os primeiros livros chegados até nossa era, foram fabricados no Egito, há mais de 5.000 anos. Eram feitos de papiro. (O papiro é um material extraído do caule de um tipo de cana que cresce às margens do rio Nilo). Os primeiros livros tinham o formato de um rolo de papel, cujas extremidades eram ligadas a um pedaço de madeira ou de osso. Eram escritos, esses livros, à mão, quer dizer, eram manuscritos.

CONSTRUÇÕES

A Basílica de São Pedro, em Roma, mede 15.162 m^2, tendo 187 m de comprimento e 137 m de largura. Sua capacidade é para 54.000 pessoas, sendo portanto a maior igreja do mundo.

OS PRIMEIROS EM CONCEIÇÃO

1 — Primeiro Padre: Francisco Tavares Arcoverde.
2 — Primeiro Prefeito: Sr. José Pereira de Gois.
3 — Primeiro Juiz de Direito: Sr. Dr. Venancio Neiva, que chegou a ser Presidente do Estado da Paraíba.
4 — Primeiro Médico: Dr. Antônio Ozório Pinto Ramalho.
5 — Primeiro Farmacêutico formado: Napoleão Ramalho Brunet.
6 — Primeiro Farmacêutico provisionado: Alfredo Gomes de Sá.
7 — Primeiro Farmacêutico prático: Sr. Pedro Aives.
8 — Primeiro Professor primário: João Benjamim de Maria.
9 — Primeiro Escrivão: Manoel Freire Lavor.
10— Primeiro carro de passeio: apareceu em 1922, um FORD BIGODE, de propriedade do Sr. Emidio Rodrigues de Sousa, que residia no sítio "Maxixe", município de Conceição.
11— Primeiro caminhão: Pertenceu a Roldão Mangueira, na década de 1930.
12— Primeiro Gramofone: Pertenceu ao Capitão Maximiano.
13— Primeira Vitrola: Pertenceu a Roldão Mangueira, adquirida de 2ª mão, em 1930.
14— Primeiro Rádio: Foi instalado em 1937, num dos sobrados do cap. Maximiano. Funcionava com bateria. Houve uma grande festa em sua inauguração.
15— Primeira luz elétrica: Inaugurada em 1937, quando prefeito o sr. João Fausto. Motor à lenha.
16— Primeira difusora: adquirida pela prefeitura municipal em 1944, de um proprietário de um circo que passara por Conceição, naquele ano. Teve seu 1º locutor, sr. Luiz Teixeira.
17— Primeiro W. C.: Foi colocado no Grupo Escolar José Leite em 1937.
18— Primeira televisão: Pertenceu ao Sr. Alfredo Gomes de Sá.
19— Primeiro telefone: Público.
20— Primeiro Fotógrafo: A. A. Leão (fotografias tiradas no ano de 1900).
21— Primeiro bispo a visitar Conceição: Dom Adauto.
22— Primeira Empresa de ônibus: IPALMA.
23— Primeira praça: Praça Cônego Andrada.
24— Primeira Rua: Rua da Igreja.
25— Primeiro bacharel em Direito: Dr. Nicolau Rodrigues França Leite.

EXPRESSÕES POPULARES
(mais usadas nos sítios conceiçãoenses)

1) Qualqué dicumezinho	1) Pouco alimento
2) Famiação toda	2) Toda família
3) Dordói	3) Dor nos olhos, conjuntivite
4) espinhéla caída	4) luxação expontânea do externo
5) Suspiração	5) Respiração
6) Reméido	6) Remédio
7) Istopôro	7) nevralgia
8) Intalo	8) engasgo
9) Formigueiro no corpo	9) Dormência
10) Tiquim	10) Pouco
11) Ar incausado	11) ar preso
12) Cumé?	12) Como é?
13) Fogo na urina	13) Irritação uretral
14) Disunerou . . . a barriga	14) Diarréia
15) Ontá?	15) Onde está?
16) Porquera	16) Porcaria
17) Drome desimbruiada	17) Dorme descoberta
18) Arrôto choco	18) Arroto de gases máu cheirosos
19) Izemprou o fio	19) Castigou o filho
20) Dor de pontada	20) gás preso
21) Dor de estambo	21) Dor de estômago
22) Sumana	22) Semana
23) Bolo na guela	23) Nervoso
24) Batimento pru dento	24) Palpitação
25) Minsináro	25) Ensinaram-me
26) Ringição de dente	26) Ranger os dentes
27) Quando dei fé	27) Quando notei
28) A dô se espaia	28) A dor se espalha
29) A sumana passada	29) A semana passada
30) Antonte	30) anteontem
31) Oxente!	31) Ô gente!
32) Arengou com eu	32) Brigou comigo
33) Bem qui dixe	33) Bem que disse
34) A panela tá chichilando	34) Está com pouco fogo, demorando ferver
35) Tá lá em riba	35) Está lá em cima
36) Uma ruma ou uma tuia	36) Porção de coisa
37) Cachete	37) Comprimido ou drágea
38) Vôte!	38) Uma admiração
39) Dei cavaco	39) Lamentei
40) Meu pareceiro	40) meu parceiro
41) Está empalhando ou empaiando	41) Está interrompendo, tomando tempo da pessoa
42) Tirou enxirimento	42) Faltou com o respeito
43) Quituche danado	43) Fuchicada
44) Fato furado . . .	44) Não guarda segredo

45) Catinga, inhaca
46) Meisinha
47) Xarapa
48) cerôto

49) Foi uma "pinoia" . . .
50) Roupa meio coronha ou "pegando marreco"
51) Chafurdo, furdunço
52) Biqueira
53) quilomo
54) Carnero

45) Máu cheiro, fedor
46) Remédio
47) Que tem o mesmo nome (xará)
48) Sujeira qualquer, principalmente no pescoço
49) Não valeu nada . . . ruim

50) Roupa curta
51) Fuxicada — intriga
52) Pessoa que come pouco
53) quilômetro
54) Carnê

TIPOS POPULARES

Em todas as comunidades existem os indivíduos que se tornam bastante conhecidos e até queridos pelas suas excentricidades, isto é, pela maneira de procederem diferente do comum dos mortais.

São os cognominados "tipos populares".

Em nossa Conceição, no meu tempo de adolescente, haviam alguns desses tipos que merecem ser lembrados — todos da década de 40 e 50.

ZÉ GRIGUILIM

Era um pintor de paredes e o seu trabalho era feito com gosto e capricho.

Não gostava de ser chamado pelo apelido "Zé Griguilim" e se alguém o tratasse nessa intimidade, ele exasperava-se e repreendia o "insolente" sem, no entanto, apelar para nomes feios.

Para que largasse o trabalho que estivesse fazendo e iniciasse um "papo" de horas sem fim, bastava que alguém passando por ele gritasse:— "Olá Zé!" Imediatamente ele descia as escadas e, destravando a língua, disparava a conversar sobre assuntos variados, ficando o trabalho de pintura muitíssimo prejudicado.

Sempre dava a entender que tinha uma "noiva", porém ninguém sabia quem era, nem ele dizia.

Se alguém a ele dissesse: —"Ah, Zé! Eu te vi com uma nomorada!". . .

Era o suficiente. Zé Griguilim negava com veemência e aborrecido dizia:— "Aqui em Conceição é assim: basta se olhar para uma moça e . . . já vai casar! já vai casar!"

E se lhe perguntassem:— " Ôh, Zé! Gostou de Fortaleza?" Ele imediatamente respondia: — "Fortaleza é qué bom! Fortaleza é qué bom!

E acrescentava:— "A gente conversa e passeia com duas ou três moças

de cada lado e ninguém diz nada! e ninguém diz nada! Aqui basta olhar para uma e . . . já vai casar! já vai casar! . . . Fortaleza é qué bom, Fortaleza é qué bom!"

E sempre repetia a mesma coisa duas ou mais vezes.

Ele era uma alma boa e simples, totalmente inofensiva. Gostava de conversar, "amar" a seu modo e era trabalhador e respeitador.

PANZANZA

Veio do sítio Cipaúba e criado (ele e sua irmã "Turrão") por Batista Ramalho.

Moreno, baixo, quase anão, forte entroncado, pescoço curto, trabalhava em serviços pesados como carregador de fretes e calunga de caminhão.

Muito prestativo e respeitador, gostava de contar piadas entre a rapaziada e por ser divertido e de bom gênio, era muito benquisto por todos.

SEBASTIÃO COTÔCO

Homem simples, moreno, baixo, forte, sendo que nunca ficamos sabendo a causa do seu defeito físico: se de acidente ou de nascença.

Não tinha as mãos, faltando ainda metade dos ante-braços, daí o seu apelido.

Mesmo assim trabalhava e no pesado, no carregamento de caminhões com enormes e pesadas sacas de algodão à cabeça. Para suavizar o peso, usava uma espécie de marmita quadrada feita de couro e pano emborcada na cabeça.

Apesar de fisicamente deficiente, nunca pediu esmolas, embora tivesse direito de fazê-lo se quisesse.

Sempre mereceu a nossa admiração e respeito.

JOAQUIM BICICLETA
(Década de 40)

Trabalhador da roça, simplório, magro, muito expansivo e palrador.

Sempre falava bastante alto, quase gritando, sendo um andarilho nato.

Andava ligeiro e quando parava para uma prosa, o fazia levantando os braços e dando pequenas voltas, quer dizer, conversava andando e fazendo círculos com o hábito de sempre levantar os braços enquanto falava.

Talvez pelo seu jeito "sui-generis" de prosear, ganhou o apelido de Joaquim Bicicleta.

Casado em duas núpcias e houve filhos.

MENDIGOS

"MÃE SENSA"

Andava pelas ruas às vezes descalça, com sua bengalinha, nos anos de 1934 e 1935, se não me engano.
Vestido longo até os pés, a parte da saia franzida na cintura e nela amarrado um cordão. Sua blusa era do tipo "cabeção". Usava um pequeno chale às costas e um "paninho" amarrado à cabeça já bem branca.

Seu andar era firme e tranquilo, porém quando alguém dela se aproximava pela frente ou pelas costas, "Mãe Sensa" estancava de súbito e de repente dava três passos prá frente e dois para trás, como se tivesse perdido o equilíbrio.

Se alguém a interpelava, suas respostas eram bem lúcidas.
As crianças, antes de entregar-lhe as esmolas, perguntavam:
— "Mãe Sensa," quantos anos a senhora tem?" E ela calmamente respondia:
— "Mais de cem minha filha!"
—"A senhora se lembra dos escravos?"
— "Muito!" E as vezes relatava algum episódio do tempo da escravidão . . .

Não me lembro de tê-la visto mal humorada ou reclamando da sorte.

Havia outros mendigos, porém esses eram eventuais. Não pediam ajuda ás portas das casas, a não ser nas épocas das secas bravas. Nessa ocasião, iam às cozinhas das famílias mais caridosas, para receberem semanalmente uma "feirinha", o que já era um costume herdado dos antepassados.

MARTIM CEGO

Era alto, magro, pele escura, cabelos grisalhos e teria mais ou menos 60 anos de idade.
Sua roupa era simples e bem cuidada. Usava chapéu e alpercatas.
Andava pela cidade, rua cima e rua abaixo, sempre orientado pela sua varinha de cipó.
Nunca chegava a pedir esmolas. As pesssoas já o conheciam e assim que o avistavam, iam ao seu encontro levar-lhe o seu donativo.

As crianças costumavam abordá-lo, perguntando:
— "Martim, quando o senhor ficou cego?" E ele respondia:
— "Em dez", (1910).
Martinho ou Martim, conscientemente ou não, era um fiel apóstolo de Cristo.
Ele repartia suas esmolas com pobres e doentes ainda mais necessitados, principalmente na época das secas.

Acontecia que essas pessoas não eram inválidas e sim habituadas a trabalhar. No entanto, estavam passando privações e sentiam acanhamento de pedir esmolas.
Martinho Cego, além de possuir um grande coração, tinha o bom senso e a sutileza de evitar-lhes o constrangimento . . .

Nos últimos anos de sua vida, o dr. Nelson Ribeiro e sua família tomaram para si o piedoso encargo de fornecer a "feira" semanal a Martinho, sem que ninguém mais precisasse ajudá-lo.

Faleceu em 1950, aproximadamente.

NOMES DE BOIS MANSOS

AZULÃO — CAMPINA — RIO NEGRO — MALHADO — PINTADO — Canário — GIGANTE — HEROI — GUERREIRO — RAJADO — CHAVANTE — SOBERANO — MARAVILHA — PASSARINHO — DRAGÃO.

NOMES DE BURROS

DOMADO — VEADO — JAPÃO — MORENO — BRIOSO — ARISCO — Dourado — Esperto — VENTANIA.

NOMES DE GATOS

MIMOSO — MOURÃO — DOUTOR — GRACIOSA — DEM-DEM — CHANA — MIMI — DENGOSO — XANDOCA — NOIR — PRETINHA — Estrelinha. BIÁ.

NOMES DE CÃES

BLACK — FIEL — REX — CACIQUE — ROMPE FERRO — ROMPE NUVEM — LEÃO — PELUZ — JATI — SERI — SULTÃO — PERI — JAGUNÇO — PIABA + QUIDI — GUARANI — DORLY — PILOTO — VELUDO — Faisca. —Balalaika — Valente — Javali Vira-lata — Pirata — Feroz — Perigo — Bolinha — Totó — Dog — Canguçu — Tigre — Poti.

NOME DE AGUARDENTES

Bagaceira — Chora na rampa — Carangueijo — Tira-teima — Futriqueira — Chica boa — Altiva — Para Todos — Serra Grande — Gostosa — Asa Branca Cajueiro — Aliada — Parati — Moreninha — Alvorada — Sertaneja — Poti — Sururu — Cabocla — Branca — Preferida — Pinga-fogo — Legítima — Brasileirinha — Tirolesa — Fuzarca — Canajava — Tomba-homem.

TESTE SUA CULTURA E MEMÓRIA

1) Qual a côr típica da safira?
2) Qual o rio que atravessa a cidade de Roma?
3) Qual era a 23ª letra do nosso antigo alfabeto?
4) Qual é o maior planeta do nosso sistema solar?
5) Onde e em que ano nasceu o Duque de Caxias?
6) Em que ano Portugal reconheceu a independência do Brasil?
7) Qual o primeiro ano da era Cristã?
8) O que é uma guerra civil?
9) O tomate é uma fruta ou um legume?
10) Qual é o rio mais extenso do mundo?
11) Qual o país mais montanhoso da Europa?
12) De onde se origina a batata inglesa?
13) Qual era o nome do Conde D'Eu?
14) Qual a mais alta montanha da terra?
15) Pode um brasileiro naturalizado ser Presidente da República?
16) Quem conseguiu a 1ª fotografia?
17) Que século produziu o maior número de inventores?
18) Quem foi Lucrécia Borgia?
19) Que é que o "passarinho verde" simboliza?
20) Quem foi o primeiro papa?
21) Onde fica a torre inclinada?
22) Quem inventou a aeroplano?
23) E o saxofne e em que ano?
24) Qual é o gás mais abundante?
25) Qual foi a 1ª Capital dos EEUU?
26) O que é mais pesado: um quilo de penas ou um quilo de chumbo?
27) Quem inventou a caneta-tinteiro?
28) Qual a principal virtude de Jó?
29) Qual a maior ilha do mundo?
30) Onde nasceu Carlos Gomes?
31) De que matéria prima se faz o papel?
32) Em que ano descobriu-se o raio-x?
33) Quais são as cores primárias?
34) Que famosa batalha Vitor Hugo descreve em "Os miseráveis"?
35) Para que ilha Napoleão foi banido em 1814?
36) Qual a cidade norte-americana mais famosa por seus crimes?
37) Quem foi Dalila?
38) Qual é o mais alto pico do Brasil?
39) Qual é o continente negro?
40) Que capital européia é chamada "cidade eterna"?
41) Em que país foi inventada a pólvora?
42) Qual é a data da independência dos EE.UU.?

43) Qual é a velocidade da luz?
44) Qual o mais veloz, o som ou a luz?
45) Em que país nasceu o sistema métrico decimal?
46) Que povo inventou o alfabeto?
47) Qual é o estado mais meridional do Brasil?
48) Qual o povo antes conhecido como "sem pátria?
49) Que é um beneditino?
50) Quais são os cinco maiores países em extensão territorial?
51) Qual o continente mais populoso?
52) Quem inventou o telégrafo sem fio?
53) Qual o inseto que mais prolifera?
54) Qual a região mais quente do mundo?
55) Qual é a maior glândula do corpo humano?
56) Onde o som caminha mais rápido? Pela água ou pelo ar?
57) Quem escreveu a obra "Comédia Humana"?
58) Quem escreveu "A Divina Comédia"?
59) Qual o filósofo grego que excreveu "O Banquete"?
60) Qual o autor do "O Sítio do Pica-pau Amarelo"?
61) Que é mimetismo?
62) Qual a maior ave voadora?
63) Quem é o autor da frase: "errar é humano e perdoar é divino"?
64) Em que país nasceu a música escrita?
65) Qual a raíz quadrada de 1?
66) A quantos graus centígrados ferve a água?
67) A quantos graus centígrados congela a água?
68) Qual é a antiga"cidade das sete colinas"?
69) Que significa INRI, inscrição na cruz de Cristo?
70) Em que país nasceu Charles Chaplin?
71) Quem pintou a "Mona Lisa"?
72) Qual é a capital da Hungria?
73) Qual o autor da teoria da relatividade?
74) Por que Louis Pasteur se tornou famoso?
75) Quais as 3 partes que compõe o cérebro?
76) Quantas pernas tem uma formiga?
77) Em que ano inaugurou-se a estátua do Cristo Redentor no R. Janeiro?
78) Qual a velocidade do som no ar?
79) " " " " " na água?
80) A quem se atribue a frase: "um governo do povo, pelo povo e para o povo"?
81) Onde começa a digestão?
82) Quem era o Presidente do Brasil, na 1ª guerra mundial?
83) O que é piorréia?
84) Na nobreza, qual o maior título: barão ou visconde?
85) Quais os três principais tipos de nuvens?

86) O que é o Vaticano?
87) Quem foi Henrique Dias?
88) O que é um economista?
89) Quem foi Agripina?
90) Quem criou a figura do Adamastor?
91) Onde nasce o rio Amazonas?
92) Como se chama o osso do braço que vai do ombro ao cotovelo?
93) Qual o nome do autor de "Romeu e Julieta"?
94) Cite alguns fatores desenvolvimentistas de uma nação:
95) Quantos anos é o Brasil mais novo que os EE.UU.?
96) O que é inflação?
97) O que são multinacionais?
98) Qual a principal causa da pobreza nordestina?
99) É possível perenizar de água o nordeste? Como?
100) Quais os grandes rios mais próximos do nordeste?

RESPOSTAS CERTAS: 40 — BOM; 70 — MAGNÍFICO; MAIS DE 80 — GÊNIO.

TESTE SUA CULTURA E MEMÓRIA — respostas:

1) Azul celeste; 2) Tibre; 3) W; 4) Júpiter; 5) Rio de Janeiro em 1803; 6) 1825; 7) O ano 1 do nascimento de Cristo; 8) Uma guerra entre duas ou mais facções de um mesmo país; 9) fruta; 10) O Nilo; 11) Suíça; 12) América do Sul; 13) Luiz Felipe Gastão de Orléans; 14) Monte Everest; 15) Não; 16) Louis Daguerre em 1839, na França; 17) O século XIX; 18) Filha do papa Alexandre VI, famosa por suas crueldades; 19) Felicidade; 20) São Pedro; 21) Em Pisa, na Itália; 22) Santos Dumont; 23) 1849 por Adolfo Sax; 24) Oxigênio; 25) Nova York; 26) Mesmo peso; 27) Lewis E. Watermon; 28) A paciência; 29) A Groenlândia; 30) Campinas — Est. S. Paulo; 31) De madeira; 32) Em 1895; 33) Vermelho, amarelo e azul; 34) Waterloo; 35) Ilha de Elba; 36) Chicago; 37) Personagem bíblica que cortou os cabelos de Sansão; 38) Pico da Neblina, no Amazonas; 39) Africano; 40) Roma; 41) Na China; 42) 4 de julho de 1776; 43) 300.000 km p/segundo, aprox.; 44) A luz; 45) Na França; 46) Os fenícios; 47) Rio G. do Sul; 48) Judeu; 49) Monge da Ordem de S. Bento; 50) Rússia, Canadá, China, EE.UU. e Brasil; 51) Ásia; 52) Marconi; 53) A formiga; 54) O deserto africano; 55) O fígado; 56) Na água; 57) Honoré de Balzac; 58) Dante; 59) Platão; 60) Monteiro Lobato; 61) Fenômeno de vários animais tomarem a cor do ambiente em que estão; 62) O condor da Califórnia quase em extinção; 63) Alexandre Pope; 64) Na Grécia; 65) É 1; 66) 100 graus cent.; 67) Zero graus cent.; 68) Roma; 69) Jesus Nazarenus Rex Iudaeorum; 70) Na Inglaterra; 71) Leonardo da Vinci; 72) Budapeste; 73) Einstein; 74) Foi o 1º cientista a curar a raiva e fez descobertas referentes à

bactérias; 75) Cerebelo, cérebro propriamente dito e medula; 76) Seis pernas; 77) No ano de 1931; 78) Cerca de 340 metros por segundo; 79) É de 1436 m por segundo; 80) Abrahão Lincoln; 81) Na boca onde a saliva a facilita; 82) Wenceslau Brás; 83) Infecção crônica dos dentes; 84) Visconde; 85) Cirrus, estratos e cúmulus; 86) Palácio dos papas em Roma; 87) Herói na guerra contra os holandeses; 88) O que trata especialmente de questões econômicas e sociais; 89) Mãe de Nero; 90) Camões, para simbolizar o Cabo Tormentório depois chamado Cabo da Boa Esperança; 91) Na Cordilheira dos Andes, no Peru; 92) Úmero; 93) Willian Shakespeare; 94) Agricultura, pecuária, estradas, saúde, educação, ferro petróleo e, principalmente, trabalho com eficiência; 95) Oito; 96) Emissão e circulação do papel moeda em quantidade superior à real produção de bens, o que diminui seu valor aquisitivo; 97) Empresas estrangeiras que operam foram dos seus países de origem; 98) A falta de água e de reforma agrária; 99) Sim. Levando água tubolizada dos grandes rios mais próximos do nordeste; 100) O rio S. Francisco, o Tocantins, no Pará, o Parnaíba, no Piauí, e seus afluentes.

CONCEIÇÃOENSES E SEUS FILHOS PORTADORES DE CURSO SUPERIOR

MAGISTRADOS

Balduino Ramalho
Francisco Jakson Ferreira
José Ferreira Lima
Luiz Sílvio Leite Ramalho
Nelson Lopes Ribeiro
Nilo Ramalho Vieira
Sabino Ramalho

BIOQUÍMICA E FARMÁCIA

Aldenora Vieira Ramalho
Cacilda Ramalho
Francisco Alencar Lopes (Chaby)
Maria Nely Ramalho (Lia)
Napoleão Ramalho
Raul Antônio Moura
Roney Clarkey Moura Ramalho
Terezinha Arruda Ramalho
Vera Lucia Teixeira

ENFERMAGEM

Adriana Maria Lacerda Pavão
Maria de Fátima Soares Maia
Maria Ione Soares Maia
Sônia Pereira Alencar Frade

FILOSOFIA

Francisca Lucia Moura
Lindomar Alves Alencar
Maria do Socorro Ferreira

PSICOLOGIA

Ailma Ramalho Frade
Maria da Natividade de Alencar
Romero Antônio

SACERDOTES

Pe. José Eufrosino Pinto Ramalho
Pe. Joaquim Diniz
Pe. Manoel Otaviano de Moura
Pe. Milton Alencar
Pe. Severino Leite Ramalho
Pe. Amâncio R. Leite Ramalho
Pe. Nicolau Leite
Pe. Severino Alencar Lopes (Pe. Si)

BIBLIOTECONOMIA

Henriqueta Maria Leite Targino
Maria das Graças Leite Targino
Tereza Cristina Soares Maia

HISTÓRIA

Lindomar Alves Alencar
Maria Luiza Alencar

LETRAS

Francisca Alencar Soares

Iedes Ramalho (R.G.N.)
Maria de Lourdes Rodrigues Ramalho
Maria de Lourdes Alves Alencar
Neuma de Lourdes Soares
Noemia Ferreira

ECONOMISTAS

Elba Ramalho (artista)
Celso Limeira
Francisco Limeira Lacerda
Francisco de Assis Leite
Inis Lêda Leite Viana
Ianes Ramalho (R.G.N.)
Joaquim Soares Nuto
José Limeira
José Soares Nuto
Maria de Lourdes Kherle
Manoel Pereira de Alencar

ADVOGADOS

Abraão Ribeiro
Ademar Arruda Alencar
Alice Pereira Frade
Antônio Martildes
Expedito Ramalho de Alencar
Fátima Mangueira de Figueiredo
Francisco Nivaldo Ramalho de Alencar
Francisco José de Figueiredo
Glória de Fátima Vieira Ramalho
Hilda Antonieta Mangueira
Isolda França Leite
Iares Ramalho (R.G.N.)
Ienes Ramalho (R.G.N.)
João Batista Siqueira
Joaquim Soares (Chuda)
José Leite Rangel
João Arruda Alencar
José Sinval Gomes de Sá
José Adamastor A. Bezerra
José Plecanou Alencar Ferreira Lima
Lenira Suassuna Alencar
Maria Adiles Moura

Maria da Conceição Kherle
Maria Delvany Mangueira de Figueiredo
Manoel Francisco de Figueiredo
Manoel Peixoto de Alencar (Dr. Peixoto)
Maria Euza Lacerda Sampaio
Maria Luiza Pereira Alencar
Maria Othon Leite
Nicolau R. dos Santos França Leite
Pedro Soares Nuto
Raimundo Nonato Alves Alencar
Roberval Leite Figueiredo
Sabino Rodrigues Ramalho (Promotor)
Valdete de Alencar Chaves Penido.
Wilson Leite Braga (Governador do Estado)

DENTISTAS

Adalva Leite Ramalho
Afonso Othon Leite
Aíla Xavier Frade
Aldemir Arruda Alencar
Erácliton Ramalho Nunes
Hermes Pereira Frade
Rômulo Morone Frade
Isaura Suassuna Alencar
Maria Auxiliadora Kherle
Maria Laís Limeira
Maria Leite Ramalho
Maria Leni Limeira
Maria Nely Mangueira
Oswaldo Gomes de Sá
Rosa Maria Lopes Ribeiro

ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

Adonias Pereira Moura
Antônia Furtado de Figueiredo
Hélio Pereira Moura
Ivanor Braga Junior
Maria de Fátima Cirilo Lopes Lacerda
Nilza Soares Nuto
Nailson Rodrigues Ramalho (Técnico de Administração)
Ricardo Jorge Mangueira de Assis
Wanderlan Braga Leite

JORNALISMO

Marconi Alves Alencar

PEDAGOGIA

Aracy Alencar Soares
Maria Valdy Rodrigues Ramalho
Silvany Rodrigues Ramalho

EDUCAÇÃO FÍSICA

Aldenora Maria Vieira Ramalho
Isac Alves Alencar
Maria do Socorro Alves Alencar
Naize Alves Alencar
Raimundo Nonato Alves Alencar

DIVERSOS

Alberto Pires Rodrigues Moura — Geólogo
Arlete Pereira Moura — Orientadora
Elba Ramalho — Socióloga
Eliane Delgado Gadelha — Assistente Social
Ednovalda Ramalho — Socióloga
João Gadelha Filho — Curso Superior de Música
João Bosco Rodrigues Ramalho — Químico Industrial
Luiz Nilo Ramalho — Zootécnico
Manoel Dias da Costa — L. Neo-Latinas
Maria dos Milagres Leite — Socióloga
Maria de Fátima Soares Pedonni Silva — Ciências Biológicas
Maria Auxiliadora Rodrigues Ramalho — Geografia
Maria do Rosário Leite Figueiredo — Socióloga
Marcone Rodrigues Soares Nuto — Administração Postal
Vera Lúcia Mangueira de Figueiredo — Terapeuta

ENGENHEIROS

Alminda Mangueira de Figueiredo
Aloisio Moura Filho
Alfredo Gomes Neto
Ana Mangueira de Figueiredo
Antônio Wilamis Ramalho
Antônio de Padua Kherle

Antônio Leite Ramalho (agrônomo)
Antônio Pereira Diniz
Ernesto Mangueira Diniz
Expedito Ramalho Alencar (agrônomo)
Francisca Maria Kherle
Francisco de Assis Pereira Moura
Glória de Lourdes Vieira (agrônomo)
Geraldo Dinoá
Iéris Ramalho (Engº mecânico R.G.N.)
Ióris Ramalho (Engenheiro R.G.N.)
Iuris Ramalho (Engenheiro R.G.N.)
João Nunes Filho
José Eudo Arruda
José Alencar Lopes (agrônomo)
José Kherle
José Nivaldo Mangueira de Assis
Luiz Clark Soares Maia
Luiz Kherle
Marco Antônio Mangueira de Assis
Maria de Fátima Delgado Gadelha
Mércia Cristina Mangueira de Assis
Naide Alves Alencar
Pedro Soares Filho
Ronaldo Delgado Gadelha
Sérgio Gomes Vieira Filho
Verônica Leite Braga Viana
Waldomiro Pereira Diniz

MÉDICOS

Aldenilo Vieira Ramalho
Aloisio Leite Ramalho
Anísio Soares Maia
Antônio Assivio dos Anjos
Antônio Ozório Ramalho
Antônio Alencar Lopes
Antônio Rodrigues Ramalho Lopes (filho de Osmindo)
Cleidson Araújo Rangel
Ernani Mangueira Diniz
Eudo Moura Lima Diniz
Everton Ramalho Nunes
Francisca Virginia Moura
Geraldo Leite Rangel

Hamilton Morone Frade
João Batista Soares
João Lacerda Junior
José Homero Soares
José Lopes Rodrigues
José Tota Soares
Juscelino Pereira Moura
Maria Aída Arruda
Maria Amália Alves de Alencar
Maria das Graças Soares Nuto
Maria do Rosário Kherle
Nestor Gomes de Sá
Orlando Frade Pereira
Paulo Roberto Moroni Frade
Paulo Roberto Rodrigues Ramalho
Paulo Roberto Siqueira
Raimundo Ferreira Furtado
Rita Maria do Socorro Soares
Roberto Leite Targino (veterinário)
Ronaldo Valones Xavier
Tarcisia Soares Nuto
Vilany Kherle
Walter Leite Braga
Xisto Geno Valones
Zilda Moroni Frade

PROFISSIONAIS LIBERAIS EM EXERCÍCIO EM CONCEIÇÃO ATUALMENTE – 1984

MÉDICOS

Dr. Everton Nunes Ramalho
Dr. Luiz Alberto Cândido dos Santos
Dr. José Carlos Leal Neto
Dr. João Batista Alves Xavier
Dr. Reginaldo Duarte de Santana (analista)
Dr. Severino Alves de Souza
Drª Vânia Maria Nunes de Souza

DENTISTAS

Dr. José Rômulo Moroni Frade
Dr. Antônio Pires de Figueiredo
Drª Rosa Maria Ribeiro Xavier

ADVOGADOS

Dr. José Djacy Soares Alves
Dr. João Nildo Leite
Dr. Antônio Martildes Leite
Dr. Walberto Gomes de Lira (Promotor)

AGRÔNOMOS

Gilvan Ramalho Rangel

ENFERMEIROS

José Vildinário Belmiro

CONTADORES

Zenóbia Furtado Leite

MÚSICOS

João Batista Fernandes (Maestro)

(Os nomes dos demais músicos, embora bastante solicitados, não nos foram fornecidos).

A MORTA VIVA

O que vou contar aconteceu, em fins do século passado, com Isabel Leite Ramalho (Mãe Sinhára), que era filha de Aleixo Luna Pinto Ramalho.

Mãe Sinhára fora acometida de um ataque de catalepsia e ficara como se morta estivesse. Era, nessa ocasião, casada com Antônio José Rodrigues de Gois, em segundas núpcias. As pessoas que estavam junto dela e tentaram socorrê-la, após debaldes esforços, concluíram que, infelizmente, nada mais havia a fazer e que Mãe Sinhára estava realmente morta.

Arrumaram mortalha, encomendaram caixão, acenderam velas e principiaram as rezas. Depois do corpo colocado no caixão mortuário, ficaram aguardando, de Piancó, a chegada de um vigário, seu sobrinho, que às pressas fora chamado. É que nessa época não havia padre em Conceição, para os ofícios religiosos. Também não havia um veículo mais rápido que pudesse trazer o sacerdote por aquelas horríveis estradas, a não ser mesmo em lombo de burro.

Como retardava a chegada do padre, algumas pessoas já se impacientavam e alguém dizia: —"É bom fazer esse enterro logo, pois a defunta já está bafejando!" Outras que também desejavam ir para casa descansar, aprovavam a idéia.

Mãe Sinhára que não estava morta, mas apenas num estado de rigidez muscular plástica, tudo ouvia sem ao menos poder se mexer.

Por fim, o padre chega, ajoelha-se junto ao caixão e começa a rezar quando, de repente, levanta-se apressado e exclama: — "Ela não está morta! Eu vi quando ela mexeu com o dedo polegar! Vamos tirá-la do caixão". Houve um certo tumulto, alguém querendo fugir, tudo provocado pelo susto, porém as pessoas trataram de obedecer o sacerdote, retirando a paciente do caixão, levando-a para a cama e aplicando-lhe massagens, dando-lhe algo para cheirar e botando um braseiro em torno do leito onde jazia Mãe Sinhára.

Em pouco tempo a "morta", recobrando os sentidos, já conversava com os presentes assustados.

Após o incidente, Mãe Sinhára ainda viveu muitos anos e ainda teve um filho, o sr. Né de Góis, ex-fazendeiro em Santa Maria.

Desse fato podemos concluir que é sempre aconselhável esperar as 24 horas "post-mortem" para se enterrar um corpo, conforme recomendação das autoridades médico-sanitárias. E somente em casos especiais (morte por doença contagiosa ou desastre) pode e deve o sepultamento ser feito em prazo mais curto.

UNIÃO SOCIAL DOS ESTUDANTES

A União Social dos Estudantes de Conceição, USEC, foi fundada em 11 de julho de 1961, quando passou a funcionar oficialmente à rua Capitão Maximiano Alves, número 6, transferindo-se depois para o prédio de número 23 da mesma rua.

Desde sua fundação até a presente data a USEC em momento algum chegou a interromper suas atividades normais, mesmo no início, quando houve o choque de costumes entre a juventude inovadora e a geração conservadora e provecta.

Naquela época, acirradas polêmicas se travaram entre os novos e os velhos, principalmente quando os jovens passaram a usar cabelos compridos, roupas extravagantes, linguagem inusitada, músicas importadas, de preferência o "rock and roll".

A música alegre e descontraída dos jovens, às vezes estridente, contrastava com a placidez e a dolência dos precedentes ritmos românticos.

"E que tudo mais vá pro inferno" — essa peça de Roberto Carlos provocou censuras e admoestações por parte dos velhos conservadores e também do Padre José de Souza Neto que, do púlpito da nossa Matriz, deblaterava nos sermões à insólita "heresia" da mocidade.

No entanto, a USEC muito colaborou com a juventude conceiçãoense, não somente como instrumento de diversão e lazer, como também proporcionando-lhe uma bem ampla perspectiva sócio-cultural numa nova dimensão de musicalidade.

A USEC foi uma criação de Nilo Luiz Ramalho Vieira (seu primeiro presidente) e de seus colegas estudantes universitários em João Pessoa: Geraldo Martildes, Cecílio Ramalho, José Pereira Belém, Nevinho Ramalho, Sérgio de Tarso Vieira e Francisco Soares.

Infelizmente não sabemos os nomes dos componentes da atual diretoria da USEC.

(Informações prestadas por gentileza do Dr. Nilo Luiz Ramalho Vieira, M.D. Juiz de Direito da 2ª Vara – Patos – PB, a quem agradecemos).

GÍRIAS

Alegre, como um canário.
A mentira, tem pernas curtas.
Anda mais, que burra de padre.
Além de queda, coice.
Amargo, que só fel.
Andar com o carro na frente dos bois.
Bruto, como tôco de estrada nova.
Bebe mais, que um gambá.
Brabo, que só siri na lata.
Cada qual, sabe onde o calo aperta.
Cheio de "nove horas".
Cor de burro quando foge.
Certo, como boca de bode.
Chora mais, do que um bezerro desmamado.
Caiu, como uma jaca madura.
Cobrir um santo, para descobrir outro . . .
Caiu das nuvens.
Comeu fogo.
De casa em casa, como judeu errante.
Desconfiado, que só cachorro em meio de carga.
Desgraça pouca, é bobagem.
Dessa mata, não sai coelho.
Dá nó em pinto dágua!
É osso duro de roer.
É como manteiga na venta de gato.
É farinha do mesmo saco.
Escapa-se de um tiro e de uma facada, mas de "uma boa conversa", ninguém escapa.
É um vira folha.

Enquanto o cão esfrega o olho.
Está com a faca e o queijo.
Eu não desejo, mas Deus é grande.
Escreveu não leu, pau comeu.
Está com uma "pulga" atrás da orelha.
É o doutor sabe tudo.
Engilhada, que só um maracujá de gaveta.
É um tôco de amarrar égua.
Fuma, que só caipora.
Falso, como fogo de monturo.
Filho de gato, é gatinho.
Ficou com água na boca.
Ficar prá semente.
Fazer figura, com o chapéu alheio.
Feio, como um trem virado.
Lindo de morrer . . .
Levantou com o pé direito.
Mata a cobra e mostra o pau.
Mais por fora, do que arco de barrica.
Manso, como um cordeiro.
Matou dois coelhos, com uma só cajadada.
Mais folgado, do que colarinho de palhaço.
Mais cheiroso, do que filho de barbeiro.
Mais sujo, do que pau de galinheiro.
Mais seguro, do que papagaio no arame.
Mente mais do que uma casa velha.
Não paga nem visita.
Não vale o que gato enterra.
Não vale duzentos réis de fumo ruim.
O sujo, falando do mal lavado!
O homem é como o caju, por bom que seja, sempre tem um ranso.
O diabo sabe para quem aparece.
Oferecida, que só bacalhau de porta de bodega.
O rico ri atôa.
Pergunta mais do que vigário.
Pela hora da morte.
Parece que tem o rei na barriga.
Pôr água na fervura
Podre de rico.
Prá lá e prá cá, como lançadeira.
Quem está com a boca cheia, não pode falar.
Quanto mais se reza, mais assombração aparece.
Quem não te conheça, que te compre.
Quem pariu Mateus, que o balance.

Quando a galinha criar dentes.
Rolando, sem ser pipa.
Rebolando, que só pitomba na boca de véio.
Roe as unhas.
Se feiúra doesse, fulano vivia gritando.
Sofre, que só suvaco de aleijado.
Santo do pau ôco.
Surdo, como uma porta.
Tim tim, por tim tim.
Tostão, por tostão.
Tiro e queda.
Tirar o pé da lama.
Tem costas quentes.
Tão boa é a tampa, quanto o balaio.
Tem o olho maior do que a barriga.
Tem sorte, que só filho de lavadeira com padre.
Tanto aperta, que sai entre os dedos.
Teimoso, que só a mulher do piolho.
Tem sangue no olho.
Tira côco, sem vara.
Tremendo como vara verde.
Urubú quando anda mole, o de baixo suja o de cima.
Dia de São Nunca de tarde.
De araque.
Ouviu cobras e lagartos.
Casou na igreja verde.
Comeu o pão, que o diabo amassou.
Ficou de mãos abanando.
Deve até os fios dos cabelos.
Bater com a língua nos dentes.

MEDICAMENTOS CASEIROS

PARA BAIXAR O COLESTEROL: Bater no liquidificador 3 pimentões médios, sem as sementes, com um litro dágua. Tomar todo dia.

PARA CICATRIZAR FERIDAS: Torrar folhas de catingueira, pilar e colocar o pó na ferida. Machucar folhas de beldroega e pôr na ferida.

DOR DE BARRIGA, DIARRÉIA, DOR DE DENTE E GENGIVAS INFLAMADAS: Fazer o chá da folha da goiabeira e beber para a dor de barriga e bochechar para dor de dente e desinflamar as gengivas.

PARA SIFILIS E REUMATISMO: Fazer o chá da raiz do melão de São Caetano, bem cozido, coar e adoçar se quiser. Tomar diariamente.

PARA BAIXAR A PRESSÃO: Fazer um chá das folhas de alecrim, tomar frio e adoçado.

PARA MÁ CIRCULAÇÃO, TOSSE, ENXAQUECAS, VERTIGENS: Chá de erva-cidreira bem doce.

PARA CÁLCULOS RENAIS: Fazer um chá da folha seca do abacate, deixar a vasilha tampada por algum tempo. Tomar 1 copo pela manhã, 1 copo de tarde e 1 copo de noite. Acrescentar uma colherinha de chá de bicarbonato de sódio. Esse processo ajuda a dissolver e expelir cálculos dos rins.

ÚLCERAS DO DUODENO E DO ESTÔMAGO: Fazer o chá de três raminhos de arnica e tomar diariamente, durante um mês. Não tomar bebidas alcoólicas e não comer frutas ácidas durante o tratamento.

PARA HEMORRÓIDAS: Fazer um chá com pedaços de babosa e usar como banho na parte afetada e o chá bem morno.

ÚLCERAS NO ESTÔMAGO: Tira-se o sumo do bálsamo e toma-se em jejum. Serve também para "machucado".

DOENÇAS DO CORAÇÃO: Comer bastante beldroega refogada na salada ou esmagada.

INFLAMAÇÃO DOS OLHOS: Sumo de beldroega.

VERMES INTESTINAIS: Sementes de beldroega feito o chá, depois de amassadas e em jejum. Chá do miolo da romã também é bom.

PARA CÓLICAS DO FÍGADO: Chá de folha de boldo com casca de laranja. Tomar frio.

PARA EMBRIAGUEZ: Usar o sumo da folha do boldo, em jejum com sal. Uso prolongado.

HEMORRAGIAS UTERINAS: Cozinhar a casca de uma romã em 1 litro dágua. Tomar várias vezes ao dia.

CALMANTE PARA OS NERVOS: Chá de coentro, erva-cidreira, alface, folha de chuchu, erva-doce ou funcho.

OBS.: Extraídas do livro ORA PRO NOBIS, do clube das mães de Sabará—MG.

PENSAMENTOS

1 — Quem entra em um Tribunal, depara com duas grandes presenças: A presença da grande obra humana chamada LEI e a presença da grande obra divina, chamada JUSTIÇA!

(formandos da Univ. de Itaúna, julho-82)

2 — Onde há fome, não há respeito às leis e onde há respeito às leis, não há fome.

a) Benjamin Franklin

3 — A Pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo; é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos, o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, das línguas e da liberdade.

a) Ruy Barbosa

4 — A palavra foi dada ao homem para que ele conheça o preço do silêncio.

a) Pe. Roque Schneider — S.J.

5 — "Se você não pode ser um pinheiro no alto da montanha, seja uma erva no fundo do vale, mas seja você."

6 — "Não faça questão das observações más ao seu respeito, viva de modo que ninguém as acredite".

7 — "Paciência e perseverança são indispensáveis ao sucesso".

8 — "A calúnia é igual ao carvão, quando não queima, suja".

9 — A amizade aumenta por visitas aos amigos, mas aumenta mais, visitando-os raramente.

10 — "É belo dar quando solicitado; é mais belo, porém, dar sem ser solicitado, por haver apenas compreendido".

a) Gibran Khalil Gibran

11 — "Quando eu morrer, não me lembrem como aquele que ganhou o prêmio NOBEL da PAZ, mas simplesmente como alguém que fez de sua vida um dom à cuasa da PAZ e da felicidade humana."

a) M. Luther King

12 — A PAZ é uma casa, a casa de todos. Esta casa é o arco que une a terra e o Céu.

a) João XXIII

13 — "A prece é a escada misteriosa de Jacó: por ela sobem os pensamentos ao céu; por ela descem as divinas consolações".

a) Machado de Assis

14 — Imitemos o sol! Ele não brilha para ofuscar; mas para dar vida e beleza às pessoas e coisas.

F.C.S.

15 — Palavras sem a corroboração dos fatos, são apenas palavras.

F.C.S.

SOCIEDADE E CENTROS DE LAZER

Em 1982 já haviam estes clubes sociais:

1) Conceição Atlético Clube
2) Celeiro Campestre Clube
3) USEC — (União Social dos Estudantes de Conceição)
4) AABB — (Associação Atlética do Banco do Brasil)
5) Associação Atlética do Projeto Sertanejo Núcleo de Conceição
6) Associação Atlética de Conceição
7) ASPEC — (Associação dos Professores do Estado em Conceição)

Brevemente teremos o Sport Clube Guarany de Conceição.

CONCEIÇÃO ATLÉTICO CLUBE

O primeiro clube de Conceição foi construído em 1964, quando realizou a sua primeira grande festa. Devido faltarem alguns acabamentos na construção do prédio, esse clube não foi oficialmente inaugurado. Sua atual diretoria está assim constituída:

Presidente: Dr. José Carlos Leal
Vice-Presidente: Antônio Rodrigues Leite
Diretor Social: Otoniel de Souza Mangueira
Diretor de Esporte: Raimundo Nonato Belmiro
Secretário Geral: Dr. Walberto
Tesoureiro: Dr. Luiz Cândido

Embora suas obras não estejam totalmente terminadas, pelo carnaval há animados bailes no Conceição Atlético Clube.

CELEIRO CAMPESTRE CLUBE

Trata-se, pelo que conseguimos visualizar sem merecermos resposta às informações que com insistência solicitamos, de uma sociedade recreativa, entusiasta e suas festivas promoções merecem nosso apoio e incentivo. Conta com 50 sócios.

Presidente: Dr. Antônio Pires
Diretor: Dr. João Xavier

ORAÇÃO DOS FORTES

F.C.S.

Se a tristeza chegar ou a melancolia,
O derrotismo e a depressão;
Se a vontade de chorar e o desespero
Desejarem de mim se aproximar . . .

Se sonhos nebulosos ou maus presságios
Tentarem, traiçoeiros, meu espírito;
Ou se o medo e a insegurança
Ou a hipocondria dos enfermos
Quiserem também me dominar . . .

Se alguém trazendo más notícias
Buscar fazer-me apavorado,
Sem sossego e na agonia
Que comprime e angústia o coração . . .

Se o desânimo e o pessimismo
Forçarem perturbar minha serenidade
E a alegria de viver, minha força interior . . .

Encontrarão em mim o duro aço
Temperado nas fornalhas dos infernos!
Nem o somatório de todas as desgraças
Ou o impacto de todas as bombas atômicas
Ou de hidrogênio juntas,

Abalarão minha estrutura impenetrável!
Estarei com os sentidos desligados
À todas as misérias do mundo negativo! . . .

Mas se de tudo isso ainda esvair
O mínimo resquício de fraqueza
E alguma dúvida persistir
Quanto à rijeza do meu caráter! . . .

Ao resignado ou pusilânime
Que geme e chora sem reagir,
Eu direi: — O poder e a humildade
Têm pontos convergentes . . .
E o mais sábio dos homens
Duvida das suas certezas . . .

A força do mal resulta
Da inércia dos mais fracos!
O teu abatimento está
Na dimensão dos teus receios . . .
A vida é rica de fontes de energia!
O ninho de fantasmas e a barreira de espéctros
Povoam tua imaginação conturbada . . .

Só os imbecis e os paranóicos
Não os percebem e se confundem!
Levanta! Chuta o medo e anda!
Há brechas em todas as fortalezas!
Aquiles que o diga . . .

SUPERSTIÇÕES

Se alguém avistar a lua nova e estiver sentado, passará o mês todo de azar.

Matar urubu, tem cem anos de atraso.

Botar as mãos na cabeça, está agourando a mãe.

Pisar no rabo de um gato, atrapalha o casamento.

Uma tesoura aberta embaixo da cama de uma parturiente corta o mal do parto.

Galinha cantar como galo é agouro. Para evitar o mal, corta-se o dedo médio de um dos pés da galinha.

Cachorro uivar, mau agouro.

Para fazer menino falar, dar água de chocalho.

Para o soluço parar, molhar com cuspe, um pedacinho de pano ou linha vermelha e colocar na testa do paciente.

Para fazer nascer os dentes definitivos, quando arrancar os dentes de leite, falar três vezes: "mourão, mourão, toma teu dente podre, me dá o meu são". E joga o dente de leite em cima do telhado.

Para aprender a nadar, engolir uma piaba viva.

Por uma vassoura invertida atrás da porta, faz as visitas se retirarem.

Varrer a casa de noite, é agouro.

Botar sal no fogo, faz a visita se retirar.

Criança chorar no ventre da mãe, nasce adivinho.

A criança usar uma figuinha, evita quebranto.

Não se diz "comprar um santo", ofende a Deus. Diz-se: "trocar um santo".

Contar estórias durante o dia, cria rabo.

Apontar estrelas com o dedo, faz nascer verrugas.

Matar gato, dá sete anos de atraso.

Quebrar espelho, traz desgraça.

Pondo uma moeda debaixo da língua de um assassinado, o criminoso não pode fugir.

Chover no dia do casamento, a noiva comeu na panela.

Defunto mole, é que está chamando outra pessoa de casa.

Palha benta em domingo de Ramos, aplaca tempestade.

Arrepiar-se, significa que a morte passou por perto.

Comer cabelouro atrás da porta, faz ficar bonita.

Mancha branca nas unhas, é sinal de mentira.

Jurar que não faz uma coisa, deve bater na boca e na face e dizer: "Não falo com soberba".

Não apontar frutinhas vingando, por que elas caem do pé.

Orelha grande, denota longevidade.

Quem passar por baixo do arco-íris, muda de sexo.

PROVÉRBIOS

1 — Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.
2 — Quando a formiga quer se perder, cria asas.
3 — O olho do dono é que engorda o porco.
4 — Não deixes o certo pelo duvidoso.
5 — Quem muito abraça, pouco aperta.
6 — Mais vale um "toma", do que dois te darei.
7 — O pior cego é aquele que não quer ver.

8 — Comer e coçar, o bastante é começar.
9 — Quando se espreme muito, sai entre os dedos.
10 — Quem de uma escapa, cem anos vive.
11 — O risco que corre o pau, corre o machado.
12 — Um dia é da caça, outro é do caçador.
13 — Quem vê a barba do seu vizinho arder, põe a sua de molho.
14 — Mato tem olhos e parede tem ouvidos.
15 — Quem conversa muito, acaba dando bom dia a cavalo.
16 — O melhor da festa, é esperar por ela.
17 — O costume do cachimbo, põe a boca torta.
18 — De médico e louco, cada um de nós tem um pouco.
19 — Muita trovoada é sinal de pouca chuva.
20 — Quem tem padrinho, não morre pagão.
21 — Se não fossem os tolos, não haviam os sabidos.
22 — Violeiro quando é ruim, põe a culpa na viola.
23 — Dize-me com quem andas, que te direi quem és.
24 — Quem tem telhado de vidro, não joga pedra no do vizinho.
25 — Em casa de enforcado, não se fala em corda.
26 — Filho criado, trabalho dobrado.
27 — Rir melhor, quem rir por último.
28 — Pimenta na boca dos outros, é refresco.
29 — Pelos santos se beija os altares.
30 — Quem mata couceira, é unha grande.
31 — Panela que muitos mexem, ou sai sem sal ou salgada.
32 — Para um bom compreendedor, meia palavra basta.
33 — Deus dá o frio, conforme o cobertor.
34 — Macaco velho, não põe a mão em cumbuca.
35 — Mulher doente, mulher para sempre.
36 — Casa de ferreiro, espeto de pau.
37 — Um gambá, cheira outro.
38 — Quem foi rei, sempre é majestade.
39 — Ladram os cães, e a carruagem passa.
40 — Papagaio velho, não aprende a falar.
41 — Seguro morreu de velho e desconfiado ainda vive.
42 — Amigos, amigos, dinheiro à parte.
43 — Quando os olhos não vêem, o coração não sente.
44 — O galo onde canta, janta.
45 — Quem a boca do meu filho beija, a minha adoça.

UMA NOITE NUM VELÓRIO

Um parente e amigo nosso conta-nos como teve de passar uma noite sozinho, ou melhor, junto a um defunto e os maus pedaços que passou.

Telefonaram para sua casa avisando-lhe que tinha havido um desas-

tre e nele perdera a vida um seu conterrâneo e parente. Que o corpo já havia sido levado para o velório da Santa Casa da cidade, aguardando gente para a vigília. Informaram, também, que haviam uns feridos no Pronto Socorro.

Nosso parente e amigo combinou com a sua família que algumas pessoas deveriam ir ao Pronto Socorro, enquanto ele seguiria para o velório. E lá chegou por volta das 23 horas, encontrando o defunto sozinho. Achou estranho, pois cadê os filhos, irmãos, sobrinhos e amigos do morto? Ficou aguardando que alguém mais, além dele, aparecesse. Em vão. Ninguém apareceu.

Lá pela meia noite e meia, ele, já um tanto apreensivo, ouviu dentro daquele completo silêncio, uma inesperada descarga de um sanitário próximo. Levou um tremendo susto, porém, lembrou que deveria o barulho ser no sanitário do velório. Aquele susto, no entanto, já o deixou ainda mais "chateado". Foi espiar no sanitário e lá não viu ninguém. Tudo quieto.

— Ih, iiii . . . , não estou gostando! pensou ele. Oh! meu Deus! Será que não vem mais ninguém para cá? Como vou ficar a noite toda sozinho aqui com este defunto? . . . Ficou aguardando, cochilando e ao mesmo tempo preocupado.

Quando foi lá pelas 3 e meia da madrugada, sem atinar de onde veio, passou entre ele e o defunto um cachorro preto numa disparada louca. Aí o nosso amigo pensou: "Ah! meu Deus, será que é arrumação do Satanás, santo Deus???" . . . Parece que alguém lá na rua soltara uma bomba e assustara o cachorro. Sim. Era isso. O nosso amigo já cansado e com sono, resolveu sair para respirar um pouco e telefonar à família do morto. Explicou que se encontrava no velório sozinho desde às 11 horas da noite passada e que viessem imediatamente. Que se eles não chegassem antes do amanhecer, depois já teriam dificuldades em saber qual dos dois seria o defunto!

Somente às 6 horas da manhã chegaram alguns parentes. Quem nos narrou esse fato, não é medroso e não receia velar defunto. É, inclusive, muito prestativo. Ele desaprovou o descaso ao falecido e, convenhamos, não é nada agradável passar sozinho toda uma madrugada ao lado de um morto, que não consegue nos distrair mesmo sendo um conterrâneo e parente.

E podemos garantir, após ouvi-lo, que o nosso amigo nunca mais irá ficar num velório apenas acompanhado do defunto.

E tem razão, não é?

ENTRETENIMENTO

FRASES DE PÁRA-CHOQUES

1 —Quem ama nunca esquece, quem se esquece, nunca amou!
2 —A arte de vencer, aprende-se na derrota.
3 —A esperança é o sonho do homem acordado.
4 —Mais valem as lágrimas da derrota, do que a vergonha de não ter lutado.
5 —Quando Lampião era vivo, ninguém "cantava" Maria Bonita.
6 —Por que ficar de braços cruzados, se o maior homem do mundo morreu de braços abertos?
7 —Quando a saudade é grande, não cabe no peito, transborda nos olhos.
8 —Obrigado Senhor, por que posso dar e não pedir.
9 —Papagaio sem palavrão, é padre sem batina.
10 —Cada dia que nasce, é um sorriso de Deus para a humanidade.
11 —Quem anda apressado, passa por cima do que precisa.
12 —Nascer com vida é fácil, o duro é ganhar a vida.
13 —Se me virem agarrado com uma mulher feia, pode apartar que é briga.
14 —Em terra de mudo, gago é locutor esportivo.
15 —Em festa de formiga, ninguém elogia tamanduá.
16 —Malandro e pulga, só esperam comida na cama.
17 —Quando homem valer dinheiro, baixinho serve de troco.
18 —Correndo, só Pelé ganhou dinheiro!
19 —A natureza não sabe defender-se, atacá-la é covardia.
20 —A alegria de poste é estar no mato sem cachorro.
21 —Se eu acordar amanhã, Deus estará comigo, se eu não acordar, estarei com Ele.
22 —Bom não é ser importante, importante é ser bom . . .
23 —Mamãe precisa de nora!
24 —Sogro rico e porco gordo, só dão lucro depois de mortos.
25 —Vê se me erra!
26 —Ser canhoto é fácil, difícil é ser direito.
27 —Feliz é o índio que só entra na fila, quando tem dança na tribo.
28 —O beijo é como o ferro elétrico, liga em cima, esquenta embaixo.
29 —Se tamanho fosse documento, elefante seria o dono do circo.
30 —O amor não mata fome, mas enche barriga.

EMPERRA-LÍNGUA

Um limão, dez limões, cem limões.

Um papo de pato num prato de prata.

Quero que você me diga cinco vez incarriado: vaca preta, boi pintado, vaca preta, boi pintado, vaca preta, boi pintado.

Debaixo da pipa tem uma pinta, enquanto a pinta pia, a pipa pinga.

Quando o velho toca o fole, tanto fede o velho fole, como o velho fole fede.

Lá em cima daquela serra tem um ninho de papa-capim com sete papa-capinzinhos. Quem os despapacapinzar, bom despapacapinzador será.

Prego preso, preso prego.

Pinga a pia e pia o pinto.

A aranha arranha a jarra e a jarra arranha a aranha.

Um tigre, dois tigres, três tigres.

O peito do pé do Pedro era preto.

Porco preto e toco crespo.

A arara loura falará? Falará a arara loura?

ADIVINHAÇÕES

1 — Que é, que é?
A mãe é verde, a filha encarnada
a mãe é mansa, a filha é danada?
Resp.: PIMENTA.

2 — Que é, que é?
Tem cabeça e não é gente,
Tem dente e não é pente?
Resp.: ALHO.

3 — Que é, que é?
É de rei e de rainha
o bispo também a tem
de flores, desperta mágoa
E o abacaxi a contém.
Resp.: COROA.

4 — Que é, que é?
Quanto mais tira, mais aumenta?
Resp.: BURACO.

5 — Que é, que é?
Vai entrando na casa e pondo a cabeça do lado de fora?
Resp.: BOTÃO.

6 — Que é, que é?
De manhã anda com 4 pés, ao meio-dia com dois e à tarde com três?
Resp.: O HOMEM.

7 — Por mais que se corte, fica do mesmo tamanho?
Resp.: BARALHO.

8 — Que é, que é?
Quatro na cama, quatro na lama
dois parafusos e um que abana?
Resp.: VACA.

9 — Altas torres, bonitos penachos,
água no fruto, flores no cacho?
Resp.: COQUEIRO.

10 — Que é, que é?
Quanto maior, menos se vê?
Resp.: ESCURIDÃO.

11 — Que é, que é?
Tem coroa e não é rei,
Tem escama e não é peixe?
Resp.: ABACAXI.

12 — Que é, que é?
Numa caixinha de bom parecer
Não há carapina que saiba fazer.
Resp.: AMENDOIM.

13 — Que é, que é?
Quebra quando cai nágua
e não quebra quando cai no chão?
Resp.: PAPEL.

14 — Que é, que é?
Redondinho, redondão, faz um rastro compridão?
Resp.: CARRO.

15 — Que é, que é?
Anda a casa toda e se esconde atrás da porta?
Resp.: VASSOURA.

16 —Que é, que é?
De que lado fica a asa da xícara?
Resp.: DO LADO DE FORA.

17 —Que é, que é?
Põe no pé e fere a barriga?
Resp.: ESPORA.

18 —Que é, que é?
Campo grande, gado miúdo, moça formosa, velho carrancudo?
Resp.: O CÉU, AS ESTRELAS, A LUA E O SOL.

19 —Que é, que é?
Que mais cheira na farmácia?
Resp.: O NARIZ DO FARMACÊUTICO.
20 —Que é, que é?
Qual o bicho que come com o rabo?
Resp.: TODOS, nenhum tira o rabo para comer.
21 —Que é, que é?
Qual é o bicho que anda com os pés na cabeça?
Resp.: PIOLHO.
22 —Que é, que é?
Enche uma casa e não enche uma mão?
Resp.: BOTÃO.
23 —Que é, que é?
Tem dente e não morde, tem cabeça e não pensa?
Resp.: ALHO.
24 —Qual a diferença entre a ambulância e o sutien?
Resp.: A ambulância carrega os deitados e o sutien levanta os caídos.
25 —Que é, que é?
Quem faz não quer, quem vê se compadece e quem usa não vê?
Resp.: CAIXÃO DE DEFUNTO.
26 —Que é, que é?
É gorda, tem asa e boca bem aberta?
Resp.: XÍCARA.
27 —Que é, que é?
Passa por dentro dágua e não se molha?
Resp.: SOMBRA.
28 —O que é, o que é?
Que é menor do que a boca de uma formiga?
Resp.: O QUE ELA COME.
29 —O que é, o que é?
Tenho 12 irmãs, cada uma tem um quarto, todas têm meia e nenhuma tem sapato?
Resp.: RELÓGIO.
30 —Por que é que a cenoura é boa para a vista?
Resp.: Porque ninguém nunca viu um coelho de óculos.
31 —O que é, o que é?
Quando nasce quebra a casa,
Para outras casas fazer,
Debaixo das suas asas
Outra casa vê nascer?
Resp.: A GALINHA, OS OVOS E OS PINTOS.
32 —O que é, o que é?
Neste mundo ando cheio

tenho o corpo enrolado
cabeça rachada ao meio,
e vivo sendo apertado?
Resp.: PARAFUSO.
33 —Como você pode cair de uma escada de cem (100) degraus e não se machucar?
Resp.: Caindo do 1º degrau.
34 —O que é pior que achar um bicho numa maçã?
Resp.: É achar a metade do bicho.
35 —Qual é a diferença que há entre uma mulher de resguardo e um homem desempregado?
Resp.: É que a mulher de resguardo, come galinha mole e o homem desempregado, come um galo duro.
36 —Que é, que é?
Tenho barriga de pau, o meu pescoço é de ferro, quando vou caçar, resolvo a parada no berro?
Resp.: ESPINGARDA.
37 —O que é, o que é?
Quando perco a cabeça fico esquentado, porém não tenho mais força quando estou queimado?
Resp.: FÓSFORO.
38 —O que é, o que é?
São duas irmãs no nome
De natureza diferente
Uma dá o polimento
A outra alimenta a gente?
Resp.: LIMA.
39 —O que é que as pessoas nos tiram, antes de nos dar?
Resp.: FOTOGRAFIA.
40 —Qual é o sobrenome que corta?
Resp.: MACHADO.
41 —O que é, o que é?
Está na mão, está no chão e no coração?
Resp.: O TIL.
42 —Qual é o pão doce brasileiro que não se come?
Resp.: O PÃO DE AÇÚCAR.
43 —Que é, que é?
Que passa no fogo não se queima, passa nágua não se molha e não passa no escuro?
Resp.: A SOMBRA.
44 —O que é, o que é?
Tem centro, mas não tem começo nem fim?
Resp.: O CÍRCULO.
45 —O que é, o que é?

Nasci branco, fiquei preto
Sou filho da natureza,
Tenho alegria na morte
Na vida tenho tristeza?

Resp.: URUBU.

46 —O que é que mais pesa no mundo?

Resp.: A BALANÇA.

47 —O que é, o que é?

Enquanto estou comendo, vivo; mas se bebo água, morro?

Resp.: O FOGO.

48 —O que é, que é feito para andar e não anda?

Resp.: A ESTRADA.

49 —Qual é a parte do corpo humano que tirando uma letra, fica vazia?

Resp.: BOCA.

50 —O que é, o que é?

Vôo e não sou avião, faço buraco e não sou tatu,
faço barulho e não sou trovão?

Resp.: BEZOURO.

PIADAS

Eram dois rapazes "delicados" conversando, desses que desmunhecam, reviram os olhos e dão gritinhos. Enfim, eram duas "bichas" que palestravam e uma dizia para a outra:

— "O casamento estava uma maravilha! O noivo "alinhadérrimo" com um sapato cor de vinho, cheio de buraquinhos. Eu contei 1.050 buraquinhos. Suas meias eram encantadoras! Também cor de vinho claro e com leves risquinhos quase invisíveis. Consegui contar 185 risquinhos em cada pé. Suas calças estavam impecáveis e eram de legítima casimira inglesa. Eram de feitio ultra moderno. Uma loucura! Ele usava uma lindíssima gravata toda salpicada de bolinhas. Eram exatamente 1.185 bolinhas. Estava um "barato"! Usava um paletó" . . .

— "Ei, espere, você só falou do noivo! E a noiva como estava?", perguntou a "colega".

— "Horrorooosa! Toda de branco! . . . "

"DE PORTUGUÊS"

Depois do "Grande Prêmio Brasil", Manoel telefonou para Portugal para avisar à sua esposa que ele havia ganho o "Sweespstake". A sua mulher que não entendera bem o que o marido dissera, lhe perguntou o que era aquilo.

— "É uma corrida de cavalos", disse Manoel.

— "Então vá deitar! Você deve estar cansado!"

O português Antônio tirou um retrato entre dois cavalos e enviou a fotografia para um seu patrício em Portugal, escrevendo no verso da mesma:

— "Olha, Joaquim: o do meio sou eu!"

* * *

Um português foi ao médico queixando-se de uma sede insistente. Queria, pois, um remédio que minorasse aquela sede. O médico, seu patrício, após ouvi-lo e examiná-lo entregou-lhe um frasquinho com diversas pílulas e lhe disse:

— "Basta tomar um destes comprimidos acompanhado de meio litro d'água, de meia em meia hora".

* * *

Chegando à Lisboa, procedente do Brasil, Joaquim é interpelado pelo fiscal da alfândega portuguesa:

— "Que trazes nesta mala?"

— "Comida de passarinho".

Abrindo a mala o fiscal verificou que aquela "comida de passarinho" eram pacotes de café e exclamou:

— "Mas café não é "comida de passarinho!"

Foi aí que o Joaquim deu a maior desculpa do mundo:

— "É o seguinte, seu guarda: eu trouxe comida pra eles. Se eles quiserem comer, que comam; se não quiserem, o problema é deles!"

* * *

Um indivíduo passando por uma rua, perguntou a um português que se achava encostado ao portão de sua casa:

— "O senhor conhece por aqui um cidadão de nome Guimarães?"

O português pensou e respondeu:

— "Guimarães, Guimarães . . . mora mesmo nesta rua?"

— "Ele disse que mora nesta rua. Ele é viajante, é alto, forte . . . "

— "Ele tem uma cabeleira cheia e é bigodudo?"

— "Sim, parece que é . . . "

— "Escuta cá, meu amigo: esse Guimarães não será um tal de Vasconcelos?"

* * *

Manoel é um galego bem sabido. Todos os dias joga no "bicho" a centena 333 invertida.

* * *

Um português estava aflito e contou ao seu patrício que sua esposa estava esperando criança e ele não sabia o que fazer.

Aí o patrício lhe perguntou:

— "E você já desconfia de alguém? . . . "

* * *

Quando da revolução cubana, Fidel Castro, após investigações, encostou no "paredon" diversos elementos, inclusive um português.

Salazar ficou danado da vida, pegou dois portugueses, naturalizou-os cubanos e também os mandou ao "paredão".

ANEDOTAS

Dois matutos estavam conversando e um deles narrava um fato que lhe aconteceu:

— "Olha cumpade! Esses advogados de hoje são danado! Imagina você que um mês atrás, o cachorro do seu Bastião avançou pra eu e me deu uma mordida feroz. Antão eu peguei minha faca, enfiei nele e matei!"

O outro compradre perguntou:

— "Pruquê você não usou o cabo da faca? Não precisava matar o coitado!"

— "É? E porque ele também não usou o rabo para me mordê?"

— "Mas cumpadre, o coitado não pensa e como podia morder com o rabo? Você cumpadre, é um bobalhão!"

— "Tem mais, cumpadre, não acabou a estória não! O seu Bastião ficou com raiva e deu parte . . . "

— "E foi, cumpadre?"

— "Pois num foi? Quando me vi tava no meio de seis advogado, um delegado, mais de dez testemunha e um juiz. Esses advogado falaro tanto, falaro tanto! E eu que matei o cachorro não pude falá nada! Só eles falava! Fizeram uma confusão tão danada que acabaro cunvencendo o juiz que fui eu quem mordi o cachorro!"

Num grupo de trabalhadores do "eito" estavam dois matutos conversando:

— "Vosmicê viu, Zeca, o nosso cumpanhêro Zé da Guia anda agora todo bêsta. Dispois que vortou da capitá onde casou com aquela menina de sainha curta e munto assanhada, ficou importante e chama todo mundo de burro e ingnorante. Só pruquê teve estudano no Mobrá e lá aprendeu arguma bestêra, qué falá cuma dotô e amostrá sabedoria. Sabe o que ele falou pro Joca: Ele disse anssim:"

— "Joca, vosmicê já estudou?"

O Joca respondeu:

— "Eu trabaio e cuido da famia, porisso num tenho tempo".

Aí o Zé da Guia disse:

— "Pois se vosmicê tivesse ido no Mobrá, num era ansim tão burro! Eu lá aprendi munta coisa! Qué vê me responda: Por acaso já ouviu falá no Fuloriano Pexoto?"

O Joca pensou, pensou e disse:

— "Nunca ouvi falá nesse . . . "

— "Vosmicê é burro mesmo. Precisa tê mais atenção nas coisa. Não seja tão ingnorante ansim, home! Agora me responda: Vosmicê sabe

quem foi Joaquim da Silva Xavier?"

— "Sei nada, nunca nem vi falá . . . "

— "Toma cuidado cum essa burrice, iguá ansim eu nunca vi! Agora vosmicê me responda só essa que não é possive! Quem foi Pedo Alvres Cabrau?"

O Joca pensou, esfregou as mãos, coçou a cabeça e, acanhado, confessou:

— "Esse também eu num sei . . . "

— "Num é possive! Vosmicê ansim tão ingnorante vai acabá cumeno capim! Vá sê burro ansim nos infernol . . . "

Quando ia se retirando, foi seguro pelo braço com o Joca perguntando-lhe:

— "Me responda, Zé da Guia, só essa perguntinha, vosmicê que é tão sabido e tão ativo: Vosmicê sabe por acaso quem é Zefirino Kelemente?"

Zé da Guia, o sabichão, pensou um pouco e respondeu:

— "Esse aí eu num cunheço não!"

— "Então escuta: Zefirino Kelemente é o cabra que namorava a tua muié toda vez qui tu ia estudá no Mobrá . . . Tá?"

PIADA DE "CENTRO ESPÍRITA"

Um matuto encontrou com o seu patrão no meio do caminho para a cidade.

— "Olá seu Zé!" falou o matuto.

— "Olá seu Manoel! Onde o senhor vai?"

— "Vou ao "Centro".

— "Ao centro da cidade?"

— "Não. Vou ao "Centro"Espírita. Preciso ir".

— "Ora, então vamos lá pra minha casa!"

— "Impossível! Tenho que ir ao Centro Espírita!"

— "O senhor é espírita e eu não sabia . . . "

— "Sou! Lá é bom demais, vamo cunhecê? Lá vosmicê sabe de tanta coisa . . . A gente escuta os espírito do outro mundo falá, sabe dos negoços, vamos?"

De tanta insistência, o patrão aceitou o convite e ambos foram ao Centro Espírita. Chegando lá, entraram em orações e às tantas um dos espíritas se "manifestou". O pessoal começou a fazer perguntas. Foi quando o patrão do matuto quis saber onde o pai dele estava, se era num lugar bom, se precisava de rezas, etc. Então o "porta-voz" do espírito falou:

— "O pai deste senhor aí, "apontando para o seu Zé", é locutor de rádio em São Paulo e vai muito bem!"

— "Que mentira danada, gritou o seu Zé, "o meu pai morreu há mais de dez anos! . . . "

— "Quem morreu há mais de dez anos, meu amigo, foi o marido de sua mãe" falou o espírito.

BÊBADO

Um malandro estava doido para tomar um pileque. Chegou numa bodega e pediu três dedos de cachaça. O caixeiro se negou a vender a bebida, alegando que o médico do lugar havia proibido porque o álcool estava fazendo muito mal ao povo. E explicou: —"O doutor disse que só podia beber cachaça quem fosse mordido de cobra". O malandro pensou, pensou e disse baixinho ao ouvido do caixeiro:

— "Onde é que por aqui se acha uma cobra bem boa?"

— "Dizem que lá naquela esquina tem uma . . . mas a fila já toma uns três quarteirões . . . "

* * *

Um delegado de uma certa cidade do interior do Brasil, baixou uma portaria recomendando o seguinte:

"É proibido a esses moços brancos ficarem pelas esquinas altas horas da noite, agarrados com negrinhas sapecas. Daqui a pouco irão empestear as ruas de mulatinhos, sem-vergonhas . . . "

* * *

Um matuto levou a filha ao médico para uma consulta. Após os exames, o médico receitou vários medicamentos, inclusive uma injeção para aplicar na veia.

Dias depois o matuto procurou o médico para dar o resultado do tratamento da filha.

— "Olá doutô! A minha fia tomou os remeidos e amiorou um pôco. Agora é a minha sogra que ficou ruim mesmo . . . "

— "Como? Sua sogra estava doente?"

— "Num tava não, mas dispois daquela injeção, ela ficou ruim!"

— "Que injeção?"

— "Aquela que o doutô mandou que nóis aplicasse na véia !E nóis apliquemo! . . . "

* * *

Um desses caipiras bem desembaraçados foi ao dentista e logo foi dizendo:

— "Doutô, tenho um dente estragado que me dói muito!"

— "O senhor quer extraí-lo?" perguntou o dentista.

— "Não, eu quero é arrancar mesmo! E sem doer nada!"

O dentista acalmou o matuto explicando que iria aplicar-lhe uma injeção e que ele não ia sentir dor nenhuma e até ia dormir. Que também ele não veria nada . . . quando acordasse estaria tudo resolvido.

De repente, o matuto tirou do bolso sua carteira e começou a remexer nela retirando as cédulas bem apressado.

O dentista interrompeu-o dizendo:

— "Calma! Não costumo receber dinheiro adiantado!"

— "E quem lhe disse que vou pagar adiantado? Estou é contando meu dinheiro para, quando eu acordar, ver se está tudo certo . . . " respondeu o matuto.

BOM HUMOR

1 — Sabe o que o sol disse para a lua?
— Você anda de quarto em quarto, e depois diz que está cheia . . .
2 — Sabe o que a fechadura disse para a chave?
— Você quer dar uma voltinha?
3 — Sabe o que a panela disse para a pipoca?
— Eu é que levo fogo e você é quem pula?
4 — O que o poste disse para o cachorro?
— Não adianta regar, que eu não cresço mais!
5 — O que o papagaio disse para o galo?
— Sai prá lá, seu pilantra, você já viu galinha verde?
6 — O que o pires disse para a xícara?
— Que moreninha de fundo quente!
7 — O que o chão disse para a mesa?
— Feche as pernas, que estou vendo tudo . . .
8 — Você sabe o que o pinto falou para a galinha mãe, logo que saiu do ovo?
— Estou chocadíssimo . . .
9 — Sabe o que o fósforo disse para a caixa?
— Foi usando a cabeça que eu me acabei.
10— Sabe o que o cê disse para o cecidilha?
— Estás usando "brinquinho", hein bem?
11— Sabe o que o queijo disse para a meia?
— Estás usando o meu perfume, hein?

UM BANHO DE MAR

Esse fato se deu quando o cunhado de Severino Bezerra ("seu" Figueiredo, esposo de Teófila), perguntou ao Walter Mangueira, que acabara de chegar da praia, o que achara do seu primeiro banho de mar. Walter, sobrinho do tio Juca, também herdou do tio aquela maneira engraçada e espirituosa de contar estórias.

Ei-lo dando suas impressões:

— Walter, que tal o banho de mar?

— Nunca mais! Tanto falaram em banho de mar, banho de sol na praia (uma verdadeira maravilha! diziam), que fiquei entusiasmado e fui. Que nada! Não gostei! Primeiro a gente tem de ficar de calção, meio des-

confiado, no meio de uma porção de mulheres de pernas de fora . . . Mergulha tudo junto. Até aí foi bom. Mas o danado do banho é que é de espantar! Começa pela água salgada e ái daquele que bebe um gole! Só falta vomitar! Um cheiro de peixe cru, de lascar! Quando se firma o pé na areia, após o mergulho, sem saber como e porque, leva-se um "sarrabulho" da onda e se é atirado lá fora. Ninguém se equilibra. Ao se dar o mergulho, levanta-se com duas ou três pessoas às costas e com os olhos ardendo que só pimenta! Nem se vê; com poucas horas dá um vermelhão no rosto, nos braços e nas costas, mas não se sente arder. Quando chega em casa tem de tomar um banho de água doce para sair o cheiro de peixe cru e o sal. Vai dormir já bem cansado dos "baques" que as ondas nos dão. E dormir, pode? Corpo doído e queimando! Resultado: queimaduras com bolhas d'água em terceiro grau! Vá se danar quem inventou esse banho! . . . Não. Nunca mais! . . .

COMENTÁRIO

Fala-se que o tio Juca "puxou" ao velho Aleixo Pinto Ramalho. Este gostava muito de brincadeiras, estórias sengraçadas e mentiras fantásticas, criadas para divertir o povo. Assim, aqui e acolá, surgem descendentes, inclusive femininas, bem humorados e espirituosos.

Já o Alírio de Souza Ramalho, bisneto de Zé Alexandre Ramalho, do "Caracol", é também muito engraçado. Nunca viu o tio Juca e faz juntar gente à sua volta, com alegres anedotas e estórias que ele inventa. E todo mundo se diverte com suas piadas e outras brincadeiras. Seja imitando as vozes dos bichos, das pessoas e "chistes" irônicos, sua presença folgasã e simpática é sempre motivo de risos e descontração.

PROVÉRBIOS ATUALIZADOS

De onde se espera, daí é que não sai nada.
Os últimos serão desclassificados.
Quem rir por último, é retardado.
Quem diz o que quer, acaba ouvindo voz de prisão.
Depois da tempestade, vem a ambulância.
Quem muito fala, acaba ficando rouco.
Quem tudo quer, é muito esperto e pouco inteligente.
Quem ver as barbas de seu vizinho arder, jogue-lhe um balde dágua.
Quem tem telhado de vidro, ou está cheio da "gaita" ou é doido.
De grão em grão, é perder tempo.
Devagar, custa a chegar.
Em terra de sapo, as cobras de divertem.
Papagaio velho, é o que mais fala palavrão . . .
Gato escaldado, já não serve para cuíca.

Antes um pássaro na mão, do que dois no meu roçado.
Quem de tudo quer saber, é inteligente.
O melhor da festa é . . . ser na casa dos outros.
Quem vê cara, não vê o resto.
O pior cego é aquele que anda sem bengala.
Há males que vêm para pior.
Quem tem boca e muita grana, vai à Roma.
Quem semeia vento, não tem ajuda do governo.
Desgraça pouca, é miragem.
É mais fácil pegar numa coxa, do que um mentiroso.
Parede tem buraco e mato tem bicho.
De médico e louco, os hospitais andam cheios.

QUADRINHAS POPULARES

Quem tiver o seu segredo
Não conte a mulher casada,
a mulher conta ao marido
e o marido aos camarada.

Lá vem a lua saindo
redonda como um botão
menina me dá um beijo,
que te dou meu coração.

Eu não tenho medo de homem
Nem do ronco que ele tem
O bezouro também ronca
Vai ver, não é ninguém.

Sete e sete, são catorze
três vezes sete, vinte e um
Tive sete namorados
não me casei com nenhum.

O anel que tu me deste
era fino e se quebrou
O amor que tu me tinhas
era pouco e se acabou.

Estas menina de agora,
só pensa em namorar,
bota a panela no fogo
e deixa tudo queimar.

Esta noite tive um sonho
acordei no mesmo instante
Sonhei que estava mamando
na tromba de um elefante.

O tatu é bicho manso
Nunca mordeu ninguém
mesmo que ele queira morder
O tatu dente não tem.

Lá em cima daquela serra
tem um banco de areia
Onde se senta muié véia
Prá falar da vida alheia.

Atirei o chapéu prá cima
Para ver onde caía
Caiu no colo da véia
Santo Deus, Virge Maria.

Amanhã eu vou embora
É mentira não vou não.
Quem vai se embora é meu corpo
mas fica meu coração.

Quem quiser muito subir
faça como o foguetão,
toque fogo no rabo
e suba sem direção.

Sou pequenininho
do tamanho de um botão
trago papai no bolso
e mamãe no coração.

Queria ser um caçote
Com os "ói" desse tamanho . . .
Prá ver aquele magote
de moça tomando banho.

Lua nova, lua nova
sois irmã de São Vicente
Quando fores que voltares
me traz muito dessa semente (mostrando uma moeda para a lua).

Meu cavalo e minha mulher
Morreram no mesmo dia
Do cavalo tive pena
Da mulher tive alegria
Cavalo bom é difícil
Mulher ruim, à revelia.

Amigos são todos eles
Como aves de arribação
Se faz bom tempo, eles vêm
Se faz mal tempo eles vão.

A pior coisa do mundo
é a fome da casa alheia
O almoço serve de janta
e a janta serve de ceia.

Você diz que bala mata
Bala não mata ninguém
A bala que mais me mata
são os olhos de meu bem.

Há quatro coisas no mundo
Que aperreia um cristão;
Uma casa gotejando
E um menino chorão,
U'a muié ciumenta
E um cavalo chotão . . .

O menino se acalenta
E a casa se reteia;
ao cavalo se ensina o "baixo"
E na muié se mete a peia . . .

Duas coisas não se empresta
é muié e bateria:
Uma delas volta cheia
E a outra volta vazia.

BOM HUMOR

1 — Aquele representante do povo era tão ruim, mas tão ruim que não era mais um parlamentar. Era um PARA LAMENTAR.

2 — NO TÚMULO DE UM AVARENTO:
"Aqui jaz Miguel Konta
Foi muito econômico
Sempre somou . . .
Nunca subtraiu, freqüentemente, multiplicou,
e seus herdeiros, reconhecidos, fizeram a DIVISÃO.

3 — Santo Antônio casamenteiro
que já casou tanta gente,
viveu só, morreu solteiro,
EITA santinho inteligente!

4 — Quando a mulher encontrou o marido
atracado na empregada,
o "cara de pau" gritou:
— "ME LARGA NEGA TARADA" . . .

CASO POLICIAL:
Dois meses de investigação, a polícia conseguiu descobrir o nome dos quatro japoneses que assaltaram um banco.
1º — Sataro Banko
2º — Modassaro Kaxa
3º — Kataro Nikel
4º — Fugiro Kanota

Era um sujeito tão azarado, mas tão azarado, que sempre dizia:
— "No dia que chover mulher, vai cair UM CRIOULO NA MINHA CAMA".

O cúmulo do puxa-saco, foi o daquele empregado que falou para o patrão que ia viajar:
— "Olha, se o senhor espirrar na viagem, "SAÚDE", TÁ?"

DECIFRE:
Se você 60 num restaurante e 70 comer e sair 100 pagar a polícia 20 buscar.

— "Que é que você achou da Serra Pelada?" Perguntou um visitante a outro.
— "Cheguei, vi, gostei e me bestifiquei!"

CARNAVAL? São três dias que o brasileiro samba e o turista "DANÇA" . . .

Hoje, o que o brasileiro mais ouve:
"O Brasil espera que cada um COMPRE SEM DEVER . . . "

O pobre e o rico:
Sorte de rico é estrela
Pobre com sorte é azarão
Rico correndo é ATLETA,
Pobre correndo é LADRÃO.

* * *

O pobre só sai do aperto, depois que desce de um ônibus lotado . . .

* * *

O caipira ateu:
Um caipira metido a sabido, que se dizia "ateu", certo dia falou com um compadre dele:
— "Compadre, não sei se Deus existe, mas agora eu penso, que eu é que sou Deus".
— "Mas como cumpade? Você é Deus?"
— "Sou! Descobri isso por causa da minha muié".
— "Como?"
Por que todo dia, quando ela vem dormi cum eu, escuto quando ela diz: "Com Deus me deito, com Deus me levanto" . . .

PIADAS

Sobre sogra.

1 — Minha sogra não reclama
Do tratamento que lhe dou;
Até de "filho" me chama,
Só não diz que "filho" sou! . . .

2 — Feliz foi Adão que não teve sogra!

3 — Pior que coice de burro é praga de sogra . . .

4 — Infeliz do homem que tem sogra com nome de Esperança, pois a Esperança é a última que morre . . .

5 — Sogra, milho e feijão só debaixo do chão . . .

6 — Olha, amigo, minha sogra morreu, não sei se devo enterrá-la ou cremá-la!
— "Faz as duas coisas rapaz, não é bom facilitar . . .

7 — Estavam dois cantadores de viola conversando e um deles perguntou:
— "Você acha que "quem canta seus males espanta?"
Respondeu o outro: — "É verdade. Depois que comecei a cantar, já "caíram fora", minha mulher, minha madrasta e minha sogra".

8 — Pai Adão, que inveja eu tenho
De ti sem sogra e casado;
Tendo livre o desempenho
E pôde até noivar pelado . . .

Sobre bêbado

1 — Um bêbado resolveu entrar na igreja para assistir a missa. Quando chegou a hora da Consagração e o padre pegou o cálice com o vinho, o bêbado gritou de lá: — "Seu padre, me dá um gole?"
— "Meu filho, aqui tudo é santo!"
O bêbado: — "Então me dá um "São João da Barra" mesmo!"

2 — Um bêbado toda vez que pegava um copo de cachaça para beber, ia de frente ao cemitério (que ficava perto do boteco) e gritava levantando o copo: — "Olá defuntada, quer tomar um gole?"
O dono do boteco reclamava: —"Rapaz, deixa disso, respeita os mortos", etc. Mas todos os dias o bêbado repetia a mesma cena.
Certa vez três malandros se vestiram com um saco e encapuçaram-se, ficando escondidos no cemitério.
Quando o bêbado surgiu com a mesma conversa, os malandros pegaram-no e lá dentro do campo-santo, deram-lhe uma surra danada.
No outro dia quando o bêbado chegou no boteco, todo marcado de peia, o vendeiro condoído lhe perguntou: —"Então rapaz, eu não lhe avisei que essa brincadeira não ia dar certo?"
O bêbado: —"Tá tudo certo, o que está errado é se enterrar defunto armado de cacete . . . "

PIADAS DIVERSAS

Um amigo em conversa com outro, comentou:
— "Minha mulher agora trabalha com um deputado. Ele gosta muito dela. Dá-lhe muitos presentes. No mês passado ele lhe deu um casaco de peles. Agora presenteou-a com um lindo carro zerinho. Depois de amanhã será o dia do aniversário dele e eu não sei qual o presente a lhe dar! Que me sugere você?"
Resposta do outro:
— "Por que não lhe dá uma "chifrada"? . . .

— "Sabe compadre, aquele meu vizinho, o Zé do Vale, morreu tresantonte".
— "Mas cumé? Ele era tão sadio!"
— "Era e morreu como um passarinho . . . coitado!!!"
— "Ainda bem, ele era tão bom! Mas afinal de que morreu?"
— "Como um passarinho; com três tiros de chumbo no peito! . . .

Sobre a mulher

1 — Mulher feia vale por duas por que o marido sempre tem outra.
2 — Mulher e porta de automóvel, só vão com pancadas.
3 — Mulher é como horóscopo, não dá certo, mas sempre se dá uma olhadinha . . .
4 — Sabe qual a diferença entre o espelho e a mulher?
Resp.: É que o espelho reflete sem falar e a mulher fala sem refletir.
5 — A melhor maneira de enxugar lágrima de mulher, não é mais o lenço. Atualmente é com um cheque visado.
6 — Mulher é como fotografia: só se revela no escuro.
7 — Mulher de bigode? Nem o diabo pode!
8 — Casa velha e mulher ciumenta, nem o diabo aguenta.
9 — Sabe por que Jesus Cristo quando ressuscitou apareceu primeiro às mulheres?
Resp.: Para que a notícia se espalhasse mais rapidamente.
10 —Coisas boas da vida:
— Whisky, da Escócia
— Vinho, de Portugal
— Vodka, da Rússia
— Champangne, da França
— E mulher . . . do Brasil.
11 —Se Deus fez coisa melhor do que a mulher, fez só para Ele.
12 —Mulher que é mulher
Cem por cento feminina
Faz do homem o que ela quer
Com carinho o domina . . .

AS PROESAS DO TIO JUCA

Certa vez estava tio Juca "batendo um papo" sentado na calçada com alguns amigos, quando surgiu uma negrinha com uma bandeja, a servir café.
A moça andava "requebrando-se" e tio Juca para lisongeá-la disse:
— "Eita morena bonita!"
A negrinha, virando-se exibida, respondeu:

— "Deixa de ser enxerido, meu senhor! . . . "
— "E mentiroso!" arrematou tio Juca.

NA FEIRA

Na barraca de uma feira tio Juca comprou umas bananas. Quando a vendedora lhe entregou as frutas, ele viu umas tapiocas na banca. Incontinenti, ele disse: — "Se eu soubesse que tinha tapioca, não teria comprado as bananas!"

Então a vendedora falou: — "Pois troque as bananas pelas tapiocas!"

E fizeram a troca.

Recebendo as tapiocas e devolvendo as bananas, tio Juca foi se retirando. Aí a vendedora gritou: — "Ei, meu rapaz! Falta pagar as tapiocas! . . . " Tio Juca prontamente respondeu: — "E eu não troquei as tapiocas pelas bananas?" — "Trocou mas não pagou as bananas", disse a mulher.

— "Como vou lhe pagar se as devolvi?" E acrescentando:

— "Quer saber de uma coisa? Tome suas tapiocas e me dê minhas bananas!"

A mulher já confusa, entregou-lhe as bananas e ele deixou as tapiocas em cima da banca, foi-se embora e nada pagou . . .

A ZURRAPA

Tio Juca chegou ao balcão de uma bodega de ponta de rua, numa dessas cidades do sertão.

— "Por favor", disse ao caixeiro, "bote três dedos de cachaça, num copo".

O caixeiro pega um copo e nele despeja uma boa dose de aguardente.

Tio Juca lhe pergunta:

— "Tem pimenta?"

E tendo uma resposta afirmativa, completou:

— "Misture um pouco na cachaça!"

O vendeiro estranhou, porém foi pegar o frasco de pimenta para atender o freguês.

Tio Juca continuou:

— "Bote também uma pitada de sal!"

O vendeiro já assustado, obedecia.

— "Bote um pouco de querosene e mexa bem!"

O vendeiro continuava obedecendo.

— "Agora bote um pouco de açúcar, pólvora e misture tudo! Espere; tem limão?"

— "Tem sim senhor!"

— "Então esprema um pouco no copo!"

O vendeiro foi atendendo, embora achando absurdos aqueles pedidos daquele freguês ainda mais estranho.

— "Misture tudo muito bem e agora beba!"

Aí o vendedor espantou-se mesmo e disse:

— "Eu beber? Foi o senhor quem pediu tudo isso, "seu" Juca! É o senhor quem deve beber e não eu!" . . .

— "EU? O senhor que fez essa porcaria que beba!"

E pegando o copo o sacudiu lá no meio da rua. Todos os presentes riram e o vendeiro ficou encabulado.

Isso acontece com quem é bem mandado . . .

DESCREVENDO A SUA PROPRIEDADE

O sr. Quincas Leonel queria comprar uma propriedade perto da cidade.

Tio Juca ofereceu-lhe a sua e começou a descrevê-la assim:

— "Fica bem pertinho, só que está no aberto . . . Tem que cercá-la e madeira pra isso tem que ser buscada um pouco distante. É de primeira qualidade, coberta por um lajedo e situada de algodão seda e boas frutas como: xique-xique, gogoia, juá e canapu . . . Tem um grande açude que enche de noite e seca ao amanhecer. Outra vantagem, são os vizinhos! O da esquerda quer tomar até o meio e o da direita quer do meio prá lá. Quanto ao negócio, pode ser fechado assim que o antigo dono seja localizado, neste mundo de Deus, para assinar a escritura. A propriedade precisa se livrar da alienação que sobre ela pesa há tantos anos . . . "

E dessa maneira o sr. Quincas Leonel ficou conhecendo a propriedade que tio Juca pretendia vender.

Atendimento aos "volantes" ou "cartas-brancas"

Quando os "cartas-brancas" ou "volantes" (grupos de soldados) percorriam os sertões a serviço do governo, certa vez passaram pelo povoado do Capim.

O capitão que comandava a "volante" mandou um soldado chamar tio Juca, deixando tia Virgínia um tanto preocupada.

É que souberam que ele possuía bons animais de sela e poderia trocá-los pelas suas estropiadas e lazarentas cavalgaduras, já estafadas de percorrerem muitas léguas.

O nosso tio que "não pregava prego sem estopa" e já sabia das "vantagens" daquelas trocas, vestiu uma roupa remendada e apresentou-se diante do comandante da "volante". Prontificando-se a ajudá-lo foi logo dizendo:

— "Realmente eu possuo um jumentinho. Ele é muito bom, só muito "enxerido". Tem seus defeitos e na moagem do ano passado jogaram uma lata de mel quente em cima dele, que ficou com uma banda toda pelada.

O coitado em uma briga com outros animais perdeu uma orelha. Na falta de outro, porém, esse animal é de primeira . . . Tem um "espravão" no pé, dificultando o seu andar e já ficou com uma perna mais curta que a outra, mas com jeito a gente vai levando-o . . . Já me acostumei com ele! Daqui a São José mede meia légua e nós quando saímos às 5 horas da manhã, já às 5 horas da tarde estamos lá. A volta é que é mais difícil, pois venho tangendo ele e muitas vezes tenho de carregar a cangalha às costas. Esse jumento é muito opinioso! Às vezes me zango e meto-lhe o chicote! De espora ele é lerdo e de chicote tanto faz bater-lhe como não!"

— "E os arreios?" perguntou o capitão.

— "Ele usa uma cangalha sem pendente e sem rabicho. A cilha é de corda e . . . má possuída! Mesmo sendo vesgo, meu jumentinho enxerga mais ou menos" . . .

(Não sabemos qual o desfecho dessa explicação. Supomos que a descrição do seu animal, serviu de entretenimento para os soldados que deveriam se encontrar bem cansados da viagem).

Tio Juca recitava:
"Toda moça janeleira
Tem um vergão na barriga
Mesmo sendo rica, branca e educada
Assim mesmo é censurada . . .
Toda moça janeleira
É cega de tal maneira
Desce a meia e afroxa aliga . . .
Começa naquele "esfregado" . . .
E cria vergão na barriga" . . .

Não nos alonguemos mais falando do tio Juca, pois sua vida foi bastante movimentada, cheia de aventuras, prosas e muita alegria. Para contarmos tudo a seu respeito teríamos de utilizar uma parte bem maior deste livro.

Então terminemos assim:

Ele passou pela vida enfrentando os problemas sem medo e com otimismo. Os encargos de chefe de família numerosa jamais puderam afastá-lo de sua "flauta descontraída", da qual extraía os mais agradáveis e maviosos sons que a todos nós sensibilizava naquele seu espírito alegre e comunicativo.

O importante dele não era primordialmente a qualidade intrínseca das "graças" que ele fazia, mas especialmente a sua permanente alegria e

bom-humor. Ele soube viver! . . .

Requiescat in pace!

OS DISTRAÍDOS

Dois compadres estavam conversando. Um deles se queixou que andava muito distraído . . . Costumava antes de se deitar dar um beijo na mulher e soprar a lamparina. Distraído, soprou a mulher e beijou a lamparina.

O outro compadre disse: —"Eu estou pior do que você, sabe por que?"

— "Costumo todos os dias, dar um beijo na minha mulher, tirar o leite da vaca e botar lavagem para o porco. Distraído, beijei o porco, bebi a lavagem e tirei leite na mulher!"

Morro Pelado em 8 de 8 de 68.

Minha cara Elisa.

Meu coração por ti gela.

Já que tinha grande amor por ti, já que tão depressa me desprezaste.

Já sinto enorme saudade tua e como tá tu?

Nois por cá vamos bem. Só o Nico que foi desfeiteado no trabalho. A patroa dele arrependida depois lhe falou: — "Desculpe Nico!" E ele humildemente respondeu: — "Já desculpei!" Agora ele está bem, o presidente nomeou-lo chefe.

O Zeca Brito diz que ama a prima Vera, pensou que no seu coração não cabia mais amor, mas cabe dela.

Tua mãe, eu vi ela no portão e ela nem de mim fé deu, mas chamei ela pra tomar café. Tumemos café com rosca e fumo. Fumo saindo, depois cumprimentei ela com uma mão. Eu saí cá minha irmã e tua mãe cá dela.

Aquela moça que mais tigo andava é prima de Caio. Lá Caio me disse tudo.

Eu sempre jogo no bicho, na vaca, galo e burro e não dá nada.

Dê lembranças à cara Tonha, à cara Bina, ao bom Né e à prima Vera.

Aceita um abraço do teu
Zéca Gaião.

A CIGARRA E A FORMIGA

A Formiga estava de vassoura na mão varrendo o passeio, na entrada do aeroporto internacional. Era um lixo danado: cascas de frutas, caixas de fósforos e maços de cigarros vazios, tampinhas de garrafas, etc. Uma sujeira . . .

De repente, um automóvel daqueles bem compridos, zerinho, zerinho, todo resplandescente, pára bem junto ao passeio. A Formiga se assusta e observa que dentro do veículo, depois de aberta uma porta e jogado ao chão um lindo tapete vermelho como piso, surge uma elegantíssima senhora muito chique . . . Sapatos de salto alto, toda perfumada, com roupas caríssimas! Um elegante chapéu esportivo à francesa e muitas jóias, completavam o charme daquela dama.

A Formiga reconheceu naquela riquíssima senhora, atendida por motorista particular, a sua amiga — a Cigarra.

— "Oh, dona Cigarra, que distinção! Vai viajar?"

— "Ah, Formiga, fica na tua! Estou seguindo para a Europa. Esse calor daqui do Brasil, nesta época, é de matar . . . Dentre quinze minutos voarei no meu jato. Aproveitarei essa viagem para rever amigos . . . "

A Formiga então lhe perguntou:

— "A senhora também vai a Paris?"

— "Claro!" respondeu a Cigarra. "Em Paris permanecerei duas semanas".

— "Pois se encontrar por lá, um tal de La Fontaine, diga àquele safado que vá à p . . . que o pariu! . . . "

"AO PÉ DA LETRA"

Certa vez viajávamos para Belo Horizonte num ônibus e ouvimos uma pessoa contando um caso engraçado que aconteceu em Brasília.

Em 1981, quando o presidente da França, GISCARD D'ESTAING, veio ao Brasil em visita amistosa com sua esposa, foram muito bem recebidos, com banquetes, reuniões, etc.

O presidente francês precisava de intérprete, porém sua esposa não. Ela entendia e falava um "português" afrancesado.

Lá numa ocasião em que eles tiveram de falar ao público brasileiro, a esposa do presidente elogiou o Brasil, o nosso progresso, belezas naturais, disciplina, povo ordeiro, etc. e acrescentou: "O brasileirro ainda aguentarrá . . . uns vintê anôs nestê . . . regimê . . .

Aí um gaiato lá no meio da multidão interrompendo, gritou:

— "PORQUÁ LA PIMENTÊ, NOM É EM SOM RABOU . . . "

Numa exposição de animais, chegou a vez da apresentação dos papagaios! Quem tivesse um papagaio mais falador e que melhor agradasse

ao público, receberia um prêmio e seria o campeão.

Eram diversos tipos, numa algazarra medonha, cada qual que se exibisse mais . . .

Quando de repente um papagaio voou, pousou num arame que estava esticado no meio do pátio, começou a falar alto, ora pedindo o pé, ora pedindo socorro, falava o nome do seu dono, dizendo palavrões, fazia piruetas de todo jeito, etc. e tal.

Debaixo dos aplausos e elogios da assistência, foi devolvido ao seu dono como campeão e com o prêmio.

Quando o seu dono segurou-o pelo pé foi dizendo: —"Meu louro, você foi o "maior", é o campeão . . . parabéns!"

O louro disse: — "Que parabéns que nada, eu só queria saber quem foi o filho da p . . . , que passou pimenta no meu rabo . . . "

* * *

Dois amigos estavam conversando e um deles, que era caçador, contava uma de suas façanhas:

— "Olha rapaz, outro dia fui caçar levando minha espingarda bem carregada, além de bastante munição. Assim que entrei na mata, surgiu uma bela raposa e eu . . . pum! Matei-a com um tiro certeiro.

Continuando a caçada, matei um veado, uma enorme cobra, tamanduás e tatus. Ao cair da tarde resolvi voltar para casa, quando, inesperadamente, aparece à minha frente uma grande onça pintada. A onça olhava para mim bastante zangada. Pensei em atirar na "bicha", mas cadê? Não tinha mais nem chumbo, nem pólvora. Então disparei a correr e a onça atrás de mim!

Quando ela ia me agarrando, "derrapava" e eu escapulia e ela sempre atrás de mim e eu correndo, ela derrapando e eu correndo e ela e ela . . . " Aí o amigo o interrompeu dizendo:

— "Mas você é corajoso, rapaz! Se fosse eu, me "borrava" todo!"

— "Onde é que você pensa que a onça estava DERRAPANDO? . . . " Concluiu o caçador.

* * *

Um grupo de garotos estava sentado, ao lado de uma casa paroquial, à sombra de uma frondosa mangueira. A árvore estava cheia de manguinhas verdes e só havia uma bem madurinha. Como só havia uma manga madura e os garotos eram muitos, um deles teve a seguinte idéia:

— "Quem de nós contar a maior mentira é o dono da manga!"

Um deles disse:

— "Atravessei um rio a nado, levando às costas um bode amarrado pela cintura".

Outro garoto contou:

— "Lutei com um urso durante duas horas e acabei matando-o estrangulado . . . "

E assim outros garotos contaram suas estórias fantásticas, quando

foram surpreendidos pelo padre que os escutava debruçado à janela da casa paroquial:

— "Meninos que tantas mentiras são essas? É feio mentir! A mentira é um pecado grave!" E falou sobre a mentira alguns minutos, concluindo:

— "Fui menino e nunca menti".

Imediatamente um garoto gritou:

— "Dá a MANGA AO PADRE . . . "

APELIDOS PITORESCOS CONCEIÇÃOENSES

Antônio Cacheado
Benedito Pauzinho
Bindo
Bodota
Báia
Bia
Bodô
Cuié de Páu
Cassi
Chinha
Canã
Chico Tily
Dáia
Duca
Gaguinho
João Onça
Joaquim Bicicleta
Joaquim Carrasco
João de Tuna
Mussuri
Mané Massela
Maria Pezinho
Maria Rachanã
Panzanza
Siá Filó
Pitó
Piti
Turrão
Tonhêro
Tuna
Zé Grigrilim
Zé da Ilesta

Zé Bilinguim
Véia
Xingó